



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO NORTE
FLUMINENSE DARCY RIBEIRO – UENF
CENTRO DE CIÊNCIAS DO HOMEM – CCH
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
POLÍTICAS SOCIAIS - PPGPS**

**TERRITÓRIOS PROIBIDOS? Uma análise das circulações e práticas sociais de jovens
das periferias de Campos dos Goytacazes/RJ**

CAROLINA DE OLIVEIRA SIQUEIRA

**CAMPOS DOS GOYTACAZES - RJ
MAIO – 2016**

TERRITÓRIOS PROIBIDOS? Uma análise das circulações e práticas sociais de jovens das periferias de Campos dos Goytacazes/RJ

CAROLINA DE OLIVEIRA SIQUEIRA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Políticas Sociais do Centro de Ciências do Homem, da Universidade Estadual do Norte Fluminense, como parte das exigências para a obtenção do título de Mestre em Políticas Sociais.

Orientadora: Dra. Teresa de Jesus Peixoto Faria

Coorientadora: Dra. Jussara Freire

**CAMPOS DOS GOYTACAZES - RJ
MAIO - 2016**

FICHA CATALOGRÁFICA

Preparada pela Biblioteca do CCH / UENF

057/2016

S618 Siqueira, Carolina de Oliveira.

Territórios proibidos? Uma análise das circulações e práticas sociais de jovens das periferias de Campos dos Goytacazes/RJ / Carolina de Oliveira Siqueira. – Campos dos Goytacazes, RJ, 2016.
195 fl. : il.

Orientadora: Teresa de Jesus Peixoto Faria.

Coorientadora: Jussara Freire.

Dissertação (Mestrado em Políticas Sociais) – Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Centro de Ciências do Homem, 2016.

Bibliografia: f. 166 – 170.

1. Segregação Socioespacial. 2. Territorialização do Tráfico de Drogas. 3. Jovens. 4. Práticas Sociais. I. Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro. II. Título.

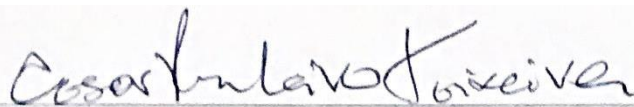
CDD – 364.177

TERRITÓRIOS PROIBIDOS? Uma análise das circulações e práticas sociais de jovens das periferias de Campos dos Goytacazes/RJ

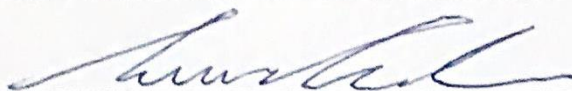
CAROLINA DE OLIVEIRA SIQUEIRA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Políticas Sociais do Centro de Ciências do Homem, da Universidade Estadual do Norte Fluminense, como parte das exigências para a obtenção do título de Mestre em Políticas Sociais.

BANCA EXAMINADORA



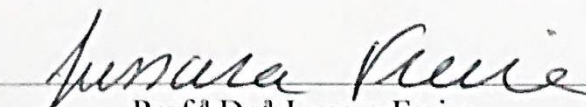
Prof. Dr. César Pinheiro Teixeira
Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ



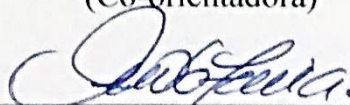
Prof.^a Dr.^a Luciane Soares da Silva
Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro – UENF



Prof.^a Dr.^a Elis de Araújo Miranda
Universidade Federal Fluminense - UFF



Prof.^a Dr.^a Jussara Freire
Universidade Federal Fluminense - UFF
(Co-orientadora)



Prof.^a Dr.^a Teresa de Jesus Peixoto Faria
Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro – UENF
(Orientadora)

Em memória de Luiz Carlos, meu velho Luiz. Por toda sabedoria e incentivo. Por ter sempre acreditado em mim, me fazendo acreditar também. Foste todo amor e exemplo. Saudades diárias.

AGRADECIMENTOS

À FAPERJ pela concessão da bolsa de pesquisa, que me possibilitou dedicar aos estudos e pesquisas realizadas neste mestrado, além da participação em Congressos. Assim como ao Programa de Pós-Graduação em Políticas Sociais da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro pela oportunidade de compor o quadro de alunos deste mestrado.

À Prof.^a Dra. Teresa de Jesus Peixoto Faria por todas as contribuições e orientações minuciosas ao longo destes anos. Agradeço por sempre me incentivar a aprofundar, construir e reconstruir este trabalho, aguçando o olhar sobre os resultados encontrados e seus significados. Assim como, por ter me incentivado nessa interlocução entre diferentes áreas que me possibilitaram perceber por diferentes ângulos o tema estudado.

À Prof.^a Dra. Jussara Freire pela coorientação e pelas contribuições valiosas ao longo da construção desta pesquisa e da dissertação. A sua visão e experiência me fizeram enxergar além e perceber meu objeto por outras perspectivas que foram de suma importância para mim neste processo.

À Prof.^a Dr.^a Catherine Reginensi por todos os conhecimentos sobre metodologia, principalmente sobre a pesquisa qualitativa, gentilmente compartilhados durante estes anos de mestrado. O curso, as trocas em salas e palestras foram essenciais para que pudesse conduzir esta pesquisa.

À Prof.^a Dr.^a Elis de Araújo Miranda e a Prof.^a Dr.^a Luciane Soares da Silva por terem aceitado prontamente fazer parte desta banca e pelas contribuições que irão surgir deste encontro. Ao Prof. Dr. César Pinheiro Teixeira por ter participado da banca de qualificação e ter feito sugestões e contribuições valiosas que busquei aprofundar neste trabalho. Também agradecemos por ter aceitado participar prontamente desta banca de defesa.

Aos professores do Programa e aos colegas de turma agradeço a colaboração e a troca enriquecedora de conhecimento durante estes dois anos. À Alice Pohlmann por dividir em muitas conversas e trabalhos de campo suas experiências e percepções comigo. Por ter me recebido e inserido neste “mundo uenfiano”.

Estes foram dois anos de muitas experiências novas e também de muitas dificuldades em vários sentidos. E quanto maior a dificuldade, maior a necessidade de agradecer àqueles que permaneceram conosco até o fim deste processo. Assim, a todos que participaram desta construção de alguma forma: muito obrigada!

Especialmente minha família, que mesmo com todos os momentos difíceis que passamos durante estes dois anos, nunca deixaram de me apoiar. À minha mãe, Fátima; ao meu pai, Fernando; ao meu irmão e minha cunhada, Marcelo e Rose; à minha irmã, Ana Paula. Obrigada pela paciência, por ser minha base e por me dar força para continuar. Também à pequenina Nina pela alegria, amor e paciência com ausência desta tia sempre muito ocupada.

À Prof.^a Ivana Arquejada Faes, que de orientadora da graduação se transformou em grande amiga, sempre me incentivando a persistir na vida acadêmica, apesar dos obstáculos que esta apresenta. Obrigada por estar sempre disponível a me ajudar e por todas as trocas de conhecimentos que já estabelecemos nesta vida.

Aos meus interlocutores que se dispuseram a participar desta pesquisa, apesar do medo. Sem vocês seria impossível chegar a este resultado. Aos funcionários do Programa Jovens Pela Paz que me receberam de forma tão solícita e se colocaram a disposição para me ajudar em tudo que fosse preciso. Principalmente a Tamillys, presidente da ONG Nação Basquete de Rua e coordenadora do programa, obrigada por ter aberto as portas e indicado os caminhos.

Às assistente sociais e também amigas Natália, Rozanna, Mariana e Pamella. Muito obrigada por todo o suporte e colaborações que foram essenciais para esta pesquisa. Espero que com os resultados obtidos possa colaborar de alguma maneira para prática profissional e de certa forma devolver toda dedicação e disponibilidade em me ajudar neste trabalho. Toda admiração e respeito pelo trabalho que desenvolvem e pelo comprometimento com as práticas da profissão.

Aos pesquisadores e amigos do núcleo de pesquisa CEP 28, por compartilhar inquietações e percepções. Principalmente a Heitor e Raissa pela presença amorosa e bem humorada. Ao meu querido amigo Ailton, por todo apoio, conselhos e bons momentos. Não há como exprimir minha gratidão por suas palavras amigas de suporte nessa reta final tão difícil e cansativa. Ao Diogo, por sua amizade e generosidade. Sempre disposto a ajudar em tudo, além de ser o melhor anfitrião que eu já conheci. Nossas conversas a respeito do tráfico, da UENF e da vida estão presentes nas minhas melhores memórias deste mestrado.

Aos amigos do GEJDA por estarem comigo em todos os momentos de minha vida, sejam eles bons ou ruins. A presença de vocês é um verdadeiro bálsamo em meio às turbulências. Principalmente, a minha amiga/irmã Márcia, que com toda a sua amorosidade, bom senso, respeito, carinho e tanto mais que não posso descrever, tem sido meu porto seguro e compreensão desde as minhas lembranças mais remotas. A você dedico meu amor e

gratidão. À Laís, Hussein e Rodrigo agradeço por torcerem e escutarem as minhas angústias. Pelos bons conselhos e incentivos. Enfim, chegamos aqui e ainda vamos além.

Querida Késia, como é difícil definir pelo que lhe sou grata, são tantas coisas... Desde a graduação até aqui, foram os abrigos, as noites viradas estudando, os choros e risadas compartilhadas em muitos momentos, os conselhos, sempre ouvindo minhas queixas, não permitindo que eu desistisse. Vou sentir falta de prosseguir nessa trilha acadêmica com você e espero ainda esbarrar contigo muitas vezes nesse caminho. “E até lá, vamos viver. Temos muito ainda por fazer. Não olhe pra trás. Apenas começamos. O mundo começa agora. Apenas começamos.”

E como não poderia deixar de lembrar às minhas queridas amigas Luana, Evelyn, Júlia, Juliana e Olívia. Impossível falar deste Mestrado sem falar de vocês. Muito obrigada por caminhar comigo durante esta jornada de muito trabalho e dificuldades. Os congressos, os artigos e encontros para troca de conhecimento e de amenidades estão entre as lembranças mais gratas desses dois anos. Desejo que continuem a trilhar esse caminho e que consigam ter grandes conquistas em seus trabalhos e pesquisas. E que possamos levar essa parceira acadêmica e de vida por muitos anos.

"Porque eu acho assim: cada centímetro e metro cúbico de cimento, de tijolo tem um suor. E dentro desse suor tem um mundo de história. Então que você para e pensa assim: eu deixei meu ponto. Aí o cara é da periferia, o cara é da comunidade e tem esse sonho de fazer história. Sair pro mundo dizendo que ele já se tornou e que a gente passa a se tornar uma história dentro de uma comunidade. Sai gritando pro mundo..." (Entrevista com Cauã)

RESUMO

SIQUEIRA, C.O., TERRITÓRIOS PROIBIDOS? Uma análise das circulações e práticas sociais de jovens das periferias de Campos dos Goytacazes/RJ. Campos dos Goytacazes, RJ: Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro – UENF, 2016.

O comércio de drogas ilegais na cidade de Campos dos Goytacazes é “dominado” por dois grandes grupos estabelecidos na favela Baleeira e na Tira Gosto. A partir dos anos 90, os mesmos se tornaram rivais e passaram a se identificar por duas facções, Terceiro Comando Puro (TCP) e Amigo dos Amigos (ADA). Como consequência desta rivalidade, que implica disputas pelo domínio de territórios de vendas de drogas, emergem conflitos que incidem de modo diferenciado na vida e na rotina dos moradores de bairros periféricos e das favelas, principalmente dos jovens. Assim, o objetivo deste estudo é compreender os significados dos territórios e as percepções das fronteiras na cidade de Campos dos Goytacazes/RJ mediante a territorialização destas facções nos bairros periféricos e favelas do município, a partir da análise das circulações, práticas sociais dos jovens das áreas periféricas e suas representações relativas à cidade e seus espaços/territórios. Para tal, realizamos uma pesquisa qualitativa, pois, possibilita apreender como esses jovens pensam e agem na cidade, problematizando suas circulações e práticas sociais e a interferência do tráfico de drogas nas mesmas. Realizamos entrevista em profundidade com 11 jovens das favelas e bairros periféricos de Campos dos Goytacazes, que possuem diferentes níveis de proximidade com o “movimento” do tráfico, tanto territoriais quanto de sociabilidade. Além disso, como métodos complementares utilizamos mapas mentais, fotografias das pichações com as siglas das facções com o intuito de melhor compreender os limites das fronteiras impostas pela violência, pelo medo e pelas regras que emerge das relações do tráfico de drogas. Os resultados desta pesquisa apontam que a influência da territorialização deste tráfico na circulação e práticas destes jovens se concretiza no cotidiano e possui variações a partir das experiências e das representações que o jovem elabora sobre o tráfico, a rivalidade, os territórios, as fronteiras e a possibilidade de ocorrer sanções. E estas representações são influenciadas pelo tipo de envolvimento que o mesmo tem com o tráfico (trabalhador, usuário ou expectador) e pela proximidade territorial das bocas de fumo. Além disso, outros fatores ampliam a possibilidade de circulação em territórios de facções rivais como: ser do sexo feminino, ser evangélico e desenvolver trabalhos na região. Cabe ressaltar que os jovens que residem em bairros do Subdistrito de Guarus e nas favelas demonstraram sofrer maiores limitações em suas circulações e práticas por causa das “atividades” deste comércio ilegal.

Palavras Chaves: Território, Tráfico de drogas, Circulação, Jovem.

ABSTRACT

SIQUEIRA, C.O., TERRITORIES PROHIBITED? Analysis of circulation and social practices of young people from the peripherys of Campos dos Goytacazes/RJ. Campos dos Goytacazes,RJ: Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro – UENF, 2016.

The illegal drug trade in the city of Campos dos Goytacazes is "dominated" by two large groups established in the Baleeira slum and Tira Gosto. From the 90s, they became rivals and began to identify two factions, Terceiro Comando Puro (TCP) e Amigo dos Amigos (ADA).As a result of this rival, which involves disputes over domain drug sales territories and power emerge conflicts that focus in a different way in the life and routine of residents of suburbs and slums, especially among young people. So aim of this study is to understand the meanings of the territories and the perceptions of borders in the city of Campos dos Goytacazes/RJ by territorialization of these factions in the suburbs and slums of the city, from the circulations analysis, social practices of young people in outlying areas and their representations regarding the city and its spaces / territories. To this end, we conducted a qualitative research therefore makes it possible to grasp how they think and act in the city, questioning their circulations and social practices in the city and the interference of drug trafficking in them. We conducted in-depth interviews with 11 young people from the slum and out skirts of Campos dos Goytacazes, which have different levels of proximity to the "movement" of trafficking, both territorial as sociability. In addition, as complementary methods use mental maps, graffiti photographs with the initials of the factions in order to better understand the limits of the boundaries imposed by violence, fear and the rules emerging from the drug trade relations. The results of this study indicate that the influence of territorial drug trafficking in circulation and practices of young people from the periphery is realized in daily life and have variations from the experiences and representations that young elaborates on trafficking , the rivalry , the territories , borders and the possibility to occur sanctions. These representations are influenced by the type of engagement that the young have with drug trafficking (worker, user or viewer) and the territorial proximity of drug den. In addition, other factors increase the likelihood of movement in to rival factions and territories: being female, being evangelical and develop jobs in the region. It should be noted that young people residing in Subdistrict of neighborhoods and shanty towns Guarus demonstrated suffer major limitations in their circulations and practices because of "activities" of drug trafficking.

Key words: Territories, Drug Trafficking, Circulation, Young Person.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1- Mapa do Estado do Rio de Janeiro que identifica a localização do município de Campos dos Goytacazes.....	57
Figura 2 – Mapa esquemático do Distrito de Campos a partir das divisões de bairros.....	58
Figura 3 – Mapa do Distrito de Campos que sinaliza as áreas periféricas e centrais, bem como as favelas.....	63
Figura 4 – Mapa do distrito de Campos identificando a distribuição das favelas de acordo com o Censo 2010; a localização dos residenciais privados; e a localização dos conjuntos do Programa Morar Feliz.....	66
Figura 5 – Foto de pichação da facção TCP com a identificação do “bonde” que comanda o tráfico na região no muro da Escola Municipal Branca Peçanha Ferreira, Parque Eldorado.....	78
Figura 6 – Foto da pichação da facção ADA na Rua Tenente Coronel Cardoso – Formosa esquina com a Rua Conselheiro José Fernandes. Próximo a Favela Tamarindo que é coligada a Baleeira.....	78
Figura 7 – Foto da pichação da facção ADA em muro de uma casa na Rua Voluntários da Pátria, Centro.....	79
Figura 8 - Pichação com a sigla ADA e uma ameaça para os rivais em Guarus.....	79
Figura 9 - Pichação em monumento com a sigla TCP em Guarus.....	80
Figura 10 - Pichação com homenagem a um traficante da TCP morto em Guarus.....	81
Figura 11 - Pichação com homenagem a um traficante da ADA morto em Guarus.....	81
Figura 12 – Mapa esquemático com a divisão da cidade em territórios dos dois principais grupos rivais responsáveis pelo tráfico de drogas em Campos – Baleeira (ADA) e Tira Gosto (TCP).....	85
Figura 13 – Foto do Conjunto Habitacional de Santa Rosa com pichações da facção ADA.....	89
Figura 14 - Foto da parte antiga do bairro Santa Rosa com pichações da facção TCP.....	89
Figura 15- Foto da pichação com as siglas das facções no muro de casa localizada no cruzamento da Avenida Professor Carmen Carneiro com a Rua Santo Antônio – Jardim Carioca, Subdistrito de Guarus.....	90
Figura 16 – Foto da pichação de facções rivais em muro de casa localizada no Subdistrito de Guarus, que demonstra os conflitos por territórios.....	91
Figura 17 – Material apreendido na casa do Rei do Ecstasy no Parque Rosário.....	95
Figura 18 - Casa dos jovens traficantes de classe média. Rua Visconde do Itaboraí.....	95
Figura 19 – Gráfico comparativo entre os bairros com os maiores índices de homicídios e de apreensão por tráfico de drogas em Campos dos Goytacazes a partir dos dados fornecidos pelo ISP.....	98
Figura 20 – Mapa esquemático que identifica a localização dos bairros onde os entrevistados residem.....	102
Figura 21 – Mapa mental realizado por Maria, que reside no Parque Aurora.....	114
Figura 22 – Mapa mental elaborado por Laís, que reside no Parque Julião Nogueira.....	143
Figura 23 – Mapa mental elaborado por Raissa, que reside na Penha.....	151
Figura 24 - Mapa mental elaborado por Lua, que reside no Parque Santa Clara.....	159

LISTA DE ABREVEATURAS E SIGLAS

ADA – Amigo dos Amigos

BNH – Banco Nacional de Habitação

BPM – Batalhão da Polícia Militar

CMPDCA – Conselho Municipal de Promoção dos Direitos da Criança e do Adolescente

CEHAB – Companhia Estadual de Habitação

CIEP – Centro Integrado de Educação Pública

CV – Comando Vermelho

FMIJ – Fundação Municipal de Infância e da Juventude

FAMAC – Federação das Associações dos Moradores e Amigos de Campos

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IPEA – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada

ISP – Instituto de Segurança Pública

JPP – Programa Jovens pela Paz

LA – Liberdade Assistida

MSE – Medida Socioeducativa

NBR – Organização Não Governamental Nação Basquete de Rua

PDUC – Plano de Desenvolvimento Urbanístico e Territorial de Campos

PIA – Plano Individual de Atendimento

PMCG – Prefeitura Municipal de Campos dos Goytacazes

PSC – Prestação de Serviço a Comunidade

SINASE – Sistema Nacional de Assistência Socioeducativa

TCP – Terceiro Comando Puro

TG – Tira Gosto

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
1 PERSPECTIVAS TÉORICO-METODOLÓGICAS	22
1.1 Nos caminhos do método: pesquisa qualitativa pelas ruas da cidade.....	22
1.2 Referencial Teórico.....	30
2 CONSTRUÇÃO HISTÓRICA, SOCIAL E ESPACIAL DE CAMPOS DOS GOYTACAZES: DAS FRONTEIRAS DA SEGREGAÇÃO SOCIOESPACIAL AO TRÁFICO DE DROGAS.....	57
2.1 Configuração socioespacial da cidade: os processos históricos de segregação.....	57
2.2 Trajetória do tráfico de drogas em Campos dos Goytacazes e seu processo de territorialização na cidade.....	67
2.2.1 Primeiro marco: a entrada da cocaína em Campos dos Goytacazes.....	69
2.2.2 Segundo marco: a rivalidade entre as favelas Baleeira e Tira Gosto.....	74
2.2.3 Fronteiras visíveis do tráfico de drogas: as rivalidades entre grupos/facções da cidade.....	77
2.2.4 Fronteiras invisíveis do tráfico de drogas: os limites subjetivos dos territórios e das relações.....	82
2.2.5 A territorialização do tráfico de drogas no subdistrito de Guarus.....	86
2.3 O panorama atual do tráfico de drogas na cidade.....	92
2.3.1 Os jovens e o envolvimento com o tráfico de drogas na cidade: entre réus e vítimas.....	96
3 AS PERCEPÇÕES DOS BAIRROS E DAS FAVELAS: PROXIMIDADES E DISTANCIAMENTOS COM O TRÁFICO DE DROGAS.....	101
3.1 O significado de morar nas periferias.....	103
3.2 A sociabilidade, as práticas sociais e as percepções de fronteiras dos jovens nos bairros e favelas: a interferência das “atividades” do tráfico nas rotinas.....	108
3.3 Análise por contraste dos bairros: impacto das relações de proximidade com o tráfico de drogas.....	127
4 REPRESENTAÇÕES, CIRCULAÇÕES E PRÁTICAS SOCIAIS DOS JOVENS DA PERIFERIA EM CAMPOS DOS GOYTACAZES.....	129
4.1 O olhar do jovem sobre Campos dos Goytacazes: a cidade que não “vingou”.....	129
4.1.1 Segregação Socioespacial e o preconceito de lugar: a cidade “não é para todos da mesma maneira”.....	131
4.1.2 As circulações e práticas sociais dos jovens e os limites do preconceito racial: “um olhar diferenciado, um tratamento diferenciado”.....	134

4.2 O tráfico de drogas, as circulações e práticas sociais dos jovens na cidade.....	136
4.2.1 Entre experiências e “bitolações”: as representações dos jovens sobre fronteiras, territórios e as circulações e práticas no distrito de Campos.....	136
4.2.2 As representações do tráfico de drogas e as possibilidades de circulação em Guarus: “é tipo Bope, bate pra depois perguntar”	150
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	162
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	166
APÊNDICE.....	171
ANEXO.....	180

INTRODUÇÃO

Esta dissertação tem por objetivo identificar e compreender os significados dos territórios e as percepções das fronteiras na cidade de Campos dos Goytacazes/RJ mediante a territorialização das facções nos bairros periféricos e favelas do município, a partir da análise das circulações, práticas sociais dos jovens das áreas periféricas e suas representações relativas à cidade e seus espaços/territórios.

O interesse em pesquisar a questão da territorialização do tráfico de drogas na cidade de Campos e seus efeitos no cotidiano de jovens moradores de bairros periféricos ou favelas decorreu da nossa experiência profissional, enquanto assistente social, no Programa Profissionaliz-arte¹, que permitiu o convívio durante quase um ano com adolescentes “em conflito com a lei” entre 14 e 18 anos, que cumpriam medidas socioeducativas em meio aberto (a liberdade assistida e prestação de serviço à comunidade, determinadas pelo Juiz da Vara da Infância e da Juventude).

Em 2013 a equipe interdisciplinar da instituição elaborou um perfil dos 80 adolescentes atendidos pelo Programa. Em vista de traçar estratégias de ação profissional que colaborassem para o processo de cumprimento de medida e impedimento de reincidência no crime, constatamos que mais de 50% dos crimes cometidos se enquadravam nos artigos do código penal como “tráfico de drogas e condutas afins”. Assim como em muitos casos onde o “enquadramento” criminal não era este, constatamos que eles também tinham um “envolvimento” com o comércio de drogas ilegais.

Percebemos que estas observações condiziam com características não apenas de jovens atendidos por este Programa, mas também de instituições responsáveis pela implementação das medidas socioeducativas no município. Pois, em reunião com o Conselho

¹“O Programa PROFISSIONALIZ- ARTE foi implantado no município em 2006, fruto do debate sobre o processo de municipalização das Medidas Socioeducativas (MSE’s) em meio aberto, realizado em 2002, durante o Seminário Regional sobre o referido tema, objetivando a sensibilização de lideranças e Conselhos Municipais, processo em que capacitou profissionais a serem multiplicadores na defesa das ações/ políticas referentes a medidas socioeducativas nos municípios, além de ter sido uma demanda apontada pelo Diagnóstico das condições socioeconômicas da infância e juventude de Campos dos Goytacazes, realizada pelo NETRAD – ESR/UFF, durante os anos de 2004/2005. Constituiu - se em um programa considerado de média complexidade e de proteção especial, dado as condições de violações de direitos a que está submetido seu público alvo. O financiamento do Programa e o seu controle eram realizados através do CMPDCA; a administração financeira e administrativa por parte da FAMAC; a coordenação técnica por profissional designado pela FAMAC. O Programa era executado por equipe multiprofissional e tinha como foco a realização de acompanhamento à 80 adolescentes sentenciados com medidas socioeducativas em meio aberto (LA e PSC) oferecendo oportunidade para a ressignificação do seu projeto de vida, valorando o processo educacional e o fortalecimento dos vínculos socioafetivos da família, visando assegurar a efetivação de seus direitos e de suas famílias, garantidos por lei, em busca da efetiva ressocialização. Em 2014, o Programa parou de funcionar e os jovens foram reencaminhados para os CREAS do município.” (trecho retirado do Relatório de prestação de contas da Instituição, que foi construído pela equipe interdisciplinar)

Municipal da Criança e do Adolescente e estas instituições, o tema em questão foi colocado em pauta e percebemos a recorrência deste tipo de crime. Diante da repetição dos motivos de julgamentos, constatamos um forte crescimento da atividade do tráfico de drogas em Campos dos Goytacazes/RJ.

Este programa atendia jovens traficantes das duas facções da cidade, Amigo dos amigos (ADA) e Terceiro Comando Puro (TCP). No entanto, os jovens se auto-identificando com a facção “ADA” não compareciam, salvo em alguns raros casos, à instituição, nem para elaboração do Plano Individual de Atendimento² (PIA). Este documento, cujo preenchimento é obrigatório no início do cumprimento da pena, tem por objetivo traçar o perfil e as atividades que o adolescente deve realizar e é posteriormente encaminhado ao juiz. Apenas os adolescentes pertencentes a TCP (com exceção de dois casos) compareciam à primeira reunião para o preenchimento do PIA. Posteriormente, alguns permaneciam no programa e outros evadiam, o que era qualificado, pelos profissionais como “resistência ao cumprimento da pena”.

A partir do perfil supracitado, procuramos entender os motivos da resistência e evasão dos adolescentes da ADA. Observamos que uma das principais causas se fundava no fato da Instituição se localizar em território considerado da facção TCP³. Logo, estes jovens apresentavam que não podiam circular no território no qual era sediada nossa instituição sem se expor ao risco de represálias ou de ameaça de morte. Até porque eles eram expostos ao contato direto com os “alemão”⁴, pois, os trabalhos executados dentro da instituição reuniam jovens das duas facções, gerando muitas vezes enfrentamentos verbais e ameaças. Desta forma, era frequentemente debatida e exposta nas reuniões com profissionais desta área a existência de uma fronteira que dividia a cidade em dois territórios que impossibilitava o ir e vir dos “meninos”.

Quase um ano depois, após nosso desligamento do Programa, realizamos observações exploratórias com a intenção de redefinir o objeto da pesquisa de mestrado. Procuramos um dos jovens que assistimos durante o cumprimento da medida. Conversamos longamente em sua casa e, depois, na rua, quando ele nos acompanhou até o ponto de ônibus. A conversa se

² “A ação socioeducativa deve respeitar as fases de desenvolvimento integral do adolescente levando em consideração suas potencialidades, sua subjetividade, suas capacidades e suas limitações, garantindo a particularização no seu acompanhamento. Portanto, o plano individual de atendimento (PIA) é um instrumento pedagógico fundamental para garantir a equidade no processo socioeducativo.”

³ A instituição se localizava Avenida 28 de Março, no bairro Turfe Clube.

⁴ Termo normalmente utilizado pelos “meninos” tanto da facção ADA quanto da TCP para identificar um membro da facção rival.

focalizou em sua última apreensão e sua internação em uma clínica evangélica para dependentes químicos.

Durante o trajeto até o ponto do ônibus, ele falou mais abertamente talvez pelo fato de sua mãe não estar presente enquanto conversávamos. Comentou então sua “vida no tráfico”. Diante da importância do relato, decidimos ir para casa andando para prolongar a conversa, considerando que este trajeto estenderia nossas trocas por cerca de meia hora. Porém, em um ponto do trajeto, precisávamos atravessar o canal Campos – Macaé (Beira Valão). Ele parou e me explicou que não poderia prosseguir o trajeto, pois, “daqui não posso passar”. E ao ser inquirido se o tal impedimento se relacionava com a “facção rival” do outro lado, ele confirmou. Despedimo-nos e ele voltou pelo mesmo caminho.

Esse relato do jovem associado à nossa experiência profissional, fez com que a suposta divisão territorial da cidade devido ao embate entre facções rivais viesse à tona nos conduzindo a formular as primeiras indagações que fundamentaram a definição do problema e objeto de pesquisa: como o tráfico se territorializou na cidade de Campos dos Goytacazes? Quais as representações dos jovens das favelas e periferias acerca do território e fronteiras da cidade que emergem a partir da percepção da rivalidade entre as facções? Como o entendimento da divisão territorial tem influenciado as práticas desses jovens na cidade e consequentemente o direito a cidade?

A decisão de identificar os territórios, as dinâmicas e fronteiras do tráfico de drogas em Campos dos Goytacazes a partir das práticas e representações dos jovens que estão nas periferias da cidade e que convivem com o “movimento” deste tráfico, se realizou baseado em duas premissas.

A primeira premissa corresponde a perspectiva de que a personalidade dos jovens enquanto indivíduos é formada a partir da vida coletiva. Assim, a consciência moral e o pensamento lógico se originam, mas também se destinam ao meio social. (DURKHEIM, 1989) Pois, a sociedade “(...) externa e transcendente ao indivíduo enquanto indivíduo, é interna e imanente ao indivíduo enquanto homem” (VIALATOUX, 1939 *apud* FILHO, 2004, p. 142). Ou seja, é a partir das representações sociais que podemos compreender de que maneira aquele meio social tem influenciado os jovens e como ele tem vivenciado e modificado estas representações a partir das abstrações que faz do meio.

Então, é partindo do tempo e dos espaços sociais em que o jovem está inserido que podemos compreender de forma eficaz e coerente a juventude e sua realidade social. Novaes (2006) afirma que existem jovens da mesma faixa etária que vivem juventudes diferentes, pois, os lugares onde eles residem influenciam a maneira como irão circular na cidade e suas

práticas sociais. Ou seja, para pensar a circulação e as práticas dos jovens na cidade é preciso analisar o seu contexto e construções territoriais.

Desta forma a segunda premissa é a compreensão da dimensão territorial das relações sociais. Afinal, o jovem é um ator sintagmático que se territorializa, transformando o espaço. Ele constrói o meio onde vive, assim sendo, estabelece o território em graus diversos, em momentos diferentes e em lugares variados (RAFFESTIN, 1993). Pois, a cidade é socialmente construída. Para Milton Santos o espaço deve ser considerado como um conjunto indissociável, de que participam de um lado, certo arranjo de objetos geográficos, objetos naturais e objetos sociais, e de outro, a vida que preenche e os anima, ou seja, a sociedade em movimento (SANTOS, 1997, p. 28).

Neste sentido, para pensar a construção do território de acordo com Lopes de Souza (1995), Haesbaerte (2004) e Raffestin (1993) temos que partir das relações de poder, pois é desta forma que o espaço é definido e delimitado. Através das relações de poder que estabelecem com outros atores e com o objetivo que projetam para aquele território, combinando energia e informação, assim como estruturando códigos (Raffestin, 1993), os jovens a todo o momento ressignificam o território. No entanto, os atores ao estabelecerem essas relações nem sempre imprimem as mesmas significações para os territórios. Pois, como Haesbaert (2004) expõe cada ator estabelece sua territorialidade a partir de uma dimensão política, econômica e cultural, que emerge da maneira como as pessoas utilizam a terra e assim se organizam no espaço e dão significado ao lugar. Assim, os atores muitas vezes entram em disputa para garantir objetivo e o significado que querem estabelecer naquele território. E neste processo de territorialização criam redes de relações no intuito de assegurar funções, influenciar, controlar, interditar, permitir, distanciar e aproximar dentro deste território (Raffestin, 1993), estabelecendo fronteiras.

As fronteiras remetem a demarcação de limites entre territórios geográficos e políticos distintos, que estabelece fluxo regulado entre os mesmos. Ou seja, elas são criadas no intuito de regular as vias de contato que existem entre grupos sociais, os separando, mas obrigatoriamente os relacionando. Então onde há fronteira, há relação e conseqüentemente comunicação, apesar de ser de um tipo desigual e controlado. Por isso, das relações de poder no processo de construção dos territórios e no estabelecimento das fronteiras emergem os conflitos, que podem ficar em estado de latência ou eclodir como violência e enfrentamento (FELTRAN, 2011).

Estes conflitos sobre as fronteiras dos territórios dentro da cidade é iminente no que se refere a divisão das favelas e bairros periféricos em territórios de facções rivais que são

responsáveis pela comercialização de drogas ilegais. Em Campos dos Goytacazes esta tensão é patente entre as facções rivais, Amigo dos Amigos (ADA) e Terceiro Comando Puro (TCP), que dividem a comercialização destas drogas e o território de abrangência deste mercado. E a partir desta rivalidade são estabelecidos os limites dos territórios dos grupos de traficantes que são bem determinados e de acordo com a percepção dos que moram nestes espaços constituem perigo de retaliação caso sejam ultrapassados por membros que não pertencem àquela facção, instituindo fronteiras de tensão.

Desta forma, é fundamental para os moradores saberem identificar as fronteiras e se manterem sempre atualizado sobre as trocas de comandos de facções criminosas, pois, é a partir destas informações que os mesmos organizam suas rotinas, seus trajetos e circulações. E apesar dos limites e fronteiras nas favelas serem muito bem definidos para seus moradores, os mesmos não são perceptíveis da mesma maneira para alguém que vem “de fora” (FARIAS, 2008).

De acordo com Farias (2008) para os jovens a identificação e o respeito às fronteiras, territórios e determinações feitas pelo movimento do tráfico de drogas são levadas ainda mais a sério. Eles são mais propensos a respeitar as leis do tráfico, compreendendo as mesmas como regras inflexíveis que precisam ser seguidas corretamente para que não corram perigo. E este ponto não se refere só a ultrapassar fronteiras ou circular em territórios da facção rival, mas também no que diz respeito a uma série de referências concretas e simbologias que fazem referência as facções.

Esta limitação de circulação fruto do respeito as fronteiras impostas pela relação de violência fomentada pelo tráfico de drogas, ainda é agravada pela segregação socioespacial que historicamente vêm sofrendo as pessoas que residem em áreas urbanas periféricas. Afinal, a segregação consiste na exclusão social que ganha contornos espaciais, ou seja, é um mecanismo de dominação e exclusão que dificulta o acesso de determinado grupo social a serviço, benefício, direito ou vantagem, tanto no que concerne o público quanto no privado (VILLAÇA, 2003).

Em Campos dos Goytacazes, essas fronteiras foram reforçadas pelos projetos urbanistas que foram implementados na cidade, que delegavam aos bairros periféricos um tratamento desigual em relação ao centro, expressando uma dualidade entre centro e periferia. Assim historicamente os projetos urbanistas e políticas habitacionais tiveram um cunho higienista, onde a população que era “menos favorecida” não conseguia um lugar para habitar e trabalhar no centro da cidade e se dirigia para locais que estavam abandonados pelo poder público, carentes dos direitos mais insipientes como o do saneamento básico (FARIA, 2005).

As consequências deste processo histórico são sentidas ainda nos dias atuais no município. Arruda (2014) afirma que ao comparar o acesso a diversos direitos entre moradores das favelas com os demais residentes da cidade a partir do Censo 2010, a desigualdade se torna evidente. A população dos aglomerados subnormais⁵ possui condições habitacionais mais precárias e menor escolaridade. Enquanto 19,88% da população moradora de favelas possuem rendimento domiciliar per capita de até ¼ de salário mínimo, entre os não moradores dos conglomerados normais apenas 7,2% apresenta tal rendimento.

Desta forma, as fronteiras e limitações para circulação e usufruto dos espaços da cidade são anteriores à chegada do tráfico. E neste sentido, não podemos ignorar a importância do processo de segregação socioespacial no município, apesar de não ser o ponto central deste estudo. Cabe ressaltar que pelo fato da territorialização do tráfico de drogas ocorrer, principalmente, em bairros periféricos e favelas, onde a segregação socioespacial se materializa, estes dois fenômenos se entrelaçam e se influenciam. Não podemos afirmar com isso que há uma relação de causalidade, mas correlacional, sendo impossível analisar as dificuldades de circulação e práticas sociais daqueles que residem nestas áreas dissociando os dois temas.

Assim, os objetivos específicos elaborados para responder as questões expostas são: I) analisar as representações de jovens das favelas e periferias acerca dos territórios e fronteiras da cidade com o objetivo de mapear suas práticas, suas sociabilidades e os modos de apropriação dos espaços da cidade; II) mapear como são percebidas pelos próprios interlocutores as atividades decorrentes da vida no tráfico e seus efeitos em suas rotinas de circulação; III) analisar as relações e escalas de proximidades entre jovens traficantes e não traficantes e seus efeitos no que tange às representações dos atores e assim, os obstáculos no exercício do direito à cidade.

Esta dissertação está organizada em quatro capítulos que sistematizou os resultados e as análises dos conteúdos. O primeiro capítulo aborda em seu primeiro tópico os caminhos

⁵O IBGE define aglomerados subnormais como o “conjunto constituído por 51 ou mais unidades habitacionais caracterizadas por ausência de título de propriedade” e que possuem pelo menos uma das características a seguir: “irregularidade das vias de circulação e do tamanho e forma dos lotes e/ou ; carência de serviços públicos essenciais (como coleta de lixo, rede de esgoto, rede de água, energia elétrica e iluminação pública). A existência destes aglomerados está relacionada à forte especulação imobiliária e fundiária e ao decorrente espraiamento territorial do tecido urbano, à carência de infraestruturas das mais diversas, incluindo de transporte e, por fim, à periferização da população. Surgem, nesse contexto, como uma resposta de uma parcela da população à necessidade de moradia, e que irá habitar espaços menos valorizados pelo setor imobiliário e fundiário dispersos pelo tecido urbano.” O Censo realizado pelo IBGE em 2010 aponta que o município de Campos dos Goytacazes possui 25 aglomerados subnormais. Disponível em: http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/aglomerados_subnormais/default_aglomerados_subnormais.shtm

metodológicos escolhidos para realização desta pesquisa qualitativa, explicitando os três principais métodos utilizados: entrevista em profundidade, mapas mentais e fotografias de pichações. O segundo tópico deste capítulo expõe a revisão bibliográfica que orienta a análise realizada neste trabalho. Desta forma expomos a percepção dos autores a respeito do tráfico de drogas e sua influência na circulação dos jovens que residem em seu entorno, e por consequência, também problematizamos as categorias: território e territorialidade, fronteiras e segregação socioespacial; que estão intrinsicamente ligadas a esta análise.

O segundo capítulo expõe a trajetória do tráfico de drogas ilícitas em Campos dos Goytacazes. Desta forma, apresentamos o processo sócio-histórico desde a formação das favelas e bairros periféricos até a posterior chegada e territorialização do tráfico de drogas nestas periferias, expondo a evolução do comércio até os dias atuais. Assim, apontamos os dois principais marcos para o desenvolvimento do tráfico e para o surgimento das fronteiras, que são respectivamente: a comercialização da cocaína e a rivalidade entre as favelas Baleeira e Tira Gosto.

O terceiro capítulo desta dissertação apresenta as percepções, circulações e práticas dos jovens nos bairros e favelas onde residem, com intuito de explicitar o significado de morar nas periferias da cidade de Campos dos Goytacazes. Desta forma, abordamos os impactos da segregação socioespacial e do tráfico de drogas na rotina dos mesmos. Neste sentido, também buscamos evidenciar o nível de proximidade dos jovens com esta atividade ilegal. Por fim, realizamos uma análise comparativa destes impactos nos bairros e favelas onde os mesmos residem.

No que se refere ao quarto capítulo analisamos as circulações e práticas sociais dos jovens na cidade e as representações que realizam sobre os condicionantes das fronteiras a partir dos conteúdos das entrevistas e dos mapas mentais elaborados por eles. Explicitamos a percepção dos mesmos sobre a cidade e sua compreensão sobre existência ou não de territórios proibidos em Campos dos Goytacazes. Além disso, abordamos os impactos destas fronteiras no exercício dos direitos, no acesso aos serviços público e na vivência dos espaços da cidade (DI MÉO, 1999) o que dificulta o exercício do direito a cidade.

1 PERSPECTIVAS TEÓRICO-METODOLÓGICAS

1.1 Nos caminhos do método: pesquisa qualitativa pelas ruas da cidade

Pesquisa qualitativa: entrevista em profundidade

As experiências acumuladas durante a atuação quanto assistente social somadas a pesquisa exploratória demonstraram que as conversas com os jovens e as observações realizadas nos territórios em questão nos trariam relatos e materiais relevantes para esta discussão. Assim, buscamos aprofundar leituras referenciais de pesquisas qualitativas. Considerando as informações apresentadas na introdução deste trabalho, a metodologia qualitativa se apresentou como o meio adequado para a análise das histórias e dos deslocamentos destes atores na cidade.

Zaluar (2009) aponta a dificuldade de estabelecer um método adequado para as pesquisas sobre criminalidade diante dos eventuais riscos que o pesquisador pode encontrar na sua pesquisa de campo (ameaça iminente de tiroteio, omissões e dissimulações de quem precisa ocultar atividades ilegais, dentre outros aspectos). Assim, a relação de confiança adquire, neste tipo de pesquisa, uma dimensão peculiar em relação àquelas que se estabelecem em outros campos. Pois é através desta confiança estabelecida entre o pesquisador e o participante da pesquisa que se torna possível evitar a associação da figura do primeiro com a de um infiltrado (espião), que se insere no cotidiano com o objetivo de delatar os crimes que presencia. A autora ainda destaca que o pesquisador não pode ser julgado como iniciante⁶, pois não conquistaria o respeito para ser levado a sério ou criar empatia⁷. Nos contextos de “pesquisas em meio ao perigo”, a autora defende que

[...] a abordagem qualitativa continuou sendo privilegiada, visto que, por meio de entrevistas aprofundadas e outras técnicas, é possível compreender as disposições, os valores e os motivos que os levam a praticar crimes, ou seja, é possível considerar a dimensão da subjetividade dos pesquisados. (ZALUAR, 2009, p. 566)

⁶ “O investigador será constantemente observado e testado pelas próprias pessoas que ele está estudando. Isto é mais verdadeiro ainda (para) os delinquentes que [...] valorizam a coragem diante do perigo. Deve se lembrar aqui que o perigo é “inerente” ao trabalho de campo com infratores da lei, “se não por outra razão, porque há sempre a possibilidade de perigosos mal-entendidos culturais entre pesquisadores e objetos de pesquisa” (JACOBS *apud* ZALUAR, 2009, p 575).

⁷ Neste ponto vale ressaltar a necessidade da confiança entre entrevistador e entrevistado. “Mas ela tem que estar solidamente baseada na ética de garantir o anonimato e o sigilo sobre quem disse o quê. A investigação de campo não tem os objetivos, os métodos e a ética da investigação policial.” (ZALUAR, 2009, p. 562) Assim, cabe afirmar que todos os nomes utilizados neste trabalho são fictícios, com intuito de resguardar em segurança a identidade dos entrevistados.

Por este motivo, a pesquisa qualitativa, em particular a entrevista em profundidade, se apresentou como melhor alternativa para o desenvolvimento desta pesquisa. Retomando estas considerações, ainda que o presente objeto seja diferente daqueles pesquisados por Zaluar (op. cit.), situa-se de certa forma “em meio ao perigo”. No caso desta pesquisa, o que se observa é que “o perigo” não se apresenta de forma tão ostensiva, pois, a experiência profissional adquirida nos permitiu estabelecer uma relação mais estreita com o campo.

O tema em questão traz em si uma série de representações que colocam o jovem de periferia e de favela, como portadores do mal em si, bandidos irrecuperáveis. Visão construída historicamente pela sociedade brasileira desde a fundação da favela e agravada posteriormente com a territorialização do tráfico nestes espaços, em que os moradores da favela são qualificados negativamente (BIRMAN, 2008).

Becker (1977) observou que os pesquisadores que estudam o desvio tendem a ser acusados de defender e tentar inocentar os criminosos, o que tiraria a credibilidade do trabalho de campo por acusação de manipulação dos dados. Por se tratar de uma questão moral, onde não é a moralidade oficial que é exposta ou estudada, a pesquisa tende a ser criticada e isto se aprofunda quando o outro ponto de vista do mesmo fenômeno não é apresentado.

Becker (1977) acrescenta que a moralidade oficial, socialmente aceita está exposta e nivela a sociabilidade coletiva de forma geral, estando hierarquicamente acima da outra. Diferentemente, Zaluar (2009) considera o mundo do tráfico inacessível ao entendimento daqueles que não partilham a mesma vivência. Logo, o papel do pesquisador seria o de diminuir “a cegueira cultural” e a “arrogância étnica” (ZALUAR, 2009, p. 567) que separam estas duas realidades. Afinal, “o ofício do etnógrafo ajuda a destruir as construções simbólicas feitas para criar imagens negativas do outro, principalmente as dos que se tornam os discriminados bodes expiatórios que carregam a culpa do mal no mundo” (ZALUAR, 2009, p.567).

Fundamentado nestes debates, em busca de colaborar para a compreensão da vida desses jovens que convivem em diferentes níveis com “movimento” do tráfico de droga em Campos dos Goytacazes, que realizamos entrevistas em profundidade com 11 jovens⁸ de bairros periféricos e favelas da cidade. A partir de um roteiro temático, que se encontra em anexo (Apêndice II), norteamos a entrevista de modo que possibilitou o entrevistado explanar com liberdade os assuntos e selecionar livremente relatos e questões de sua trajetória que consideram centrais. Os eixos do roteiro utilizados foram: - descrição da vida cotidiana e de

⁸ De acordo com o primeiro artigo do Estatuto da Juventude – Lei nº 12.852/13 – são consideradas jovens as pessoas com idade entre 15 (quinze) e 29 (vinte e nove) anos.

situações marcantes vivenciadas em seu bairro ou em sua circulação pela cidade (circulações diárias, trabalho, lazer, etc.); - representações sobre a cidade e suas fronteiras; percepções sobre tráfico e as facções; - compreensão dos lugares do perigo e do pertencimento; - o direito à cidade – qual sua compreensão sobre o conceito e se acredita que consegue exercitá-lo.

Também entrevistamos dois atores que acompanharam de perto o processo de implantação do tráfico de drogas na cidade desde o princípio e que nos possibilitou realizar a descrição da história social do tráfico em Campos dos Goytacazes/RJ. A primeira entrevista diz respeito, principalmente, ao tráfico entre os jovens de classe média, a implantação nas favelas da Baleeira e Tira Gosto e o posterior surgimento da rivalidade. A segunda centralizou o discurso em torno do surgimento do tráfico no subdistrito de Guarus e como está seu funcionamento atualmente.

No que se refere ao número de entrevistas realizadas com os jovens assim como propomos no projeto, destacamos que foram realizados apenas o número acima relatado, por se tratar de um trabalho de campo que apresenta dificuldades no acesso aos pesquisados, devido a própria dinâmica do comércio de droga ilegal e as intervenções policiais. Durante quatro meses, devido a operações policiais para apreensão de drogas e também de alguns jovens e adolescentes⁹, permanecemos sem realizar as entrevistas e visitar o campo.

A atitude de aguardar e assim resguardar a pesquisa foi realizada respeitando a experiência compartilhada por Souza (2010) em sua dissertação que confirmou as dificuldades explicitadas por Zaluar (2009) através de sua experiência na favela Baleeira em Campos dos Goytacazes, onde teve seu trabalho interrompido, por desconfiança dos traficantes de que ela fosse uma delatora (SOUZA, 2010, p. 15).

Além do medo dos jovens envolvidos com o tráfico de sofreram uma delação a respeito de suas atividades ilícitas para a polícia, desconfiando do papel do pesquisador, nós também esbarramos no medo daqueles que não tinham correlação direta com tráfico de esporem o que sabem sobre seu cotidiano e a intervenção do “movimento” em suas vidas. Pois, sentiam receio de que os “meninos” do tráfico descobrissem que haviam passado

⁹ Durante o segundo semestre de 2014 ocorreram diversas operações policiais com o intuito de coibir e combater o tráfico de drogas em Campos dos Goytacazes (notícias em Anexo I). Uma dessas atuações da polícia de importância significativa foi a operação deflagrada em outubro e contou com o apoio da 8^oBPM (Campos), do Batalhão de Ações com Cães (BAC), Polícia Civil, Ministério Público e o Grupamento de Apoio aos Promotores (GAP) que atuaram nos diversos bairros com incidência de prisões por tráfico. A operação prendeu doze pessoas e mais “seis menores foram apreendidos e quatro armas, 727 sacolés de maconha, 216 sacolés de cocaína, 80 pedras de crack, R\$ 5.069,00 em espécie, 167 munições de diversos calibres, duas balanças de precisão, duas toucas ninjas, anotações do tráfico de drogas e uma moto foram apreendidas.” Disponível em: <http://www.mancheteonline.com.br/operacao-aguas-claras-prende-12-pessoas-em-campos-dos-goytacazes/Acessado em 15 de Janeiro de 2016>.

informações sobre os mesmos a frente e assim sofressem retaliações. (Anexo II, p. 178) Neste sentido, tivemos três desistências de participação na pesquisa, o que também se conforma em dados desta pesquisa, visto que este silêncio é significativo e demonstra o nível de influência do tráfico de drogas na vida destes jovens.

Nas entrevistas, não, apenas, as vozes presentes no discurso apontam para o que se quer comunicar e negociar, mas a ausência de certas vozes, ou seja, os silêncios também são reveladores do discurso, são paradigmáticos enquanto possibilidades de significação culturais mantidas *in absentia*. (BARBATO-BLOCH, 1997; WERTSCH, 1998 *apud* BORGES, LINHARES, TIRADENTES, 2008, p. 135).

E ao longo da fase exploratória da pesquisa de campo, tecemos contatos com dois perfis de interlocutores: - jovens que afirmam ter participado de atividades no comércio de drogas ilegais; - Jovens que afirmam nunca ter tido contato com as mesmas atividades. Além disso, diante do problema apresentado acima, também consideramos as proximidades e distâncias espaciais destes jovens, em ambos os casos, com bocas de fumo e “firmas”¹⁰. Pois, como apresentado, um dos objetivos desta pesquisa foi estabelecer uma comparação entre os interlocutores com diferentes níveis de aproximação espacial com pontos de venda, circuitos de drogas, grupos de traficantes. Esta proposta se relaciona diretamente com outro objetivo da pesquisa, que foi o de compreender como estas aproximações ou distâncias impactam ou modificam as problematizações do exercício do direito a cidade.

Assim, no que diz respeito à entrada no campo, estabelecemos contato com alguns jovens que foram acompanhados no Programa Profissionaliz-arte e realizamos entrevista com um deles. Posteriormente, a partir de outros contatos interpessoais e profissionais, entrevistamos outros jovens de bairros distintos utilizando assim o método de bola de neve¹¹ para seleção dos mesmos. Além disso, durante o decorrer da pesquisa fomos apresentadas por

¹⁰ A firma é a atuação das empresas locais do tráfico, “vinculadas entre si por meio das facções, está centrada na distribuição de drogas em territórios delimitados e, especialmente, nas práticas de varejo.” (GRILLO, 2013, p. 51) Este termo também foi identificado na fala dos traficantes da favela Baleeira em Campos dos Goytacazes, como foi evidenciado na dissertação “Existir no tráfico: percepções e vivências dos jovens traficantes de drogas da favela Baleeira” de Suellen André Souza (2010) e também em durante as entrevistas realizadas nesta pesquisa.

¹¹ “Introduzida inicialmente por Coleman (1958) e Goodman (1961), amostragem em bola de neve é um método que não se utiliza de um sistema de referência, mas sim de uma rede de amizades dos membros existentes na amostra. Este tipo de método baseado na indicação de um indivíduo de um ou mais outros indivíduos é também conhecido como método de cadeia de referências. O processo começa de um certo número de sementes, pessoas selecionadas de alguma forma pelo pesquisador e que fazem parte da população-alvo. Essas pessoas, por sua vez, são incumbidas de indicar a partir de seus contatos outros indivíduos para a amostra. Segue-se assim, sucessivamente, até que se alcance o tamanho amostral desejado. Experiências com o método de amostragem em bola de neve mostraram que ele é efetivo ao penetrar populações escondidas ou difíceis de encontrar” (DEWES, 2013, p. 7).

um desses contatos ao Programa Jovens Pela Paz desenvolvido pela Organização não governamental Nação Basquete de Rua (NBR)¹² em parceira com a Fundação Municipal da Criança e do Adolescente, que nos permitiu ter acesso à jovens dos bairros e favelas com o maior índice de homicídio em Campos, que é o público atendido nesta instituição.

Novas perspectivas de pesquisa: Programa Jovens Pela Paz

O Programa Jovens Pela Paz (JPP) atua em 15 Polos, divididos em 13 áreas com altos índices de violência do município de Campos. Tem atualmente 300 jovens inscritos, com faixa etária entre 16 e 25 anos incompletos. Para participar do Programa os mesmos precisam estar cadastrados no CadÚnico e matriculados no ensino básico, técnico ou profissionalizante da rede pública, conforme o que preconiza a Lei Municipal 8.560, de 27 de maio de 2014. Os bairros onde funcionam os polos do programa são: o Novo Eldorado, Travessão, Goytacazes, Santa Rosa, Novo Jockey, Tira Gosto, Parque Prazeres, Tapera, Esplanada, Aldeia, Penha, Baleeira e Chatuba. O critério estabelecido pelo Programa JPP para a seleção de jovens ocorre como acima explanamos a partir da Distribuição de Índices de Letalidade por bairros (áreas das 134ª e 146ª Delegacias Legais), que aponta que estes são os locais onde cerca de 75% dos homicídios contra juventude em Campos acontecem.

De acordo com o projeto do Programa JPP seu objetivo é capacitar os jovens, fomentando o “empoderamento” dos mesmos para transforma-los em “multiplicadores sociais e de bons exemplos”, de modo a fazer com que proliferem “os ensinamentos e valores” adquiridos junto ao programa por suas comunidades, levando atividades de lazer para os seus bairros, instigando o senso crítico, e, sobretudo, trabalhando a desconstrução da cultura de violência. Para isso, os jovens participam de atividades culturais, esportivas, socioeducacionais e de integração. Também recebem uma remuneração de 350 reais para que tenham condições de frequentar as atividades.

Assim, mediante o perfil dos jovens frequentadores do Programa ser condizente com a proposta desta pesquisa, entramos em contato com a presidente da NBR e coordenadora do Programa Jovens pela Paz. Conseguimos a autorização para acompanhar todas as atividades do JPP para estabelecer contato com os jovens e assim marcar as entrevistas com aqueles que

¹² A ONG Nação Basquete de Rua foi criada em 2006 a partir de um trabalho de valorização do basquete de rua e do hip hop realizado por um grupo de jovens para a programação do projeto Cultura Urbana, do SESC/RJ em Campos dos Goytacazes, que se tornou um movimento e posteriormente a ONG. “Hoje atua prioritariamente com questões relacionadas à juventude, promoção da igualdade racial, cultura urbana e inclusão social por intermédio de atividades de esporte e cultura. A NBR é responsável pela execução do convênio do Programa Jovens Pela Paz, em parceria com a FMIJ e com a PMCG”.

se interessassem em participar. Desta forma, apesar de termos marcado cerca de cinco entrevistas, apenas duas se concretizaram, pelos motivos que acima expomos. Além das entrevistas que realizamos em bairros onde o movimento do tráfico era intenso e que anteriormente não tínhamos contatos para mobilizar essas entrevistas, pudemos presenciar e observar uma sequência de trabalhos que nos possibilitou colher dados relevantes para esta pesquisa.

Desta forma, apesar de ter sido de grande importância o contato com os jovens da instituição, o acompanhamento de suas atividades e as duas entrevistas que consegui realizar na mesma, o contato profissional com outras assistentes sociais que trabalharam ou trabalham com jovens foi central para esta pesquisa. Pois, foi a partir dos seus contatos profissionais e em alguns casos pessoais que conseguimos entrar em contato com os jovens que moram nas diversas áreas periféricas de Campos, possibilitando que a pesquisa ocorresse atendendo os critérios de proximidade e distanciamento territorial dos principais pontos de venda de drogas.

Afinal, este é o outro aspecto que consideramos na escolha dos interlocutores: a área residencial destes jovens. Pois, nos interessou analisar as relações dos jovens que moram em territórios nos quais se encontram os movimentos mais antigos, que iniciaram o tráfico de drogas na cidade. Posteriormente, conduzimos as interlocuções com jovens de bairros periféricos, distantes destes “pontos nefrálgicos”. Com esta comparação buscamos compreender a interferência da facção não apenas relacionada com as atividades do jovem, mas também à escala de maior ou menor proximidade territorial e de relação com traficantes das duas facções (ADA e TCP).

Os bairros e favelas definidos em função das interlocuções realizadas a partir de antigos contatos profissionais, do Programa JPP e da relação de confiança que estabelecemos entre o pesquisador e os pesquisados foram: Baleeira, Tira Gosto, Parque Califórnia, Parque Santa Clara, Penha, Parque Aurora, Parque Eldorado, Custodópolis, Turf Clube e Parque Julião Nogueira. Cabe ressaltar que no Parque Aurora foram realizadas entrevistas com dois jovens, sendo um deste traficante e outro não.

O contato e entrada no campo foram diferenciados entre aqueles a quem fui indicada por meio de contatos profissionais com outras assistentes sociais que trabalham ou trabalharam com jovens e aqueles que estabeleci relação através da instituição. Os primeiros demonstravam confiança ao aceitar participar da pesquisa e estabelecer a conversa, pois, havia sido indicada por alguém conhecido que intermediou e assegurou a seriedade da pesquisa. No que diz respeito, aos jovens da ONG, a coordenadora permitiu que fosse apresentada a pesquisa em reunião com todos os jovens. Realizei o convite a todos e ao final

da reunião fui procurada por alguns jovens que demonstraram interesse em participar. Apesar do interesse inicial, como explicamos anteriormente, alguns desistiram de participar.

No que se refere ao local onde foi realizada a entrevista em profundidade, devido a dificuldade em abordar o tema por causa do medo anteriormente citado, deixamos a critério do jovem sugerir onde seria. Neste sentido, realizamos entrevistas nas residências de entrevistados, pelas ruas do bairro onde moram, na instituição onde trabalham, na universidade onde estudam. Assim que iniciamos a entrevista foi reafirmado e garantido o sigilo da identidade dos mesmos.

Mapas Mentais e registros de Pichações: as fronteiras visíveis e as leituras subjetivas

Com o intuito de compreender os efeitos do tráfico no território e na vida dos jovens, propomos aos mesmos que elaborassem mapas mentais da cidade, que “são representações esquemáticas do espaço que contêm informações sobre os lugares, refletindo a forma diversa como são imaginados e vivenciados por cada indivíduo” (SILVA, FONSECA, BRUMES, 2014, p.467). Desta forma, este método nos permite apreender melhor as atividades cotidianas dos atores e perceber suas relações com distintos grupos sociais. Também nos possibilita compreender as suas circulações na cidade, a integração urbana e a construção do sentido do lugar.

Assim, solicitamos aos jovens que sinalizassem os limites do território em sua avaliação, indicando principais pontos da cidade, o lugar em que se sentem mais seguros, ou ao contrário, em perigo¹³. Neste sentido, pudemos perceber as percepções territoriais e as formas de apropriação do espaço urbano realizadas pelos jovens. Identificamos por meio deste método as fronteiras que para a maioria das pessoas são invisíveis, mas que são reais e muitas vezes materiais para os jovens que convivem cotidianamente com o “movimento” do tráfico de drogas. Desta forma, as fronteiras podem ser delimitadas apenas por um poste ou uma rua, que aparentemente não tem nenhuma distinção entre as demais, mas que para os jovens que vivem neste circuito significam um marco que precisam reconhecer e manter-se atualizados, pois, um engano pode ser fatal (FARIAS, 2008).

No entanto, há delimitações de fronteiras que são visíveis e físicas, não apenas subjetivas e que podem ser identificadas em vários locais da cidade que são as pichações

¹³ Cabe ressaltar que nem todos os jovens realizaram o mapa mental. Devido a longa duração da entrevista (chegando a quase duas horas dependendo do interlocutor) em alguns casos, os jovens tinham compromissos e não tinham disponibilidade de tempo para realizar o desenho. Assim, cinco jovens elaboraram o mapa mental.

realizadas pelas facções. De acordo com Spinelli (2007) a pichação é geralmente caracterizada como letras ou assinaturas, de traço reto e de forma homogeneizada, feitas com spray ou com rolo de pintura. Esta linguagem expressa nas paredes “serve de senha, de signo de reconhecimento, e permite fora dos limites do seu território de se agregar a grupos que compartilham o mesmo ‘estilo tipo’” (MAFFESOLI, 1993 *apud* SPINELLI, 2007, p. 113).

As pichações com as siglas de facções também exercem esta função de identificar a quem “pertence” o território em questão, assim como sinaliza os locais que são de facções aliadas e algumas vezes explicitam ameaças às facções rivais, delimitando o trajeto e o acesso daqueles que estão comprometidos com o tráfico de drogas e/ou que se sentem ameaçados por este “movimento”. Por isso, fotografamos as pichações que identificam as facções nas ruas da cidade (sigla TCP e ADA), nos caminhos que percorremos durante a realização desta pesquisa, como uma forma de registrar e compreender as fronteiras visíveis que explicitam os territórios de facções.

O uso do registro fotográfico como método, de acordo com Borges, Linhares e Tiradentes (2008), possibilita manter vivo o instante passado e captura assim a história, viabilizando uma interpretação e análise contextualizada daquele episódio¹⁴. No caso das pichações de facções este registro é valioso, visto que elas estão sujeitas a serem apagadas e/ou rasuradas quando o território é tomado pela facção rival. Os registros nos possibilitam então acompanhar reterritorialização das facções nos bairros e assim os embates que estão sendo travados que ressignificam aquele espaço. Além disso, cabe ressaltar que “a imagem traz informações (visuais) sobre o mundo que pode ser conhecido de diferentes formas, inclusive em alguns de seus aspectos não-visuais” (AUMONT, 1993, *apud*, BORGES, LINHARES, TIRADENTES, 2008, p. 133).

Durante a implementação dos diversos métodos, ao longo desta pesquisa de campo, redigimos um diário onde registramos cotidianamente as observações, as sensações, bem como as questões que emergiram em todas as etapas da observação participante¹⁵ e que foram extremamente relevantes durante o processamento e análise dos dados obtidos. Assim, realizamos paulatinamente a sistematização de dados e posterior análise de conteúdo, separando as categorias relevantes para a reflexão a respeito dos territórios, fronteiras e

¹⁴ Cabe ressaltar, que a fotografia é uma representação da realidade a qual se pretende registrar. Pois, ela pode ressaltar e/ou ocultar com sua técnica componentes que fazem parte da paisagem em questão e que alteram o significado do acontecimento registrado.

¹⁵ “Para nossos fins, definimos observação participante como um processo pelo qual mantém-se a presença do observador numa situação social com a finalidade de realizar uma investigação científica. O observador está em relação face-a-face com os observados e, ao participar da vida deles no seu cenário natural, colhe dados. Assim, o observador é parte do contexto sob observação, ao mesmo tempo modificando e sendo modificado por este contexto.” (Schwartz, 1995 *apud* Cicourel, 1980, p. 89)

circulações dos jovens na cidade de Campos e que está exposta no terceiro capítulo desta dissertação.

Assim, a metodologia de pesquisa aplicada conciliou e privilegiou diversos métodos de abordagem qualitativa, que nos possibilitou captar e aprofundar a compreensão sobre as experiências e percepções dos jovens. Porém, Martinelli (2005) afirma que todo fenômeno humano implica em dimensão, magnitude e intensidade. Neste sentido a pesquisa quantitativa garante a ampliação da compreensão do fenômeno, possibilitando outra perspectiva. Assim, utilizamos dados do Instituto de Segurança Pública, do Mapa da Violência, do Instituto Brasileiro de Estatística, além de ter tabulado dados de matérias de jornais (2015) a respeito do tráfico de drogas e de homicídios de jovens, com o intuito de construir um panorama da cidade em relação ao “movimento”, colaborando na elaboração da história social do tráfico em Campos dos Goytacazes.

1.2 Referencial Teórico

Juventude brasileira: entre anjos e demônios

Nas sociedades modernas e contemporâneas a juventude é tema de constante preocupação, se tornando uma permanente questão pública. Groppo (2004) afirma que existem ciclos, ou seja, há fases em que a juventude toma centralidade quanto debate e preocupação social. Atualmente volta ao cenário público brasileiro as discussões a respeito da juventude, dividindo opiniões entre “salvação” e “criminalização”, caridade e repressão, políticas públicas para a juventude e rebaixamento da idade penal (GROPPO, 2004).

Os meios de comunicação fomentam e dividem opiniões quando noticiam casos “dramáticos” de jovens ocupando tanto o lugar de assassinos quanto de assassinados. Como por exemplo, quando colocou em evidência no ano de 2015 a morte do médico esfaqueado na cidade do Rio de Janeiro por um jovem de dezesseis anos¹⁶ que suscitou o debate da diminuição da maioridade penal e o surgimento de uma onda de justiceiros, que buscam soluções através da força privada (MISSE, 2008), e prendem adolescentes “considerados suspeitos” em postes. Assim também quando noticiou o fuzilamento de cinco jovens no

¹⁶ O médico Jaime Gold foi assaltado na Lagoa, na Zona Sul do Rio de Janeiro, por dois adolescentes, sendo um de 16 anos e outro de 15 anos, que o esfaquearam resultando em sua morte. O assalto ocorreu no dia 19 de maio de 2015 e as matérias nos sites de notícias destacaram que mesmo não reagindo, os adolescentes golpearam o transeunte com uma faca. Ambos os jovens cumpriam medida socioeducativa pelo cometimento de outros crimes. Este acontecimento teve grande repercussão na mídia. Disponível em: <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2015/05/policia-diz-que-2-menor-apreendido-acusa-o-1-de-ter-esfaqueado-medico.html>

subúrbio do Rio por parte de policiais militares¹⁷ e que revelou a população, neste sentido deu relevância aos assustadores dados de homicídios de jovens no Brasil.

O Mapa da Violência 2015 expõe que o homicídio tem sido a principal causa morte no Brasil e que o perfil das vítimas é de jovens, negros e do sexo masculino, que moram nas periferias e áreas metropolitanas dos centros urbanos (dados referentes a 2012). Em nota técnica, o IPEA (2015) analisa os dados expostos pelo Mapa e conclui que embora possa parecer o contrário, devido ao avanço das políticas de atenção à criança e o adolescente e mesmo à juventude (com a criação do Estatuto da Juventude – Lei 12.852/13), assim como a Campanha do Desarmamento e diversas outras ações que contribuiriam para a diminuição da violência, o aumento de mortes de jovens por armas de fogo de 1980 para 2012 foi de 414%.

O Brasil atingiu o primeiro lugar no ano de 2012 entre noventa países do mundo no que se refere ao índice de homicídios por armas de fogo, totalizando 40.007 mortes. Dentro deste universo, 23.867 são jovens entre 15 e 29 anos, ou seja, mais da metade deste quantitativo. Além disso, é importante ressaltar que quando estabelecemos uma evolução histórica da mortalidade por homicídio (1980 a 2012) em um recorte etário de 16 e 17 anos o aumento é de 640,9%, sendo em 2013 a principal causa de morte entre jovens de 17 anos, no total de 48%.

No que diz respeito a juventude como causadora da violência, Abramo (1997 *apud* BERTOLI, 2013) expõe que a categoria jovem é associada a imagem de possível problema social, ligado a prostituição, a comportamentos violentos e uso de drogas. E neste sentido, não só no que se refere ao uso da droga, mas também a sua comercialização. Atualmente cada vez mais cedo os jovens ingressam no tráfico de drogas ilegais, alguns com apenas 12 anos de idade, o que Oliveira (2008) afirma ser um processo de juvenilização do tráfico. E o recorrente discurso de “guerra ao tráfico de drogas” proferido pela polícia, Estado e mídia reforçam este estereótipo do jovem como problema social quando ao se deparar com sua centralidade neste “movimento”, expõe e divulgam uma representação negativa a respeito do mesmo e daqueles que moram naquela área.

Este é um discurso evocado para justificar a constante agressão e os homicídios recorrentes de jovens que são considerados suspeitos por envolvimento com o tráfico de drogas e que engrossam as estatísticas de homicídio no Brasil. Por isso, o uso recorrente do

¹⁷ Cinco jovens foram alvejados dentro do carro por policiais em Costa Barros, no subúrbio do Rio de Janeiro. Os jovens haviam saído de casa para lancha e durante o percurso o carro foi alvo de 111 tiros disparados por policiais que alegaram estar na área em busca de uma carga roubada. Os policiais, além de cometerem os disparos, modificaram a cena do crime. De acordo com as testemunhas os jovens não chegaram a ser inquiridos pelos policiais que efetuaram os disparos sem realizar nenhum diálogo. Disponível em: <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2015/12/mais-de-100-tiros-foram-disparados-por-pms-envolvidos-em-mortes-no-rio.html>

mesmo pelos atores envolvidos com a política de segurança pública afirmando que vivemos em uma “guerra às drogas”, pois na “guerra” matar suspeito é tolerável. Um exemplo que tornou explícita esta questão ocorreu em 1995, quando Marcello Allencar, o então governador do estado do Rio de Janeiro, determinou que os policiais civis e militares recebessem um valor adicional, que podia chegar a 150% do salário, caso eles realizassem atos de bravura como a morte de um suspeito em uma operação policial. Esse adicional foi extinto pela Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro em 1998. Ele ficou conhecido como “gratificação faroeste” (RELATÓRIO DA ANISTIA INTERNACIONAL, 2015).

Com frequência, a afirmação da Polícia de que as vítimas tinham envolvimento com a criminalidade converteu-se em justificativa recorrente para o uso da força letal. O discurso oficial culpabiliza a própria vítima, estigmatizada por um contexto de racismo, “guerra às drogas” e criminalização da pobreza. Parte expressiva da sociedade brasileira legitima essas mortes e, em muitos casos, as defende. Expressões como “bandido bom é bandido morto” são corriqueiras no Brasil. Segundo pesquisa da Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República, 43% dos brasileiros/as concordam com essa afirmação, sendo que 32% concordam totalmente com essa frase. (RELATÓRIO DA ANISTIA INTERNACIONAL, 2015)

Desta forma, há uma lógica de execução entre as instituições policiais que se baseia em um pré-julgamento a partir do perfil que é estabelecido como suspeito. E isto, não apenas para execução, mas para prisões arbitrárias também. E caso, em algumas dessas ocorrências se confirme o envolvimento do “suspeito” com o tráfico de drogas, isto reforça e referenda a postura dos policiais. Ainda cabe ressaltar que muitos policiais acreditam estar fazendo um bem para sociedade, pois, esta cultura já está arraigada nas instituições (RELATÓRIO DA ANISTIA INTERNACIONAL, 2015).

Assim, permeado por estas representações e irrefletidamente referendado pelo alto quantitativo de jovens envolvidos com o crime, esta compreensão da juventude como problema de polícia (juventude “matável”) se torna cada vez mais reforçada. Desta forma, mesmo sabendo que aqueles que participam das quadrilhas nas favelas e periferias são minoria, colocam todos jovens em um mesmo quadro representativo, transformando o mesmo em um suspeito em potencial, pois, pode aderir ao crime a qualquer momento (MACHADO; LEITE, 2008).

De acordo com o Levantamento Anual dos/as adolescentes em cumprimento de medida socioeducativa realizado pelo SINASE¹⁸, em 2012 o número de adolescentes em cumprimento de medida socioeducativa no Brasil era de 20.532. Cabe ressaltar que esta estatística abrange adolescentes e jovens de 12 a 18 anos¹⁹, ou seja, ainda há uma defasagem de informação sobre os jovens de 19 a 29 anos que integram o quadro prisional, dado que não conseguimos ter acesso pelo Instituto de Segurança Pública (ISP), visto que este aspecto não está discriminado nas estatísticas e relatórios disponibilizados ao público.

Entre os atos infracionais de maior incidência, o levantamento do SINASE aponta que 38,7% dos jovens cumprem medida por roubo e 27,05% por tráfico de drogas ilícitas. No entanto, cabe observar que o quantitativo referente a este dado no estado do Rio de Janeiro, contexto no qual este trabalho está inserido, se inverte sendo 323 o número de jovens que cumprem medida por roubo e 503 por tráfico de drogas. E neste sentido é o único estado onde ocorre esta inversão.

O perfil dos jovens e adolescentes em conflito com a lei não se difere dos jovens assassinados explicitados acima, são eles em sua maioria entre 16 e 17 anos do sexo masculino. De acordo com a nota técnica do IPEA (2015)²⁰ não há dados recentes a respeito de suas características sociais e os últimos que foram registrados são de 2003 em pesquisa realizada pelo órgão em parceria com o Ministério da Justiça. Eles apontam que 66% dos jovens eram de famílias extremamente pobres, o que já indica o local de moradia visto que a pobreza no Brasil tem endereço certo que são as favelas, subúrbios e periferias. Além disso, 60% dos mesmos eram negros, 51% não frequentava escola e 49% não trabalhava.

¹⁸ O Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo (SINASE), de acordo com o artigo primeiro da Lei 12.598/12 que o regulamenta, é “o conjunto ordenado de princípios, regras e critérios que envolvem a execução de medidas socioeducativas, incluindo-se nele, por adesão, os sistemas estaduais, distrital e municipais, bem como todos os planos, políticas e programas específicos de atendimento a adolescente em conflito com a lei.” Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12594.htm Acessado em: 15/01/2016

¹⁹ Também cumprem medida socioeducativa jovens de até 21 anos e por isso são contemplados nesta estatística com 24% dos casos. Pois, o Sinase prevê que o juiz em situações específicas prolongue a pena quando compreende que o jovem (de faixa etária abaixo ou igual a 18 anos e já em cumprimento de medida) precisa de um endurecimento da pena, pois o mesmo não cumpriu corretamente o que foi determinado para ele, ou então reincidiu. Assim, a pena pode ser prolongada até os 21 anos. Importante ressaltar que a pena máxima por ato infracional cometido é de seis meses, porém, ela é cumulativa. Ou seja, a cada novo delito é somado mais seis meses de cumprimento de medida socioeducativa. Outro ponto relevante quanto a faixa etária que é necessário observar diz respeito ao quantitativo de adolescentes entre 12 e 13 anos que cumprem medida, que não são contemplados no recorte deste trabalho, eles correspondem apenas 3% do total apresentado. Disponível em: <http://www.sdh.gov.br/assuntos/criancas-e-adolescentes/pdf/levantamento-sinase-2012> Acessado em: 15/01/2016

²⁰ Disponível em: http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/notatecnica_maioridade_penal Acessado em: 15/01/2016

Assim, entre mortos, presos e apreendidos, os jovens realmente ocupam um lugar preocupante nas estatísticas e estudos. Porém, não são todos os jovens brasileiros em um universo de mais de 51.330.569 contabilizados no censo do IBGE em 2010, e sim aqueles que residem nas áreas periféricas, em favelas, nos atuais conjuntos habitacionais e subúrbios das cidades. Novaes (2006) afirma que os jovens de faixa etária iguais vivenciam juventudes²¹ desiguais, pois, no meio urbano o local de moradia influencia no tipo de acesso que os mesmos terão a cidade e no tipo de experiência que vivenciarão em suas práticas sociais e circulações.

O endereço faz diferença: abona ou desabona, amplia ou restringe acessos. Para as gerações passadas esse critério poderia ser apenas uma expressão da estratificação social, um indicador de renda ou de pertencimento de classe. Hoje, certos endereços também trazem consigo o estigma das áreas urbanas subjugadas pela violência e a corrupção dos traficantes e da polícia – chamadas de favelas, subúrbios, vilas, periferias, morros, conjuntos habitacionais, comunidades. Ao preconceito e à discriminação de classe, gênero e cor adicionam-se o preconceito e “a discriminação por endereço”. (NOVAES, 2006, s/p)

Ou seja, esses jovens passam a ser estigmatizados, recebendo uma representação de desviante, anormal e perigoso, que se estabelece a partir de uma incriminação preventiva dos tipos sociais (MISSE, 2010). Eles sofrem processos de constrangimentos, restrições e distinções espaciais. E é por isso que o ponto de partida analítico é o entendimento de que a juventude assume sentido à partir das experiências condicionadas pelo tempo e espaço aos quais os jovens estão inseridos (MENDES, 2011). Andrade (2005 *apud* BERTOLI, 2013) expõe que uma das formas mais eficazes e coerentes de se compreender os jovens é a partir dos seus espaços sociais, pois, a juventude é acima de tudo uma realidade social.

Em vista disso, é impossível pensar a juventude fora de seu contexto histórico, político e social visto que a relação entre a juventude e a sociedade se estabelece em reciprocidade. Por isso, a dimensão territorial ganha relevância no estudo sobre juventude, pois é no território, que se vivencia o cotidiano das relações, as práticas sociais, ou seja, o território é o espaço vivido. Ele é definido pelos contatos sociais e materiais que ocorrem na interação entre os atores de um dado lugar (DI MÉO, 1999).

²¹ “A juventude trata-se de uma categoria social usada para classificar indivíduos, normatizar comportamentos, definir direitos e deveres. É uma categoria que opera tanto no âmbito do imaginário social, quanto é um dos elementos estruturantes das redes de sociabilidade. De modo análogo à estruturação de sociedade em classes, a modernização também criou grupos etários homogêneos, categorias etárias que orientam o comportamento social entre elas, a juventude.” (GROPPO, 2004, p.11)

Segregação socioespacial

Partindo da perspectiva de que é através dos espaços sociais que podemos compreender os jovens, afinal estão imersos em um contexto territorial, pelo qual ele é influenciado e também influencia, o processo de segregação socioespacial tem grande relevância nas experiências vividas pelos jovens que moram nas periferias. Pois, “a desigualdade e a distância socioeconômica se expressam na configuração espacial das cidades, na forma da dualidade centro X periferia” (FARIA, 2011, p. 1). O primeiro é considerado área nuclear que ocupa o espaço de atração (econômica, social e política), sendo habitada pelos grupos sociais que possuem alta renda. A segunda é marcada pela ausência de uma série de serviços e de infraestrutura além de se encontrar distante das áreas centrais, por isso é definida como segregada e é habitada pela população de baixa renda (CORRÊA, 1995 *apud* FARIA, 2005).

A segregação é o tipo de exclusão social que apresenta dimensão espacial. Neste sentido, tem natureza social e econômica e se manifesta espacialmente nas cidades, sendo assim uma segregação urbana (VILLAÇA, 2003).

A segregação, como um mecanismo de dominação e exclusão, sempre impede ou dificulta o acesso dos segregados a algum serviço, benefício, direito ou vantagem, seja público, seja privado. Pode ser o conforto de um serviço de transporte, um bom parque, os serviços públicos ou os shoppings. A segregação espacial urbana atua através da acessibilidade, ou seja, através das facilidades ou dificuldades de locomoção no espaço urbano. Uns têm os equipamentos e serviços urbanos mais acessíveis, outros, menos acessíveis, entendendo-se acessibilidade em termos de tempo e custo de deslocamento no espaço urbano. (VILLAÇA, 2003, p. 2)

Esta configuração socioespacial das cidades brasileiras foi construída historicamente durante o processo de urbanização fomentado pela industrialização e pelas mudanças econômicas e políticas incentivadas pelo governo para que o país superasse o perfil agrário-exportador, que gerou um intenso movimento migratório do campo para a cidade (MARICATO, 2003). Assim, o problema das cidades se instaura a medida que a oferta de emprego, moradia, melhorias na infraestrutura, serviços e equipamentos urbanos não se desenvolve na mesma proporção que o aumento populacional, gerando assim uma ocupação desordenada do solo e uma expansão cada vez mais intensa das periferias (DUARTE, 2008 *apud* FARIA, 2009).

Além do fenômeno de migração, o crescimento das favelas e periferias na última década está ligado a própria movimentação dos moradores dentro da cidade. Devido ao aumento do valor da terra, assim como a sua escassez, o empobrecimento da população, o que dificulta o acesso ao mercado imobiliário formal, e também os movimentos intrametropolitanos, muitos se mudaram para as periferias como saída para aumento dos preços imobiliários, o qual eles não poderiam pagar. Neste sentido, existe uma estreita relação entre a trajetória da urbanização e as transformações que ocorreram e ocorrem no mercado de trabalho da área urbana (FARIA, 2009).

Desta forma, é importante ressaltar que o solo urbano é ordenado pelos planos urbanísticos que estabelecem a circulação e o zoneamento da cidade, definindo o parcelamento e o uso do solo que se torna uma mercadoria onde a localização determina o seu valor, assim como as formas de ocupação (ABRAMO, 2009 *apud* FARIA, 2011). Ou seja, aqueles que não possuem capital não conseguem adquirir terrenos em áreas centrais e/ou privilegiadas, este processo faz com que se aprofunde a segregação socioespacial (FARIA, 2011).

De acordo com Valladares (2000), as favelas desde o princípio foram consideradas espaços desordenados, improvisados e com o tempo passaram a ser representadas como reduto de pobreza extrema, onde estão os mendigos, malandros, vagabundos, capoeiras, mulheres sozinhas sem proteção de parentes, velhos que não podem trabalhar, entre outros desprezados pela sociedade. Uma pobreza que se tornara localizada espacialmente e que ameaçava o restante da cidade. Esta perspectiva se aprofunda ainda mais com o advento das ideias e políticas higienistas e dos princípios positivistas, fazendo com que os médicos, engenheiros, políticos e a população que residia nas áreas centrais passassem a olhar a favela como uma epidemia, um lócus da doença física e “moral” (VALLADARES, 2000). E esta característica marcante de qualificação diferenciada dos espaços a partir da classe social a que seus moradores pertencem, estabelecendo um processo de segregação socioespacial nas cidades brasileiras ocorre até hoje (FARIA, 2009).

Assim concepção da favela como uma espécie de subcultura e local de desorganização social, é uma construção realizada inclusive pela ciência social e não é recente (VALLADARES, 2005 *apud* MACHADO; LEITE, 2008). Porém, atualmente ela tem sido associada diretamente com o crime e seus moradores têm sido tomados como cúmplices dos bandos de traficantes. Assim, pelos moradores conviverem no mesmo território que criminosos ocorreriam aproximações de diversas ordens entre ambos, que formaria um tecido social homogêneo, sustentando uma subcultura desviante e perigosa. Neste sentido, estes

moradores aceitariam e banalizariam o uso do recurso à força, e assim legitimariam a “lei do tráfico” em detrimento da “lei do país”, negando os valores e normas intrínsecos à ordem nacional (MACHADO DA SILVA; LEITE, 2008).

Desta forma, a territorialização do tráfico de drogas nas periferias e favelas acabou por agravar as representações sociais que são dispensadas aos moradores destas áreas, que para além da ideia de classes perigosas, agora com a violência criminal considerada como descontrolada, seus moradores passaram a ser vistos como bandidos ou quase bandidos (MACHADO, 2008).

Feltran (2011) expõe que os bairros periféricos, conjuntos habitacionais e principalmente a favela se tornaram no imaginário popular o lugar da barbárie, com altos índices de assassinato de jovens, que cada vez mais são reforçados pelas mídias. Além das reportagens jornalísticas como expomos no princípio deste capítulo, o autor chama a atenção para filmes, séries e até mesmo novelas que reproduzem essa imagem através de narrativas como Cidade de Deus ou Tropa de Elite, reafirmando os ataques das facções criminosas como ameaça efetiva às forças do Estado.

Por isso, movida pelo medo e por essa representação disseminada no senso comum, a população que reside fora destas áreas, acredita que é necessário se isolar dessas “classes perigosas” e a partir desta perspectiva reforçam as primeiras fronteiras existentes na vida desses jovens que são entre “favelas e periferias e o mundo social habitável”²² (FELTRAN, 2011, p.30). Assim, mediante a esse quadro de guerra entre “cidadãos” e “bandidos”, a política não resolveria o problema da periferia, visto que a violência é compreendida como dinâmica interna e de suas relações com a sociedade.

Ao pensar a relação entre as periferias urbanas e o mundo público, numa sociedade muito hierárquica, é preciso imediatamente lidar com uma série de polaridades: o descompasso entre a norma igualitária e a desigualdade social, o paradoxo entre os modos de vida popular e sua figuração pública, a contradição entre a lógica do direito e a repressão da polícia, a distância entre a pretensão normativa de pluralismo e os bloqueios seletivos no acesso à legitimidade pública. Independente do tema específico em questão, nesta relação saltam *divisões* aos olhos do analista. Até por isso, a literatura específica é marcada pelos debates sobre a *exclusão* e a *segregação* das periferias das cidades e seus moradores. Efetivamente, tomada a relação entre sociedade e política na sua dimensão normativa, o que supõe a existência de igualdade individual no acesso ao direito, é bastante claro que algo aparta os indivíduos das periferias do todo social (o que termina por segregar as próprias periferias). O argumento pode ser radicalizado quando

²² Durante a fase exploratória do trabalho de campo, conversando com uma moradora da Tira Gosto, ela expôs que muitas lojas e alguns supermercados não entram para fazer entrega na Tira Gosto, por ser favela e por terem medo do que pode acontecer ali.

se lida com os setores jovens destas periferias, submetidos a índices elevados de encarceramento e homicídio. (FELTRAN, 2011, p.26)

Desta forma, apesar destas representações não corresponderem e nem resumirem a realidade da periferia e nem dos jovens que residem no local, o tráfico modificou a rotina daqueles que residem em suas proximidades, ou em seus territórios de abrangências. O processo de territorialização do mercado de drogas ilegais transformou as sociabilidades locais devido a presença marcante das práticas violentas que acompanham a comercialização da droga. Cabe aqui ressaltar, que o tráfico não é a prática que principia o quadro da violência urbana, pois, existem outras práticas violentas consideradas criminosas que são anteriores ao tráfico e que colaboram para o panorama que se apresenta atualmente. Pois, Misse (2012) expõe que não é possível compreender a violência urbana sem que se perceba o processo de acumulação social da violência, ou seja, a partir de sua construção social e histórica.

Porém, Misse (2012) afirma que ao tráfico de drogas é atribuído uma grande relevância no aumento da violência, depositando nele a responsabilidade principal sobre este fenômeno. Neste sentido, há vários aspectos em torno da comercialização da droga que são considerados como colaboradores neste aumento, seja o suposto efeito das drogas em seus consumidores, seja pelos crimes que jovens pobres cometem para comprar a droga, ou pelos conflitos internos que ocorrem durante o movimento deste mercado. O autor expõe que o mercado varejista de drogas no Brasil se desenvolveu em aglomerações urbanas de baixa renda e incorporou o uso constante da violência como recurso de manutenção dos territórios em que estão instalados os pontos de vendas (bocas de fumo). Assim a extensa territorialização do comércio de drogas nas periferias, dividida entre quadrilhas distintas, é gerida e defendida por traficantes varejistas armados (geralmente armas de fogo), que entram em confronto constante com os policiais, que sempre fazem incursões nesses locais e com as quadrilhas rivais que tentam tomar “o território” do outro.

Território, territorialidade e territorialização

A perspectiva analítica de que o território é um conceito que só pode ser compreendido a partir da noção de poder tem sido discutido e explorado por vários autores, tais como Raffestin (1993), Lopes de Souza (1995), Haesbaert (2004). Por ser uma produção que ocorre devido a todas as relações sociais que estão envolvidas, Raffestin (1993) afirma

que o território se inscreve num campo de poder e é a partir das representações projetadas para aquele espaço que o território vai formando a sua imagem.

Haesbaert (2004) expõe que para além da aceção de “poder político”, o território tem a ver com o poder no sentido de dominação e por sua consequência apropriação. Desta forma, o autor define o território como um continuum que perpassa desde a dominação político-econômica, mais concreta e funcional, até a apropriação que é subjetiva e/ou cultural-simbólica. Porém, ele afirma que esse processo de dominação e apropriação que se estabelece num continuum deve ser compreendido na multiplicidade de suas manifestações, pois, se realiza a partir da multiplicidade de poderes exercidos pelos diversos sujeitos envolvidos.

Assim, Lopes de Souza (1995, p. 87) expõe que os territórios são na verdade a projeção das relações sociais no espaço. Desta forma eles podem “formar-se e dissolver-se, constituir-se ou dissipar-se” de forma relativamente rápida e neste sentido são antes mais instáveis que estáveis. O autor afirma que eles podem ter uma existência regular, mas são periódicos, ou seja, tem um fim, mesmo que o substrato espacial permaneça o mesmo. Pois, a partir desta perspectiva, os espaços concretos são apenas substratos materiais das territorialidades.

Neste sentido, os territórios só podem ser compreendidos como territórios vividos que são frutos da experiência dos atores. Por isso, Di Méo (2008) expõe que os territórios são produzidos na vida cotidiana e neste sentido eles são formados por locais mais virtuais que concretos de nossa experiência, que estão impregnados de rotinas e emoções. Os territórios e lugares são abstratos, pois, o ator os representa a partir da sua imaginação, que é uma mistura de sonhos e informações reais, dispares e fragmentadas, que formam a territorialidade do indivíduo.

A territorialidade, para Haesbaert (2004), possui uma dimensão política, econômica e cultural, a medida que está profundamente ligada a maneira como as pessoas utilizam a terra e assim se organizam no espaço e dão significado ao lugar²³. E é através desta territorialidade, dentro de uma perspectiva de poder, que o homem busca manter o contexto geográfico que o mesmo experimenta e dota de significado, ou seja, a funcionalidade e o aspecto simbólico do território.

²³ “Para Tuan (1983), o lugar é marcado por três palavras-chave: percepção, experiência e valores. Os lugares guardam e são núcleos de valor, por isso eles podem ser totalmente apreendidos através de uma experiência total englobando relações íntimas, próprias (*insider*) e relações externas (*outsider*). O autor supracitado distingue espaço e lugar: enquanto o espaço pode transformar-se em lugar, na medida em que se atribui a ele valor e significação; o lugar não pode ser compreendido sem ser ‘experenciado’.” (MOREIRA, HESPANHOL, 2007, p. 51)

Cabe ressaltar que um mesmo território possui mais de um ator, que age de acordo com suas próprias representações e objetivos dentro daquele espaço. Conseqüentemente estes atores estabelecem relações no intuito de assegurar funções, influenciar, controlar, interditar, permitir, distanciar e aproximar, ou seja, eles agem e assim criam redes. Esta rede se forma a partir da tentativa de assegurar a comunicação entre aqueles que a compõe. Porém, a mesma é formada de disjunções (representações e ações que divergem) e neste sentido, assim como ela pode assegurar a comunicação, ela pode impedir com o intuito de assegurar a proposta dominante (RAFFESTIN, 1993). Porque

Em graus diversos, em momentos diferentes e em lugares variados, somos todos atores sintagmáticos que produzem “territórios”. Essa produção de território se inscreve perfeitamente no campo do poder de nossa problemática relacional. Todos nós combinamos energia e informação que estruturamos em códigos em função de certos objetivos. Todos nós elaboramos diversas relações de poder. (RAFFESTIN, 1993, p. 9)

Dentro desta perspectiva, a territorialização ocorre devido ao fato de toda relação social implicar uma interação territorial, pois o homem é um animal político, social, mas também territorializador. Porém, partindo de um nível individual ou de um pequeno grupo as interações sociais e assim sendo as territoriais ocorrem no entrecruzamento de diferentes territórios. Assim, o homem experimenta vários territórios ao mesmo tempo formando uma múltipla territorialização, vivendo uma multiterritorialidade a partir das suas muitas relações sociais territorializadas (HAESBAERT, 2007).

Assim, o homem se territorializa com o intuito de atingir quatro fins principais de acordo com Haesbaert (2004, s/p): “abrigo físico, fonte de recursos materiais ou meio de produção; identificação ou simbolização de referenciais espaciais (fronteiras); disciplinarização ou controle através do espaço; construção e controle de conexões e rede” – o que significa o controle de fluxos de pessoas, mercadorias e informações.

A territorialização do tráfico de drogas ocorre na expectativa de atingir os mesmos fins. Por ser um mercado ilegal cria mecanismos próprios para disciplinar e controlar o espaço e construir redes que garantam a segurança do território onde ele se estabelece. Para isto, possui fronteiras demarcadas por referenciais espaciais (que podem ser pichações, ou mesmo um poste de rua, entre outros). Assim, diante da constante ameaça sobre seu território de venda, um dos recursos já explicitados no tópico anterior é a força. Assim sendo o território se aproxima do sentido epistemológico apontado por Haesbaert (2004) de *terreo-territor* (terror, aterrorizar), pois, é constantemente vigiada, ou seja, estabelece um processo de dominação

pelo medo regulando e até mesmo impedindo o fluxo das pessoas naquele espaço. Porém, este não é o único recurso de manutenção de sua territorialidade, pois, seus mecanismos de territorialização e suas consequências são complexos.

Territorialização do tráfico de drogas: considerações a respeito do comércio, da violência e da política.

O tráfico de drogas é, acima de qualquer outra definição, uma prática comercial, onde ocorre a circulação de dinheiro e drogas em um determinado território (TEIXEIRA, 2013). Porém, devido ao fato das drogas comercializadas serem mercadorias criminalizadas, ele ocorre na clandestinidade, ou seja, não está sujeito ao controle e/ou proteção do Estado (GRILLO, 2008). Assim os territórios onde ocorre esta prática ficam sujeitos a intervenções violentas por parte da polícia e de outros grupos que desejam desarticula-la, pondo em risco toda a organização daquele “movimento” e daqueles que não participam do comércio de drogas, mas vivem no território do tráfico.

Ele ocupa um território: seus executivos, seus administradores, seus vendedores e seus vigilantes circulam armados pelas ruas, sentem-se responsáveis pela manutenção da ordem local – da qual depende o bom andamento de seus negócios –, recebem demandas e reclamações de alguns moradores e de alguns clientes, negociam mercadorias políticas com a polícia – a mesma com a qual, vez ou outra, entram em confronto –, pensam em expandir os limites de seus negócios a outros territórios e, precavidos, sentem-se também responsáveis pela defesa da “comunidade” em relação às investidas das facções rivais e das milícias, que representam a concorrência mais recente. Essa é uma visão panorâmica das principais características da rotina criminosa que o movimento permite. (TEIXEIRA, 2013, p. 62)

Desta forma, o caráter territorial do comércio ilegal exige dos traficantes uma preocupação constante com a gestão do cotidiano no território onde ocorrem as práticas criminosas ligadas a ele (TEIXEIRA, 2013). Assim, mediante a esta constante ameaça ao poder “conquistado”, mais que instituído visto a instabilidade que o caracteriza, o “movimento” desenvolveu estratégias violentas para que regular os mercados ilegais, principalmente devido a circulação do capital econômico (GRILLO, 2008).

Misse (2010) atribui à territorialização do tráfico de drogas ilícitas a acumulação da violência nas favelas, pois, foi a partir do momento em que o “movimento” passou a operar com jovens pobres, os submetendo a um sistema de consignação de vendas e ao chefe do tráfico, ao qual o autor identificou como chefe da quadrilha, que este mercado passou a contribuir nesta acumulação. Afinal, os grupos que estabelecem este comércio possuem uma

divisão bem hierarquizada, possuindo um chefe que comanda e organiza as atividades, assim como uma firma.

Mediante a estas características identificadas em diversas pesquisas e estudos sobre o tema, nos valeremos da abordagem realizada por Teixeira (2013) como ponto de partida para análise dos relatos obtidos nesta pesquisa. O autor expõe que existem, pelo menos, três dimensões sociológicas distintas na rotina do “movimento” do tráfico de drogas que são: o comércio, a guerra e a política. Teixeira (2013) afirma que compreender este comércio para além da ótica da guerra e da violência, que é o que se sobrepõe à outras características devido suas graves consequências, é importante para perceber os meandros dos valores que conduzem a “vida no crime”.

O primeiro aspecto como já abordamos acima é o do comércio que possui cargos hierarquizados como uma empresa. Assim, Teixeira (2013) expõe que há a comercialização da mercadoria pelo atacadista que ao abastecer os pontos possibilita a venda no varejo que ocorre mediante a uma administração. Começando pelo proprietário do capital que é o “patrão”, o “movimento” possui: administrador dos negócios – “gerente”; vigilante da boca – o “soldado”; o vendedor - “vapor” e o embalador – “endolador”. Categorias que também foram identificadas nesta pesquisa e que estarão expostas no segundo e terceiro capítulo deste trabalho. O autor explica que ainda há em alguns casos uma preocupação com o marketing, por isso, os traficantes imprimem algumas marcas e nomes específicos para identificar e diferenciar a droga que estão comercializando das outras.

Desta forma, os traficantes demonstram encarar o comércio de drogas como um trabalho. E as características entre os trabalhadores do mercado lícito e do ilícito se assemelham em muitas instâncias. Porém, há uma importante distinção entre eles, além do aspecto criminal daqueles que trabalham no tráfico, que é a forma como eles experimentam a ocupação. Os traficantes não acumulam o dinheiro que ganham no crime, pois, gastam com roupas, veículos (principalmente motos), festas, mulheres²⁴, joias, entre outros. Ao contrário da ética protestante exposta por Weber (2004), em que o trabalhador busca acumular dinheiro e mantém uma postura de “cara certinho”, sem vícios e mantendo relações sexuais com uma

²⁴ O tráfico de drogas é uma atividade reconhecidamente masculina e que tem muito claramente demarcado a questão de gênero. Neste sentido, o espaço do poder no tráfico pertence ao homem, sendo a mulher subordinada a ele quando exerce alguma função neste mercado. Se quando a mesmas apenas trabalham sofrem com essa subordinação, quando se envolvem amorosamente com os traficantes esta relação se torna ainda mais opressora. Barcinski (2009, p. 1851) expõe que “nesse caso, o comportamento dessas ‘mulheres de bandido’ é restringido pela posição subordinada que ocupam na relação com bandidos. Portanto, gênero é central na forma como as participantes constroem a participação delas e de outras mulheres no tráfico de drogas. A opressão e a submissão aos homens caracterizam o envolvimento de mulheres na atividade, independente de tal envolvimento ter sido o resultado de uma decisão deliberada ou a consequência da relação amorosa com homens criminosos”.

única mulher, eles trabalham no tráfico, mas dentro desta lógica não são trabalhadores (TEIXEIRA, 2013).

Apesar desta diferença no modo compreender o trabalho estabelecido neste comércio, o tráfico de drogas também tem por objetivo o lucro, neste sentido há o cálculo de despesas, receitas e lucros, assim como há o capital fixo, variável e humano. Assim, mesmo sendo ilegal, pode-se identificar que o “movimento” possui uma racionalidade econômica que está presente em todo empreendimento capitalista. Neste sentido, o “movimento” faz ajustes de acordo com as características do mercado onde está inserido, ou seja, se adequa a demanda e oferta do local (TEIXEIRA, 2013). Por isso, ele não é homogêneo adquirindo suas especificidades nos distintos “movimentos” que existem.

Barbosa (2008) corrobora e reafirma esta análise afirmando que não existe uma rede única, onde um grupo interligado comanda e articula todos os movimentos existentes em diversas cidades do país. Ou seja, ao contrário do que geralmente é exposto pela mídia não existe “O Tráfico de Drogas” e sim diversos “movimentos” que se adaptam e se modificam de acordo com o contexto local em que está inserido. O autor explica que ao comparar diversos contextos brasileiros de varejistas de drogas – nas capitais ou cidades médias ou pequenas do país - a nível local podemos perceber nítidas diferenciações no que tange preços, mecanismos de negociação (com as forças policiais), com diferentes drogas e seus usos, com valores particulares associados ao uso e ao comércio. Ou seja, para cada caso há uma específica estruturação das atividades, tanto no que diz respeito ao varejo, quanto às linhas atacadistas. Ele afirma que dentro da própria cidade pode haver diferenças significativas entre as regiões, assim como este trabalho demonstra no segundo capítulo.

E apesar das diferenças entre “movimentos” estabelecidos em várias cidades, a segunda característica está presente nos diversos estudos sobre o tema que é a violência. Teixeira (2013) afirma que este é o aspecto da “guerra” e utiliza as ideias de Clastres (2004) que analisava “sociedades primitivas” para esclarecer este ponto e expôs que “a guerra é um dispositivo que permite equilibrar as tensões entre o coletivo e o individual, entre submissão e a autonomia política, entre o nós e o eu, entre o múltiplo e o um” (TEIXEIRA, p. 72, 2013). Desta forma, o autor expõe que a “guerra” tem por intuito a manutenção do funcionamento da coletividade, que corresponde a facção e a “sua comunidade”. Esta manutenção proporciona a permanência da autonomia, que é a possibilidade de não se submeter nem a polícia (que representa o Estado), nem a milícia ou a outras quadrilhas/facções rivais.

Assim, na “guerra” há pelo menos dois grandes inimigos a serem combatidos: as “firmas” rivais, que tentam expandir os limites de seus negócios ocupando territórios alheios (e aqui se localizam tanto as demais facções criminosas quanto as milícias), e a polícia, quando age no sentido de reprimir o comércio ilegal das drogas, invadindo as favelas, apreendendo armas e mercadorias e matando bandidos. Todavia, a polícia não é apenas inimiga. Ela também pode ser parceira da “firma”: às vezes desejável, quando fornece equipamentos: vendendo ou alugando armas e outros equipamentos, como veículos blindados; e noutras indesejável, mas necessária: ao receberem “arregos” dos bandidos, quando os extorquem mediante sequestro ou quando realizam acordos financeiros diante de eventuais prisões. (TEIXEIRA, 2013, p. 72)

Os enfrentamentos dessa “guerra” tem como consequência o homicídio de muitos jovens que estão em meio a esses embates. Teixeira (2013) expõe que na “guerra” os inimigos são seres matáveis, pois, se presume que para alcançar seus objetivos serão capazes de matar, caso seja preciso. Ou seja, ocorre uma antecipação da violência, devido à própria representação do conflito. Além disso, o autor explica que a compreensão dos inimigos como matáveis também perpassa a representação dos próprios, que são vistos como “vacilões”.²⁵ Assim, eles são visto como moralmente inferiores, pois, não seguem a ética do crime e por isso não merecem piedade. Os bandidos de facções rivais são vistos como desleais, desonestos e desonrados, condescendentes com outros vacilões (ladrões, estupradores, etc); quanto aos milicianos são acusados por explorar os moradores economicamente; enquanto os policiais são considerados “bandidos fardados”, pois não respeitam nem os princípios aos quais eles dizem servir. Neste sentido, eles alimentam um ódio muitas vezes irrefletido pelo inimigo.

Porém, não são apenas os inimigos que na “guerra” são vistos como “vacilões”, dentro da própria facção podem ocorrer “vacilos” e conseqüentemente, dependendo do caso, levarão a punições. Teixeira (2013) explica que existem dois tipos de “vacilações” na guerra, que é os que praticam o abandono e a traição. Durante os enfrentamentos armados entre facção e seus inimigos (seja, outra facção, polícia ou milícia) é que os bandidos têm a oportunidade de demonstrar sua “disposição”, ou seja, provar que é um bom bandido, um “sujeito-homem” que honra com seus compromissos. Assim, o bandido ganha boa reputação quando permanece até o fim nos enfrentamentos, caso o contrário ele se torna um “vacilão”, pois abandona os

²⁵ Enquanto assistente social do Programa Profissionaliz-arte realizamos um grupo focal com os adolescentes que cumpriam medida socioeducativa. Em meio aos diversos debates que emergiram durante a reunião, que como na maioria das ocasiões só tinha a presença dos “meninos” da facção T.C.P., surgiu o assunto da rivalidade de facções em Campos dos Goytacazes. Buscando mostrar outras perspectivas para levar a reflexão dos mesmos, questionamos em que eles eram tão diferentes ou piores que eles, vistos que passam pelas mesmas dificuldades e pensavam da mesma forma a respeito da vida e do tráfico. Foi então que responderam: “Pô, Carol! Eles são tudo vacilão! Só pegam o sujeito na covardia! Um bando de vacilão... Um bando de covarde...”

outros em má situação. Neste sentido ele sofre sanções, chegando a serem mortos por isso, de acordo com o autor.

No entanto, a traição é considerada muito pior dentro da facção e rebaixa aquele que a cometeu em inimigo, tornando-o matável. O autor ressalta que o X-9 relata informações importantes ao inimigo, deixando a facção vulnerável. E afirma que ocorre principalmente entre bandidos e policiais, pois, o “X-9” oferece informações em troca de dinheiro. Porém, aquele que foi delatado durante a traição, recebe uma oportunidade de dobrar a oferta junto aos policiais, saindo livre e descobrindo quem o traiu. Desta forma, ele retorna e mata brutalmente o traidor.

Neste trabalho, consideramos a categoria “vacilão”/traidor mais abrangente. A traição neste sentido, a partir do que identificamos no trabalho de campo e até mesmo durante nossa experiência profissional, se refere também quando ao ser preso, o bandido delata o lugar onde estão as drogas, dando prejuízo financeiro a facção; a tentativa de subir de posto dentro da facção derrubando o outro, pois, quando o investimento da errado, aquele que foi alvo da traição aplica sanções ao traidor, levando até a morte; o envolvimento com a mulher do outro, como veremos no segundo capítulo, tem peso de traição e marca a história do tráfico em Campos dos Goytacazes.

A territorialização do tráfico nas periferias e a influência desse comércio e suas características violentas na vida dos moradores é evidente e ponto concordante entre os autores (MACHADO, 2008; LEITE, 2008; MISSE, 2011; TEIXEIRA, 2013; GRILLO, 2008; FARIAS, 2008). Porém, a intensidade com que tem influenciado a vida dos moradores e como é a relação mantida entre os mesmos e os traficantes não é consenso entre eles e as pesquisas e análises têm apontado algumas discordâncias nesta questão.

Para Machado da Silva (2008) a vida no cotidiano das favelas é profundamente afetada pelo controle armado dos pontos de vendas de drogas e conseqüentemente aumento das incursões policiais, além do surgimento das milícias. Assim os conflitos armados têm alterado e até interrompido a rotina, a circulação dos moradores destes locais. Afinal os traficantes tem uma vida diferente dos moradores comuns, que é autônoma e que submete os demais a uma ordem social específica que o autor chama de sociabilidade violenta.

Na “sociabilidade violenta”, as ações são coordenadas quase exclusivamente por referência a escalas de força física (e a suas extensões: armas etc). Os atores não compartilham valores comuns que poderiam regular o uso de violência na realização de seus desejos, limitando-a, assim, à consideração dos atores da “sociabilidade violenta” é a capacidade de resistência do que (outros seres humanos ou coisas) estiver impedindo a realização de seus

desejos imediatos. Na “sociabilidade violenta”, quem tem mais força usa os outros, assim como artefatos (armas etc.), para impor sua vontade, sem considerar princípios éticos, deveres morais, afetos etc. (MACHADO DA SILVA, 2008, p. 21)

Desta forma, de acordo com o autor, os moradores das favelas são obrigados a compartilhar o mesmo território que os traficantes e se submeter a eles apesar de seguirem os padrões culturais e as regras institucionais dominantes, sendo assim duplamente dominados. Eles tentam o quanto podem manter a ordem dentro da ordem dominante, mas muitas vezes são impedidos pelos conflitos. Além disso, o próprio receio de infringir de alguma maneira o domínio dos traficantes faz com que tenham medo e desconfiança, alterando a forma como agem, circulam e se relacionam (MACHADO DA SILVA, 2008).

Neste sentido, em buscar de resguardar a própria vida, Machado (2008) afirma que os moradores buscam antecipar o que poderia causar uma sanção violenta e neste sentido, tentam compreender quais seriam as “regras” que vigoram entre os traficantes daquele momento. O autor expõe que não existem as “leis do tráfico” como muitos pesquisadores tem exposto e interpretado. Assim, ele afirma que para manter o controle sobre os territórios, os traficantes enriqueceram o repertório de simbologias que tem o papel de criar fronteiras simbólicas estendendo ainda mais a submissão dos moradores, para além da capacidade material de impor obediência.

Assim, Machado e Leite (2008) fazem uma crítica a esta perspectiva analítica de haver possibilidade de relações de aproximação com os traficantes de ordens diversas, quer seja de vizinhança, de parentesco, econômicas, ou sobre a política, já que neste sentido os moradores se tornariam cúmplices desses bandos, além de tornar o tecido social homogêneo sustentando uma subcultura desviante e perigosa. Os autores expõe que as pesquisas apontam que os moradores mesmo que parentes daqueles que se envolveram com o tráfico, não aprovam e nem concordam com tal prática.

De maneira oposta, Teixeira (2013) afirma que seria impossível o tráfico se sustentar sem que haja uma “boa relação” com os moradores do território ocupado pelo tráfico. A partir do momento em que estão convivendo no mesmo território, os moradores sabem identificar a rotina do tráfico de drogas em sua localidade, sabendo, por exemplo, onde os mesmos escondem as armas e as drogas. Por isso o autor acolhe a perspectiva analítica de Lyra (2013) e Misse (1999), que expõe que “a relação com os demais moradores é marcada por trocas e reciprocidade e não só por coação e violência” (TEIXEIRA, 2013, p. 74). E é neste sentido

que o autor expõe a última dimensão sociológica do “movimento” identificada por ele que é a política.

Penso-a não no seu sentido mais literal nas ciências sociais, como relação de poder; de modo diferente, mobilizo-a como uma forma específica de se relacionar com os outros. Tomado na sua concepção foucaultiana, apenas para dar um exemplo, não há nenhuma dimensão da vida social que não seja política. E não creio que Foucault esteja equivocado. No entanto, na presente análise, a dimensão sociológica da política representa as relações sociais que são estabelecidas com aqueles que não fazem parte do *movimento*, mas que com ele convivemos obrigatoriamente. Dado o exposto, não é possível que os bandidos se relacionem com os moradores exatamente do mesmo modo como se relacionam entre si ou com seus inimigos. Com aqueles com quem se convive, mas que não partilham da mesma vida, é preciso “ser político” num duplo sentido: para não ser injusto e para não ser injustiçado. O *movimento* possui uma série de vulnerabilidades – que os moradores conhecem bem. Portanto, a relação com eles precisa ser diplomática, cuidadosa; política, nesse sentido específico tão brasileiro. (TEIXEIRA, 2013, p. 75)

Assim, o autor descreve que os traficantes buscam conhecer e contribuir com os moradores da favela, principalmente se o traficante for “cria da área”, pois, se sentem responsáveis pela manutenção da ordem local, onde estão não apenas os bandidos, mas seus conhecidos, família e seus amigos, ou seja, pessoas pelas quais eles prezam o bem-estar. Desta forma, os traficantes mantêm uma relação diferenciada com os moradores e neste sentido nem sempre é por puro interesse de negócio, mas porque realmente se importam. Teixeira (2013) expõe que muitos bandidos separam parte do lucro do tráfico para repassar a família com o intuito de “deixar a família bem”.

Por isso, Teixeira (2013) compara esta prática política do “movimento” com as práticas políticas descritas por Faoro (1977), Leal (1976), Queiroz (1957), afirmando que apresentam as mesmas nuances da vida política brasileira. Ou seja, apresentam práticas populistas, coronelistas e patrimonialistas nas favelas e periferias. Assim, mediante a esta postura, que visa o bem estar da “comunidade”, os traficantes se tornam “donos do morro” e realizam eventos musicais, campeonatos de futebol, atendem as reclamações e pedidos etc. É neste sentido, que não são aceitos estupradores, roubos de moradores da própria favela, pois, estes “vacilos” prejudicam mais os moradores que o próprio tráfico. Além disso, eles perturbam o sossego da área e ferem a moral compartilhada.

A partir desta perspectiva, o autor demonstra que “o mundo do crime”²⁶ produz situações diversas o suficiente para complexificar bastante os significados atribuídos à quantidade massiva de mortes que nele ocorrem cotidianamente” (TEIXEIRA, 2013, p. 77). Neste sentido ele explica que o homicídio ganha contornos morais e que estes são específicos em cada dimensão sociológicas da “vida no crime”. Assim, ele defende que a “disposição para matar”, característica atribuída ao bandido em sua construção social, pura e simplesmente não dá conta de captar a pluralidade de significados atribuídos a prática de homicídios e outras violências físicas que surgem a partir das situações produzidas no “mundo do crime”.

No “mundo do crime” há valores e regras de convívio, mas obviamente, como em qualquer canto da vida social, também há desvios, rótulos e estigmas; e é na relação entre essas duas pontas da vida que podemos compreender os significados da violência que torna o “mundo do crime” algo tão estranho a nós. (TEIXEIRA, 2013, p. 77)

A complexidade das consequências do tráfico de drogas territorializado nas periferias e das relações estabelecidas entre moradores destes lugares e os traficantes é evidente. Assim, o que percebemos é que as perspectivas analíticas se aproximam de uma compreensão, mas que não explicam todas suas nuances. Neste sentido, estamos em concordância com Barbosa (2008) que afirma não ser possível observar exatamente as mesmas características no tráfico de drogas das diversas cidades brasileiras. Por isso estas duas perspectivas que foram elaborados a partir de pesquisas realizadas na cidade do Rio de Janeiro nos ajudam a compor a análise dos relatos descritos neste trabalho e que são importantes para compreender como os jovens que moram na periferia entendem a influência do tráfico em sua vida, nas circulações e práticas sociais em Campos dos Goytacazes.

Percepções juvenis em relação ao tráfico de drogas: apontamentos sobre circulações, práticas sociais e perspectivas

As representações dos jovens de periferia, compreendidas como um constante movimento de formação e transformação entre o meio social, a consciência moral e o pensamento lógico, são o ponto de partida de análise deste trabalho. Anteriormente

²⁶ Teixeira (2013) utiliza a representação do “mundo do crime” como “engajamento pleno numa atividade criminosa, associada a uma dinâmica de violência, que se desenrola em um território específico”. (TEIXEIRA, 2013, p. 52)

apresentamos as perspectivas e representações a respeito do jovem a partir do senso comum compartilhado na sociedade, principalmente entre aqueles que não habitam nas favelas e periferias da cidade. A partir deste item traremos as percepções e representações dos jovens a respeito da vida e do tráfico no contexto urbano, a partir da perspectiva de alguns autores.

Novaes (2006) expõe que em várias pesquisas os jovens apontam como os dois maiores problemas do país: o “desemprego” e a “violência”. Desta forma, a autora destaca que essas respostas possibilitam uma compreensão maior do que pensam e como vivem os jovens de hoje. Principalmente quando acrescido do destaque explicitado pelos jovens ao “medo da morte” e ao “medo do futuro”, sendo o primeiro relativo ao panorama violento que vem rondando a vida dos jovens (apresentado neste capítulo) e o segundo referente ao sentimento “de uma geração que se defronta com um mercado de trabalho restritivo e mutante” (NOVAES, 2006, 107).

Assim o “medo de futuro” descrito pelos jovens, de acordo com Novaes (2006), corresponde a dificuldade de inserção no mercado de trabalho, sendo neste caso o sinônimo do “medo de sobrar”. Assim, ela explica que eles têm o temor de não estudar e não conseguir emprego; de estudar e ainda assim não se inserir no mercado de trabalho; ou até mesmo de conseguir trabalhar, mas não conseguir manter; ou seja, desemprego é onipresente no discurso dos jovens. A autora prossegue dizendo que os mesmos compreendem que estudar e ter uma formação não garante mais a inserção no mercado de trabalho. E neste sentido, não apenas os jovens pobres demonstram temer o futuro, mas àqueles que pertencem a outras classes sociais (salvaguardando a diferença de expectativas) (NOVAES, 2006).

O “medo da morte” exprime as características da insegura vida urbana, principalmente nas metrópoles e cidades de médio porte. Novaes (2006) explica que mesmo que o jovem não tenha sido diretamente atingido pela violência, ela está presente no imaginário socialmente construído. Por isso, se tornou um marco geracional importante, sendo comum o discurso de temor da morte prematura entre a juventude atual. Assim, ao realizar pesquisa na cidade do Rio de Janeiro, a autora expõe que os jovens apresentaram ter “‘medo de bala perdida’, ‘da polícia’, ‘do aumento da violência’, ‘do tráfico de drogas dominar tudo’, ‘de ser preso sem motivo’, ‘de ser violentada’, ‘de tiro’, ‘de ser enterrada viva’, ‘de violência e injustiça’” (NOVAES, 2006, p. 107).

Esta geração teme a morte e convive com a morte prematura de seus pares. Nesse sentido, não deixa de ser também um paradoxo historicamente inédito: na geração em que se alarga, cronologicamente, o “tempo de ser jovem” em relação às gerações anteriores da mesma sociedade moderna, amplia-se a expectativa de vida da população em geral, e, ao mesmo tempo, também se

generaliza um sentimento de vulnerabilidade dos jovens frente à morte. (NOVAES, 2006, p. 107)

Este medo e até mesmo o número de experiências violentas vivenciadas se aprofunda quando se tratam de jovens de periferia (NOVAES, 2007), como já afirmamos no princípio deste capítulo. Principalmente, em um momento histórico onde o tráfico de drogas se transformou em uma rede complexa e violenta que se territorializou nestas áreas como vimos no item anterior. Farias (2008) expõe que os jovens tendem sofrer a “asfixia” das rotinas violentas e aceitar as fronteiras e “leis” (referências concretas e simbologias que fazem alusão as facções) que o tráfico impõe na vida e circulação com mais rigor devido ao medo das sanções de que podem ser alvo.

Neste sentido, a autora explica que adultos e agentes comunitários costumam expor em sua fala uma flexibilidade maior sobre as leis do tráfico e as fronteiras, fato que raramente acontece com jovens até os vinte poucos anos (FARIAS, 2008). Em alguns relatos analisados por Farias (2008) se torna explícito o medo que os jovens carregam, apesar de muitas vezes os receios de retaliações não se confirmarem. Ao serem questionados pela pesquisadora sobre a punição que receberiam caso infligissem alguma dessas regras, eles não conseguiram afirmar como seria.

O desafio que se apresenta aos moradores mais jovens, portanto, tem sido conseguir administrar suas rotinas apesar dessa extensão imaterial e subjetiva das chamadas ‘regras do tráfico’ que as leva muito além da proximidade física dos agentes concretos. Apesar de os jovens afirmarem que dominam os códigos de conduta incontornáveis impostos pelos traficantes, é recorrente nos relatos uma certa indefinição em relação ao que pode acontecer caso eles não sejam obedecidos. Tanto que, mesmo quando eles próprios afirmam que não existe uma regra que proíba explicitamente determinada conduta, sentem um medo difuso e se auto-impõem restrições pela simples expectativa de retaliação potencial. Isto, é evidente, torna virtualmente universal a presença das regras do tráfico, mesmo sem o apoio de qualquer dispositivo concreto de ‘garantia externa’. (FARIAS, 2008, p. 184)

Assim, Farias (2008) esclarece que os moradores se tornam obrigados a seguir as regras dessas facções. Esta presença virtual das ameaças impede que os mesmos visitem familiares que estão em territórios rivais, por exemplo. A proibição de roubar; usar armas sem ser a trabalho para facção; bater ou violentar uma mulher dentro dos limites da favela são o que a autora chama de “leis gerais do tráfico de drogas”, o que também é denominado de

“mandamentos da favela” pelos moradores. E as punições estabelecidas para aqueles que as descumprem variam entre espancamento, expulsão da favela, entre outras, até a morte.

Porém, a autora afirma que essas leis começaram a sofrer algumas adaptações e variações de acordo com a especificidade da facção. Assim como surgiram novas punições para transgressões destas regras. Alguns exemplos citados pela autora são a associação da cor vermelha ao Comando Vermelho nas favelas do Rio de Janeiro, que limitaria o uso da cor nos espaços que são de facções rivais; a escolha das marcas das roupas, tendo cada facção predileção por uma marca, fazendo com que os jovens não a usem fora do território de domínio por medo de serem associados ao tráfico e a determinada facção²⁷ (FARIAS, 2008).

Além disso, vale ressaltar o toque de recolher imposto nas favelas, onde os moradores devem se retirar para suas residências. Isto limita o horário de circulação e a possibilidade de realizar determinadas atividades. Farias (2008) relata que os moradores descrevem que sofreram agressões verbais e ameaças ao desobedecerem esta “regra”.

Desta forma, os jovens acabam por se submetem as essas regras e antecipadamente naturalizando e amplificando a dominação das facções. A autora explica que não há como afirmar que existe um padrão de regras em todas as facções, assim como, não se pode afirmar que o medo das retaliações, ou a “neurose” que se estabelece irá se concretizar. E é exatamente esta falta de padrão no que diz respeito a reação do traficante nas diversas facções que faz com que se estabeleça a “asfixia”.

Ainda no que se refere à circulação, a segmentação das facções criminosas acirram as disputas que aumentam a violência nestes territórios e dificultam ou mesmo impossibilitam o trânsito entre territórios de bandos diferentes. Apesar dos limites e fronteiras nas favelas serem muito bem definidos para seus moradores, os mesmos não são perceptíveis da mesma maneira para alguém que vem “de fora”, esclarece Farias (2008). De acordo com a autora é fundamental para os moradores saber identificar as fronteiras e se manter sempre atualizado sobre as trocas de comandos de facções criminosas, pois, é a partir desta rotina que os mesmos organizam suas rotinas e seus trajetos. Afinal, um engano pode ser fatal, como Farias (2008) descreve através de um relato de uma entrevistada: entrar na escada errada e perguntar pra pessoa errada, pode levá-los a “ficar no caminho”.

²⁷ “Entretanto, gostaria de chamar atenção para: 1) uma espécie de enriquecimento do repertório de simbologias do tráfico de drogas no Rio de Janeiro; e 2) o impacto desses processos nas rotinas dos moradores mais jovens das favelas cariocas.” (FARIAS, p. 179, 2008)

Saber localizar as fronteiras não impede que alguns moradores as cruzem, embora isso não signifique que as demarcações sejam ignoradas. Pude ouvir depoimentos muito similares de agentes comunitárias e agentes de saúde, por exemplo, que afirmam transitar por favelas “dominadas” por facções rivais à da favela onde moram. Na grande maioria desses comentários, a possibilidade de circular entre elas é explicada em função da atividade profissional que estão exercendo. Alguns relatos sugerem que a pessoa não percorre o trajeto despreocupadamente, outros indicam que para alguns moradores é possível transitar por diferentes favelas com um mínimo de segurança. (FARIAS, p. 180, 2008)

Por isso, Mattos (2014) reafirma que a “neurose”, exposta por Farias (2008) se transforma em um “dispositivo fantasma”. Desta forma, a autora expõe que mediante a estes dispositivos ocorria a “expansão das fronteiras do crime” acionado por Feltran (2006), pois a mesma articulada a um processo de intensa “criminalização” ou “figuração naturalizada do crime”, transforma o morador de “um lado” em um suspeito, principalmente se o mesmo for jovem e do sexo masculino. Estas disputas territoriais sempre houveram desde a década de 80 nas periferias, no entanto, o aspecto da “guerra” se agrava devido aos novos arranjos faccionais como prática criminal e como matriz discursiva que expande as fronteiras do crime (FELTRAN, 2006 *apud* MATTOS, 2014).

Assim, se a segregação socioespacial das periferias é a primeira fronteira que se impõe a rotina dos jovens que residem nas mesmas, as divisões territoriais entre as facções rivais e as “regras” impostas pelo tráfico de drogas se tornam a segunda. A cidade se torna uma sequência de “territórios descontínuos” (LOPES DE SOUZA, 1995), onde a circulação dos jovens se torna limitada (circunscrita) aos bairros periféricos ou favelas onde a facção rival (àquela que está no seu local de moradia) está territorializada.

Diante das limitações de circulação e da discriminação sofrida devido ao local de moradia e todas as representações que ele carrega, o jovem de periferia tem suas práticas sociais moldadas e assim também são limitadas. A dificuldade de acesso as políticas e conseqüentemente a diminuição da possibilidade de exercer os direitos atinge em maior proporção estes jovens do que àqueles que residem em outras áreas urbanas.

Neste sentido, ocorre uma identificação de regiões morais na cidade onde seus moradores sofrem um processo de incriminação, acionado pelos sentidos do justo que acabam por preservar ou reforçar as áreas segregadas do município. A partir do momento em que a cidadania passa a debater a mensuração de menor ou maior grau de dignidade das pessoas para integrar a humanidade comum, passa-se a naturalizar a segregação urbana como ordem moral da cidade, onde os moradores de regiões morais dos territórios da pobreza são a todo o momento desqualificados (FREIRE, 2014).

Freire (2014) prossegue afirmando que há um processo de fragmentação da cidadania, também chamado por Lautier (*apud* FREIRE, 2014) de cidadania de geometria variável, ou seja, em determinadas áreas da cidade há um abandono das noções de cidadania, havendo um processo de gradação da mesma de acordo com a desqualificação do estado de humanidade da população do território em questão. Esta qualificação ou desqualificação são estabelecidas de acordo com a análise das situações da vida cotidiana que problematizam a segurança em um círculo fechado e acabam por categorizar os cidadãos de acordo com o contexto. Desta forma ocorre nas áreas periféricas um “regime de ação de “degradação da humanidade” (FREIRE, 2010), resultante do reconhecimento situado de uma das várias hierarquias de poder que fundamentam a cidadania de geometria variável” (FREIRE, 2014, p. 91).

Pois cabe ressaltar que os direitos que constituem a vida urbana só se estabelecem realmente quando passam a ser exercidos e praticados, pois, não basta que eles estejam descritos nas leis, eles necessitam ser transformados em prática, a partir da apropriação da cidade por parte daqueles que a constituem (LEFEBVRE, 1976). Ao analisar o recém-promulgado Estatuto da Juventude – Lei nº 12.852 de agosto de 2013 – reafirmamos, visto que não é nenhuma novidade, o quanto está distante a possibilidade dos jovens exercerem seus direitos sociais.

O Estatuto da Juventude prevê em seus princípios a promoção da autonomia e emancipação do jovem, o reconhecendo como sujeito de direitos universais, geracionais e singulares. Por isso, se propõe a garantir a promoção do bem-estar, da experimentação e do desenvolvimento integral do mesmo através de uma vida segura, uma cultura de paz e solidariedade e de não discriminação. Para que tal proposta se materialize as diretrizes gerais expõem que os agentes públicos e privados que atuam com as políticas públicas devem garantir meios e equipamentos públicos que promovam o acesso à produção cultural, à prática esportiva, à mobilidade territorial e à fruição do tempo livre.

No entanto, como vimos estes princípios não correspondem a descrição e análise feita nos estudos referente aos jovens brasileiros, principalmente àqueles que pertencem as periferias das diversas cidades. Com este apontamento não se pretende realizar uma denúncia sobre o Estado e as políticas públicas atualmente implementadas neste âmbito, visto que, este trabalho não se dedica a avaliação das políticas para juventude. Assim, os princípios acima postos tem por objetivo nortear as análises das representações dos jovens descritas nos próximos capítulos, compreendendo que o Estatuto expõe os direitos sociais considerados necessários para que se estabeleça uma vida digna.

O direito a cidade

Cabe ressaltar que os direitos não são literalmente cumpridos (ou mesmo possíveis de cumprir) como está descrito na sua acepção jurídica, mas eles assim são descritos para que se possa constantemente retomá-los ou consultá-los no intuito de redefinir a situação da sociedade (LEFEBVRE, 1976 *apud* ARRUDA, 2014). Neste sentido, a conquista dos direitos está inscrita na busca pelos interesses comuns. O Estatuto da Juventude vem reafirmar que é imprescindível se estabelecer políticas que busquem garantir as necessidades sociais dos jovens mediante ao panorama que tem se apresentado na cidade e que está explícito neste capítulo. E o mesmo é uma lei que ratifica os direitos porque eles de maneira geral estão inscritos no Estatuto das Cidades.

Assim, o Estatuto das Cidades, promulgado em 2001, tem por objetivo “garantir o direito à cidade como um dos direitos fundamentais da pessoa humana para que todos tenham acesso às oportunidades que a vida urbana oferece”. E prossegue esclarecendo no segundo artigo que o direito à cidades sustentáveis é compreendido como o direito à terra urbana, à moradia, ao saneamento ambiental, à infraestrutura urbana, ao transporte e aos serviços de lazer, para atuais e as futuras gerações.

O direito à cidade se propõe a construção de uma síntese dos diversos direitos e necessidades que compõe a vida na cidade. Neste sentido é uma reunião do que está disperso e até mesmo dissociado, apesar de ocorrerem de forma simultânea e se encontrarem em diversas instâncias. Lefebvre (2009) expõe o direito à cidade como um ponto de análise e de luta, pois parte da compreensão de que a cidade é uma obra coletiva e neste sentido é através da produção e reprodução do ser humano que a cidade se desenvolve, em meio estas relações sociais. Como já afirmamos anteriormente, a cidade como construção humana, possui uma história, sendo fruto das pessoas e grupos que realizam esta obra (ARRUDA, 2014).

Por isso, o direito a cidade não se constituiu um direito natural nem mesmo contratual, apesar de ter sido reconhecido legalmente. Pois, ele corresponde a capacidade dos grupos urbanos de interferirem nas decisões da cidade, fazendo frente a expropriação do urbano fruto dos interesses capitalistas, e nesta perspectiva ele é uma conquista (ARRUDA, 2014). Partindo desta análise, Lefebvre (2009) esclarece que o direito a cidade se obtém quando ocorre a centralidade em contraposição a fragmentação do urbano, onde seus habitantes reencontrariam o seu lugar acima do habitat e então

O direito à cidade se manifesta como forma superior dos direitos: direito à liberdade, à individualização na socialização, ao habitat e ao habitar. O direito à obra (à atividade participante) e o direito à apropriação (bem distinto do direito à propriedade) estão implicados no direito à cidade. (LEFEBVRE, 2009,p. 134)

Porém, devido ao sistema capitalista, principalmente a partir da industrialização, a produção da cidade tem sido pautada em bases segregativas, nas quais apenas determinados grupos incidem efetivamente nos processos decisórios sobre a mesma. Assim a vida urbana, como descrito no princípio deste capítulo, tem sido modelada de forma a separar as habitações por lócus apropriado (ARRUDA, 2014). E neste sentido se o direito à cidade só é possível de se concretizar quando os cidadãos se apropriarem dos espaços e o moldarem através das necessidades construídas a partir da coletividade, em uma sociedade segregada onde a cidade está fragmentada ele não se concretiza.

Harvey (2012) aprofunda a análise do direito à cidade e afirma que para além do direito de acesso aos recursos da cidade por parte de seus moradores, o mesmo diz respeito ao direito de mudar e reinventar a cidade a partir das suas necessidades. Dessa forma, os cidadãos teriam a possibilidade de ressignificar os processos de urbanização, transformando a produção do espaço urbano.

A partir desta perspectiva, Lefebvre (2009) e Harvey (2012) apontam para a existência de grandes obstáculos na conquista deste direito em uma sociedade capitalista e por isso segregada. Porém, o quadro se torna mais complexo quando associamos a segregação socioespacial ao territorialização do tráfico nestes espaços, visto as consequências explicitadas neste capítulo. Afinal se o direito à cidade diz respeito a apropriação dos espaços da cidade e luta pela transformação e ressignificação do urbano, como exercer este direito mediante as “asfixias” (verbal, de circulação e de práticas sociais) sofridas pelos jovens de periferia?

Mas é evidente também que tudo seria diferente sem a enorme desigualdade social brasileira, sem a enorme privação relativa das populações jovens de baixa renda, sem o desemprego e a falta de perspectivas para esses jovens (e também para grande parte dos jovens de classe média). O fantasma da violência alimenta-se também da falta de perspectiva da ação coletiva, da atual incapacidade das elites políticas sérias de convencer esses jovens de que é possível uma ação política transformadora, da inexistência de uma polícia respeitada por todos e capaz de esclarecer grande parte dos crimes e de uma justiça capaz de punir injustiças de toda sorte.²⁸ (MISSE, 2002, p. 4)

²⁸ Retirado do texto “Violência, o que foi que aconteceu?” publicado no Jornal do SINTURF, ano XVII, n. 529, 2002. Disponível em: <http://necvu.tempsite.ws/index.asp?ChvMn=56>

O panorama de violência causado pelo tráfico, o preconceito e a segregação socioespacial não podem ser dissociados da rotina dos jovens de periferia. Porém, somente o modo como percebem, vivenciam e são afetados por estas questões podem indicar o quanto elas acabam por modificar ou não a circulação e práticas sociais dos mesmos na cidade. Em Campos dos Goytacazes poucos trabalhos se propõe analisar o tráfico de drogas a partir das perspectivas dos jovens de periferias. Esta pesquisa buscou contribuir na compreensão das relações dos mesmos com o comércio ilegal na cidade, e por isso, o segundo capítulo apresenta a história do tráfico de drogas no município.

2 CONSTRUÇÃO HISTÓRICA, SOCIAL E ESPACIAL DE CAMPOS DOS GOYTACAZES: DAS FRONTEIRAS DA SEGREGAÇÃO AO TRÁFICO DE DROGAS.

2.1 Configuração socioespacial da cidade: os processos históricos de segregação

O município de Campos dos Goytacazes se localiza na região Norte Fluminense do Estado do Rio de Janeiro. Com 4.026,37 km² de extensão territorial é o maior município, correspondendo a 41,1% da área total da região, sendo constituído por 14 distritos²⁹. De acordo com o censo IBGE de 2010, possui uma população de 463.731 habitantes – 45.006 na área rural e 418.725 na área urbana – e a estimativa é que tenha alcançado no ano de 2015 o número de 483.970 habitantes. Cabe ressaltar que 118.953 deste quantitativo são de jovens (IBGE, 2010).

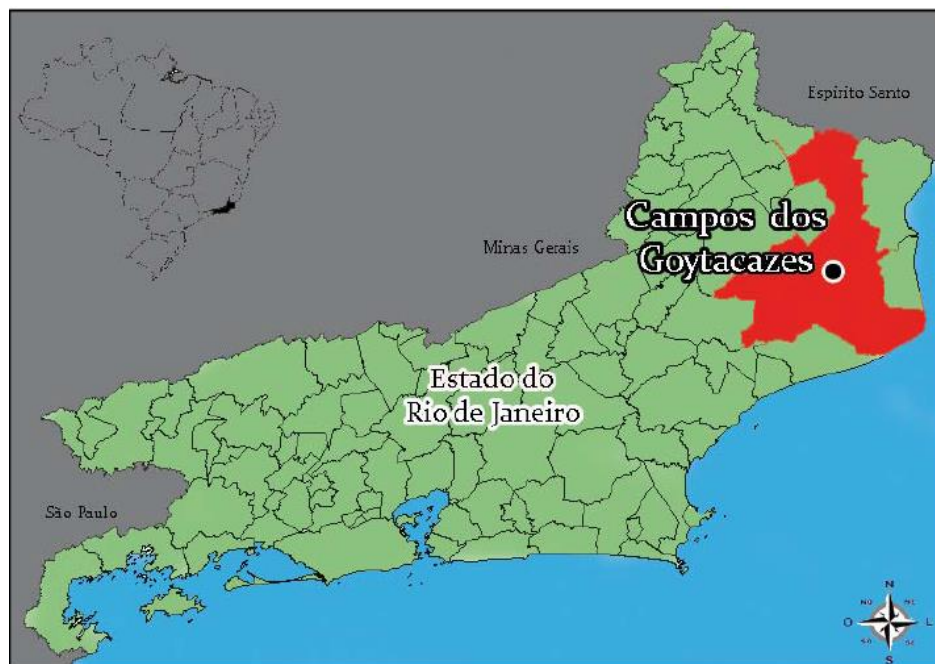


Figura 1: Mapa do Estado do Rio de Janeiro explicitando a localização do município.

A cidade de Campos dos Goytacazes³⁰ possui 78 bairros e 27 favelas³¹ e seu processo de ocupação e expansão, assim sendo a formação dos bairros não ocorreu de maneira

²⁹Campos dos Goytacazes (RJ). Prefeitura. 2014. Disponível em: <http://www.cidac.campos.rj.gov.br/index.php/historia-de-campos> Acessado em: Janeiro de 2014.

³⁰De acordo com o IBGE, a cidade é uma “localidade com o mesmo nome do Município a que pertence (sede municipal) e onde está sediada a respectiva prefeitura, excluídos os municípios das capitais.” Disponível em: http://www.ibge.gov.br/home/geociencias/cartografia/manual_nocoas/elementos_representacao.html Acessado: 10 de Março de 2016.

³¹As 27 favelas identificadas pelo Censo de 2010 na cidade de Campos dos Goytacazes são: Aeroporto Bonsucesso, Aldeia, Avenida Central, Baleeira, Bariri ou Madureira, Chatuba, Escova Urubu, Fofoca, Fundão, Ilha de Ururai, Ilha do Cunha, Inferno Verde, Lagoa do Vigário, Margem da Linha Do Rio Tapera, Martins

A história do município de Campos dos Goytacazes foi influenciada em diversos aspectos pela tradição econômica de produção açucareira. Neste sentido, durante a primeira parte do século XIX, o município era predominantemente rural, com plantações e os grandes engenhos, produtores de açúcar (FARIA, 2008). Porém nas últimas décadas do século XIX, esta configuração se transformou profundamente com o advento das usinas de açúcar em Campos, quando ocorreu assim a entrada do modo de produção capitalista.

Faria (2008) expõe que para além das mudanças ocorridas nas técnicas de produção açucareira gerando um aumento da mesma e contribuindo para o desenvolvimento da cidade, o surgimento das primeiras indústrias modernas em Campos também foi responsável pelas mudanças que ocorreram na paisagem urbana, tanto no que se refere a composição social quanto na morfologia urbana. Neste mesmo período, o comércio teve uma grande impulsão decorrente da associação dos mesmos com os produtores de açúcar. Assim, entre os anos de 1870 e 1900, Campos entrou num processo de modernização “marcado pela penetração de estradas de ferro, o que levou, forçosamente, a implementação de uma nova racionalidade urbana implicando uma distribuição das funções e um planejamento dos espaços” (FARIA, 2008, p. 62).

A partir do século XX, o processo de modernização e organização da cidade passou a ser regido pelas intervenções de planos urbanísticos. Porém estes planos tinham por princípio não apenas a modernização de seus espaços centrais, mas também a higienização e a normatização. Conforme nos explica Faria (2005) o primeiro plano urbanístico datado de 1902, elaborado por Saturnino de Brito, teve como proposta principal o embelezamento e valorização das áreas centrais, enquanto as áreas periféricas ficavam destinadas a serviços e instituições como presídios, cemitérios, hospitais e matadouros. Porém, a população empobrecida foi deixada a margem do processo de modernização, se instalando nas periferias, áreas sem infraestrutura e serviços básicos, onde ainda existiam pântanos e alagadiços (FARIA, 2005).

Anuncia-se o embrião do fenômeno de diferenciação socioespacial no município de Campos, definido por dois aspectos independentes: o sobrevalor da área central, com incremento de ações públicas voltadas à garantia da lógica burguesa de desenvolvimento e progresso e o desvalor das áreas periféricas, pela falta de investimento e ocupação progressiva das classes pobres. (FARIA, 2005, p. 4784)

O centro da cidade de Campos dos Goytacazes historicamente se desenvolveu próximo ao Rio Paraíba do Sul, pois, era o canal de entrada e saída de pessoas e de

mercadorias na época das grandes produções de açúcar (FARIA, 2008). Neste sentido, é na área central onde se localiza a praça principal da cidade, Praça São Salvador, e onde se concentraram o comércio, os solares dos barões do açúcar, a sede da Câmara, o Banco do Brasil, a sede da Associação Comercial, o edifício Trianon, entre outros equipamentos e serviços da cidade. Após o plano de Saturnino Brito, as áreas centrais começam a ser expandidas, sempre atendendo o critério de embelezamento e higiene, em direção ao oeste onde estavam o Liceu de Humanidades de Campos – antigo Solar do Barão da Lagoa Dourada – e onde foram realizadas diversas reformas e a implementação de equipamentos urbanos. Cabe ressaltar que é nesta região e redondezas onde posteriormente se desenvolvem os bairros privilegiados em infraestrutura e onde se concentram a classe média, classe média alta da cidade, como o Jardim Maria de Queiróz, a Pelinca e o Parque Tamandaré.

Ao contrário do que ocorria com as áreas centrais da cidade, as periferias eram extremamente negligenciadas, sua maioria não possuía infraestrutura, tal como luz elétrica e pavimentação. Este descaso começou a ser publicizado durante a década de 1940, quando nota-se o processo de expansão urbana e a população residente nestes bairros passa a realizar uma série de denúncias revelando a existência de uma cidade dual: a central que era alvo da atenção das autoridades; e a periférica que ficava relegada ao abandono e que necessitava de ações públicas (FARIA, 2005).

Além disso, foi na década de 1940 que se inicia o declínio das atividades agroindústrias açucareiras, e por consequência os primeiros sinais do êxodo rural e do processo de urbanização da cidade. Assim, o adensamento demográfico colaborou para o agravamento das condições dos bairros periféricos, visto que este aumento populacional não foi acompanhado por políticas de urbanização que visassem estas áreas, como denunciado pela população. Faria (2005) expõe que na cidade teve como destaque o início do fenômeno de expansão territorial aliado ao problema da mobilidade espacial.

Com o intuito de corrigir os erros das intervenções anteriores, o prefeito e engenheiro Salo Brand, contrata a Empresa Coimbra Bueno para elaborar o Plano Urbanístico de 1944. Este plano visava ordenar o processo de expansão que se inicia na cidade, integrando os diversos bairros que não foram considerados pelos planos anteriores (FARIA, 2005). Neste sentido, uma parte de Guarus (situado à margem esquerda do Rio Paraíba do Sul) e os bairros periféricos Turf, Saco e Matadouro são incorporados à zona urbana. Além disso, “os limites da cidade são estabelecidos, marcando a diferença entre zona urbana, suburbana e rural” (FARIA, 2000 *apud* FARIA, 2005).

No entanto, a dualidade centro-periferia se intensifica durante as décadas de 50 e 60, fruto da acentuação do processo migratório, que agora ocorria não apenas pela crise do açúcar, mas também pelo declínio nas lavouras de café e o advento das leis trabalhistas no campo. Assim, a zona urbana recebe uma gama de trabalhadores rurais, que não tinham referencia de trabalho. Eles ocuparam as áreas periféricas carentes de infraestrutura e que não foram alvo de investimento em nenhum dos planos urbanísticos (FARIA, 2005). Assim Faria (2005, p. 4789) expõe que ocorreu

(...) uma intensa ocupação da zona urbana, promovendo, na mídia e nos grupos próximos ao centro, receios e insegurança em relação às ocupações irregulares e aos grupos que começam a demarcar, de forma mais visível, o processo de favelização campista. Neste sentido, é a partir destas variáveis que a cidade de Campos começa a apresentar, de fato, os problemas socioespaciais refletidos pela dualidade centro-periferia e seus respectivos grupos.

As ocupações irregulares na zona urbana estavam entre as áreas de destino desse grupo que chegava a cidade, o que fez com que se tornasse mais evidente o processo de favelização nas periferias da cidade (FARIA, 2005). O surgimento das primeiras favelas em Campos dos Goytacazes ocorreu na década de 50, dentre elas, Póvoa (2002 *apud* ARRUDA, 2014) aponta a favela Tamarindo, Aldeia, Parque Bela Vista e Rio Ururaí. Desta forma, pela intensidade deste processo na década de 60, a cidade já possuía 15 áreas novas ocupadas. Cabe ressaltar que as três principais favelas que estão em evidência neste capítulo por serem responsáveis pela territorialização do tráfico de drogas e o posterior estabelecimento da rivalidade, também surgiram neste período: a favela Oriente³³ (década de 50), a Baleeira³⁴ (1952) e a Tira Gosto³⁵ (1966).

Na década de 70, a população do município se torna predominantemente urbana, alcançando uma taxa de urbanização de 55,2%, como resultado da estagnação da agroindústria sucroalcooleira e do conseqüente alto nível de desemprego. Assim, em 1970 o quantitativo populacional é de 318.806 (ARRUDA, 2014). Na tentativa de regular este

³³ Não encontramos dados sobre a fundação da favela Oriente. Ela se avizinha a favela Baleeira.

³⁴ A favela Baleeira se localiza no Parque Leopoldina entre a linha férrea e Avenida São Fidelis, acompanhando a extensão do trecho que corresponde ao Cemitério do Cajú. Sua fundação iniciou-se por antigos trabalhadores do corte de cana-de-açúcar que receberam a terra após capinar e limpar o local que era tomado por uma vegetação que se chama baleeira e que acabou dando nome a favela.

³⁵ A favela Tira Gosto surgiu quando o proprietário das terras correspondentes ao trecho que se encontra entre as Avenidas São João da Barra e Rui Barbosa, incluindo o entorno de um campo de futebol, onde atualmente ocorre o movimento da comercialização da droga, doou as terras para seus antigos colonos. A população que residia no local tinha como principal fonte de renda a pesca, de pequenos trabalhos manuais e da produção de hortas.

processo de ocupação urbana e ainda no intuito de corrigir as irregularidades nas áreas periféricas que prosseguiram carentes de infraestrutura, em 1979, o prefeito Raul David Linhares elabora o PDUC (Plano de Desenvolvimento Urbanístico e Territorial de Campos). Neste sentido, ele pretendia promover o desenvolvimento físico, territorial e cultural do município, de acordo com as relações socioeconômicas, geopolíticas e culturais que eram vivenciadas na época. Foram estabelecidas as seguintes leis para o município: 1) Lei dos Perímetros Urbanos; 2) Lei de Zoneamento e Uso e do Solo; 3) Lei de Parcelamento do Solo; 4) Código de Obras (FARIA, 2005).

O processo de urbanização alcança seu auge na década de 80 e assim em Campos dos Goytacazes o incremento populacional foi de 40.567 habitantes, atingindo uma taxa de urbanização de 83,4% em 1991. Desta forma é nesta mesma década que ocorre a sedimentação e ampliação dos conglomerados subnormais (ARRUDA, 2014). Neste sentido Faria (2005) expõe que

(...) o agravamento desta favelização ocorreu na década de 80 com a falência das Usinas de cana-de-açúcar, que foram obrigadas a se modernizarem o que fez com que muitas não sobrevivessem a este processo gerando uma grande massa de desempregados. O aprofundamento do êxodo devido ao fechamento das usinas e a expansão urbana insuficiente foram responsáveis pela concentração urbana nas periferias de Campos e o aumento do número de favelas campistas.

A saída de várias famílias do meio rural para o urbano continuava tendo como motivação a busca de emprego, no entanto, como não encontravam ocupação, muitos acabaram se somando à lista de trabalhadores informais e desempregados. Desta forma, as famílias chegavam à cidade e acabavam por ter o mesmo destino: as áreas periféricas, que surgiram como fruto da crise de emprego e moradia.

Então, o que podemos observar é que a configuração desigual da cidade apenas se aprofunda durante o século XX, refletindo a dualidade cidade formal e informal, centro e periferia (FARIA, 2005). Neste sentido, Faria (2005) expõe que os diversos planos urbanísticos não atingiram o objetivo de eliminar as contradições do espaço urbano e da oposição entre o centro e a periferia, por não terem sido implementados em sua integridade e por falta de intervenções concretas nestas áreas.

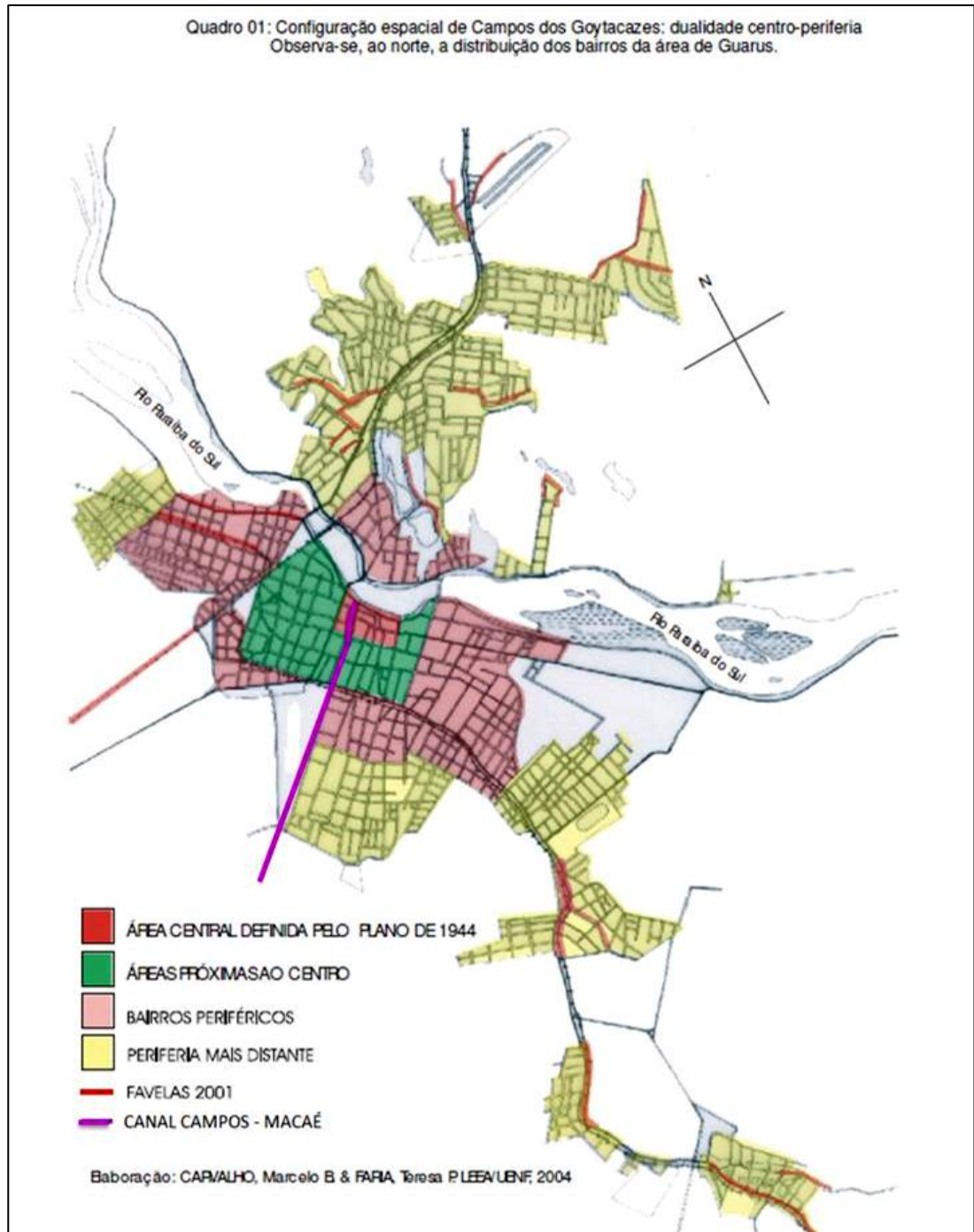


Figura 3: Mapa do Distrito de Campos que sinaliza as áreas periféricas e centrais, bem como as favelas. Elaborado por Teresa de Jesus Peixoto Faria e Marcelo Barbosa Carvalho em 2004.
 Fonte: CARVALHO (2004)

De acordo com Arruda (2014), os censos de 1991 e 2000 apontam que o município de Campos possuía 32 favelas. Esta estagnação no crescimento do número de favelas ocorre devido a redução significativa do fluxo migratório da população rural, assim também como do crescimento da população total da cidade (FARIA, 2005). Porém, Arruda (2014) aponta que durante este período ocorreu variação da densidade populacional entre as favelas, o que indica que a população se desloca com intuito de buscar melhor qualidade de vida, ou seja, buscam

locais que possuam em sua proximidade uma infraestrutura mínima como a presença de posto de saúde e escola. Além disso, a autora expõe que a migração entre favelas também se deve ao esgotamento do espaço físico e a presença da violência/tráfico.

Apesar dos jornais campistas no final da década 90 terem anunciado uma estimativa de que mediante ao constante crescimento das favelas, nos anos 2000 a cidade alcançaria o quantitativo de 40 favelas (FARIA, 2005), o Censo do IBGE de 2010 aponta que houve um decréscimo. De acordo com o censo, Campos possui atualmente 27 favelas. Arruda (2014) aponta que esta diminuição se deve aos programas de construção de casas populares que se iniciou no ano de 1999.

A diminuição do número de favelas é resultado dos programas de desfavelamento e construção de casas populares que vem sendo implementados no município desde 1999 e tem realojado famílias de diversas comunidades. Além disto, considerando que as entregas do programa Morar Feliz ocorreram a partir de 2011, algumas destas favelas já não existem atualmente, ou tiveram drástica redução, o que será contabilizado no próximo censo. Por outro lado, há que se considerar ainda a existência de diversas áreas de ocupação na área urbana de Campos as quais, embora não sejam contabilizadas como favelas, apresentam péssimas condições sociais e de habitabilidade, tais como Terra Prometida e Nova Cidade Luz, ambas no distrito de Guarus. (ARRUDA, 2014, p. 97)

O município teve diversos programas habitacionais implementados com o intuito de produzir conjuntos habitacionais populares, que possibilitem condições dignas de moradia para população da favela e para aqueles que estão em “vulnerabilidade” ou situação de risco de um modo geral. Desta forma, a produção dos primeiros conjuntos foram iniciativa da política habitacional do Estado do Rio de Janeiro com recursos federais, através do BNH e implementada pela CEHAB; posteriormente o Programa Municipal *Pode entrar que a casa é sua* passou a construir os conjuntos; e por último o Programa Municipal *Morar Feliz*. Este último programa construiu 13 conjuntos habitacionais com 5.400 casas (ARRUDA, 2014).

O Programa Morar Feliz é financiado com os recursos arrecadados dos royalties de petróleo que o município recebe. De acordo com Arruda (2014) Campos possui uma especificidade orçamentária, pois é o município brasileiro que mais recebe royalties e participações especiais³⁶ de petróleo. Neste sentido, seu orçamento se torna superior ao de

³⁶Cabe ressaltar que os estados e municípios onde ocorre a produção de petróleo e gás recebem das empresas, os royalties, que é uma compensação financeira, ou seja, remuneração à sociedade pela exploração desses recursos não renováveis.

algumas capitais³⁷, devido ao aporte de recursos. Mediante a este arrecadação, Campos tem recursos suficientes para proporcionar aos órgãos municipais uma infraestrutura, pessoal tecnicamente capacitado, investindo assim, em melhoria dos diversos programas e serviços que compõe o quadro das políticas sociais, como o Programa *Morar Feliz*.

No entanto, assim como as demais intervenções do governo no município com o intuito de melhoria de infraestrutura da periferia e qualidade de vida da população que a habita, o *Morar Feliz* e também os outros programas habitacionais apresentam uma série de problemas que não minoraram a segregação socioespacial e suas consequências. Neste sentido, os locais onde os conjuntos foram construídos são distantes dos equipamentos e serviços públicos e apesar de muitos deles serem projetados prevendo o espaço para funcionamento dos mesmos (como posto de saúde e área de lazer), devido a falta de acompanhamento logo estavam deteriorados, em péssimas condições, chegando a ser desativado em alguns casos.

Além disso, a expansão urbana em áreas de ocupação próximas aos conjuntos e nas periferias da cidade de forma geral, em locais sem infraestrutura, onde a ausência do estado se fez constante, fortaleceram a questão de que o acesso ao solo urbano, em uma cidade de desigualdades extremas como Campos, tem sido a grande questão ao qual as políticas públicas pouco tem feito. Neste sentido, se por um lado as favelas foram atacadas como sendo a máxima expressão desta desigualdade e “vergonha” urbana em Campos, na qual os conjuntos dariam a solução, por outro, as imensas periferias, que também possuem sérios problemas, tais como saneamento, acesso a transporte, educação, saúde, dentre outros, foram descuidados na mesma medida em que se expandiam, e ainda se expandem. (ARRUDA, 2014, p. 110)

Desta forma, apesar do município possuir uma elevada capacidade de investimento devido aos royalties, a alocação destes recursos foi por muitos anos em diversas instâncias e não apenas no que diz respeito a habitação, mas no desenvolvimento social e urbano como um todo, de baixa eficácia. Isto incide na qualidade de vida da população residente assim como nos investimentos em diversificação das atividades econômicas (SERRA, 2007).

Em paralelo, ao processo de favelização e da construção dos conjuntos habitacionais populares surgem os condomínios residenciais privados, que se localizam também em áreas periféricas, pois é onde se encontram faixas de terras livres, áreas com potencial de expansão urbana, para construção dos mesmos. Eles são planejados com o intuito de garantir a

³⁷A autora expõe que somente em 2013 o município recebeu mais de 1 milhão de reais em royalties e participações especiais. Por este mesmo motivo, o PIB (Produto Interno Bruto) do município o posicionou 19º na economia nacional em 2010, estando à frente de Vitória, no Espírito Santo.

segurança em meio ao discurso de violência urbana. Deste modo, muitos deles se encontram próximos de favelas e por isso são “enclaves fortificados”³⁸: murados, com cerca elétrica e porteiros, entre outros mecanismos que garantam a distancia social apesar da proximidade geográfica (CARVALHO, 2003).

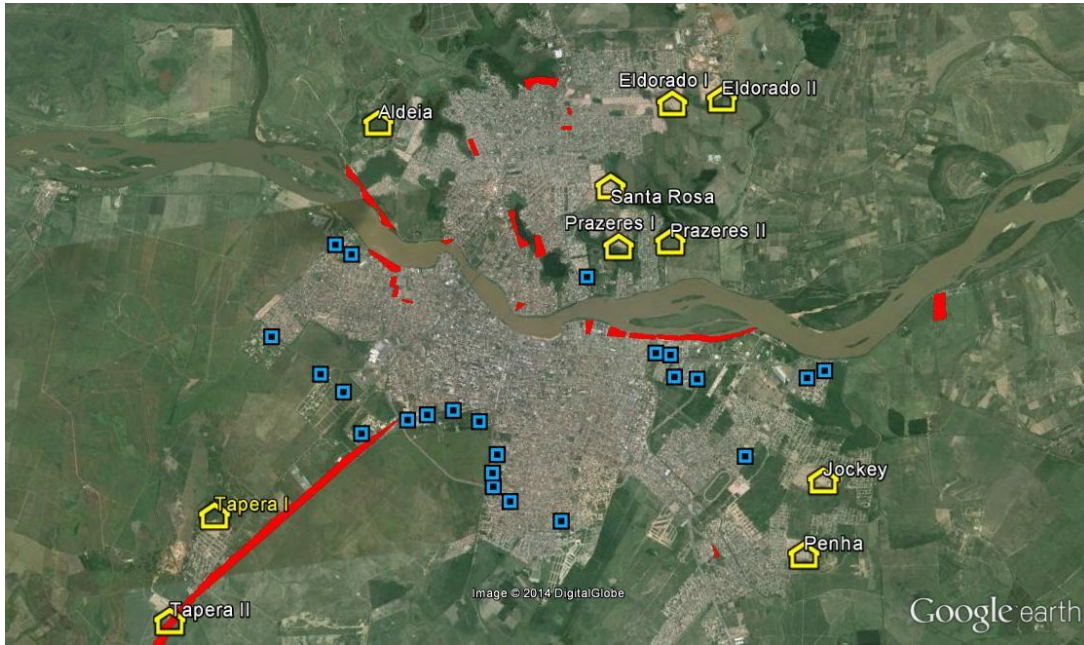


Figura 4: Em vermelho, a distribuição das Favelas de Campos dos Goytacazes de acordo com o Censo 2010; em azul, a localização dos residenciais privados; em amarelo, a localização dos conjuntos do Programa Morar Feliz.

Fonte: Arruda, 2014.

Para Arruda (2014), a cidade a partir destas novas configurações acaba por apresentar uma múltipla segregação. Um quadro formado pelas favelas, que normalmente estão localizadas em áreas ambientalmente sensíveis, beiras de lagoas, rios e alagadiços; por aqueles que buscam a “auto segregação” em condomínios de classe média/alta, com o intuito de segurança e exclusivismo; e pelos que foram realojados nos conjuntos habitacionais que também são localizados nas periferias da cidade, especialmente marcados pela violência e insegurança.

E na configuração espacial da cidade se distinguem as periferias e os diversos grupos segregados que a compõem e as áreas centrais³⁸ que prosseguem cada vez mais valorizadas, dotadas de infraestrutura, serviços e amenidades. Neste sentido, os bairros privilegiados que a compõem possuem shoppings centers, restaurantes, comércio diversificado, bancos, o que atrai moradores de classe média e alta, aumentando a densidade habitacional e causando um processo de verticalização dos mesmos. Além disso, a ampliação das atividades comerciais,

³⁸Na figura 3 da página 63 as áreas centrais se referem as destacadas em vermelho e verde nesta dissertação.

financeiras e de serviços em bairros que antes eram considerados residenciais, como por exemplo, a Pelinca, vem transformando os mesmos em um novo centro ou um subcentro (FARIA, 2005).

Assim as desigualdades e a segregação entre os bairros de Campos se aprofundam e se desenvolvem na falta de acesso aos serviços públicos que não chegam às áreas periféricas, ocupadas principalmente por um público que é ignorado e estigmatizado pela elite da cidade que detém o poder sobre o Estado, no qual sempre vigorou uma “política higienista”. Neste sentido, passam a existir mecanismos que impedem determinados atores sociais de participarem da vida urbana em sua plenitude, representando a criação de barreiras – materiais e simbólicas – ao exercício da cidadania e à apropriação da cidade. Restringindo a população da periferia ao uso da cidade, ao acesso aos serviços urbanos e a participar de seu planejamento, configurando espaços desigualmente equipados, reafirmando assim a distância social e espacial entre os grupos que compõem o cenário urbano. Isto dificulta por consequência, o exercício pleno da democracia e o respeito à alteridade - como, também, acentua a representação negativa sobre os moradores pobres (ARRUDA, 2014).

2.2 Trajetória do tráfico de drogas em Campos dos Goytacazes e seu processo de territorialização na cidade

Para compreender a territorialização do tráfico, o surgimento das rivalidades, e assim descrever como este mercado tem se organizado nos dias atuais no município, utilizamos o relato de Roberto³⁹, um homem que acompanhou e participou ativamente deste “movimento”. Além disso, também utilizamos dados coletados por Souza (2010) sobre a formação do tráfico em Campos, os quais buscamos complementar e confrontar de acordo com o relato de nosso interlocutor, no intuito de colaborar na reconstrução desta história.

O tráfico de drogas ilícitas se inicia no município entre os jovens da classe média (venda e consumo), surgindo posteriormente na favela de forma muito incipiente. De acordo com Souza (2010) e com o resultado das entrevistas realizadas nesta pesquisa, o tráfico de drogas se estabelece em Campos dos Goytacazes nos anos 70 com a comercialização da maconha na cidade.

Na entrevista Roberto esclarece que haviam circuitos demarcados para o uso com intuito de manter em segredo o envolvimento daqueles que vendiam assim como os de quem

³⁹ Nome fictício dado ao entrevistado para manter o sigilo de sua identidade. A entrevista foi realizada no dia 3 de Julho de 2015.

usava, visto que a repressão social nesta época era mais acentuada e significativa do que hoje no que se refere ao uso da maconha. Além disso, este sigilo era fundamental no intuito de preservar a vida destes, visto que existia na cidade um grupo de extermínio formado por policiais que representava grande risco aos traficantes, principalmente se os mesmos incomodassem os moradores da “zona sul”⁴⁰.

Todo mundo envolvido com o tráfico quando começava a incomodar na “zona sul”, o pai de um chegava e falava: Olha, quem fornece tudo aí... Um ia parar no hospital com overdose, essas coisas assim. Aí: quem forneceu pro meu filho foi tal pessoa. Os pais deduravam e aí botavam em outra... Quando prendia tava no lucro porque normalmente ele matava. Esse cara era pago pra matar as pessoas na cidade que incomodavam... Ele era pago. Era um assassino. Era pago. Era policial. Era um sargento da policia que era pago pra matar as pessoas envolvidas com tráfico. Extorquia até onde ele podia depois matava. Ou você ficava tendo que ser o informante dele a vida inteira. E um dia... ele te matava. Ele ou a equipe dele. Era uma equipe. Era uns oito. (Entrevista com Roberto)

Desta forma, este grupo de extermínio formado por policiais era financiado pela classe média alta da cidade, os moradores da “Zona Sul”, para “limpar a área” quando os traficantes estavam perturbando a “ordem”. Cabe ressaltar, que apesar de serem policiais os mesmos não executavam estas ações quando estavam em exercício de sua profissão, sendo esta uma atividade parapolicial.

Assim, na década de 70 em Campos dos Goytacazes o grupo de extermínio ou matadores de aluguel era considerado por Roberto a única ameaça ao tráfico existente. E os lugares relacionados como pontos de encontro para o uso da droga eram o Mercado, Lapa, Beira Rio, o cais da Beira Rio na Lapa. Além disso, existia um grupo significativo que comprava e às vezes vendia que pertencia a classe média e a classe média alta, neste sentido a possibilidade de se manter o sigilo era maior. Ele expõe que o perfil dos usuários era específico de uma “garotada” que utilizava por lazer antes de surfar, de jogar bola, entre outras atividades esportivas.

Era uma situação... mais garotada, era uma coisa mais saudável. Uma geração da liberdade, uma geração dos anos 70. Não tinha uma visão politizada de mundo, não tinha essa coisa. E gostava de fumar um bagulho, gostava de ir pra praia pegar onda. Chega na praia: Vamos surfar? Vamos. Fuma um baseadinho. E fica na praia, fuma baseadinho. Aí fumava de

⁴⁰ Roberto identifica como “zona sul”, os bairros centrais onde reside a população de classe média, classe média alta na cidade. Ele identifica principalmente dois destes: Pelinca e Parque Tamandaré.

manhã e ia surfar. Fumava outro quando voltava pra almoçar. Fumava outro depois do almoço. Fumava outro pra surfar cinco horas da tarde. E passava o dia inteiro nessa. Comendo, surfando, curtindo. E era uma coisa totalmente... uma coisa muito mais ligth do que hoje. Não existia essa violência do tráfico. Era uma coisa mais tranquila, uma situação mais tranquila. (Entrevista com Roberto)

A maconha utilizada na cidade durante a década de 70 era oriunda principalmente do Nordeste, do chamado Polígono da maconha⁴¹. Ela vinha “solta” em sacos, chamados bigode do Sarney ou camarão, em grande quantidade para cidade. Em uma via paralela, também era traficado para Campos a maconha prensada, oriunda do Paraguai, e que de acordo com Roberto tinha uma qualidade melhor do que a brasileira.

Roberto coloca que os jovens citadinos da década de 70 eram considerados a geração lança perfume, droga que era socialmente aceita, inclusive pelas famílias. O mesmo não ocorria com a maconha, pois, quem utilizava a droga era visto como um maconheiro, um vagabundo, que não é boa influência para outros jovens. Categoria que vemos ser utilizada até hoje por determinados grupos campistas que repercutem o mesmo estigma sobre o usuário de drogas.

No entanto, essa configuração de mercado e a sociabilidade descrita por Roberto envolvendo o uso, a compra e venda da droga irão se transformar completamente com a entrada da cocaína no município nos anos 80. Pois, ocorrerá a expansão das favelas em Campos, local onde a droga passará a ter centralidade, e tanto o número bocas de fumo quanto a capacidade para a venda também se ampliarão, formando um grande mercado e dando acesso a droga para outros grupos da sociedade campista.

2.2.1 Primeiro marco: a entrada da cocaína em Campos dos Goytacazes

Entre 1980 e 1981, o quadro do tráfico se modifica na cidade com a entrada da cocaína. Souza (2010) expõe que uma família oriunda do Rio de Janeiro se instala na Favela Baleeira e inicia a comercialização dessa droga na cidade. Porém, Roberto relata que o tráfico de cocaína só ocorreu porque pessoas de maior poder aquisitivo viajavam para o Rio e

⁴¹ “As desigualdades sociais marcantes e a falta de política agrícola para os pequenos produtores, somadas ao autoritarismo e à violência, próprios de uma região em que políticas públicas intervencionistas aguçaram a concentração de renda e a exclusão social, formam o cenário para o desenvolvimento do cultivo ilícito da cannabis na região do Médio e Submédio São Francisco, que, graças à presença de grande quantidade da planta, passou a ser chamada de Polígono da Maconha.(...) Estima-se que existam na região cerca de 40 mil camponeses envolvidos direta ou indiretamente com o plantio de cannabis, e que sua economia faça circular anualmente, no Polígono da Maconha, cerca de R\$ 100 milhões (cerca de US\$ 52 milhões).” (FRAGA, IULIANELLI, p. 21 – 24, 2011)

compravam em quantidade nos morros para trazer para Campos. Quando retornavam pra cidade, acontecia “o adianto dos amigos”, ou seja, eles traziam uma quantia para uso próprio, outra para revender para os amigos, assim cobria as despesas da viagem e garantiam a droga para uso das pessoas do próprio círculo.

Desta forma, a cocaína em Campos era uma “droga de elite”. Ou seja, ela a princípio não era comercializada nas favelas. Ao contrário da maconha que já era comercializada na Favela Oriente desde 1970 e a partir do final dos anos 70 e início dos 80 na Favela Baleeira. Além de haver alguns pontos nas ruas do Parque Leopoldina⁴² onde as pessoas comercializavam de forma independente eno Prostíbulo Escorre Sangue que também mantinha um movimento.

No período em que havia apenas a comercialização da maconha, as relações de rivalidade não existiam apesar dos diversos pontos de venda se encontrarem próximos, concentrando-se principalmente nos bairros que se localizam a margem esquerda da Beira Valão (Avenida José Alves de Azevedo) direção Pecuária. Porém, nenhum desses pontos dispunha de um grande acervo de drogas, vendiam apenas bucinhas e unidades para consumo individual, mas nunca em grande quantidade. Porque neste período, o tráfico era trabalho de subsistência, e neste sentido os donos das bocas não possuíam poder aquisitivo para fazer um grande investimento para ampliar o negócio.⁴³ (Entrevista com Roberto)

Assim, os jovens de classe média percebiam a necessidade e a oportunidade de comercializar a droga na região. O reabastecimento da mercadoria no município ocorria através de contatos estabelecidos com as favelas do Rio de Janeiro, como Pavão Pavãozinho e o Morro de Santa Marta, onde eles se dirigiam para realizar a compra, para depois transportar a droga para Campos. E desta forma, eles não só traziam a droga para o município como alimentava o comércio da região, ou seja, de cidades vizinhas como Macaé e Itaperuna por exemplo. (Entrevista com Roberto)

Além, da ampliação do uso e da comercialização ilegal de drogas, houve uma mudança na relação estabelecida entre quem comercializava e quem comprava. A violência e a agressividade passaram a ser instrumentos para garantir o recebimento do pagamento pela droga consumida.

⁴² “Então você tinha um movimento na baleeira, você tinha um outro cara que fazia o movimento ali perto da... da Senador Viana. É uma ruazinha que é paralela a Riachuelo.” (entrevista com Roberto)

⁴³ Devido a esse baixo poderaquisitivo que não permitiam o enriquecimento e assim a ampliação dos negócios, que Roberto (Jun, 2015) credita a falta de rivalidade entre os donos das bocas.

Aí as coisas começaram a ficar mais agressivas.(...) Era uma relação mais agressiva, mas era aquela coisa que era resolvida com uma porrada na rua, uma coça de cinto, duas pauladas. Entre o amigo do mesmo grupo. Porra, meu irmão, ‘cê’ pegou cinquenta gramas e não me pagou. Seu safado... E daqui a pouco ia lá arrancava e dava uma coça em um, dava em outro na rua. Mas era uma coisa assim que era resolvida dessa forma. Não como hoje, mas tinha violência. Tinha violência, tinha intimidação. Porque onde tem tráfico tem coisa proibida, tem violência e tem intimidação. Nunca vai deixar... Se não houver violência e intimidação, não existe respeito. Ninguém respeita. Então você tem que, com as pessoas tão na cabeça dessa situação, tem que criar uma imagem de que eu sou capaz de tudo. Porque senão outro vem ali: Ah não! Vai ali compro meio quilo ali e vou te pagar daqui há uma semana. E não paga e fica por isso mesmo. Então tem que ter intimidação, mas não é... Hoje intimidação se paga com vida. Antigamente se pagava com soco. Tomava uma porrada na cara, pagava suas contas, acabou. Hoje ‘neguim’ vai lá te mata e não quer nem te cobrar, só quer te matar. Ou então você paga e ‘neguim’ te mata depois. (Entrevista com Roberto)

Então, é a partir da entrada da cocaína que começa a se delinear as relações violentas que até hoje estão na base da organização do tráfico em Campos dos Goytacazes e que vem sendo responsáveis por um número considerável de mortes de jovens na cidade. Cabe ressaltar que o tráfico de drogas se configura, não apenas, mas também, pela presença marcante destas práticas violentas.

Assim, pelo papel central que esta droga teve e tem na movimentação do mercado de Campos dos Goytacazes, consideramos sua entrada como o primeiro grande marco para aproximação das configurações que se pode observar hoje. Atualmente a cocaína está muito difundida na cidade e na sociedade brasileira como um todo, mas no início da década de 80 em Campos, ela não era encontrada em qualquer boca e não era qualquer pessoa que tinha acesso a mesma.

Não era uma droga que era difundida. Você num... Você num comprava a cocaína em qualquer buraco da cidade. Você tinha os caras que atendiam a “zona sul”, que atendiam uma elite. Que eram os traficantes. Um cara no parque Leopoldina, que morava no Parque Leopoldina do lado da Baleeira. Mas ele não vendia, não fornecia droga pra Baleeira. Ele fornecia pra garotada da “zona sul”. Fornecia pra elite de Campos, que sempre teve muita gente que usava. Mas ele era um, dois... aí esse cara vendia cinquenta gramas pro cara que era que tinha uma penetração em outro grupo social. E aí foi pulverizando e essa coisa foi pulverizando. A partir de oitenta e sete, oitenta e oito começou a chegar cocaína pras favelas em Campos. Que antigamente só tinha maconha. Eles começaram a ter, mas numa escala muito pequena. Quando chegou em oitenta e oito, oitenta e nove aí a escala começou a aumentar. (Entrevista com Roberto)

Roberto atribui a expansão do mercado da droga para as bocas nas favelas a aproximação e o estreitamento de relação dos meninos da “Zona Sul” com os da favela através da escola. Ele explica que antigamente as crianças e jovens pobres não tinham acesso a escola e com a criação dos CIEPs foi possibilitado a inserção e acesso dos mesmos a educação. Assim houve um estreitamento da relação entre jovens de bairros diferentes, incluindo aqueles que tinham contato com os grandes vendedores da “zona sul”.

A princípio esta relação foi estabelecida no intuito apenas de compartilhar o uso da droga, realizar o “adianto dos amigos”. Posteriormente foi se transformando em uma relação comercial entre a “zona sul” e os meninos da favela e houve assim a expansão da comercialização da droga para estes espaços. Os jovens da “zona sul” transformaram-se nos fornecedores da boca da favela.

O tráfico em Campos não começou... A favela em aqui em Campos não começou... a favela aqui começou através da “zona sul”. A favela aqui não começou através deles. Ele não saiu daqui pra comprar nada, que ele não tinha dinheiro pra nada. Não tinha crédito, não tinha conhecimento, tinha medo. O movimento dessas favelas começou a partir do conhecimento deles com pessoas da “zona sul”. Com pessoas com poder aquisitivo muito superior ao deles, com uma educação muito diferente da deles. Eles a... a influencia que ele sofreram foi de pessoas que vinham de outros meios. De outras áreas. Eles não tinham aqui dentro, se você chegar ali dentro aquilo ali é uma ilha. (Entrevista com Roberto)

E com a expansão do mercado consumidor e da oferta na cidade houve um acúmulo de capital que possibilitou que fossem criados outros pontos de venda da droga. As favelas Oriente e Baleeira foram as primeiras a ter bocas de fumo e expandir seus negócios com a cocaína, sendo que a primeira é que possuía o movimento mais antigo em Campos. No entanto, a segunda é que ultrapassa os seus limites territoriais e estabelece um acordo com a favela Tira Gosto que se encontra no lado oposto da cidade onde não havia um ponto significativo de venda.

Deste modo, no ano de 1989 os traficantes da Baleeira começaram a abastecer as bocas da Tira Gosto formando um único grupo, que tinha seu comando sede na primeira. O movimento nas novas bocas com o tempo foi se tornando tão grande quanto o de sua sede. Assim, se formaram os três polos centrais de venda na cidade: a favela Oriente, a Baleeira e a Tira Gosto.

Além das bocas na favela prosseguia a comercialização da droga na “zona sul” por meio de redes de amizade. “Eram as redes de conhecimentos pessoais. Meu primo, meu amigo, meu cunhado...” (Entrevista com Roberto). Assim, eles não precisavam ir a favela e

correr risco de ser visto ou ser pego indo comprar droga. Ou seja, através das redes de amizade e parentesco conseguiam comprar sem se expor, mais ainda, quando eles contraíam uma dívida corriam menos risco de sofrer sanções violentas. Roberto cita que em alguns casos eles chegavam a dar surras quando não recebiam o pagamento, mas não ultrapassava esse limite. Cabe ainda ressaltar que estas redes para venda de drogas ilícitas estabelecidas através de “contatos” ou amizade pelos jovens de classe média em Campos não eram territorializadas. Os jovens de classe média se tornavam empreendedores individuais que aproveitavam a oportunidade através do “adianto dos amigos” para ganhar dinheiro.

No que se refere ao tráfico de drogas que era territorializado nas periferias da cidade, eram estabelecidas relações de convivência pacífica entre os traficantes das bocas das três principais favelas onde se desenvolvia o mercado. No entanto, estas relações não perduraram por muito tempo. De acordo com Roberto ainda no final da década de 80 e início da de 90, surge uma rivalidade entre os traficantes da Baleeira e do Oriente. Estas duas favelas são vizinhas e o tráfico de ambas tinha o mesmo fornecedor de drogas e com o tempo começou a surgir comparações entre elas no que diz respeito ao movimento, tanto no atendimento como também na regularidade de pagamento do fornecedor.

Então chegou a um determinado ponto que fornecer para o Oriente, se você fornecia para o Oriente, você tinha que optar. Só que o oriente, os caras que forneciam recebiam. Na Baleeira não recebiam. Você chegava na Baleeira, tantas vezes, ‘pô’, levei ‘neguim’ lá pra receber. ‘Pô’, vão lá... ‘Pô’, vou lá pegar um dinheiro lá. Chegavam lá, os caras não atendiam. Se tocavam, não atendiam. Então eles não recebiam as pessoas que tinham os negócios comerciais. Recebiam. Aí quando você chegava lá pra receber. ‘Pô’, olha lá. Ah, vamos lá! Tenho dez mil pra receber, o cara te paga seis... ‘Ah não! Que tá ruim, que tem um pedaço que tá não sei aonde, não sei aonde... aí você volta amanhã que tem mais dois.’ Aí você tem que alimentar, que você tem que dar mais um pedaço. Você tem que deixar aquilo lá porque passa... se torna um ciclo vicioso. Você tem que botar aquilo pra movimentar. Aí quando os caras chegavam no Oriente recebiam, quando chegava na Baleeira não recebia. (Entrevista com Roberto)

Esta rivalidade se tornou cada vez mais ostensiva levando ao enfrentamento que causou a morte de um dos três chefes do tráfico do Oriente. Eles ainda se mantiveram firmes no comando de suas bocas, apesar da morte ocorrida. No entanto, durante o garimpo⁴⁴ no

⁴⁴Consistia em violar os caixões e buscar pertences preciosos dos mortos como joias entre outros, sendo uma prática comum nesta época.

cemitério do Caju outro integrante foi morto por policiais que faziam a segurança do local na época⁴⁵.

Assim, os traficantes da Baleeira tomaram as bocas no Oriente pondo um fim na concorrência e se tornando o principal revendedor de drogas em Campos dos Goytacazes. Atingindo um grande espaço territorial por causa da coligação com a Tira Gosto, a Baleeira dominou o mercado de drogas. Souza (2010) esclarece que para manter o controle do tráfico de drogas nas duas favelas, o então chefe da Baleeira, mantinha um homem na Tira Gosto que era seu “braço direito”, um “homem de confiança”.

2.2.2 Segundo marco: a rivalidade entre as favelas Baleeira e a Tira Gosto

Essa relação de mercado e de amizade, no entanto, não durou por muito tempo e esse é o segundo grande marco na mudança do mercado de drogas em Campos. Entre os anos de 1990 e 1991 ocorre o conflito que levou a ruptura que desmembrou o grupo formado pelos traficantes das duas favelas, se instalando uma rivalidade que perdura até hoje e que é um dos pontos centrais neste trabalho. Ela é tão marcante e determinante na história do tráfico em Campos que as pessoas entrevistadas durante a pesquisa afirmam que o nome ADA e TCP é apenas uma fachada para manutenção das relações dentro do Presídio e com o tráfico do Rio de Janeiro. E que o que divide e determina o mercado é o fato de ser coligado com Tira Gosto ou com a Baleeira, essas duas favelas e sua história tem mais peso e significado do que a “estampa” das facções⁴⁶.

O rompimento ocorreu por causa de um comentário feito pelo gerente do tráfico da Baleeira que foi considerado desrespeitoso, até mesmo como uma afronta, em relação a mulher do gerente do tráfico da Tira Gosto. A Juliana havia namorado o primeiro alguns meses antes de começar a se relacionar com o atual e seu ex-namorado ao encontrar com a mesma na favela teceu o seguinte diálogo: “Juliana, tá bonita hein Juliana?! E aí ela falou: Oi, tudo bem? E tal... Aí virou pra um dos caras de dentro da Tira Gosto. Virou e falou: Pô! Fala pra seu Diego⁴⁷ que essa mulher dele tá muito bonita. Se bobear eu venho aqui e pego ela de novo pra mim.” (Entrevista com Roberto)

⁴⁵ Roberto ainda acrescenta que a entrada deste traficante no cemitério sempre foi facilitada pelos policiais que ali trabalhavam e neste dia não havia sido diferente, levantando a suspeita de que a morte do mesmo havia sido encomendada, ou seja, foi realizada uma emboscada para o mesmo.

⁴⁶ Os jovens ao falarem da relação estabelecida com a facção do tráfico Amigo dos Amigos – ADA, destacaram a influência deste grupo na hora de alocar traficantes em presídios no Rio de Janeiro, mas que esta associação não exerce nenhuma influência na “atividade do tráfico” na favela. (SOUZA, 2010, p. 35)

⁴⁷ Nome fictício para resguardar o sigilo da identidade do mesmo.

Assim, que o gerente da Tira Gosto ficou sabendo do ocorrido chamou um amigo e foi na Baleeira “tirar a situação a limpo” (Entrevista com Roberto). Ao chegar à favela buscou o pivô da situação para saber sobre o ocorrido, mas ninguém apareceu ou o atendeu. Ele retornou para casa insatisfeito com os acontecimentos. O chefe da Baleeira percebendo que o desfecho acabaria sendo prejudicial para os negócios foi no dia seguinte a Tira Gosto para resolver a questão.

Enquanto aguardavam para serem atendidos o chefe e outro gerente⁴⁸ da Baleeira resolveram “apertar um baseado” (Entrevista com Roberto), o que naquela época era considerado uma ofensa, um desrespeito as leis do tráfico, pois, não era permitido fumar “a luz do dia” na frente dos moradores e das crianças. Esse foi estopim para que em seguida ocorresse o assassinato dos dois.

Meu irmão, esses caras tão abusados demais. Tão vindo aqui dentro de casa, tirar a marra aqui. Pô, vamos ripar esses filhas da puta. Vamos ripar esses filhas da puta. Neguim se armou no caminho pra cá. Veio um grupo daqui. E pá, começaram aqui. Vamos fumar um baseado, vamos fumar um baseado. Os caras abaixaram fumando um baseado. Todo mundo agachadinho assim. Encostadinho no muro. Aquela coisa de vagabundo mesmo né?! Agachadinho no muro, todo mundo desceu, arrancaram as armas e “bu”, “bu”, “bu”, “bu”, “bu”, “bu”, “bu”, “bu”... Mataram os dois. Abriram os corpos, jogaram no Paraíba. (Entrevista com Roberto)

Após o assassinato, eles pegaram os carros e as armas e invadiram a Baleeira com o intuito de dominar o tráfico da mesma, porém, não houve sucesso em sua iniciativa. Desde então, os traficantes da Baleeira prometem se vingar pela traição cometida e encontrar o corpo que até hoje eles não sabem onde foi descartado. O único gerente que permaneceu vivo se tornou chefe do tráfico. De acordo com Souza (2010), o mesmo era irmão⁴⁹ do antigo chefe e a partir deste episódio a chefia, a gerência, os chamados cargos de confiança do tráfico na favela Baleeira são passados para os homens mais velhos na escala de parentesco dos chefes anteriores. Por isso, a chefia do tráfico da Baleeira permanece sob domínio da mesma família, assim como na Tira Gosto.

Desta forma, estabeleceu-se a rivalidade que até hoje está vigente. Desde o assassinato dos chefes e da invasão a Baleeira, iniciou-se uma ‘guerra’ declarada onde muitos ‘soldados’

⁴⁸O comando do tráfico de drogas na Baleeira era formado por um chefe e dois gerentes. O gerente em questão não foi o que teceu o comentário. Este permaneceu na Baleeira por uma questão de segurança.

⁴⁹ Roberto, no entanto afirma que era primo. De qualquer modo existia a relação de parentesco.

de ambos os lados foram assassinados, no intuito de vingar as mortes anteriores⁵⁰. Diante deste risco de morte iminente que se estabelece para ambos os rivais em territórios “inimigos”, que foram formando os limites das fronteiras para as pessoas que estão envolvidas neste mercado.

Assim, os moradores de ambas as favelas relatam a existência desta rivalidade, mesmo aqueles que não têm envolvimento com o tráfico de drogas, expondo a importância do assassinato na história do tráfico e mesmo das favelas. Apesar de não ser nascido na época em que ocorreram o assassinato e a invasão da Baleeira, Cauã⁵¹ relata assim como Roberto o surgimento da rivalidade.

Baleeira e Tira Gosto era uma coisa só. Na época do falecido Mário⁵² [o primeiro chefe do tráfico da Baleeira]. Ele que trouxe Baleeira pra Tira Gosto, que era uma coisa só. Aí mataram ele. Acharam que foi o pessoal da Tira Gosto e começou a rivalidade. Você matou meu mano e ponto. Então vou matar vocês e tá aí essa guerra até hoje. (Entrevista com Cauã)

Cada favela e bairro onde ocorreu a territorialização do tráfico, com ampliação da demanda por drogas ilegais na cidade começou a desenvolver sua “atividade”, principalmente as bocas da Tira Gosto e a Baleeira, que passaram a ser concorrentes. Os traficantes organizaram as “firmas” de acordo com esse novo mercado e sua lucratividade aumentou de forma considerável. “E aí os caras começaram a ganhar dinheiro. E dinheiro que eles nunca viram na vida.” (Entrevista com Roberto) Por isso eles começaram a lavar dinheiro comprando carros, apartamentos, entre outros e colocando em nome de parentes. Concomitante a acumulação de capital houve o aumento do tráfico de armas e consequentemente o uso indiscriminado das mesmas pelos traficantes.

Até então os dois grupos se identificavam como pertencentes ou amigos da T.G. (Tira Gosto) ou da Baleeira. A ligação entre o tráfico de Campos e as facções cariocas só ocorreu após os primeiros encarceramentos dos traficantes da cidade nos presídios do Rio de Janeiro⁵³.

⁵⁰ “Aí a partir disso aí começou a matança. Vai lá mata aqui, volta aqui mata lá. Aí começaram a se matar no Farol. No verão do farol. Aí mataram Yuri. Mataram mais uns quatro cinco meninos daqui. Pegaram uns meninos de lá também da Baleeira que vinham comprar, que lavavam carro no mercado. Perto da (...) mataram esses meninos. Aí uns da zona sul que eram lá agregados lá também. Brigaram lá quando vieram pra cá os caras aqui retalharam os caras no meio, cortaram.” (Entrevista com Roberto)

⁵¹ Jovem de 21 anos “nascido e criado” na Baleeira com o qual realizamos entrevista em profundidade.

⁵² Este também é um nome fictício, que atribuímos ao primeiro chefe do tráfico da Baleeira.

⁵³ De acordo com a pesquisa de Souza (2010) a relação com as facções se estabeleceu devido a necessidade de determinar o lugar dos traficantes das duas favelas rivais da cidade de Campos dos Goytacazes nos presídios do Rio de Janeiro. Pois, quando o chefe da Baleeira foi preso, por não ter nenhuma ligação com facção quase foi morto. Ele acabou fugindo do presídio e posteriormente negociando e filiando o grupo de varejo de droga desta favela à facção Amigo dos Amigos do Rio de Janeiro.

Pois, os presos estabelecem relações entre si a partir das facções de tráfico de drogas, havendo inclusive divisões espaciais na instituição a partir das rivalidades entre os grupos. Neste sentido Roberto explica que:

Eles eram presos aqui, aí iam pro Rio. Aí chegavam lá e começam a se identificar com determinada facção. Fazendo... Formando coalisões. Formando parcerias. Então quando você sai daqui. Cadeia é uma escola de crime. Quando você sai daqui. Você sai de Campos. Você é um bunda daqui. Aí você vai cair no meio dos tigres lá dentro da jaula no Rio. Aí o cara olha pra você: Meu irmão você vem de onde? Você é de Campos. Tem um movimentinho lá. Pam, pam, pam. O cara já olha pra você. Já pensa o seguinte. Pô cara tem um movimento lá. Vamos fortalecer o movimento dele. Que na hora que eu precisar eu posso manda dois ou três pra lá, pra ficar lá, posso esconder uns caras lá. Um monte de gente vem do Rio pra cá. Que não era de Campos, veio pra cá e tentou se aliar aqui dentro.

Desta forma a Baleeira se coligou a facção Amigos dos Amigos (ADA) com a qual estabelece relações até hoje. Enquanto a Tira Gosto, a princípio se coligou com o Comando Vermelho (CV). Porém, esta aliança não durou muito tempo. De acordo com Roberto (2015) devido a uma série de enfrentamentos ocorridos em Bangu I que culminou no assassinato de alguns traficantes ligados ao CV houve uma mudança nas coligações entre os grupos que existiam no presídio. Assim os traficantes da Tira Gosto se aliam àqueles pertencentes ao Terceiro Comando, que foram responsabilizados pelas mortes ocorridas no CV, permanecendo até hoje ligado a esta facção.

Então estes são os dois marcos fundamentais para compreender as configurações atuais do tráfico de drogas na cidade de Campos dos Goytacazes: a chegada da cocaína, que foi responsável por impulsionar e desenvolver o mercado nas bocas de fumo das favelas e bairros periféricos, sedimentando a territorialização do mesmo nestes espaços; o surgimento da rivalidade entre os grupos de traficantes das duas principais favelas onde estava sendo desenvolvido, Baleeira e Tira Gosto, que estabeleceu uma concorrência de mercado e dividiu os territórios de atuação entre ambas.

2.2.3 Fronteiras visíveis do tráfico de drogas: as rivalidades entre grupos/facções da cidade

A partir da pesquisa de Souza (2010) e do relato de Roberto constatamos que a história e o nome das favelas: Baleeira e Tira Gosto, tem mais importância no tráfico de drogas de Campos dos Goytacazes que suas coligações com as facções, fazendo com que os grupos de

traficantes de outras favelas se identifiquem como pertencente ao movimento da TG e da Baleeira, ao invés de se reportar a facção. Ainda assim, são as siglas das facções (ADA e TCP) que estão pichadas pela cidade demarcando a que grupo pertence aqueles territórios. Neste sentido, atualmente podemos apreender a territorialização do tráfico dos referidos grupos/facções através da sigla ADA e TCP em muros, postes, placas de trânsito, na calçada, entre outros. Quando encontramos em determinados lugares a sigla ADA compreendemos que aquela boca é coligada com Baleeira, quando encontramos TCP a coligação é com a Tira Gosto.



Figura 5: Pichação no muro da Escola Municipal Branca Peçanha Ferreira – Parque Eldorado, Guarus. Fonte: Arquivo da autora. (26/08/2015)



Figura 6: Pichação na Rua Tenente Coronel Cardoso esquina com a Rua Conselheiro José Fernandes. Próximo a Favela Tamarindo. Coligada com a Baleeira. Fonte: Arquivo da autora. (21/08/2015)



Figura 7: Pichação em muro de casa na Rua Voluntários da Pátria – Bairro Centro. Fonte: Arquivo da autora (27/10/2015)



Figura 8: Pichação com a sigla ADA e uma ameaça para os rivais em Guarus. Fonte: Silvana Rust – Site Terceira Via.



Figura 9: Pichação em monumento com a sigla TCP em Guarus.
Fonte: Silvana Rust – Site Terceira Via.

Apesar de encontrarmos pichações com as iniciais das duas facções (TCP e ADA) por toda a cidade, a frequência das mesmas aumenta nas áreas onde se localizam as bocas de fumo e em seu entorno próximo. Elas demarcam o território, delimitando assim suas fronteiras visíveis (apesar de simbólicas) para a circulação dos jovens. Muitas destas pichações têm acompanhadas da sigla da facção uma ameaça ao rival ou mesmo uma “afronta” (Figura 7) – “TG é cu; ADA” e “Vai morrer” respectivamente – para reforçar a proibição de trânsito do rival naquele território. Assim também como se pode observar a identificação do grupo e/ou do chefe que hoje está no comando da boca daquele bairro, como vemos na figura 5 – “P.E; TCP; Bonde do Moço”.

Diversas reportagens abordam o uso das pichações de facções ligadas ao tráfico de droga como método para demarcar o território em várias regiões de Campos. A jornalista Cláudia dos Santos em reportagem do Jornal Terceira Via ainda acrescenta que para “além de mostrar o poder que exercem sobre a comunidade local, os criminosos usam os espaços para homenagear comparsas que foram mortos na guerra pela disputa territorial”, como as fotos abaixo de outra reportagem sobre as pichações na cidade de Campos demonstram⁵⁴.

⁵⁴ As matérias sobre as pichações com siglas de facções estão disponíveis no site do Jornal Terceira Via: http://www.jornalterceiravia.com.br/noticias/campos_dos_goytacazes/66183/pichacoes:-faccoes-criminosas-dominam-bairros-de-guarus#prettyPhoto e http://www.jornalterceiravia.com.br/noticias/campos_dos_goytacazes/66410/traficantes-usam-pichacoes-para-demarcar-territorio



Figura 10: Pichação com homenagem a um traficante morto em Guarus.
Fonte: Silvana Rust – Site Terceira Via



Figura 11: Pichação com homenagem a um traficante morto em Guarus.
Fonte: Silvana Rust – Site Terceira Via.

Cabe ainda ressaltar que as pichações que se referem a traficantes mortos em enfrentamento de facções rivais ou em emboscadas devido a esta rivalidade estão mais presentes no subdistrito de Guarus. Isto se deve ao fato de que o índice de homicídios e até mesmo de embates entre facções tem uma frequência muito maior no bairro deste subdistrito como veremos nos próximos subitens.

2.2.4 Fronteiras invisíveis do tráfico de drogas: os limites subjetivos dos territórios e das relações.

Esta rivalidade também pode ser observada nos bailes funk realizados em ambas as favelas - Tira Gosto e Baleeira - onde as letras das músicas fazem alusão a esta ambivalência e reforçam através de ameaças a demarcação dos territórios, estabelecendo as fronteiras invisíveis do medo e do ódio que alimentam as relações estabelecidas entre os jovens das mesmas. Assim, transcrevemos abaixo dois funks, sendo o primeiro “Cria da TG”⁵⁵ do Mc JL que faz alusão e apologia aos traficantes da Tira Gosto e o segundo “Baleeira pesadelo, T.G. passa fome”⁵⁶ que não sabemos a autoria, e faz referência ao tráfico da Baleeira.

Cria da TG Mc JL

Por isso eu vou mandar
 Por isso eu vou mandar assim
 Solta o dindinho, solta logo o Quinzim
 Cria da TG desde pequininim
 Lá na Beira Rio só torrando a do bondim
 Não dá, não dá, não dá não.
 Por isso eu canto assim
 Solta o tio, solta logo o Quinzim
 Cria da TG desde pequininim
 Lá na Beira Rio só torrando a do bondim
 No bairro da Lapa é só homem bomba
 É a contensão a noite inteira
 Os de ‘tibu’ já tão no ódio pra tomar a Baleeria
 Nós desce pela quinze e cheio de ódio
 Eu vou falar pra tu
 São vários carros, várias motos pra partir lá pro Caju
 Quando chega no Esplanada a chapa fica quente
 Vamos invadir Ilha do Cunha, Baleeira e Oriente
 ADA filha da puta escuta o que eu vou te dizer
 Na cidade de Campos a Tira Gosto é o poder.

Baleeira pesadelo, T.G passa fome

É a ADA a vera mano!
 Não, não, não! Não adianta se esconder
 Porque o bonde vai atrás
 Bota a cara TG
 Quer tiro? Então vai...
 Saudade do Geinho e o Menor era bão
 Liberdade pro Obama, solta logo o patrão
 Se eu ‘tô’ aqui divulgando porque foi a pedido
 Campos é pesadelo, conexão com o Rio
 É tudo ADA, vocês não corresponde
 Baleeira é pesadão, TG passa fome
 É Tudo ADA, vocês não corresponde
 Baleeira é pesadão, TG passa fome
 Puta que pariu, é ADA purinho mané?!
 É ADA purinho sim! Ôoo...
 É a ADA a vera mano.

O funk “Cria da TG” inicia fazendo referência a um dos integrantes do “bonde” que é “cria da TG”, ou seja, nascido e criado na favela. A categoria “cria” da comunidade ou da favela (varia de acordo com o interlocutor) é evocada quando se pretende reafirmar o

⁵⁵ Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=mERmOb_wYSQ&nohtml5=False Acessado em: 20 de Novembro de 2015.

⁵⁶ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=c4M-k96pjkM&nohtml5=False>. Acessado em: 20 de Novembro de 2015.

pertencimento do indivíduo àquela favela, reiterando o prestígio e autoridade do mesmo neste local⁵⁷. Identificado na música como Quinzim, o mesmo está preso e tem um cargo alto na hierarquia do tráfico visto que ele é chamado de “tio” e “dindinho” (de padrinho). (*Solta o dindinho, solta logo o Quinzim/Cria da TG desde pequininim*) Vários funks que descrevem a rotina e as relações do tráfico de droga em Campos, iniciam suas letras fazendo alusão ao “patrão” preso e/ou ao gerente em sinal de respeito a hierarquia e pedindo liberdade.

Além disso, Mc JL compara o traficante ao *homem bomba* que fica na *contensão a noite inteira*. Assim, ele ressalta os contornos do aspecto da violência que o tráfico de drogas assume, expondo “a disposição guerreira do bandido que deve ser capaz de matar ou morrer na defesa dos interesses da facção e na relação de lealdade que deve manter com sua ‘comunidade’” (TEIXEIRA, 2013, p. 63). E assim de forma peculiar utiliza uma linguagem que faz alusão a práticas terroristas, quando aciona a imagem do homem-bomba que fica na “atividade” a noite inteira e mobiliza *vários carros e várias motos* para enfrentar o inimigo que é a Baleeira e todo o complexo de favelas que está ligado a ADA e que está estabelecido nas proximidades da primeira. (*Quando chega no Esplanada a chapa fica quente/ Vamos invadir Ilha do Cunha, Baleeira e Oriente*)

A música também apresenta explicitamente, no trecho acima destacado, a rivalidade entre as favelas, chegando a descrever as dimensões espaciais das fronteiras que se formam. Assim, quando o Mc JL afirma que vai *descer pela quinze*, ele se refere a Avenida 15 de Novembro que se encontra a margem do Rio Paraíba e corta quase toda a cidade, fazendo parte da chamada *Beira Rio*, como ele alude na letra. Ocorre que ambas as favelas se encontram geograficamente nos dois extremos desta Avenida, ou seja, estão interligadas por essa via de acesso. Ele faz uma ameaça partindo da referência histórica acima relatada, da invasão da Baleeira realizada pelos “meninos” da Tira Gosto que *desceram pela quinze* para tentar dominar aquele território.

Quanto ao segundo funk, “Baleeira pesadelo, TG passa fome”, inicia realizando uma ameaça a Tira Gosto e assim como primeiro funk faz referência ao episódio da invasão, reafirmando que se *botar a cara*, ou seja, invadir o seu território, iriam ser recebidos com tiros, iniciando uma “guerra”. (*Não, não, não! Não adianta se esconder/ Porque o bonde vai atrás/Bota a cara T.G./ Quer tiro então vai...*) Nos versos seguintes, ele além de fazer

⁵⁷ Teixeira (2013) também identificou o uso da categoria “cria” nas favelas do Rio de Janeiro, porém, em sua definição a mesma podia se referir a alguém que está na favela desde pequeno, não sendo necessário que o mesmo tenha nascido no local. Em Campos dos Goytacazes, os nossos interlocutores explicam que para ser “cria” tem que ser nascido e criado na favela.

reverência ao *patrão* a quem ele chama de *Obama*, ele cita os nomes dos *manos* que morreram devido a enfiamentos entre facções (*Saudades Geinho e o Menor era bão*).

Adiante a música prossegue exaltando a aliança realizada entre a facção ADA do Rio de Janeiro e o “movimento” de Campos dos Goytacazes. (*Campos é pesadelo, conexão com o Rio/É tudo ADA, vocês não corresponde/ Baleeira é pesadão, T.G. passa fome*) Assim, a letra coloca que o “movimento” da Baleeira, o mercado é *pesadão* e que a T.G. vai perder cada vez mais seu espaço no mesmo e vai *passar fome*. Neste sentido eles se referem a expansão do mercado nos territórios e a intensificação desta atividade.

Ou seja, ambas as letras de funk retratam a expansão que o mercado de drogas conquistou em Campos após o início da rivalidade entre Baleeira e T.G.. Assim, outras favelas iniciaram ou ampliaram a suas bocas, respeitando e se coligando com as duas principais favelas supracitadas. Devido as proximidades territoriais, de relações e por geograficamente se encontrarem em áreas completamente opostas, estando cada uma de um lado da margem do Canal Campos – Macaé, todas as favelas que se encontravam da Beira Valão em direção a Pecuária, se ligaram a ADA (Baleeira) – como a própria letra do primeiro funk se refere a Ilha do Cunha e Esplanada – do mesmo marco em direção ao Centro e a Lapa a TCP (Tira Gosto).

A partir da oposição entre Baleeira e Tira Gosto, e assim, a expansão e adesão das favelas e bairros ao seu redor a mesma facção dominante da favela principal de sua área, surge o “mito”⁵⁸ da divisão da cidade, tendo como marco o Canal Campos – Macaé, em dois lados rivais, lado A e lado B⁵⁹, que em estudos (SOUZA, 2010), na fala de profissionais de segurança pública e de jovens traficantes é a fronteira, o limite seguro de circulação para aqueles que são das favelas, dos bairros periféricos onde se encontram algumas bocas, e principalmente para aqueles que fazem parte deste “movimento”.

⁵⁸ Denominamos como “mito” da divisão da cidade, pois apesar de ser para muitos moradores de ambas as favelas e região de abrangência uma fronteira real e intransponível, para outros ocorre uma flexibilidade e possibilidade maior de circulação, como está exposto no quarto capítulo desta dissertação.

⁵⁹ Souza (2010, p.67) expõe que “estas duas favelas disputam a venda de drogas e domínio da cidade, dividindo-a em dois territórios principais, lado A e Lado B, este pertencente à favela Baleeira e aquele pertencente à favela Tira Gosto”.

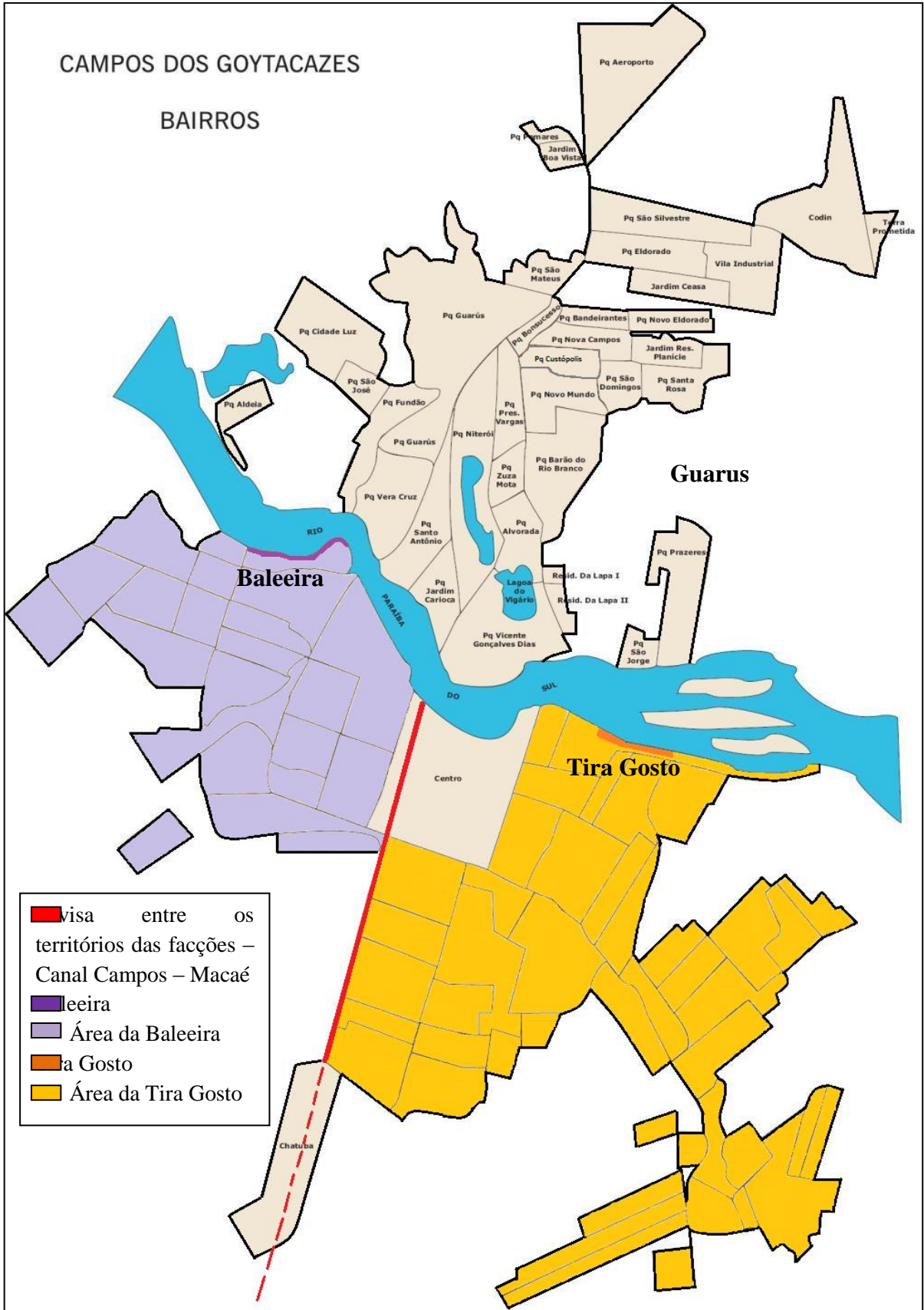


Figura 12: O mapa acima demonstra a divisão entre os dois grupos rivais a partir das favelas – Baleeira (ADA) e Tira Gosto (TCP).

Fonte: Mapa adaptado pela autora.

No entanto, esta divisão não tem fronteiras tão rígidas como representamos no mapa e sua percepção irá variar de acordo com as experiências vivenciadas pelos jovens, as quais estão explicitadas no terceiro e quarto capítulos. Para, além disso, como é possível observar a mesma não prossegue do outro lado da margem do Rio Paraíba do Sul, no subdistrito de Guarus, devido à territorialização tardia e que ocorreu de forma distinta nos bairros que o compõe.

2.2.5 A territorialização do tráfico de drogas no subdistrito de Guarus

Na história desta rivalidade entre favelas e posteriormente divisão do território da cidade, o subdistrito de Guarus a princípio não participou do movimento de expansão do mercado ou sofreu intervenções por parte do grupo de traficantes. Pois, a região nunca ocupou um lugar de atenção e centralidade, por ter sido historicamente abandonada pelo poder público (que sempre esteve nas mãos da elite campista) por muito tempo, demorou a se desenvolver e por isso não era vista como uma área de interesse para avenida de drogas em potencial. Guarus foi um espaço onde os ex-escravos, os pobres, aqueles que eram “excluídos socialmente” se dirigiam para morar, visto que não conseguiam lugar na área central da cidade e nos seus bairros próximos.

Neste sentido, parte da área de Guarus só foi inserida no perímetro urbano no Plano Urbanístico elaborado pela Empresa Coimbra Bueno em 1944, como vimos anteriormente. Até porque era necessário prever áreas para expansão da cidade e realizar planejamento para novos bairros, pois como ressaltamos acima, desta década em diante a cidade sofre um aumento populacional significativo no perímetro urbano (FARIA, 2000 *apud* VIEIRA, 2003).

Na década de 70 quando é elaborado o PDUC, que tinha com um dos seus objetivos principais o estabelecimento de leis de zoneamento, parcelamento e uso do solo urbano, na tentativa de corrigir as carências e regular os espaços periféricos até então deixados à margem do processo de urbanização e modernização, Guarus também está inserido no plano como área que deve ser alvo de intervenções (VIEIRA; FARIA, 2003).

A insistência por parte do plano em inserir a área de Guarus como participante dos processos de organização de uso e parcelamento do solo, vem de algumas das várias proposições criadas por este mesmo plano em oferecer prioridade às áreas carentes intensamente ocupadas – principais características da área de Guarus – no que concerne aos serviços urbanos necessários. Neste sentido, o plano apresenta como até àquela época, áreas como a de Guarus não estavam sendo atendidas com esses tipos de serviços

por parte de todos os órgãos e entidades que participam direta ou indiretamente da construção do espaço urbano, seja do setor municipal, estatal ou federal. (VIEIRA;FARIA,2003, p.15)

Assim, Faria (2005) expõe que Guarus é um dos subdistritos que mais foi atingido pelo processo de segregação socioespacial no município de Campos e Bertoli (2013) complementa que até hoje é visto como menos desenvolvido, sendo habitado por pessoas de baixo poder aquisitivo, que são alvos dessa lógica higienista e separativista. Neste sentido, se tornou um espaço destinado a instalação de presídio e lixão, como em outros bairros periféricos da cidade onde estão instalados equipamentos que “enfeiam” a paisagem como matadouro e cemitérios.

Outro fator que influenciou a tardia territorialização do tráfico em Guarus foi a existência do Rio Paraíba do Sul que forma uma fronteira natural entre o Subdistrito de Campos e o de Guarus, o que já cria uma barreira que dificultou a expansão do tráfico. Porém, com o crescimento populacional do subdistrito foi apenas uma questão de tempo para que os traficantes compreendessem o novo potencial de mercado daquela área e criassem mecanismo de conquista de território e formação de novas bocas.

Porque foi um misto dos piores daqui, da Baleeira, com os piores da Tira Gosto pra lá. Pra marcar território, ocupar espaço, ganhar espaço, aumentar a franquia de comunidade, a franquia de favela, pra fatura aumentar, pra ter mais lucro. Portanto Sapo I, Sapo II⁶⁰ é ADA. É Baleeira agora. Sapo III é Tira Gosto. Tira Gosto não é nem ADA, não é nem Comando Vermelho. É TCP, Terceiro Comando Puro. (Entrevista com Cauã)

Assim, estabeleceu-se os conflitos para conquistar os territórios e mercado em Guarus entre as duas favelas principais, o que tornou violento os bairros do subdistrito. Bertoli (2013) corrobora com os relatos e dados colhidos nesta pesquisa quando explica que ao estudar a favela São Matheus, que se localiza no subdistrito de Guarus, os moradores expõem que o movimento da mesma é ligado ao comando do tráfico da favela Tira Gosto. E a autora acrescenta que segundo Mesquita (2009) “as questões relativas aos problemas sociais decorrentes desses cenários apontam para discussões e diversos temas relacionados a cidadania, controle social e violência e as suas implicações no modo de vida dos jovens moradores de favelas de Campos dos Goytacazes” (MESQUITA, 2009 *apud* BERTOLI, 2013, p. 45).

⁶⁰ Sapo I e Sapo II são identificadas nas notícias e reportagens como favelas que se encontram no entorno da Lagoa do Sapo no bairro Eldorado, subdistrito de Guarus.

O quadro se torna ainda mais complexo quando Guarus começa a receber os primeiros conjuntos habitacionais do *Morar Feliz*. Foi neste subdistrito onde ocorreu o maior número de construção de conjuntos habitacionais pela política pública de habitação⁶¹ destinada a população que está em áreas de risco ou sem condições dignas de moradia (BERTOLI, 2013). O problema se estabelece, pois, as ações municipais no intuito da produção da habitação social para essa população não ocorreu a partir de um planejamento de todo o território urbano, principalmente no que se refereas novas periferias e loteamentos que se formavam na cidade (ARRUDA, 2009).

Esta falta de planejamento e estudo quanto a área onde estavam sendo construídas as casas, assim como do grupo que ali iria habitar fez com que se misturassem no mesmo conjunto, grupos de facções rivais, provocando confrontos frequentes para as conquistas e reconquistas de territórios. (ARRUDA, 2014) Além de ter aumentando de forma significativa o quantitativo de mortes de jovens neste distrito. Em 2013, o site de notícia Ururau chama atenção para construção de barricadas nos Conjuntos Habitacionais de Santa Rosae a existência de uma “guerra” entre facções para conquista de territórios em Guarus.⁶²

As informações repassadas no local são de que além de impedir a passagem da PM, as barragens teriam sido construídas, porque traficantes do Sapo II e dos Conjuntos Habitacionais do Santa Rosa, que seriam comandados pelo Terceiro Comando Puro (TCP) estariam invadindo os locais com veículos de grande porte, como pickup, e com armamento pesado. As barreiras foram colocadas há cerca de três meses. Ainda segundo informações, haveria a existência de uma suposta guerra entre as comunidades. Além disso, traficantes do Sapo I estariam há um quilômetro de distância de alcançarem o ponto de vigilância do Sapo II. Dessa forma, para tomar totalmente o tráfico de drogas do Sapo II, os traficantes do Sapo I, cuja facção predominante é a dos Amigos dos Amigos (ADA), teriam que invadir até a comunidade da Terra Prometida.

De acordo com Arruda (2014) a prefeitura reconheceu que há criminalidade nos conjuntos, mas afirma que esse já era um problema existente nas áreas realojadas. Ou seja, justificam o aumento da violência a partir do princípio de que já existiam conflitos nas áreas de origem e que ao ser reterritorializado continuaram a existir, sendo esses uma questão

⁶¹ Ao considerar que a transformação do território urbano rumo a uma situação de menos desigualdades passe também pela democratização do acesso à habitação, o discurso da casa popular tem feito parte da agenda de diversos governos, embora, em muitos casos, deslocados de um sentido profundo de reforma urbana. (ARRUDA, 2014, p.)

⁶² Acessado em 14 de Dezembro de 2015. Disponível em: http://www.ururau.com.br/cidades36432_Barricadas-continuam-sendo-colocadas-por-traficantes-em-Campos

“moral” dos moradores. Assim a autora coloca que “a ação da prefeitura, segundo um entrevistado⁶³, é limitada diante desta realidade e passaria pelo resgate de valores “perdidos por estes moradores” (ARRUDA, 2014, p. 211), desresponsabilizando o poder público no que se refere ao estabelecimento de estratégias para enfrentamento da violência. Porém, José esclarece e reafirma a falta de planejamento da prefeitura e expõe: “Como que eu explico... eu acho que piorou por esse sentido. Eles tiraram gente de um bairro e botaram pro outro. Misturou muito... Bairro que não podia se misturar, eles misturaram”.



Figura 13: Foto do Conjunto Habitacional de Santa Rosa com pichações da facção ADA.
Fonte: Arquivo da autora. (16/01/2016)



Figura 14: Foto da parte antiga do bairro Santa Rosa com pichações da facção TCP.
Fonte: Arquivo da autora. (16/01/2016)

⁶³ Funcionário da Secretaria Municipal da Família e Assistência Social que atualmente leva o nome de Secretaria Municipal de Desenvolvimento Humano e Social.

O subdistrito de Guarus, para além das divisões entre bairros, se encontra hoje extremamente dividido em pequenos territórios onde apenas uma rua separa o ponto nefrágico de uma facção rival para outra. Isto faz com que os enfrentamentos pela conquista de novos territórios sejam ainda mais acirrados e neste sentido as fronteiras se tornam extremamente flexíveis quanto sua localização, na medida em que mudam com grande facilidade a partir da conquista daquele espaço através da força.

E devido a constante ameaça que os territórios das facções sofrem de serem tomados mediante a proximidade, essas mesmas fronteiras também se tornam extremamente vigiadas pelo comando que atualmente está em poder daquele território e não o quer perder. Isto dificulta significativamente a circulação dos moradores, pois, eles se tornam alvos de suspeitas e podem sofrer sanções caso estejam entrando em território inimigo ao que eles residem. As fotos das pichações retiradas durante a execução desta pesquisa demonstram claramente este conflito como a que podemos ver abaixo:



Figura 15: Foto do muro de casa localizada no cruzamento da Avenida Professor Carmen Carneiro com a Rua Santo Antônio – Jardim Carioca, Subdistrito de Guarus.

Fonte: Arquivo da Autora. (27/10/2015)



Figura 16: Foto do muro de casa localizada no bairro – Subdistrito de Guarus.
Fonte: Arquivo da autora. (27/10/2015)

Em relação a Campos, Guarus apresenta um nível de complexidade maior no que se refere à divisão e disputa territorial do tráfico de drogas ilícitas devido a todo esse processo de territorialização diferenciado que ocorreu no subdistrito. Ele apresenta assim uma especificidade, principalmente, no uso exacerbado de prática violentas para assegurar seu território e proteger suas fronteiras, questão que é menos frequente entre as favelas e bairros de Campos, até por ter uma territorialidade mais sedimentada. Assim, isto aponta modalidades diferenciadas na administração e gerenciamento do mercado de drogas nos bairros adequando ao contexto social e territorial de cada um.

2.3 O panorama atual da territorialização e do funcionamento do tráfico de drogas na cidade

O panorama atual do tráfico de drogas ilegais na cidade de Campos, de acordo com Roberto (Jun., 2015), mostra a centralidade de outras favelas e bairros na comercialização junto com a Baleeira e a Tira Gosto, como por exemplo, a Penha e o subdistrito de Guarus como um todo. Ele explica, corroborando com a análise de Barbosa (2008) com relação ao Rio de Janeiro já exposta neste trabalho⁶⁴ e que se adequa ao tráfico de drogas em Campos, que existe uma independência entre os bairros e favelas quanto ao tráfico e que isto tem até

⁶⁴Ver página 41 desta dissertação.

permitido uma diversificação das bocas de fumo, algumas se especializando em um determinado tipo de droga.

Realmente tudo avulso. Ali não tem ligação nenhuma. Tem relação de amizade, mas não tem ligação nenhuma. Acontece que hoje cada um tem seu fornecedor. Por isso que existe essa matança toda aí. Se você vem aqui estabelece um comércio aqui na porta desse condomínio. Você vai incomodar a Portelinha⁶⁵. A Baleeira fazia isso no Parque Leopoldina, já na Penha tem o pessoal dali. E aí também vem acontecendo uma coisa que a droga saiu muito daqui e descentralizou né?! A droga assumiu uma proporção... O nível de quantidade de usuário subiu numa proporção imensa. Isso foi também saiu daqui pra baixada, Farol... Generalizou, generalizou... Geral. Você não tinha lá em Atafona, você tinha que vir em Campos comprar. Hoje em dia você tem boca de pó, você tem boca de maconha, de crack. De certa forma, o tráfico já tá em São João da Barra. Isso descentralizou de uma forma imensa. Isso aí abriu um leque de fornecedores. Cada um tem seu fornecedor próprio, tem seu... O cara do fornecedor geral fornece... Chega aqui, aí tem uma amizade aqui e fornece pra um cara ali do..., fornece pra outro dali... Fornece pra todo mundo ele não quer nem saber. Ele quer receber o dinheiro dele. Chego aqui você tem oito mil, você leva um quilo de cocaína e acabou. Você tem trezentos reais, você leva 25 gramas e acabou. E aí pulveriza e vai vender. Vai misturar e vai vender. (Entrevista com Roberto)

Ou seja, Roberto atribui a independência entre os grupos que atuam no mercado de drogas na cidade pelo fato de terem seu próprio fornecedor. E que ele pode ser até o mesmo, mas não tem ligação direta com o outro grupo que vende a varejo, realizando um negócio individual. O fato de não dever a outro grupo o abastecimento facilita as relações e as parcerias, que determinam as facções que as bocas de bairros diversos se coligam, e no caso de Campos a qual das duas favelas centrais estão ligados. Mas esta independência também estabelece um problema relacional, pois, à medida que não precisam prestar contas da administração do movimento acabam muitas vezes por invadir o território de outros grupos, prejudicando o rendimento das bocas estabelecidas e gerando conflito e por consequência confronto.

Barbosa (2008) esclarece que não há nenhuma hierarquização entre o “corpo” dos comandos e dos grupos locais. Assim, no Rio de Janeiro de acordo com o autor, ataque e defesa de territórios são resolvidos a partir de composições e recomposições de alianças entre os grupos com o aval dos donos dos morros, chefes e irmandades. No entanto em Campos dos

⁶⁵ A “Portelinha” é um conjunto habitacional construído pelo município durante a execução do Programa *Pode entrar que a casa é sua*, no ano de 2007. Ele se localiza na favela Matadouro e é constituído de um conjunto de prédios com o total de 228 apartamentos, destinados a famílias que residiam no antigo Matadouro Municipal em situação insalubre. Neste conjunto habitacional o tráfico de drogas tem um “movimento” consistente, por isso, ocorre com frequência batidas policiais.

Goytacazes existem grupos que tem maior importância em nível de mercado, por sua história, estrutura e mesmo pela sua força como já abordamos acima, então apesar de não ser propriamente uma hierarquização é um respeito e reverência que faz com que os outros grupos não ultrapassem as fronteiras estabelecidas por estes.

São microterritórios. Existe o macro. Existem os macros. - Como assim? Perguntei - Os macros: Baleeira, Tira Gosto, Penha. Mas dentro dessas estruturas tem os micros. Que atingem... Esses atingem um grande número de pessoas. Eles atingem uma população muito grande. Atingem um volume grande. De você chegar as vezes ali (Portelinha) e ter fila. Você chega lá e tem fila lá no comércio. - E assim inquiri: E os micros território não podem vender, por exemplo, na frente do macro e o macro não pode vender na frente do micro? - Não... Não... O macro vai na frente do micro e faz o que quer. Passa por cima do micro. É lei do poder, é a lei da força mesmo. A lei da força. Os caras descem com o fuzil e saem fazendo e vai embora. O que, o que eu não tenho visto. (Entrevista com Roberto)

Assim, pode-se dizer que existem blocos territoriais⁶⁶, que não possuem relação hierárquica rígida com lideranças acima dos donos das bocas e chefes dos movimentos, no caso de Campos. E a partir do momento que estabelecem parcerias com outros grupos criam “redes horizontais de proteção mútua” (MISSE, 2003) que articulam a defesa das suas áreas de atuação. Porém, estas redes horizontais permitem que existam escalas de níveis variáveis, ou seja, ela é composta por diferenciados grupos em relação ao tamanho e complexidades diferentes, como vimos anteriormente.

A partir da pesquisa realizada, no município de Campos pudemos identificar algumas modalidades diferenciadas deste comércio: a) o de grandes fornecedores (atacadistas) que são identificados por Roberto como pertencentes a classe média e moradores da “Zona Sul”; b) o tráfico dos varejistas da “Zona Sul” que vendem no próprio meio para jovens de classe média como eles e são desterritorializados; c) o tráfico das favelas e bairros periféricos que são territorializados e tem bocas de fumo instaladas em lugares estratégicos para venda. E esta última modalidade ainda subdividiremos em três tipos específicos: i) o tráfico das favelas que pertencem ao macroterritórios, como Penha, Baleeira e Tira Gosto; ii) o tráfico dos microterritórios, como Parque Aurora, Favela Tamarindo, Parque Califórnia; iii) e o terceiro é o tráfico estabelecido em Guarus. Apesar de ter movimentos que se enquadram no micro e no macro território, ele apresenta especificidades que merecem destaque na análise.

⁶⁶ Termo utilizado por Barbosa (2008) quando explica o funcionamento e a territorialização do tráfico no Rio de Janeiro, mas que podemos utilizar para compreender o funcionamento do tráfico em Campos dos Goytacazes também de acordo com a descrição de Roberto sobre o mesmo.

No que se refere ao tráfico varejista da “Zona Sul” para jovens de classe média que teve início na década de 70, identificado por Roberto, se mantêm até os dias atuais. Alguns interlocutores dessa pesquisa relatam que telefonam para *amigos* e/ou *contatos* pedindo a droga e combinam o local onde será feita a entrega da mercadoria, que algumas vezes é entregue a domicílio. Jane expõe que depois que ela e seu companheiro começaram a trabalhar e assim receber melhor, passaram a comprar maconha com um amigo. Eles faziam contato por telefone e o mesmo trazia a droga. Ela ainda complementa que a qualidade da droga vendida por esses *contatos* é melhor do que a que eles compravam na *boca* da Tira Gosto.

João expõe que este movimento ocorre com grande frequência nas universidades. E quando questionado se já havia estabelecido a venda ou a compra neste tipo de comércio de drogas ele expõe:

Do meu grupo ninguém faz isso. Ninguém faz a revenda, entendeu?! Mas eu conheço gente que vai comprar e revende. Conheço por contatos na Universidade entendeu?! Tipo se perguntar se não dá. A pessoa vai e me passa o contato. Mas eu nunca cheguei a comprar assim direto não. A diferença é o preço. O cara coloca sei lá, pelo menos 100% do lucro na brincadeira. E deve vender um vintão a 50 reais. Porque você diminui a questão de ter que ir na favela comprar. E o cara normalmente entrega em casa. Quem não tá afim de se expor compra com esse cara. Como eu não ligo. Eu fui lá comprar mesmo. Pô! Vinte reais a mais pra trazer em casa? Cara. É dois e meio de diferença.

No entanto, não é sempre que ocorre este aumento de valor na venda da droga pela rede de amigos. Lua expõe que seu namorado usa maconha e que compra através de um contato de seu amigo. De acordo com ela, *o contato* planta e produz a droga em casa e quando seu amigo compra com o mesmo, o faz em grande quantidade para repassar para eles e outros amigos. Assim, a jovem explica que algumas vezes este não chega a cobrar pela droga: “Ele compra de alguém e dá para os amigos. Assim, irmãmente, por afinidade.”. Esta prática também foi descrita por Roberto, que a chamou em seu relato de “adianto dos amigos”.

Durante o levantamento de notícias a respeito do tráfico de drogas no município nos deparamos com uma manchete que relata a prisão do chamado “Rei do Ecstasy” em Campos. Apontado como o maior fornecedor desta droga para jovens de classe média alta, o mesmo foi preso após uma delação, que culminou em uma operação da polícia para prender o jovem traficante (25 anos). Um policial se passou por comprador ligou para o telefone fornecido a ele e encomendou um quilo de maconha. Quando foi ao lugar marcado para entregar a droga,

o jovem foi preso em flagrante. Em sua residência no Parque Rosário foi encontrado uma grande quantidade de droga, além de uma máscara, um revólver e várias facas⁶⁷.



Figura 17: Material apreendido na casa do Rei do Ecstasy no Parque Rosário. Fonte: Daniela Abreu – Site Ururau



Figura 18: Casa dos jovens traficantes de classe média. Rua Visconde do Itaboraí – Parque Rosário. Fonte: Daniela Abreu – Site Ururau

No caso acima relatado, apesar de ter sido identificado como fornecedor de drogas para classe média alta, através de contato telefônico e em festas, foi encontrado entre os materiais de trabalho do jovem algumas armas. Não sabemos se ele desenvolvia outras atividades criminosas ou se ele usava durante a prática do tráfico. Mas os jovens que fazem o uso desse tipo de serviço na cidade, com quem tivemos contato, relataram que nunca sofreram nenhuma sanção violenta. Todavia, este estudo não se propõe aprofundar essa questão.

Pois, entre as características desta rede desterritorializada que atende a classe média, Grillo (2008) afirma que o uso da violência não é tolerado, mesmo quando não há o pagamento da dívida adquirida pelos consumidores, ou quando ocorre uma delação. Assim, o aspecto da “guerra” não ocorre neste tráfico, ao contrário do que acontece na no tráfico territorializado em Campos dos Goytacazes, que desde a chegada da cocaína na década de 80 utiliza a violência como instrumento para reger as relações do “movimento” e que vem aumentando e se complexificando cada vez mais⁶⁸.

⁶⁷ Reportagem disponível em:

http://novosite.ururau.com.br/cidades/c95aa9d30deaa03477168d4c0231e5105de0ef4f_detidos_suspeitos_de_for_necer_drogas_para_a_classe_media_e_alta_de_campos

⁶⁸ Cabe ressaltar que Misse (2003) analisa que este volume de violência não é característico da atividade do tráfico de drogas em si, visto que em outros países o mesmo não ocorre. Assim, se faz necessário analisar a partir de um contexto histórico que corrobora para o que o autor chama de acumulação social da violência.

2.3.1 Os jovens e o envolvimento com o tráfico de drogas na cidade de Campos: entre réus e vítimas

Os levantamentos realizados nos sites de notícia e jornais da cidade relatam uma série de homicídios e tentativas de homicídios com descrições do envolvimento das vítimas com o tráfico de drogas. Este fato se confirma nas análises realizadas a partir dos dados do Instituto de Segurança Pública, referente aos homicídios dolosos no município e a prisão e apreensão de jovens por envolvimento com o tráfico de drogas.

De acordo com o ISP, foram registrados no município no último triênio (2013/2014/2015) 597 homicídios, sendo que 331 são adolescentes e jovens entre 13 e 29 anos, o que corresponde a 55% dos homicídios. O perfil dos jovens assassinados não é muito diferente daquele apresentado anteriormente no primeiro capítulo, ou seja, 93% são do sexo masculino. Além disso, 37% são pardos, seguido de 29% de negros. Em 2015 houve uma diminuição considerável no número de mortes, pois ocorreram 154 assassinatos, enquanto em 2014 o quantitativo foi de 220 homicídios dolosos. A partir da análise dos dados apresentados em 247 reportagens publicadas em 2015 nos três principais sites de notícias de Campos – Ururau, Campos 24 e Terceira Via – pode-se perceber que os bairros onde ocorreram os homicídios relatados foram em áreas periféricas, principalmente no subdistrito de Guarus. (Apêndice)

Neste sentido, os dados fornecidos pelos Departamentos de Polícia de Campos (134 DP) e de Guarus (146 DP) ao Instituto de Segurança Pública⁶⁹ apontam que 66% dos casos de homicídios ocorreram no Subdistrito de Guarus no último triênio. (Anexo V, p. 200) E os bairros que apresentaram maior índice de mortes de jovens foram: Parque Santa Rosa com 22 homicídios; Novo Eldorado com 16; o Centro da cidade com 14; Parque Eldorado, Jardim Carioca e Parque Guarus com 13 casos cada um; Travessão com 12 destes; e Goytacazes com 10 casos. Ainda cabe destacar que cerca de 130 casos não possuem o registro da localização onde ocorreu o delito, o que dificulta o mapeamento das áreas de maior incidência.

Quando comparados os bairros de maior incidência de homicídios com os de apreensão e flagrante por tráfico drogas e atividades associadas a este entre jovens, pode-se constatar que se tratam dos mesmos como mostra o gráfico abaixo⁷⁰. Os bairros com maior

⁶⁹ O acesso aos dados referentes a incidência de homicídio por bairro com a especificidade do sexo, cor e idade da vítima foi disponibilizado pelo ISP a partir de solicitação da autora realizada por e-mail.

⁷⁰ O gráfico foi elaborado com os bairros que tinham até 10 casos registrados, pois devido ao grande e variado número de bairros com incidência de tráfico registrado pela polícia, não seria possível elaborar um gráfico que abrangesse todos. É importante ressaltar que há 226 delitos sem especificação de bairro.

incidência criminal foram Santa Rosa (45), Parque Presidente Vargas (43), Parque Eldorado (39), Parque Guarus (37), Parque Santa Helena (36), Caju (33), Penha (26) e Santa Clara (27). Ou seja, o subdistrito de Guarus apresenta também nesse aspecto⁷¹ um quantitativo maior totalizando 955 pessoas, enquanto em Campos foram presas no último triênio 895 pessoas. No que diz respeito ao número de adolescentes apreendidos e jovens presos (entre 13 e 29 anos) também corresponde a um grande índice dos casos contabilizados, em Guarus 82% e em Campos 78%.

Cabe ressaltar que os bairros de Guarus onde foram construídos os conjuntos habitacionais e que por isso possuem duas facções rivais em atividade em território muito próximo tem maior índice de homicídio como podemos observar no gráfico abaixo, no que se refere a Santa Rosa, Eldorado e Novo Eldorado. E no que se refere ao índice de tráfico de drogas, os dois motivos de apreensões registrados foram Lei de tráfico de drogas e Associação para tráfico de drogas (Lei 11.343/06) – venda, importação, exportação, produção, transporte e armazenamento de drogas ilícitas ou da matéria prima e base para produção da mesma.

De forma completamente diversa os casos de apreensão registrados no Centro da cidade se referem a compra e porte de droga para consumo próprio ou compartilhamento com pessoa de seu relacionamento, o que aponta e confirma que o tráfico de drogas territorializado se concentra na áreas periféricas da cidade. Os demais bairros apontados são periféricos e assim como os do subdistrito de Guarus, possuem como principal motivo de apreensão a lei de tráfico e associação para tráfico de drogas.

⁷¹ Com o intuito de mostrar o raio de abrangência, os delitos apurados e contabilizados neste quantitativo apresentado (955 e 895 casos) são: Associação para tráfico de drogas (Lei 11.343/06), Lei de drogas (Lei 11.343/06), compartilhamento de drogas com pessoa de seu relacionamento (Lei 11.343/06), Compra de droga para consumo próprio (Lei 11.343/06), cultivo de droga e porte de droga para consumo próprio (Lei 11.343/06). Os demais quantitativos e porcentagens calculados foram a partir do recorte de idade (13 a 29 anos), abrangendo apenas a Lei de drogas e a associação para tráfico de drogas (Lei 11.343/06).

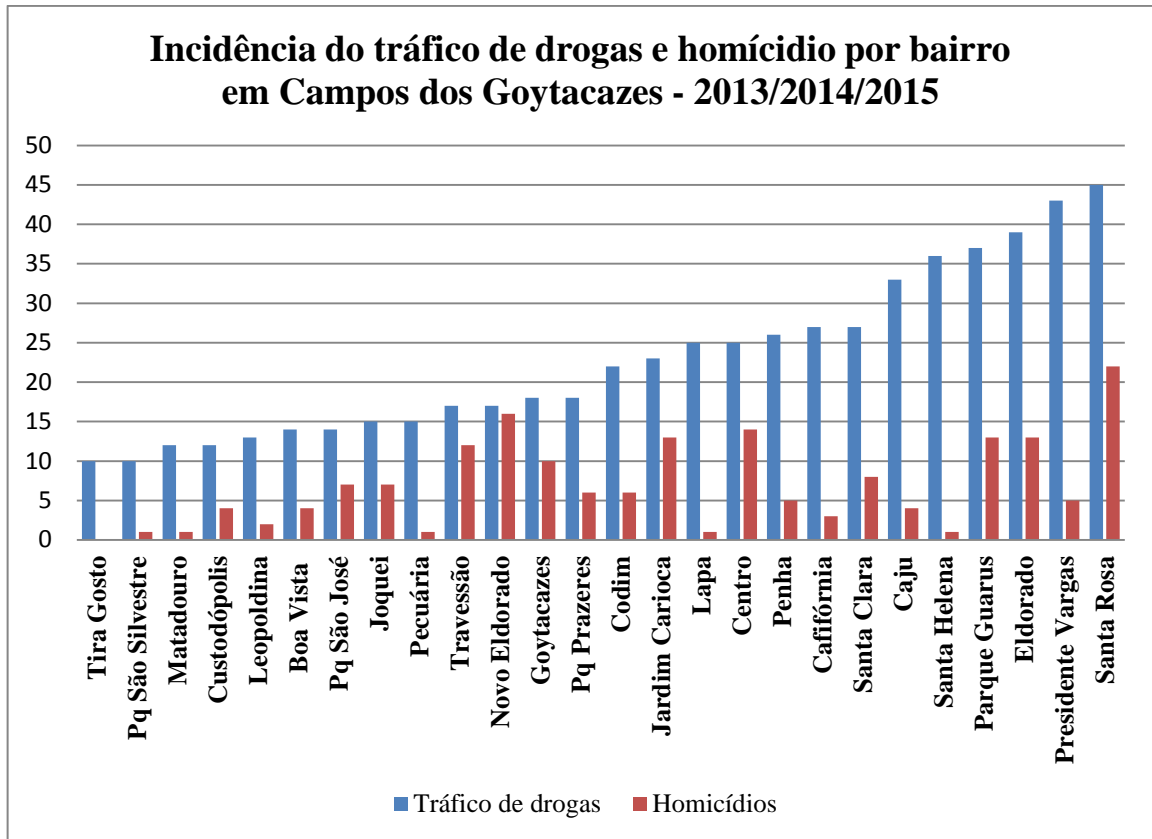


Figura 19: Gráfico comparativo entre os índices de homicídios e de tráfico de drogas a partir dos dados fornecidos pelo ISP.

Fonte: Elaborado pela autora.

O perfil destes adolescentes apreendidos e jovens presos por tráfico de drogas, além do fato de trabalharem no mercado de drogas ilegais em áreas periféricas da cidade, é formado por 86% de homens e 14% de mulheres. No que se refere a etnia os dados do ISP expõe que 44% são pardos, seguido de 30% de negros, 22% de brancos e 4% não especificados⁷². Neste sentido, também se assemelha ao perfil dos jovens que foram vítimas de homicídio na cidade. Estas proximidades indicam a correlação existente entre os dois índices, ou seja, confirmando que o uso da força como forma de controle e dominação do tráfico de drogas no município tem sido uma das causas principais de mortes de jovens.

A partir desta análise quantitativa não é possível apreender aspectos importantes no que se refere o assassinato como recurso de controle do tráfico, como por exemplo, quando este recurso é mobilizado. No entanto, durante a atuação profissional pode-se acompanhar a história e os relatos em torno de alguns assassinatos de perto, tendo acesso a uma série de informações com a família, os amigos e outros traficantes que não são divulgadas e que facilitaram a compreensão sobre esta questão. Nos casos acompanhados, foi verificado que as ameaças e os homicídios tinham como motivação: envolvimento com mulheres que

⁷² Esta porcentagem corresponde aos casos que não foram devidamente registrados pelos policiais.

mantinham um relacionamento com o chefe ou com outro componente da facção (em que estava ou mesmo rival), tentativas de ascender na hierarquia e desrespeito a mesma, dar grandes prejuízos a boca, enfrentamentos de facções.

Assim, aqueles que convivem cotidianamente com o “movimento” do tráfico, necessitam conhecer os territórios, fronteiras e regras (identificada por um de nossos interlocutores como lei dos homens) que regem aquela facção para que possam preservar a vida (FARIAS, 2008). O uso da violência como recurso de dominação através de diversos dispositivos simbólicos de controle (FARIAS, 2008) limita a circulação e causa asfixia, que impossibilita a reivindicação e muitas vezes a negociação entorno da situação vivenciada (MATTOS, 2014).

Eu tenho medo de Guarus. Guarus é um pouco pior. É. Porque o povo da Portelinha te enche de pergunta. O povo de Guarus não, quando você pensa que vão te perguntar já estão te lanhando, meu amigo. Já tão jogando você pro alto. É tipo Bope. Bope é o que? Atira primeiro pra depois perguntar. Lá bate primeiro pra depois perguntar.(Entrevista com Cauã)

Pois, retomando a análise realizada no primeiro capítulo, a falta de legitimidade do “movimento” do tráfico de drogas e assim a instabilidade do poder dos traficantes sobre as demais pessoas que compõe aquele território de circulação da droga e de instalação do mercado faz com que a violência, quanto instrumento de multiplicação da força humana no intuito de submissão dos demais, seja acionada (ARENDT, 1985). Pois de acordo com Arendt (1985, p. 33), “do cano de uma arma desponta o domínio mais eficaz, que resulta na mais perfeita e imediata obediência”.

Dessa forma, Arendt (1985) expõe que a busca do domínio através da violência ocorre quando se está em vias de perder o poder. Pois, como exposto no primeiro capítulo, o aspecto da “guerra” é acionado para proteger o funcionamento da facção ou a sua própria comunidade (território) (TEIXEIRA, 2013). Neste sentido, o fato do subdistrito apresentar maior índice de homicídios pode ser explicado pela proximidade entre as bocas rivais, que acabam por fazer com que os “meninos” adotem uma postura mais agressiva e de desconfiança no intuito de proteger o seu território. Ainda mais mediante ao histórico de territorialização do tráfico nos bairros do subdistrito.

Por isso, o aspecto da “guerra” sobrepõe a política “de boa vizinhança” que os traficantes, de um “movimento” mais estável como, por exemplo, a Baleeira, buscam estabelecer com os moradores. O aspecto da “guerra” levado ao extremo como percebemos nas descrições dos jovens, expostas nos próximos capítulos, por um longo período de tempo

em locais em que grupos rivais mantêm uma estreita proximidade territorial como é o caso de Guarus, faz com que se estabeleça um quadro que se assemelha a descrição de sociabilidade violenta de Machado da Silva (2008), quando analisa as favelas do Rio de Janeiro.

E para além das rivalidades entre os facções ou grupos varejistas rivais, outro “inimigo” identificado pelos traficantes é a polícia, visto que seu papel é reprimir, pondo um fimno “movimento” por este ser um comércio ilegal. A relação entre tráfico e polícia em Campos dos Goytacazes, como podemos observar na análise documental realizada nas notícias, não é marcada por grandes embates e neste sentido o quantitativo de auto de resistência no município não é significativo, principalmente quando comparamos com os dados referentes aos números de homicídio visto anteriormente onde apenas o bairro de Santa Rosa registrou 22 homicídios em um triênio.

Em Campos dos Goytacazes, são poucos os registros de autos de resistência, totalizando 29 casos no período de 2002 a 2015 (14 anos), tendo em média entre 3 a 2 dois casos por ano. Em 2014 foram registrados 5 casos e em 2015 apenas um.⁷³ No entanto, os relatos de ameaças recebidas de policiais pelos jovens são constantes. Inclusive muitos dos jovens que cumpriam medida socioeducativa no Programa Profissionaliz-arte verbalizam que em dias que determinados policiais faziam a ronda em seus bairros não podiam sair de casa, porque estavam ameaçados e eram perseguidos. Porém, não havíamos encontrado até então de forma explícita, a denúncia de que havia assassinatos de jovens traficantes e usuários por parte da polícia.

Desta forma, o uso da força nos enfrentamentos, as leis e regras que estabelecem e organizam o movimento local, os diversos conflitos que advém das sociabilidades estabelecidas nos bairros e favelas onde ocorrem o “movimento” influenciam na circulação de seus moradores. Principalmente, os jovens que tendem a respeitar mais estes limites e regras, buscando se resguardar dos enfrentamentos e dos riscos de morte (FARIAS, 2008). Ou seja, as diversas modalidades do tráfico, que identificamos neste capítulo, produzem territorialidades diferentes, ou seja, se territorializam e criam fronteiras distintas umas das outras. O próximo capítulo identifica os jovens que participaram desta pesquisa, seus bairros e seu nível de proximidade com o tráfico. Assim como buscar explicitar como o tráfico se organiza e como influencia sua circulação no local onde moram.

⁷³ Dados retirados das Estatísticas de Incidência Criminais disponibilizado pelo Instituto de Segurança Pública (ISP). Disponível em: <http://www.isp.rj.gov.br/> Quanto a incidência ocorrida em 2015 se refere ao mês de dezembro e foi retido de reportagem colhida a respeito do fato. Pois não tivemos tempo hábil de acessar os dados deste mês no ISP, visto que não haviam sido disponibilizados até a data da entrega deste trabalho.

3 AS PERCEPÇÕES DOS BAIRROS E DAS FAVELAS: PROXIMIDADES E DISTANCIAMENTOS DOS JOVENS COM O TRÁFICO DE DROGAS

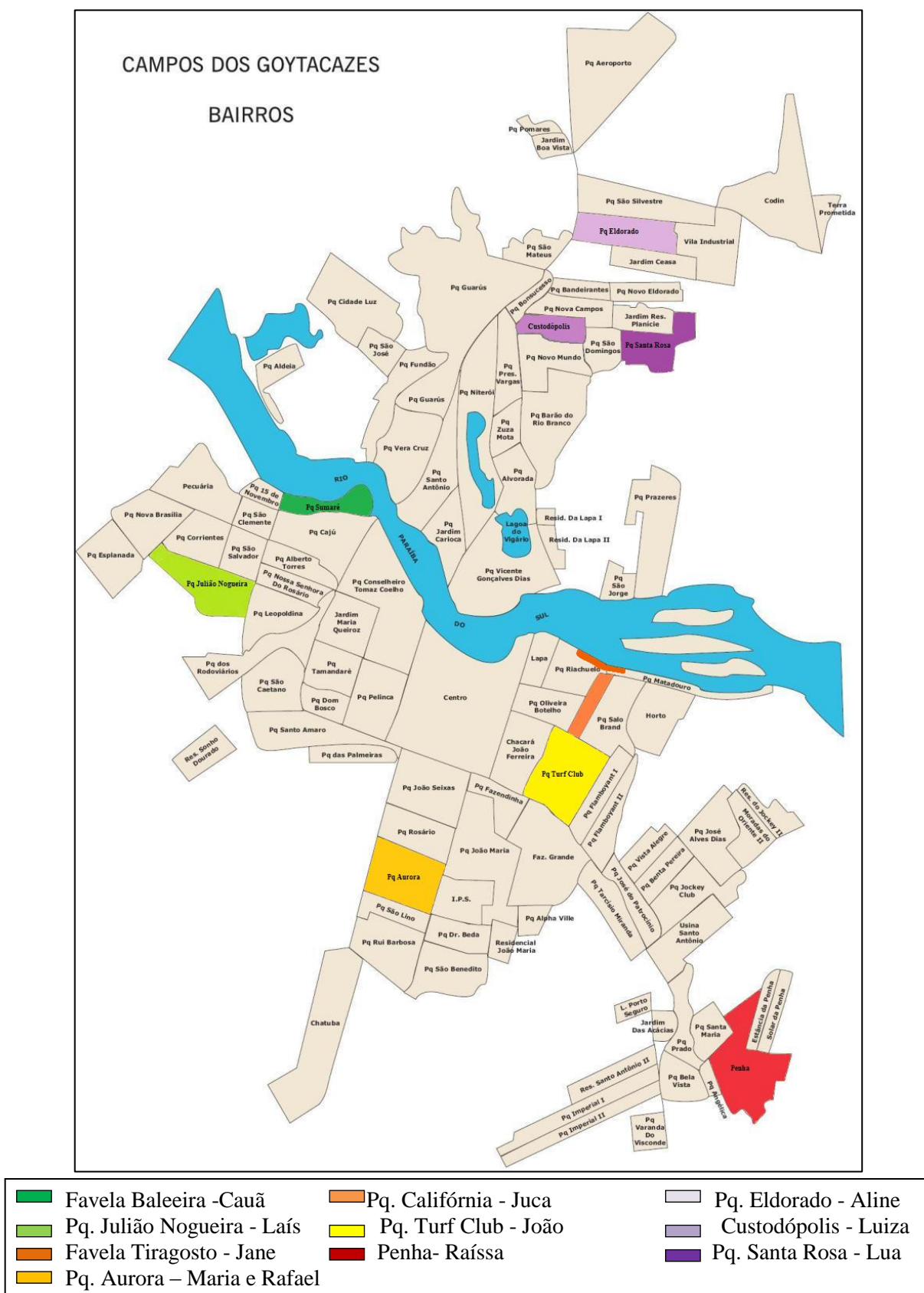
A construção dos territórios ocorre na vivência e convivência de seus atores e interação com os componentes físicos que fazem parte daquele espaço. Os significados mobilizados e impressos por estes atores nos espaços através dessas vivências fazem com que os territórios estejam em constante transformação (RAFFESTIN, 1993). E ainda para, além disso, como afirma Haesbaert (2007) faz que um mesmo espaço possua diferentes territorialidades a partir das representações elaboradas por cada ator que o compartilha.

Neste sentido, um mesmo território pode ser apropriado e visto de maneiras diferentes dependendo da vivência e do significado que lhe são inferidos pelos atores. Assim, onde para um há uma representatividade de lugar perigoso, para outro pode ser o lugar da segurança, do pertencimento e da proteção. Os bairros e/ou favelas de onde falamos nossos atores são os primeiros lugares de referência de onde constroem suas percepções da cidade. Ou seja, o nascer e viver em determinado bairro e/ou favela faz com que as representações sejam influenciadas pelos códigos de conduta e percepções dos moradores já existentes no local.

A cidade de Campos dos Goytacazes tem 118.953 jovens, sendo 59.054 homens e 59.889 mulheres, na idade entre 15 e 29 anos e que estão distribuídos em 78 bairros e 27 favelas. E muitos destes jovens certamente residem nas áreas periféricas da cidade que são marcadas pela segregação socioespacial e pela presença do tráfico de drogas. Desta forma, este capítulo expõe a partir dos relatos de onze entrevistas em profundidades as percepções dos jovens a respeito de seus bairros/favelas e do tráfico de drogas que neles existem, explicitando qual é a influência do mesmo na vida deles, o que influenciará nas circulações e práticas que estes terão na cidade.

Assim, seguindo os procedimentos metodológicos explicitados para avaliar o impacto da territorialização do tráfico de drogas nos bairros e favelas, e partindo dos diferentes níveis de proximidade com este mercado, entrevistamos Cauã jovem que nasceu e cresceu na Baleeira e Laís que é moradora do Parque Julião Nogueira, bairro que se encontra nas proximidades da Baleeira. Quanto à favela Tira Gosto, que estabelece a rivalidade com a Baleeira, entrevistamos Jane. Estabelecendo os níveis de proximidades e distanciamentos desta favela, entrevistamos Juca do Parque Califórnia, João do Turfe Clube, Maria e Rafael do Parque Aurora e Raissa da Penha (bairro apontado pelos entrevistados como um lugar de grande desenvolvimento do tráfico de drogas atualmente). Além disso, devido a atual

centralidade no comércio em questão, entrevistamos jovens dos Subdistrito de Guarús: Aline do Parque Eldorado, Luiza de Custodópolis e Lua de Santa Clara (Apêndice I).



3.1 O significado de morar nas periferias

Os jovens entrevistados relatam que suas trajetórias como moradores de bairros periféricos e favelas de Campos são marcadas por experiências de segregação socioespacial, preconceitos quanto o local de moradia, quanto a classe social, pela violência, pelo tráfico de drogas, sendo que em alguns locais estas questões são mais acentuadas. Neste sentido, aqueles que residem nas favelas e nos bairros do subdistrito de Guarus narram situações em que a violência, o preconceito e o tráfico interferem profundamente na rotina dos mesmos.

Cauã relata que nasceu e cresceu na favela Baleeira, ou como ele afirma: é uma cria da comunidade. Assim que iniciamos a conversa, ele pontuou que ser morador da favela traz uma série de limitações, pois, o jovem se torna alvo do preconceito por ser favelado, pobre, e no caso dele, negro. Mas, para ele o primeiro preconceito que o jovem sofre é o de lugar de origem.

Em geral quando as pessoas perguntam: Onde você mora? Aí já começa o primeiro preconceito. Porque é difícil. Naquele tempo eu achava difícil, hoje também é difícil. Portanto se você chegar pra um jovem nosso e perguntar aonde que eles moram, ele vai falar Parque Leopoldina. Eles não falam Baleeira. Ah! Eu moro na comunidade. Eu não sou adepto a essa questão de comunidade. Não sou adepto a esse termo comunidade. Eu falo é favela, favela e favela sim e ponto. Surgiu como favela. (Entrevista com Cauã)

Apesar de ter atualmente esta perspectiva, o jovem explica que quando era criança quando lhe perguntavam onde ele morava, ele também respondia que era no Parque Leopoldina, enquanto na verdade era na Baleeira. Os jovens moradores assim o fazem, não por vergonha, mas por medo de não serem atendidos ou aceitos nos lugares onde circulam na cidade, assim como de serem confundidos com “traficantes”, um “criminosos”. Neste sentido, Cauã relata que já passou alguns episódios onde foi abordado pela polícia, por ser colocado sob suspeita. Assim, ele expõe que os jovens desde cedo são ensinados a se defender mediante ao assédio da mesma.

Hoje eu paro pra entender. Eles treinavam a gente assim. Se você for pegar qualquer um, jovem da Baleeira, pra falar... A galera de lá, vão te olhar com um olhar desconfiado e ao mesmo tempo vão te intimidar. Eles olham desconfiados, mas não baixam a cabeça pra você. Em momento algum. E tipo assim, você vê polícia oprimindo muito gente. Eles são duas vezes pior. São treinados praticamente. Muitas vezes pior. Tipo assim, você pode abaixar a cabeça sim. Mas ele queimou você aqui dentro. Lá fora todo mundo é igual ou menor que você. Se você falou uma, duas, não para de falar não, continua, continua. Porque se ele fraquejou você entra. Não pode

gaguejar não. Então eu conheço muita gente que fala assim: Cê mora onde? É... Pensou já era. Fala logo. Você tem que ir com firmeza. Cê mora aonde? Rapa, eu moro ali. Ali aonde? Ali tem nome. (Entrevista com Cauã)

Cauã expõe que polícia é considerada pelos jovens da Baleeira, muito pior que os traficantes, pois se valem do fato de poderem fazer o uso da violência de forma legal para perseguir e maltratar os jovens favelados. Por isso, eles aprendem desde cedo como devem se portar para que se protejam diante da polícia e de outras pessoas que os perseguem e tratam mal por ser da favela, mantendo a postura firme, sem demonstrar medo.

Ele se recorda de sua infância e diz: “naquele tempo era muito difícil. Hoje é... Não tanto quanto antes. Eu tive uma infância boa ao mesmo tempo ruim. Boa porque eu fui feliz sempre.” O jovem expõe que teve uma infância muito pobre em uma família numerosa. E ao descrever a Baleeira e como as pessoas viviam expõe que as casas eram muito precárias e sem estrutura. De acordo com Cauã, a melhor casa da comunidade pertencia a um traficante da Baleeira, que obteve muito dinheiro trabalhando neste mercado. “Era como se fosse uma casa na Pelinca”. (Entrevista com Cauã) Ao comparar a casa do mesmo com uma da Pelinca, o jovem expõe a diferença socioespacial entre os dois locais.

Esta falta de infraestrutura fruto da segregação socioespacial também é observada por Jane. A jovem não é “cria” da Favela Tira Gosto, mas mora há seis anos na mesma. Quando chegou a cidade morou na Avenida Alberto Lamego, que é paralela a Rua Adão Pereira Nunes, aonde se localiza a Tira Gosto. A diferença entre as duas é exposta pela jovem, visto que a infraestrutura desta avenida, onde se encontram condomínios de luxo e a Universidade onde estudou, era nítida. A segunda não chegava a ser asfaltada e a situação da favela era precária (as casas, a praça central, entre outros).

Após algum tempo em que Jane estava morando na favela, a prefeitura de Campos começou um processo de revitalização da rua, realizando assim seu asfaltamento (2011). No entanto, esta reforma não contemplou a rua toda, indo apenas até uma indústria, que se localiza ao lado da Tira Gosto e deixando o acesso de muitas casas descoberto. A jovem classifica esta ação da prefeitura como o “ápice da segregação”, pois, realizou esta revitalização apenas para atender os interesses da indústria em questão, facilitando as vias de acesso e transporte de produtos e materiais de produção.

Mas realmente é uma coisa bizarra, porque quando a Rosinha revitalizou essa avenida... Quando eu fui morar ali não era asfaltada, ai eu passei por esse processo quando asfaltou... e ai quando asfaltou melhorou muito a cara, hoje em dia tem de tudo, a Adão Pereira Nunes ali não tem cara de lugar de favela, quem não sabe muito o que é... Só a parte da entrada ali da

TG que tem aquela cabaninhas de madeira dos olheiros ai isso você consegue perceber. Só que a rua de trás tinha a parte que era o baile, que é bem exatamente... Tipo atrás da minha casa assim, e... A Rosinha asfaltou, asfaltou, asfaltou até onde tipo é atrás daquela fábrica ali de coisa... Aquela indústria ali. E ai, depois daquilo não asfaltou, tem um lugar que ela simplesmente parou de asfaltar, que é onde tinha o baile, onde tem os barracos mais de madeira que tem... E a prefeitura não asfaltou ali, ali continua tipo... No chão batido com os barraquinhos de madeira e sem calçamento, sem calçada, sem nada. E que é o ápice da segregação, né?! Mesmo assim da... Do poder público com a comunidade, porque você... Como assim, se você asfaltar mais um metro, você asfalta na frente da casa de uma pessoa e você não vai asfaltar mais um metro porque você não quer asfaltar, porque se quisesse teria asfaltado. Entendeu? Ou, o poder da comunidade é tão forte que não deixou asfaltar, mas eu acho muito estranho alguém não deixar asfaltar na frente da casa, né?! Então, essa não pode ser uma justificativa. (Entrevista com Jane)

Posteriormente ao calçamento de parte do bairro, a Prefeitura que na época (2011) estava sob a gestão da prefeita Rosinha Garotinho⁷⁴, revitalizou a praça da favela Tira Gosto, onde foram construídos quiosques, um parquinho, uma quadra poliesportiva, entre outros. No entanto, não é apenas através da infraestrutura física, que esta segregação se apresenta, como expomos através do relato de Cauã. Assim, durante a entrada no campo na favela Tira Gosto, ao conversar com alguns moradores expuseram que até hoje, muitas lojas, supermercados, ou qualquer outro tipo de serviço de entrega, não aceitam entrar na favela. E em determinados lugares nem mesmo os serviços e servidores públicos aceitam circular, como é o caso do Conjunto Habitacional da Portelinha.

Quanto aos bairros do subdistrito de Guarus, Lua expõe sobre a precariedade de Santa Clara, bairro onde reside, e mesmo daqueles que fazem vizinhança, relatando uma série de questões que demonstra a falta de infraestrutura dos mesmos. Entre os itens citados estão o transporte, o calçamento e a falta de segurança. Ela demonstra sua insatisfação de forma assertiva quando afirma:

Odeio. Detesto mortalmente. Porque lá não tem nada. É tudo longe. O ponto de ônibus, você tem que andar uma eternidade pra conseguir chegar no ponto de ônibus. A rua é toda quebrada feia. O asfalto tem já há bastante tempo, mas já tá todo quebrado. A descida da minha rua tinha um brejo. Tiraram o brejo pra construir uma garagem de ônibus. Aí, ou seja, quando chove alaga a rua. Porque o brejo tinha função dele geográfica lá de ficar captando a água e chupava tudo. Aí agora não existe mais o brejo. Aí alaga. O problema é que quando chove muito não consigo entrar na minha rua. Tem que dar a volta pelos fundos que é um lugar mais perigoso e depois chegar na minha

⁷⁴ A notícia da “entrega” da praça a comunidade está disponível no site: http://www.campos.rj.gov.br/exibirNoticia.php?id_noticia=9497. Acessado no dia 21 de Abril de 2016.

rua mesmo. E eu também odeio morar lá porque lá é muito violento. Tem tráfego. (Entrevista com Lua)

O bairro de Santa Rosa, que faz divisa com o seu, ainda possui esgoto a céu aberto e muitos terrenos e ruas com acúmulos de lixo, evidenciando a ausência de saneamento básico, que está presente não apenas neste bairro, mas em outros bairros do subdistrito. Apesar, de Guarus ter sido elegido como local adequado para receber grande parte dos conjuntos habitacionais da cidade, que foram construídos com toda infraestrutura física, alguns dos bairros antigos não foram alvo de nenhuma reforma e abandonados pela prefeitura continuam sem acesso a serviços básicos.

Luiza expõe que há muitos anos atrás, a situação de Guarus era bem mais precária, não apenas em relação a estes serviços públicos, mas também no que se refere ao comércio. A jovem explica que pelos bairros se encontrarem muito longe do Centro, onde está o comércio e os serviços, e pela dificuldade de transporte que até hoje dificulta a circulação dos moradores de Guarus (poucos ônibus, com uma frequência irregular e uma linha que muitas vezes não contempla a necessidade dos moradores do subdistrito) realizar atividades de rotina, como por exemplo, as compras de alimentos do mês se tornavam um problema.

Neste sentido, os moradores de Custodópolis, bairro onde a jovem nasceu e reside atualmente, foram desenvolvendo estabelecimentos comerciais e serviços no próprio bairro para assim suprir as necessidades existentes. Além disso, o bairro possui o Centro de Saúde Escola de Custodópolis (CESEC), mantido pela Faculdade de Medicina de Campos, o que resolve em primeiras instâncias determinadas demandas de saúde; assim como conta com algumas opções de escolas públicas, o que facilita a matrícula das crianças na própria região. Com isso, os moradores foram transformando não só o bairro, mas também a região e solucionando as questões históricas causadas pela segregação socioespacial. Atualmente, ela explica que aqueles que não trabalham em Campos (do outro lado da margem do Rio Paraíba, onde se encontram as áreas centrais), raramente circulam nesta área, só em caso de extrema necessidade.

Porque Custodópolis é muito... Como que eu posso falar... Foi todo mundo fazendo o seu entendeu?! Porque não é perto. Você tem que andar muito pra ir no centro. Tem que andar muito pra... Então foi cada um fazendo o seu juntou e ficou aquilo lá. Ficou muita coisa. Cada hora tem uma coisa pra atender a própria população. Para atender a comunidade. E deu certo. E todo mundo faz as coisas lá. Minha avó, por exemplo, só vai no centro pra médico, essas coisas. Fisioterapia, que não tem lá. Agora tudo que compra é lá. Mercado, num vai pra Superbom pra comprar nada, entendeu?! Vá ali no

Siqueirão. Que agora ali é o Siqueirão. Roupa lá também. (Entrevista com Luiza)

Por isso, ela afirma que muitos moradores de seu bairro têm uma circulação restrita apenas a Guarus, por conseguir suprir suas necessidades na região onde reside, mas também pela própria dificuldade de circulação. Isto resolve em primeira instância a questão do acesso aos serviços e direitos que até então os moradores não conseguiam ter, porém, reafirma a segregação a medida que faz com que os mesmos não se apropriem da cidade como um todo, criando uma espécie de confinamento dos moradores dos bairros periféricos e favelas em seu entorno.

No que se refere aos jovens dos demais bairros, a questão que mais foi relatada por eles foi o aumento da violência, principalmente dos assaltos onde residem. Maria afirma que no Parque Aurora é “muito violento. Um bairro meio pobre em tudo... Segurança... Não é um bairro tão bom...” (Entrevista com Maria) Assim como os demais entrevistados, Maria expõe que a sociabilidade com a vizinhança modificou com esse aumento da violência. Ela relata que quando era criança brincava na rua com seus vizinhos e podiam ficar até tarde, sem que fosse necessário a presença de um adulto.

Aqui é um bairro que todo mundo conhece e fala com todo mundo. Aí, juntava todo mundo, todas as crianças, a gente corria, brincava na rua de várias coisas. Ficava até tarde brincando. Não tinha essa preocupação que hoje as crianças não podem ir pra rua brincar. Eu, tipo assim, ficava o tempo inteiro na rua. Brincava de várias coisas. Andava o bairro todo, todo, todo... Brincava de queimado, e pegava o Cosme e Damião, andava tudo. Eu e minha prima andávamos tudo pegando Cosme e Damião. Distribuía muito. Hoje nem vejo mais... (Entrevista com Maria)

Laís ao relatar este aumento da violência expõe que sempre considerou seu bairro como calmo, porém, ao ser assaltada pela primeira vez em 2014 na rua de sua casa quando saía para ir para universidade, ela percebeu como ele havia se tornado perigoso para circular e morar. Ela conta que um de seus vizinhos já teve sua residência invadida mais de três vezes, chegando a desistir de usar qualquer mecanismo de segurança (arame farpado, cerca elétrica, entre outros). Ela credita isso ao fato de o bairro ter casas boas, afirmando que o bairro é um bairro com condições melhores do que os estão em seu entorno e nesse sentido atraí assaltantes. Desta maneira, ela expõe que também mudou a maneira de circular e perceber seu bairro.

Quando isso aconteceu comigo, isso foi um baque realmente muito grande. Foi a pior experiência. E tanto que me fez analisar que realmente a vida não

é mais como era antigamente né?! Mudou. Então tenho que mudar também. Não posso continuar tendo os mesmos hábitos de antigamente por exemplo. Eu não ando mais com fone de ouvido. Uma coisa que eu adorava fazer. A pessoa já fica andando na rua, olhando pra trás que nem uma maluca. Mas é porque fazer o quê? A vida te impõe essas coisas né?! (Entrevista com Laís)

Os relatos dos jovens sobre a violência perpassam pela convivência com o desenvolvimento do tráfico de drogas nos locais onde residiam. Eles descrevem os tiroteios, as diversas tentativas de cooptação que sofreram, o testemunho de assassinatos e a perda de amigos nestas circunstâncias. Assim, as suas rotinas em seus bairros foram marcadas por “asfixias” e limitação de circulação devido ao medo de sofrer retaliações por parte dos traficantes.

3.2 A sociabilidade, as práticas sociais e as percepções de fronteiras dos jovens nos bairros e favelas: a interferência das “atividades” do tráfico de drogas nas rotinas

Limitação das circulações dos jovens nas favelas e bairros periféricos onde residem

As circulações dos jovens dentro de seu próprio bairro em muitas ocasiões são limitadas devido ao desenvolvimento do tráfico de drogas. Lua relata que durante sua infância e adolescência no bairro Santa Clara, a casa onde residia era vizinha a boca de fumo. Eles se instalavam em terreno baldio que ali havia para estabelecer o “movimento”. Este terreno era um ponto estratégico para os traficantes, pois tinha entrada para duas ruas, ou seja, só tinha muros nas laterais, onde havia casas e uma dessas era de nossa interlocutora. De acordo com Lua, nesta rua que o terreno dava acesso morava grande parte dos meninos que trabalhavam no tráfico de drogas.

O meu terreno era passagem pra eles direto. Então sempre que chegava polícia, o pessoal ficava correndo por lá e não sei o que. Aí eles jogavam a arma por cima do meu muro. Caía no meu quintal. Ficava escondido entre as plantas e depois os caras iam lá, batiam no portão de casa pedindo pra minha mãe pegar a arma que eles tinham escondido nas plantas da minha casa. (Entrevista com Lua)

A situação se agravou ainda mais, pois, em determinado período havia um olheiro que ficava sentado na porta de sua casa o dia inteiro. Ela afirma que sua mãe ficava extremamente preocupada e aflita, mas não havia o que fazer, pois, ela não podia dialogar com os mesmos, se estabelecendo uma “asfixia”. Da janela de sua casa, ela observava o movimento,

acompanhando as circulações dos jovens, tentando pressentir os próximos passos e se prevenir diante do perigo.

Desta forma a circulação da família de Lua era comprometida pela presença do tráfico e principalmente do olheiro, pois, o risco de encontros e conflitos era constante. A jovem expõe que sempre ocorriam tiroteios e batidas policiais. Ainda assim as crianças podiam brincar na rua, mas recebiam algumas orientações. As mães instruíam seus filhos antes que fossem para rua dizendo: “Oh! Se passar um carro muito rápido corre pra dentro de casa, porque pode ser alguma coisa, alguém que tá procurando alguém” (Entrevista com Lua). Por isso, as crianças se mantinham perto da porta de casa, pois, se acontecesse o fato eles corriam para dentro até que as coisas se acalmassem e eles pudessem retornar para a rua.

No entanto, há três anos o vizinho comprou o terreno e levantou um muro o cercando. Ela afirma que sua rua ficou “muito mais tranquila de viver”. Este fato, infelizmente não acabou com o tráfico de sua rua, ela relata que sempre há tiroteio e alguns “meninos” ainda desenvolvem o “movimento”, não no mesmo ponto de antes, mas bem próximo de sua residência.

No entanto, esta diminuição no movimento do tráfico e de episódios violentos não durou por muito tempo, pois, com a construção dos conjuntos habitacionais e entrada de facções rivais na região, o enfrentamento armado aumentou consideravelmente e seu bairro começou a se tornar mais violento. Assim, o seu bairro sofreu grande impacto principalmente com a construção das “casinhas” de Santa Rosa. Ela expõe que antes da chegada dos novos vizinhos, circular em Santa Rosa para pegar o ônibus pela parte da manhã era tranquilo e a noite o “medo era de um estuprador, violência, enfim...” (Entrevista com Lua). Hoje o medo de circular se tornou generalizado.

É muito perigoso. Ela [comadre de Lua] estava me contando que outro dia na porta dela teve tiroteio e que chegou a pegar bala na porta dela. E ela e minha afilhada tiveram que abaixar em casa, protegendo a cabeça. Isso foi de dia, de tardinha, entardecendo. Aí, não vou lá não. (Entrevista com Lua)

A jovem expõe que o limite seguro de circulação a noite em seu bairro hoje é até dez horas da noite. Antigamente ela podia voltar para casa onze horas noite, que não corria nenhum risco. Lua explica que a chegada de bandidos “de fora”, de outros bairros por causa da construção das casinhas, acabou por tornar a proteção dos traficantes locais aos moradores frágil. Pois, por não ser da região os “novos” bandidos não se sentem obrigados a seguir esta

regra de não roubar ou agredir pessoas da vizinhança. Assim, como compromete a livre circulação, pois, não reconhece o morador que se torna um estranho, um suspeito.

Os assaltos agora tem a luz do dia e na própria rua. Que os meninos não atacam os vizinhos deles né?! Os moradores. Então são meninos de longe, de fora. Teoricamente de fora né?! Porque tão lá perto agora. E pela volta dos tiroteios. Porque depois que taparam o terreno tinha dado uma amenizada. E também alguns garotos tinham morrido, então não tinha ninguém entre aspas pra vir no lugar. Agora voltou a ficar infinitamente mais perigoso. Muito mais... A gente podia andar onze horas de boa na rua de casa. Agora nem dez horas mais pode. (Entrevista com Lua)

Aline quando aborda os impactos do tráfico de drogas na circulação em seu bairro expõe que após ter se mudado do Parque São Silvestre para o Eldorado (bairro vizinho ao seu) sente mais receio ao circular. Pois apesar de o bairro onde ela está ser considerado menos perigoso e a jovem chegar a afirmar que ele é calmo, ela não conhece os “meninos” que desenvolvem o tráfico de drogas assim como eles não a reconhecem. O fato de ter crescido e assim conhecer os jovens que coordenavam e trabalhavam no tráfico na época em que ela morava Parque São Silvestre a salvaguardava do perigo, garantindo o livre trânsito pelo bairro, além de facilitar a identificação das movimentações. Porém, ela explica que talvez isso não acontecesse mais caso retornasse para antiga moradia, visto a alta rotatividade dos que trabalham neste comércio, assim, provavelmente não haveria um reconhecimento entre ambas às partes.

Outro ponto que Aline afirma ser relevante para as circulações é o horário em que você está caminhando pelo bairro. Ela explica que oito horas da noite não há mais quase ninguém na rua em seu bairro. “As pessoas ficam dentro de suas casas”, afirma Aline. Ao relatar esta prática, ela não chega a identificar como um toque recolher, apesar de ocorrer como tal, visto que os moradores se recolhem por causa da atividade do tráfico. A jovem assim expõe que durante semana ela é obrigada a chegar mais tarde em casa, visto que cursa o ensino médio à noite. Para se resguardar dos perigos, a jovem geralmente retorna com amigos.

Para Luiza a circulação em Custodópolis sempre foi tranquila, pois, para ela em comparação aos outros bairros dos subdistrito de Guarus, o mesmo possui menor incidência de crimes e do tráfico de drogas. Ela relata que nunca passou por situação que considerasse de grave risco, mas são constantes os relatos de vizinhos e amigos e até mesmo sua mãe e sua prima que já foram assaltadas. De acordo com a jovem, isto se deve ao fato do bairro se encontrar rodeado por bairros que apresentam um alto nível de homicídio, tráfico e enfretamento armado. Por isso, sempre chegam notícias de assalto, tiroteio e assassinato no

mesmo e naqueles que estão ao seu redor. Assim ela afirma que o Custodópolis está no “meio” dos conflitos entre facções.

É porque lá em Custodópolis é rodeada de várias comunidades, favelas. Vamos dizer assim... Tem a do Beco, tem a Farofa, é um monte de coisa tipo assim, misturada. Tem a de Santa Rosa, que é atrás. Então tá no meio de tudo. Aí sempre acontece algumas coisas. (Entrevista com Luiza)

Apesar de Luiza afirmar que nunca presenciou nada grave, ela já encontrou por duas vezes corpos de jovens assassinados na rua. A primeira não ocorreu em Custodópolis, mas a segunda foi na praça central do bairro, ou como os moradores denominam praça da igreja, e o momento do assassinato foi presenciado por sua prima que estava grávida e ligou para a jovem desesperada pedindo ajuda. A vítima do assassinato em questão era um de seus vizinhos e apesar de relatar que foi um momento de grande tensão, ela não da centralidade ao fato.

Outra vez, minha prima tava grávida. Tava lá na pracinha. Um cara passou de moto, olhou pra cara dela e falou assim: Abaixa aí. Abaixa aí. Fica abaixada que a gente vai matar um lá. Aí ele abaixou nervosa, grávida. Mataram um cara lá com um tiro na cabeça. Aí, ele morava pertinho lá de casa, também por causa de droga que ele vendia e deveu pra alguém sei lá o que. Fui até correndo pra lá, que eu tava nervosa. Minha prima tava nervosa, grávida. Fui correndo pra lá e vi o cara todo baleado, morto no chão. (Entrevista de Luiza)

Entre as recordações dos momentos de medo e violência, Luiza também conta que em sua adolescência sempre brincava na rua com as outras crianças da vizinhança. Em uma destas ocasiões, ela relata que eles estavam brincando de queimado e “veio uns caras com revolver, mandando a gente correr... Era assim, alguns episódios assim... (...) acho que ele queria matar uma pessoa que morava na casa do lado da minha.” (Entrevista de Luiza) E apesar destes episódios, Luiza em sua infância e adolescência sempre circulou por seu bairro sem medo de sofrer alguma violência ou sanção. Atualmente a jovem explica que é muito perigoso andar a pé pelo bairro a noite.

Ao contrário dos bairros do subdistrito de Guarus, Juca explica que o Parque Califórnia tem poucos episódios de violência e “movimento” do tráfico não é tão significativo. Por isso, ele circulava por todo o bairro e nunca presenciou nenhuma situação de risco, a não ser pequenos roubos. Ele sempre ia acompanhado de seu primo mais velho que lhe recomendava que não se aproximasse dos meninos que usavam drogas no bairro,

principalmente na pracinha, onde existia um ponto. E assim ele explica que: “Na pracinha mesmo tinha um local que o pessoal ficava usando droga lá, mas no canto deles, mas... Oh! Evita ir pra lá.” (Juca, Maio, 2015) Assim também, o jovem evitava passar em rua próxima a sua casa onde funcionava uma boca de fumo, pois, acreditava que correria riscos caso passasse por ali.

O impacto do tráfico de drogas na rotina de Juca é mínimo e praticamente não existe se comparado com os relatos dos jovens de Guarus e das favelas que entrevistamos. Desta forma, Jane relata algumas situações de risco que vivenciou na favela Tira Gosto. A jovem explica que quando se mudou para favela ela não tinha medo de nada e para ela este foi o problema. Ela veio de um lugar onde não havia o funcionamento de bocas de fumo e mesmo do tráfico como acontece em Campos. Então ela relata que se colocou em risco algumas vezes por não compreender isto.

Então, eu não tinha essa vivência... Então, pra mim ir numa boca era tipo ir numa farmácia comprar um remédio, ai você vai comprar um beck... Você vai no supermercado comprar uma maçã, você vai comprar um beck... Eu não tinha muito essa noção de polícia que hoje em dia eu sou toda bitolada com isso... Eu num tinha, eu era meio... Por isso que eu to falando que eu era meio... Criança, não sei, muito nova. Não tinha essa vivência, não reconhecia esses espaços, eu não sabia o que esses espaços... O significado social desses espaços assim na vida das pessoas, na minha vida, na vida polícia, na vida de nada... E aí... Era mó doidera, tipo eu ia qualquer hora... (Entrevista com Jane)

Assim, a jovem que relata que por diversas vezes ela ia à casa de amigos para conversar e fumar maconha e retornava para casa de madrugada. Ela expõe que preferia voltar para sua casa pela Avenida Adão Pereira Nunes, que dava acesso direto as três favelas, pois, se sentia mais segura. Assim, em determinada ocasião, o seu namorado estava a ensinando a dirigir de madrugada pelas ruas nos arredores da Tira Gosto. Eram três horas da manhã e eles estavam dando a volta no quarteirão de casa. Jane estava parando o carro em frente de sua casa quando foram abordados por dois rapazes armados que desceram de uma moto e estacionaram bem perto da entrada da Tira Gosto. E os vendo dentro do carro, fizeram ameaças aos dois. Os “meninos” não queriam roubá-los, mas eles estavam no caminho dos mesmos, que pretendiam entrar em confronto com os olheiros e traficantes da favela. Desta forma ela relata:

O moleque desceu com uma arma...“Fica quieta aí, fica quieta aí... Se não vou atirar hein?! Se não vou levar hein?! se não vou levar o seu carro...”. Apontando a arma... O Jorge só fez assim ó na minha cabeça, pra eu abaixar

a cabeça, ele abaixou... Gente, eu fiquei tipo paralisada, porque o cara tava com uma arma na minha cara assim... Ai beleza, só abaixamos e ficamos lá... O moleque saiu correndo em direção a TG e caralho, deu muito tiro. A gente fechou... (...) Ele [Jorge]: “Jane, sobe, sobe, sobe. Sai do carro que eu vou por o carro pra dentro”. Eu: “Amor, cuidado...”. Aí, eu saí... Que aí ele nessa hora não tinha começado a dar um monte de tiro não, porque ele tava correndo ainda... E o cara na moto, tipo atrás... Sei lá, junto com ele, sei lá até onde a moto foi... Aí eu saí do carro correndo, entrei na escada e fiquei lá com o portão aberto assim, esperando ele... Porque meu portão ficava no cantinho, ficava escondidinho, então era de boa... Vigiano só pela beiradinha do portão, aí o Jorge foi lá e só deu ré e subiu na calçada assim... Porque a gente coloca o carro na calçada... Subiu o carro na calçada... E subiu direto. E cara, mas teve muito tiro aquela noite, sei lá, foram umas duas horas de tiro... Não direto tipo: Papapapa não. Mas tipo, vários tiros, parava, aí outros vários tiros, aí parava. Ficou mó tempão, que eu não consegui dormir, sabe?! Uma sensação horrível, assim...É, então... Eu acho que era uns moleques muito doentes, provavelmente assim, não era gente de fora entendeu?! Pra poder estar andando ali, de moto na madrugada, em dois só... Cara, não... Eu acho que era gente bitolada, assim... Querendo matar algum olheiro, alguma... Acho que era um negócio... Porque eles não iam em dois moleques pra tentar tomar a boca, entendeu?! Molequinho, assim... Garoto. (Entrevista com Jane)

Jane passou a repensar as suas circulações a partir deste episódio. Não anda mais sozinha à noite para voltar para casa. Ela ainda acredita que é um lugar seguro no que diz respeito a assalto e outros tipos de crimes mais comuns no centro da cidade, mas hoje pensa nos riscos que o próprio “movimento” do tráfico traz para os moradores, como tiroteios, as sanções quando desrespeitam as regras do tráfico, as invasões de facções rivais, entre outros.

Apesar de nunca ter visto acontecer invasões de facção rival no Parque Aurora, Maria expõe que há pouco tempo atrás todas as noites de madrugada era possível ouvir a troca de tiros, que geralmente, de acordo com ela, ocorriam na favela que tem na rua atrás de sua casa, onde tem um forte movimento do tráfico de drogas. Assim, ela expõe que a violência cresceu muito em seu bairro e há ruas em que ela não “ousa” passar, pois, há “gente estranha”, “um monte de homens juntos” que fazem uso de drogas lícitas e ilícitas e por isso ela tem medo de ser estuprada, roubada etc. Mas ao elaborar o mapa mental o lugar de perigo que sobressai é a “pracinha do Parque Aurora” que há muito foi tomada pelos traficantes de seu bairro.



Figura 21: Mapa mental realizado por Maria no dia de sua entrevista.

A jovem expõe que as crianças e jovens não podem mais fazer uso deste espaço de lazer, neste sentido a ausência de cores na praça representada em seu desenho, demonstram o quanto esse local foi desapropriado pela jovem, visto que na representação de suas duas casas e da escola, apontado pela jovem como seus locais de segurança, ela utiliza cores vivas, inclusive no tracejado que circulam as mesmas. Até mesmos os prédios desenhados na parte superior do desenho, que de acordo com a jovem representam a cidade, possuem um vivo colorido, diferente da praça.

Assim, de acordo com Maria, os traficantes utilizam a “pracinha” para realizar a comercialização da droga, afirmando que quando veem algum jovem ou criança no local já sabem que o mesmo está ali pra vender ou pra comprar drogas. Neste sentido, se tornou um local perigoso para circular e no qual ela não tem permissão para ir.

Enquanto para Maria o perigo de circular e ir a determinados lugares do Parque Aurora tem por motivação o aumento da violência e do tráfico de drogas, para Rafael que também reside neste bairro desde que nasceu é o aumento do policiamento. O jovem é traficante há alguns anos e a única ameaça e limitação de circular em seu bairro atualmente de acordo com o mesmo é a polícia. Rafael afirmou que os policiais estavam apreendendo muito material do tráfico dando grande prejuízo a boca, “eles estão pegando neguinho também”.

O temor de Rafael se deve ao fato de que o jovem já possui alguns processos em andamento, em que ele cumpre medida socioeducativa de liberdade assistida e prestação de serviço a comunidade. No entanto o jovem sabe que caso ele seja pego mais uma vez em flagrante, o juiz pode realizar uma progressão de medida, estabelecendo que ele cumpra o resto da pena em regime fechado. Além disso, ele não deseja cumprir medida no Centro de Socioeducação Professora Marlene Henrique Alves (Cense), pois, os jovens sofrem muitos maus tratos neste local.

Disse que estavam batendo. Chegou um menino com a barriga cheia de sangue no Ferreira. Disseram que outro dia... Porque lá eles revezam né?! Primeiro os de uma facção vão tomar sol daí eles colocam pra cela de novo e liberam os da outra pra pegar sol. Só que nesse dia eles soltaram os dois juntos e aí um grupo se juntou e bateram muito num menino. Só pararam quando ele não se movia mais e estava banhado numa poça de sangue. O menino foi levado pro hospital entre a vida e a morte. A mãe ficou apavorada. Aí tá tendo uma observação lá do CENSE.

O jovem explica que em relação as facção rival não há nenhum tipo de perigo em circular em seu bairro visto que todo aquele território “pertence” a facção T.C.P. Assim para ele era “tranquilo” andar apenas “do lado de cá”, e que só estaria em perigo se atravessasse a fronteira para o outro lado, pois, estaria em território “inimigo” ficando sujeito a sofrer um atentado.

A “lei dos homens”: sobre as regras e códigos de condutas do tráfico de drogas

Durante os relatos de Cauã identificamos os códigos de conduta que são ensinados nas famílias que moram na Baleeira e possuem grande proximidade com as bocas de fumo, no sentido de garantir a sobrevivência em meio ao tráfico de drogas e não sofrer sanções por transgredir as “leis do tráfico”, que o jovem identificou como “lei dos homens”. Esta lei era composta das seguintes proibições dentre muitas outras: roubar na área; falar coisas indevidas para morador antigo; fazer gesto obsceno; andar pelado; urinar na rua.

Assim, o jovem explica que o “trabalho psicológico” que sua mãe fazia foi fundamental para que ele apreendesse as regras. Ao contrário do que pode aparentar o termo usado por Cauã, este “trabalho” não consistia em conversar e debater as leis do tráfico e as situações presenciadas, o que muitas vezes nem chegava a acontecer. Para atingir seu objetivo, ela utilizava o medo, não do tráfico e sim das consequências que ocorreriam caso

não fizessem como ela determinava. A surra e a ameaça eram instrumentos constantes de coação.

E naquele tempo a gente respeitava, não que hoje não respeite, mas a gente respeitava muito mais do que... Tinha tudo questão de trabalhar o psicológico. O tráfico ele te pressiona, ele te põe medo. A tua família quando você já nasce dentro de uma comunidade já automaticamente somos treinados pra te blindar daquilo. Então minha mãe tudo o que ela pode fazer pra eu não entrar no caminho do tráfico ela fez. Se tivesse que bater na rua na frente de qualquer um, ela batia. Se tivesse que me ameaçar, ela ameaçava. (Entrevista com Cauã)

Dentro os códigos que o jovem aprendeu, o silêncio é um dos ensinamentos fundamentais. Ele explica como aprendeu que não deve comentar a respeito das atividades realizadas pelo tráfico, ou caso testemunhe algum homicídio ou a aplicação de uma sanção. O que identificamos como uma lei do silêncio, presente em muitas favelas onde ocorre o mercado de drogas ilegais e porque não dizer que se apresenta como uma das “asfixias” (FARIAS, 2008) que também ocorrem nas favelas de Campos dos Goytacazes. Desta forma o jovem relata:

Tinha uma vez que eu tinha visto uma coisa que não era pra eu ter visto. E não era pra eu ter falado. Cheguei em casa eu falei. O bom que eu falei em casa, imagina se eu estava na rua. Eu falei: oh mãe! Eu vi os caras guardar uma coisa ali naquela pedra ali. E eu ia lá pra tirar. - Porque tipo assim, estava debaixo de um paralelepípedo. Então eles cavavam, tiravam o cantinho da areia com a mão, deixava um buraco ali e colocavam e depois tapavam. Um carro passava por cima dali. Você acha que é pra saber? Mas o cara sabe onde tá a porra toda. E ele tem que saber porque se sumir alguém tem que dar conta dele, alguém tem que pagar por esse prejuízo. E eu vi. Cheguei em casa e falei: oh mãe eu vi eles (...) - O bom que foi dentro de casa. D. S. falou: você viu o que? - Ela foi e toma dentro da cara. - Cê viu o que? - Ah! Mãe mas eu vi. - Toma dentro da boca. - Cê viu o que? - Aí eu já entendi. Peraí... Falei duas vezes, levei dois tapas na boca. Não vou falar mais não. - Leva isso pra sua vida: nem tudo o que você vê, você fala. Então se falar: você viu? Você não viu. Você ouviu? Você num ouviu. Você nunca falou nada. Ouviu? - Ouvi. - Ouvi mesmo ou você quer que eu faça de novo. - Tá, ouvi. - Da próxima vez eu ponho legume quente, colher quente na boca. - Pessoal de comunidade não tem esse carinho, não tem esse amor não. Esse negócio de usar varinha de goiaba não. É o que tiver na reta. É tapa nas costas. Tá nem aí. Foi nesse ritmo mais ou menos que eu fui criado. (Entrevista com Cauã)

Todavia, como Cauã mesmo afirma, ele prefere o castigo e a surra de sua mãe que ser confrontado pelos traficantes, que podem por sua vida em risco. E este temor se confirma à medida que o jovem presencia ao longo de sua infância diversas situações de violência

cometidas pelos traficantes, que marcaram a sua história e que em muitos casos eram sanções aplicadas em pessoas que vacilavam e desrespeitavam a “lei”. Este foi o motivo que levou o primo de Cauã apanhar dos traficantes, situação presenciada pelo jovem quando ele tinha apenas doze anos de idade.

Presenciei meu primo apanhando de pistola. (...) Eles amarravam a mão pra trás e davam coronhada com arma na cara, na cabeça e nas costas. A minha vontade na hora era de defender meu primo. Porque na minha família é criado assim: é sangue do seu sangue? Defende! Não importa o que faz, defende. (Entrevista com Cauã)

Desta forma, ele correu para casa para contar a sua mãe o que estava acontecendo. Ela repassou ao seu pai o fato, que foi até o local e pediu que eles o deixassem que ele mesmo iria resolver a questão. Assim, os traficantes que tinham extremo respeito pelo seu pai, pois o mesmo tinha “conceito”, liberaram o jovem e explicaram que o mesmo estava assaltando na “área”. E avisaram que se ocorresse novamente, não haveria “perdão”, o ameaçando de morte. O pai de Cauã retornou com ambos para casa. E Cauã que não compreendia exatamente a linguagem e os códigos utilizados pelos traficantes questionou ao seu pai: “mas o que é dar um jeito nele?”. E seu pai respondeu: “Não é nada. São coisas que você não precisa saber. Pra que você quer? - Então tá bom.” (Entrevista com Cauã)

Outro caso relatado pelo jovem foi em relação a um morador da Baleeira que ele viu sendo espancado. Ele conta que todos na favela diziam que o mesmo tinha deficiências mentais, mas que ele acredita que este senhor ficou com sequelas de tanta “coça que ele levou”. Ele apanhava com frequência por transgredir as “leis dos homens”.

Esse cara andava falando sozinho, ele falava muito sozinho. Mas eu entendi que minha mãe falava sempre pra mim assim: tem gente que se faz de doido pra sobreviver. Talvez se ele fosse realmente quem ele é, ele estaria morto. Ou não. Não sei, mas o certo é que ele se fazia de doido. (...) Ah! Mas ele é doido. Ah eu pra mim: Porque que ele é doido? Porque vire e mexe ele tá fumando. Doido não fuma. (Entrevista com Cauã)

Neste sentido, os moradores encontram mecanismo para sobreviver à violência do tráfico e para mãe de Cauã no caso do senhor em questão se fazer de louco, após ficar “marcado” com o tráfico, era a melhor estratégia. Assim, como na favela Baleeira, a Tira Gosto também possui seu código de conduta e Jane relata uma experiência que presenciou em que seu amigo levou uma “dura” dos olheiros, que quase o mataram.

Ela explica que eles estavam saindo do baile e seu amigo queria urinar, porém, ao invés de ir ao banheiro, o fez no muro da favela onde ficam os olheiros. Eles quando perceberam o que o jovem estava fazendo, se alteraram e questionaram: “Ah, a gente tem ficar aqui trabalhando o dia todo e ficar sentindo o fedor do seu xixi? De onde você é?” O jovem ficou muito nervoso, mal conseguia responder e acabou sendo salvo pelos amigos que estavam por perto e perceberam o que estava acontecendo.

No caso do jovem, os amigos que intercederam pelo rapaz e usaram como estratégia citar o nome de Cardoso, que foi um traficante muito importante na comunidade. Assim eles disseram: “Não, a gente é inquilino de Rodrigo, que mora ali do lado do Cardoso... Já fala assim né?! Porque é a galera que manda... O Rodrigo não manda não, mas a galera conhece ele há muito tempo, a família dele é dali... Aí já manda essa: Moro do lado do Cardoso, foi mal”. Os traficantes estavam apontando a arma para o rosto, mas após ouvir que eram vizinhos de Cardoso, eles permitiram que o jovem se retirasse sem sofrer nenhuma sanção.

Cabe ressaltar que os traficantes ao se depararem com o jovem cometendo o que eles entenderam como uma afronta, questionaram de onde era o jovem. Pois, a sanção não é aplicada a todos da mesma maneira, visto que como ocorreu por ser vizinho de Cardoso e morar na própria Tira Gosto, eles relevaram o fato, o que talvez não acontecesse caso ele fosse de outro lugar.

Os mecanismos de aliciamento de crianças e jovens para o tráfico de drogas

Lua expõe que em seu bairro (Parque Santa Clara) a apreensão e prisão dos “meninos”, assim como o alto quantitativo de homicídio no movimento do tráfico de drogas, incidem diretamente neste mercado causando danos. Neste sentido, os traficantes sempre buscam atrair outros jovens e até mesmo crianças, geralmente do sexo masculino, para que possam dar continuidade à “atividade”. Os relatos de Aline e Cauã também evidenciam esta questão e a dificuldade que as famílias têm para manterem os meninos afastados do tráfico.

Aline expõe que a mudança de seu bairro (Parque São Silvestre) para o que sua avó residia (Parque Eldorado), não tinha apenas como motivação a necessidade de ajuda que a mesma apresentava, mas também o aumento da movimentação do tráfico de drogas. A maior preocupação da mãe de Aline, de acordo com a jovem, era seu irmão. Ele estava crescendo e atingiu uma idade em que os meninos são cooptados pelo tráfico de drogas. Ela temia que a aproximação com o “movimento” influenciasse seu filho a participar e com o tempo não houvesse mais o que fazer em relação a isso.

E a respeito dos sutis mecanismos de cooptação das crianças, Cauã expõe que algumas vezes sem que percebesse participou das “atividades” na Baleeira, descrevendo como ocorria essa aproximação. O convívio com os traficantes era constante visto que o tráfico de drogas ocorria em sua rua e a maioria dos “meninos” cresceram junto com Cauã. Assim, os traficantes pediam a ele favores que na verdade eram pequenas práticas criminosas, mas que aos olhos de uma criança são imperceptíveis como tal. Ele explica que somente hoje ele consegue compreender estes mecanismos de aliciamento do tráfico.

Eles falavam vai ali pra mim compra pó royal, saquinho de sacolé e seda. Tá bom... A gente não entendia pra que que era. A gente ia. E quando voltava era assim: Rapa, vou tomar um banho aqui. Se aparecer um carro da polícia, cê não precisa gritar não pra ninguém te bater, cê vem aqui fala: oh! A polícia passou ali. A polícia tá vindo. (Entrevista com Cauã)

Mas para Cauã a primeira forma de cooptação de crianças na Baleeira era através do futebol. O jovem expõe que ele assim como muitos meninos da favela tinham o sonho de serem jogadores de futebol. Em busca desse objetivo alguns largavam a escola e todas as outras obrigações para construir uma carreira. Mas de acordo com o jovem, não é simples investir em uma carreira de jogador, principalmente em uma época em que o salário mínimo era duzentos reais. Os pais não tinham meios de pagar luz, água e alimentação. Então eles buscavam onde tinha dinheiro: o tráfico. Desta forma, os traficantes estimulavam a realização de campeonatos e ofereciam dinheiro para o ganhador. “Ele (traficante) falava: Oh! O time que ganhar aí tem cinquenta reais comigo e o dinheiro pro lanche. (...) o aliciamento do jovem começa no futebol. Então ele sabe o sonho do jovem.” (Entrevista com Cauã)

No entanto, nem sempre era necessário fazer algo em troca do dinheiro dos traficantes, de acordo com Cauã em algumas ocasiões eles simplesmente ofereciam. Certa vez quando ainda era criança, ele retornou pra casa com cinquenta reais. Sua mãe quando avistou o dinheiro logo questionou:

De quem é esse dinheiro? – Meu tio me deu. – Seu tio? Que tio? – Meu tio ali da esquina ali oh! – Ele não é meu irmão. Não é irmão do teu pai. Não é nada meu. Como é que é seu tio? Vai lá e devolve. – Ah! Mas eu ganhei. – Ela não tava nem aí. [explica ele] – Vai lá e devolve. – Fulano, minha mãe mandou te devolver. – Não, Tia S. sem problema, fui eu que dei e tal, não sei o que. – Não, não... O que ele pediu ao pai dele, o pai dele já tá trazendo do serviço já. Deu tempo, conseguimos avisar a ele. – Aí, eu pra mim assim: oh! Mas eu não pedi nada ao meu pai... Como é que ele tá trazendo uma coisa que eu não pedi. (...) Devolvi o dinheiro. Voltamos pra casa. – Não quero ver você no meio deles. Da próxima vez que eu ver você no meio deles, eu vou quebrar suas pernas ali mesmo. Cê já viu como seu tio anda. –

Meu tio morreu, era cadeirante. (explica ele) – Se você for falar com eles vou te deixar igualzinho a ele. – Quem falou que fui mais lá?! E o medo de ficar cadeirante? (Entrevista com Cauã)

Ele expõe que o episódio foi tão marcante em sua vida que até hoje, o medo de ficar cadeirante sobrepõe o medo de morrer, o qual ele afirma nem ter. Desde então, Cauã nutre pavor de ficar sem conseguir andar e assim passar a ser dependente fisicamente de outras pessoas. Assim, como expomos anteriormente, este episódio também demonstra que a presença de sua mãe e a maneira como ela conduzia sua criação, através dos “trabalhos psicológicos” foi determinante para que Cauã não se envolvesse com o tráfico de drogas, através destes mecanismos de aliciamento.

A proximidade com o tráfico de drogas nos bairros e favelas e os seus riscos.

Rafael expõe que entrou no tráfico porque “é mais fácil de conseguir as coisas. Eu tenho um monte de irmão. E o que dá pra um, tem que da pra todo mundo. E lá é mais fácil de conseguir, mas no emprego também né?!” (Entrevista com Rafael). Durante os anos em que esteve no “movimento”, ele relata que quase morreu pelo menos umas três vezes e que não teme a morte, porque “Deus é fiel”. Em algumas destas foi durante as perseguições e em outras foi por overdose. Ele explica que usa drogas “porque é muito bom. Bom demais. Se não fosse bom eu não fazia de novo. Ninguém usava de novo se não fosse bom. Se eu não conhecesse não ia gostar, mas como conheço... Eu me amarro.” (Entrevista com Rafael)

Durante a pesquisa muitos foram os relatos dos assassinatos e mortes de amigos e parentes dos jovens que eram envolvidos com o tráfico de drogas. Entre as causas estão as sanções por ter cometido um vacilo, o envolvimento com a mulher de outro traficante, a vingança de um assassinato, entre outros. Por isso, com a naturalidade de quem vive constantemente com esta realidade, Aline relata que muitos de seus amigos de infância entraram para o tráfico, e alguns já até morreram.

A história de Aline é marcada por esta prática violenta e habitual dos traficantes. A jovem é filha de um conhecido traficante e assassino de aluguel do Parque São Silvestre. De acordo com a mesma, ele era reconhecido por ser um assassino que não tinha “piedade” com aqueles a quem ele tinha como inimigo. Por isso, ele era temido e respeitado, mas também tinha muitos inimigos.

Certa vez, o pai da Aline cumprindo mais um serviço, assassina um traficante da região. E devido ao fato da família do traficante morto e do seu antigo “bonde” saber a autoria

do crime, o pai de jovem passa a ser perseguido e ameaçado. Assim ele foge para o Rio de Janeiro e fica escondido nesta cidade por um longo período de tempo. No entanto, ele não havia recebido todo o dinheiro pelo serviço prestado e assim combina data e hora para buscar o resto do pagamento. Retorna a cidade de Campos e quando chega ao local combinado é morto, vingando assim o traficante assassinado.

Mataram. É porque ele matou o homem no dia do meu aniversário. Aí quando foi pra receber... Pagou dois mil e pouco, que pra antigamente era muito dinheiro né?! Aí quando... Aí foi pro Rio pra dar uma aliviada. Quando voltou aí pediu o dinheiro dele. E os cara falaram assim: vai em tal lugar que a gente te dá. Aí tinha dois homens, que mataram ele lá. Aí dizem... Ninguém sabe quem entregou ele. Mas dizem que foi a ex-mulher dele. (Entrevista com Aline)

Desta forma, Aline nunca conheceu seu pai, pois quando ele fugiu para o Rio de Janeiro a jovem era apenas um bebê. Por isso, a jovem compreende o temor de sua mãe quanto a proximidade do tráfico de drogas, visto que em sua família além do assassinato do pai, ainda há relatos de perseguições de seus primos, entre muitas outras situações.

Lua também relata que seu amigo de infância foi assassinado por um traficante. Ela expõe que Valério cresceu brincando em sua casa. A família de ambos são muito amigas. Ele quando se casou e ganhou uma filha, a levava com frequência para visitar de Lua. Ela explica que durante esse período, ele já estava trabalhando no tráfico. Quando a menina completou quatro anos, ele foi preso. A partir de então Lua e sua família perderam contato com o mesmo, só retornaram a vê-lo muito tempo depois. Ele havia sido solto e constituíra outra família, sua primeira filha já contava com onze anos. Por ter se envolvido com uma mulher que também tinha envolvimento com o chefe do tráfico, ele foi morto.

Desta forma Lua relata que: “vários meninos que eu conheci foram morrendo ao longo dos anos né?! Assim pelos quinze, dezoito anos ou até menos...”. Alguns chegaram a ir embora dali e outros se converteram, tornaram-se evangélicos e de acordo com Lua: “se salvaram do mundo do crime.” (Entrevista com Lua) E com espanto, ela expõe que um dos traficantes mais antigos do seu bairro é chamado de Mula Manca e é um dos únicos que conseguiu chegar aos vinte e nove anos. Lua explica que seu apelido surgiu após o mesmo ter levado nove tiros e apesar disso não ter morrido. Já sofreu tantas agressões e atentados que deixaram sequelas, mas que não o mataram.

Atualmente, Lua expõe que os meninos que desenvolvem o tráfico na sua região têm entre 15 e 16 anos. Todos eles nasceram e residem no próprio lugar onde desenvolvem o

“movimento”. Por isso, os moradores sabem quem são e eles também conhecem todos os moradores. Ela conta achando graça, que no período em que trabalhou na delegacia do subdistrito de Guarus, ela conhecia todos os jovens que eram presos em sua área, por isso: “eles chegavam lá gritando o meu nome: eu conheço a Lua! Eu conheço a Lua! Gente, nunca trabalhe na delegacia do seu bairro... (risos)”. (Entrevista com Lua)

E o risco de morte ou de sofrer sanções, como vimos anteriormente, não é apenas para aqueles que participam das “atividades” do tráfico de drogas, mas também para aqueles que convivem diariamente com o “movimento”. Neste sentido, Cauã afirma que teve sorte de poder sair da Baleeira. Ele afirma que presenciou muitos tiroteios e invasões e explica que para além do risco de perder a própria vida, o temor pela vida de sua família é enorme, vivendo assim em constante medo. Ele expõe que caso alguém seja atingido na rua é muito difícil que se tenha a possibilidade de ajudar, pois, a probabilidade de ser atingido também é muito grande, assim, eles acabam deixando a pessoa morrer.

Eu vejo sempre. Passo na rua, vejo direto. Pessoal quando vê se abala. Eu quando vejo, passo direto, passo batido. Fazer o que? Já foi... Não que eu sou um cara... um ser humano pra isso. Não! Eu sou realista. Tá agonizando? Precisa de ajuda. Quem vai ajudar? Eu num sou. Vou morrer? Dentro da comunidade? É ruim hein?! Ele tomou um tiro ali e vou tomar outro lá na frente. (...) Se fosse lá fora da comunidade, você pode fazer qualquer coisa. Você liga pra ambulância, você fica perto, você ajuda. Você pergunta o que tá sentindo. Pra você poder dar o socorro. Mas dentro da comunidade, você vai fazer isso... Vai você... Lá dentro você não pode fazer nada. (Entrevista com Cauã)

Por isso, o jovem descreve que viu muitas pessoas morrerem na sua frente, sem que pudesse fazer nada. Certa vez, Cauã ao circular por determinada rua da favela, presenciou o assassinato de um usuário de cocaína na boca, o qual ninguém poderia saber. E os traficantes ao desconfiarem de que ele tinha visto foram o procurar em sua casa. E questionaram o que ele tinha visto, o mesmo que já compreendia a necessidade da lei do silêncio como forma de sobrevivência, afirmou que não sabia do que eles estavam falando. Os traficantes ainda insistiram em tom amigável, dizendo que não havia problema, porém o jovem que entendia as consequências dele ter visto o ocorrido apenas repetiu: “Eu não vi nada. Não sei de nada. Não tenho o que dizer, porque eu não vi.”(Entrevista com Cauã).

Assim, no ano posterior a este fato Cauã e sua família foram embora da Baleeira. O jovem estava com 16 anos. Ele hoje agradece a sua mãe por ter tomado a decisão de ir embora da favela, pois, o jovem expõe que todos os seus amigos de infância estão atualmente

trabalhando no tráfico de drogas ou morreram. Por isso, ele relata que é um sobrevivente e se orgulha de contar a sua história.

Eu acho que é uma vitória pra mim. Porque todos os meus amigos. Todos! Todos que eu convivia direto diariamente... Alguns morreram, outros estão trabalhando no tráfico. Tudo! No tráfico... Um comanda uma comunidade aqui. Outro tá de frente da (...). E eu passo por eles: E aí Cauã? Beleza? – Beleza. – Caraca, tá grandão hein?! – Tô grandão nada, cara. Tô crescendo ainda. – Sumiu rapaz? – O que cê faz? – Trabalho né?! – Pô! Fiquei sabendo que cê tá com filho. – Tô... – Então cara. Tô com um aí- Então, tá trabalhando? – Tô... – Sempre vem com essa assim... Tá trabalhando? – tô... – Quer trabalhar comigo não? Vem cara, sem menor esforço. – É o que cara, montou uma empresa? – Sou empresário agora. – É isso aí. – Não cara, não tenho como injetar dinheiro não. (...) Caraca, você deu a maior sorte hein?! Ainda bem que sua mãe tirou você daqui. Senão você estaria com a gente aqui agora oh! Pra somar... (Entrevista com Cauã)

Para Jane a dimensão de perigo por morar na favela Tira Gosto e próximo das “atividades” do tráfico se materializou realmente após o assassinato de um amigo. A jovem participa de um movimento social e político de forma atuante e um dos militantes que trabalhavam com ela, por estar interferindo no bom andamento de determinadas questões políticas, as quais ele combatia, foi morto de forma brutal. Porém, o responsável pela morte não efetuou os disparos e sim encomendou a um matador de aluguel, um dos principais suspeitos apontados pelos participantes do movimento era da Tira Gosto e também participava do tráfico. Quando Jane descobriu quem era, desenvolveu verdadeiro pavor. Ela e seu namorado sofreram muitas ameaças.

Eu fiquei com muito medo. Tanto que eu fiquei dois meses quase... Um mês eu fiquei sem vir em casa, eu peguei uma trouxa de roupa e não dormia em casa nenhuma noite... Um mês. Dormia na casa de um monte de gente... Eu e o Rodrigo. E depois, mais um mês eu vinha em casa pouquíssimas vezes, passava pouquíssimo tempo em casa, porque eu tinha muito medo das pessoas. Hoje em dia, esse receio mudou muito, mas eu tive épocas assim... de muita... Muito medo do lugar onde eu morava. Apesar de que você reconhece o lugar como um lugar pacífico, que era o que eu sempre tinha... Pô, ninguém vai fazer nada com você, porque ninguém quer a polícia ali dentro e não tem motivo nenhum deles fazerem nada comigo... Tudo bem, ótimo! Ok, melhor lugar do mundo. E aí, era uma contradição, porque ao mesmo tempo eu tinha o outro problema, que era gerado por uma outra circunstância... E eu podia estar conversando com o cara que matou o meu amigo, entendeu?! Eu sempre ficava pensando assim, quando eu falava com as pessoas: Será que foi ele que deu o tiro? (Entrevista com Jane)

Jane explica que sempre manteve um ótimo relacionamento com os moradores das três favelas e que nunca teve nenhum tipo de problema, inclusive com os traficantes. Por isso, não tinha temor, ela explica que às vezes apenas tinha medo de levar um tiro por descuido, pois, os “meninos” sempre tinham uma arma na mão. Mas nunca por ser uma atitude de ameaça e violência. Porém, após este fato sua percepção se modificou completamente. Hoje, não nutre mais aquele pavor que o assassinato causou, porém, também não tem a mesma visão que ela percebe como ingênua de que a favela é o lugar mais seguro e tranquilo da cidade.

Outras perspectivas a respeito do morar na periferia: entre a segurança, as boas relações de vizinhanças e as “benesses” do tráfico de drogas

As descrições e relatos dos jovens não se atêm apenas a situações de perigo e violência nos bairros e favelas onde residem. Eles expõem que as relações de vizinhança são muito boas, e alguns relatos chegam a comparar os vizinhos com uma família extensa, explicando que nas situações difíceis os mesmos estão sempre predispostos a ajudar. Além disso, a maioria deles expõe que são lugares muito seguros com relação a roubos e alguns outros tipos de crime.

Neste sentido, Jane explica que dentro da favela Tira Gosto é muito difícil você ser vítima de um assalto. Assim, ela expõe que ao contrário do que a maioria das pessoas pensa, o risco acaba sendo menor na Rua Adão Pereira Nunes (onde está a TG) do que na principal, onde estão os condomínios de luxo e a Universidade. A jovem diz que se sente “super segura” morando na Tira Gosto e afirma que dorme com portas e janelas abertas, deixando sua bicicleta do lado de fora, pois, tem certeza que não será roubada.

Eles não querem a polícia lá dentro, eles não querem... Então eles não querem que ninguém mexa com você e a própria segurança deles com os olheiros serve também assim... Pelo menos isso é o que eu imagino, que eu entendo, né... O que eu observo. Até pra manter esse próprio controle, po... A única vez que roubaram alguma coisa onde eu moro, que é um monte de kitnet... Roubaram uma máquina de lavar. O Rodrigo mora ali há mil anos, né?! A família dele é de mil anos dali e tipo, fundador da área da TG e... O Rodrigo descobriu que tinha sido cara da frente, que é maior cracudinho... E o Rodrigo foi na casa do cara e mandou o cara pegar a máquina de lavar e levar de volta pra casa do menino que tinha roubado. E pelo o que dizem as más línguas, o cara deu uma sumida na época que eu lembro... Ele fazia um monte de escândalo, ai ele sumiu. Ai, ele deve ter tomado uma bela de surra... (Entrevista com Jane)

Assim como Jane, Luiza afirma que se sente protegida morando em seu bairro (Custodópolis) e que sempre dormiu com sua casa aberta e nunca lhe aconteceu nada, nenhum roubo, assim como em sua vizinhança. Ela expõe não se lembrar de casos de invasão de domicílio por motivação de roubo, apenas quando buscavam alguém que está devendo para o tráfico de drogas ou que tem algum envolvimento com a atividade em questão.

Para Cauã as melhores memórias da Baleeira não estão ligadas a questão da segurança assim como o jovem não se detém nas relações de vizinhança. No entanto, ele relata que em todas as datas comemorativas, como natal, dia das crianças e páscoa, os traficantes promoviam eventos para toda a favela. Cauã explica que as crianças ganhavam presentes e sempre tinham atrações e brinquedos na quadra. Estas são as referências de momentos felizes na favela para o jovem. Ele descreve:

Quando chegava a Páscoa, meu pai não tinha dinheiro pra comprar nem um doce. O chefe do tráfico parava um caminhão de chocolate. Todas as crianças da comunidade ele oferecia, todas as crianças... uma caixa de bombom pra cada um e um brinquedo. Todas as crianças, todas as crianças. No dia das crianças, ele chamava pra quadra. Tinha lá brinquedo pula-pula, brincadeira de inflável, doces... Fazia sorteio, brinde com todas crianças. Tudo de graça, não pagava nada pra entrar.(Entrevista com Cauã)

Neste sentido, Cauã explica que tem muito morador que defende a Baleeira, pois, sabe que na favela as crianças terão alguma atenção, que provavelmente não teriam em outro bairro. Desta forma, os traficantes acabam por suprir a necessidade dos moradores, principalmente das crianças que não tem acesso há muitos de seus direitos na cidade. Assim, o jovem expõe sobre o morar na favela: “Eu gostava e tinha medo. É como se... Já teve a sensação que gostava muito de uma coisa, mas só por um dia? Não todo dia, só por aquele dia. Por aquele dia feliz que você teve” (Entrevista com Cauã).

João, ao contrário dos demais entrevistados, relata apenas boas experiências em relação a seu bairro Turfe Clube. Ele afirma ser um bairro que oferece praticamente todos os serviços para quem ali mora. Ele expõe que o único problema que o fez atualmente se mudar de sua antiga residência é o transporte público que não tinha frequência, e por só ter apenas uma empresa que faz aquela rota, o ônibus demorava longo tempo a passar, o que dificultava seu deslocamento para a universidade. Porém, esta é a única objeção que o jovem faz em relação ao lugar. Desta forma, João relatou durante a entrevista a tranquilidade morar neste bairro e explica que o “movimento” realizado pelos traficantes da boca paralela a sua rua nunca causaram nenhum tipo de incomodo, ou afetou a segurança do local.

A entrevista de Raissa está entre os relatos que mais destacaram os aspectos positivos do lugar onde morava. A jovem expõe que adora morar na Penha e que suas raízes e o local onde se sente pertencida estão neste bairro, onde moram seus amigos e sua família, no qual tem boas lembranças da infância. As suas descrições sobre a rotina neste bairro não ressaltam pontos negativos, apenas apontam algumas questões de infraestrutura que atualmente já foram sanadas.

Eu sempre gostei de lá pelo fato de ser um bairro mais simples, né?! Tem gente que acha que a Penha é perigosa, mas não é tanto assim. Eeu gosto mais da Penha, assim que outros bairros. Centro, essas coisas não tem como brincar né?! Hoje em dia as crianças de hoje em dia não tem muito essa coisa de brincar. Essa coisa de tecnologia. Então lá na Penha é um bairro muito bom pra você brincar na rua. Sempre foi e eu moro na frente de uma pracinha. Então era um lugar tranquilo, que você podia ficar até altas horas da noite na rua. E a gente fechava a rua pra jogar pique bandeira, pique esconde, pique lata. Hoje em dia não tem nada disso. Mas sempre foi um bairro muito tranquilo e a parte da minha vizinhança ali é bem aconchegante. (RAISSA, Jan., 2016)

Raissa explica que as crianças não têm mais o hábito de brincar na rua, por isso não o fazem mais em seu bairro. Além disso, a jovem ressalta a boa relação com a vizinhança, que se tornava uma extensão familiar e garantia a segurança da mesma. Por isso, sua mãe não precisava lhe dar recomendações, pois, “quando você mora num lugar, você conhece mais ou menos as pessoas. Você sabe quem tem envolvimento com coisa errada e quem não tem”.

Neste sentido, ela defende o seu bairro, pois, acha injusta a representação social do mesmo na cidade como um lugar perigoso. Ela credita esta representação às diversas manchetes em que os jornais dão destaque ao seu bairro devido ao tráfico de drogas. Principalmente durante o período em que houve o assassinato do chefe da boca no bairro, o que causou uma série de embates entre os traficantes para decidir de quem seria aquele cargo, ou seja, quem seria o próximo chefe da boca.

Olha, na verdade todo o bairro tem sua criminalidade né?! A verdade é essa. Como todo a cidade, como todo o país, tudo isso tem seu crime. Tem seu lado pobre e tudo mais. É porque eu acho que facilita hoje em dia você saber se um bairro é perigoso hoje ou não é o jornal. A Penha tem o seu tráfico de droga entendeu?! Mas a pessoa às vezes se esquece que um bairro pode ser muito grande. Então as vezes eles generalizam entendeu?! O bairro da Penha em si é um local muito grande. Então bem no final da Penha, na Estância, quase saindo da Penha, tem seu tráfico de drogas lá. (...) Eu acho que é devido os jornais. E teve um momento que quase não se falava que o bairro era perigoso porque não tinha quase morte. Não tinha quase nada. Quando mataram o chefe da boca lá, que começou a ter uma morte atrás da outra.

Começou a ter um tráfico maior. É... Aquela briga por gerência. Então começou a surgir muita coisa errada lá. E começou a sair muito em jornal. Eu acho que começou a surgir daí, entendeu?! Porque antes não tinha esse comentário. (RAISSA, Jan., 2016)

De acordo com a jovem, este assassinato tem dez anos. Raissa expõe que antes do fato ocorrido, todos conheciam o chefe e que atualmente não sabe quem está no comando, mas acredita que seja um dos meninos do bairro. Pois, eles continuam a respeitar algumas regras que eram estabelecidas pelo antigo chefe como, por exemplo, respeitar os moradores e não roubar quem é do bairro. Ela explica que após a morte do mesmo, muitas “pessoas de fora” entraram no bairro, principalmente no período em que esteve viajando como jogadora profissional de futebol, por isso, não sabe afirmar exatamente quem está no “movimento”.

Não era porque aquele negócio o pessoal fala assim que é geralmente quando tem um líder dentro do bairro. Nada de errado pode-se fazer dentro do bairro. Tipo por exemplo, se pode roubar, mas não se pode roubar morador. Tipo em qualquer outro lugar sabe?! Como ele era o chefe lá há muitos anos e o pessoal respeitava, então se houvesse algo de errado dentro do bairro que algum lugar, se fizesse lá ia ter sua punição. Com certeza ele ia matar ou fazer alguma coisa. Entendeu?! Acho que começou a surgir daí. E depois que ele morreu, começou a aparecer muita gente de fora no bairro. Então foi mais tipo isso. Eu acredito que os meninos que ainda tão lá que são do bairro. Ninguém faz nada lá dentro contra ninguém. Mas começou a surgir muita gente de fora. Muita gente pra tomar, dominar aquele espaço. Acho que começou a aumentar a criminalidade ali. E eu acho que é normal assim em qualquer lugar, entendeu?! Acho que é por aí?! (Entrevista com Raissa)

Apesar disso, a jovem expõe que a Penha continua sendo um lugar seguro para morar e os traficantes ainda respeitam os moradores do bairro. E quanto ao aumento da criminalidade ela explica que ocorreu na cidade como um todo. Neste sentido, a jovem não encara o tráfico de drogas como um problema grave que atinge a rotina dos moradores em seu bairro e garante que a convivência é pacífica.

3.3 Análise por contraste dos bairros: impactos das relações de proximidade com o tráfico de drogas

A partir dos relatos transcritos neste capítulo, podemos perceber que as circulações e práticas sociais dos jovens em seus próprios bairros têm sido afetadas a partir das representações de lugares e situações de perigo, do aumento da violência, influenciado pela percepção de aumento no número de assaltos e por fim pelo “movimento” do tráfico de

drogas, principalmente para aqueles que estabelecem uma relação de proximidade espacial significativa com o mesmo. Neste sentido identificamos os diversos níveis de influência que esta atividade tem exercido sobre os jovens na circulação da cidade.

Os jovens que residem nas favelas (Tira Gosto e Baleeira), assim como nos bairros do subdistrito de Guarus (Parque Eldorado, Santa Clara e Custodópolis) apresentam vivências marcadas por uma relação muito próxima com o tráfico de drogas, onde as rotinas acabam sofrendo fortes interferências das práticas violentas do “movimento” e das regras, códigos e leis impostas pelos “meninos”, que limitam a circulação e impossibilitam diversas práticas sociais dos mesmos. A lei do silêncio e a prática das sanções impõem a “asfixia” e o medo, que muitas vezes não possibilita o diálogo entre traficantes e jovens moradores.

No que se refere aos impactos do tráfico de drogas nos demais bairros periféricos – Parque Julião Nogueira, Penha, Parque Califórnia e Turfe Clube -, os jovens apontam que a interferência em suas rotinas são mínimas. Assim, eles afirmam que a convivência com o “movimento” tem sido pacífica dentro de seus bairros, sem imposições e uso do recurso da violência para controle dos mesmos. Alguns ainda apontam que o aumento da violência que tem ocorrido em sua região é natural, ocorre em todo o lugar, sem haver especificidades ou relação com as características históricas e sociais do bairro, incluindo a presença do tráfico.

Cabe ressaltar que as descrições realizadas a respeito do Parque Aurora, por Maria e Rafael, demonstram que a circulação dos jovens no bairro também sofre interferência pela proximidade com o tráfico de drogas, não como os casos apresentados em Guarus e nas favelas, mas ocorrem restrições reais a partir da presença do “movimento”. Neste sentido, não se aproxima da descrição feita pelos demais bairros periféricos, que percebem o crescimento da violência de forma geral na cidade.

Os impactos da segregação socioespacial aparecem em todas as descrições, sendo mais significativas também nas favelas e bairros de Guarus. Assim, ela se apresenta como ausência de infraestrutura nos bairros e favelas. Neste sentido, os principais apontamentos dos jovens são a falta dos serviços de segurança, transporte, saneamento básico. Mas esta segregação também se apresenta através do preconceito de lugar, social e racial. Por isso, os jovens fazem diversos relatos de discriminação, assédio e perseguição.

4 REPRESENTAÇÕES, CIRCULAÇÕES E PRÁTICAS SOCIAIS DOS JOVENS DA PERIFERIA NA CIDADE DE CAMPOS DOS GOYTACAZES

Os jovens quando descrevem a circulação na cidade expõem que os limites identificados nos bairros se ampliam e aprofundam nas experiências e práticas sociais vivenciadas na mesma. Eles expõem a existência de fronteiras que formam o que para alguns chega a ser percebido como “territórios proibidos” e para outros apenas o lugar do perigo, ou seja, onde não é recomendado circular, pois constitui em grande risco. Eles explicam, e neste ponto são unânimes em dizer, que a cidade não é para todos da mesma maneira. Como exposto por Novaes (2006) os entrevistados percebem a existência de juventudes desiguais, onde dependendo de onde o jovem mora, qual a cor de sua pele, o seu gênero e sua classe social, ele irá ter acesso ou sofrer restrições aos diversos âmbitos da cidade.

Desta forma, as circulações e práticas sociais dos jovens na cidade são delimitadas por vários fatores. Por isso, os relatos dos mesmos sobre a cidade perpassam por estas percepções da existência de limites e da segregação socioespacial. A princípio, quando descrevem Campos, eles apontam o ponto positivo de que é uma cidade grande, porém, não tanto quanto uma metrópole o que facilita, em termos de distância, a circulação e a mobilidade. Assim eles identificam que a mesma possui muitas possibilidades de acesso aos equipamentos do estado, de exercício dos direitos, de vivência na cidade como um todo, mas que não se concretizaram, porque não são apenas as distâncias espaciais que possibilitam ou não este exercício e acesso. E apontando todas as desigualdades e dificuldades que experimentam no cotidiano, ainda afirmam que a cidade não se desenvolveu tanto quanto deveria mediante aos recursos que possui.

4.1 O olhar do jovem sobre Campos dos Goytacazes: a cidade que não “vingou”

A representação dos jovens de que Campos dos Goytacazes é uma cidade com grande potencialidade que não se concretizou gira em torno da capacidade econômica e territorial que a mesma tem e que, de acordo com os mesmos, não foi bem administrada pelo poder público. Principalmente no que diz respeito ao fato da cidade receber os dividendos dos Royalties da extração de petróleo da Bacia de Campos. Eles apontam, em sua maioria, que a ela deveria estar bem mais desenvolvida do que hoje se encontra devido ao dinheiro que recebe.

Então Campos é muito grande. Eu considero Campos como lugar muito grande. Então eu acho triste porque apesar de ser tão grande é tão mal utilizado. É um espaço muito grande, podia ser uma cidade muito maior. E você não vê nada. Você não vê desenvolvimento nenhum... Mas é enorme e tem muito potencial tanto de pessoas daqui, como de espaço, do dinheiro que a cidade tem de Royaltie. Pode investir em coisas. Campos tem uma praia que é lá em Farol. Super longe. Então muita das vezes podia investir mais no lazer de lá. Podia investir mais no lazer daqui. Daqui do centro. Mas não investe nada. Você não vê uma novidade. “Cê” não vê um lazer direito, uma coisa, um parque aquático. Alguma coisa assim. Então podia ter mais investimento da prefeitura pra melhorar a cidade. (Entrevista com Laís)

Desta forma, Laís aponta as potencialidades financeiras, humanas e espaciais da cidade que são mal administradas pelo poder público. A jovem destaca a ausência de lazer na cidade e assim expõe que para ela, a prefeitura não investe e nem diversifica as possibilidades de Campos. E ainda declara que o centro, que como descrevemos no segundo capítulo por muito tempo ocupou o lugar não apenas do comércio, mas também dos acontecimentos e lazeres da cidade, não possui uma programação cultural, a não ser em datas pontuais, como a tradicional festa de São Salvador, santo padroeiro da cidade.

Não apenas no que se refere ao direito ao lazer, os jovens explicam que os serviços que se propõe garantir o exercício dos direitos de forma geral (educação, habitação, saúde etc.) são ofertados pelas instituições públicas e privadas, mas a precariedade dos mesmos, não permite afirmar que o direito se concretize em exercício. O transporte público e assim a possibilidade de mobilidade está entre um dos mais citados pelos jovens quanto serviço precário, que “demora a passar. Quando passa né?! E se passar vem lotado” (Entrevista com Juca), ou seja, com a capacidade acima do permitido. João expõe que para ele Campos dos Goytacazes:

É uma cidade bem estruturada pra morar, mas é uma cidade que carece muito em muitos fatores básicos. Transporte público, estrutura física na cidade mesmo, deixa a desejar. Saúde, educação... Uma cidade que tinha a capacidade de ser uma cidade estilo interior de São Paulo, entendeu?! Sorocaba, alguma coisa assim, entendeu?! Mas que não vingou. Então é uma cidade que é boa para morar, mas quem conhece um pouco da política da cidade, vê que poderia ser muito melhor do que ela é. (Entrevista com João)

De acordo com João, os administradores da cidade não investiram nas estruturas básicas, assim sendo este quadro fruto de uma má administração pública do orçamento e dos serviços. Além disso, ele aponta que a economia da cidade se manteve por muito tempo dependente de em um único produto. E destaca para os dois principais ao longo da história da cidade: a cana-de-açúcar e, o que hoje ainda predomina, o petróleo. Assim ele afirma: “Uma

cidade que depende muito, então quando entra em crise, a cidade entra em crise também” (Entrevista com João).

Juca afirma que apesar de gostar muito da cidade onde nasceu e pretender continuar morando, Campos não está se desenvolvendo na mesma proporção em que tem aumentando o número de habitantes, ou seja, a estrutura está aquém da necessidade apresentada pela população. Assim, o jovem aponta para falta de planejamento urbano, que vem marcando historicamente a trajetória de Campos.

Mas de acordo com Raissa, a cidade conseguiu se desenvolver apesar da “roubalheira”. Ela diz que o seu bairro (Penha) é um exemplo nítido das melhorias ocorridas na cidade. A praça principal foi reformada e foi feito um espaço para prática de esportes e também de convivência. Além disso, a iluminação das ruas está muito melhor. Para a jovem as reformas de praças na cidade e a elaboração de espaços de convivência é o ponto que mais sobressalta nas melhorias, e que colaboram para que os jovens de diversos bairros tenham mais acesso ao lazer e ao esporte.

No que tange as qualidades de Campos, Maria aponta como a mais importante o nível de violência que é muito menor do que em outras cidades grandes, comparando a realidade de Campos com a do Rio de Janeiro e até mesmo com a de Macaé. Porém, enquanto Maria compara com outras cidades, Raissa analisa a violência de Campos ao longo anos e afirma que o aumento da criminalidade é notório. E este é o ponto negativo que para ela sobressalta, mas ainda assim, ela não atribui a nenhuma questão específica este aumento da violência. A jovem afirma que o crescimento da violência tem ocorrido no mundo todo.

4.1.1 Segregação Socioespacial e o preconceito de lugar: a cidade “não é pra todos da mesma maneira”.

Jane ressalta que “todo lugar é único”, apesar de sempre apresenta problemas e qualidades. O principal problema das cidades e assim também em Campos dos Goytacazes, de acordo com a jovem, é que elas não oferecem os mesmos serviços para todos da mesma maneira e assim não possibilita o exercício dos direitos para todos os seus moradores. Ela mostra as cercas da Universidade onde estuda e que faz fronteira com um complexo de favelase exemplifica que existem fronteiras e limites, físicos e/ou simbólicos, em todos os lugares que separam aqueles que podem ter acesso, tendo direito a circular e aqueles que não podem.

Nossa! Jamais. Jamais! Jamais, jamais! Esse é meu lado militante falando. Jamais. Quem dera se fosse... Oh! Você vê que não é pra todos da mesma maneira, quando você vê essa cerca aí olha... (cerca que divide a universidade da favela goiabal) Não é pra todos da mesma maneira. E tem alguns que ela não é nada. Ele nunca vai poder usufruir de nada da cidade. E que é muito além do espaço geográfico do quadradinho que ele construiu a casa dele assim... Acho que as pessoas, elas tendem a... querem ganhar espaço e se apropriar daquilo ali mas uma coisa... É que nem o negócio do pertencimento também. Você que gera aquilo ali, mas a cidade tem que te aceitar por um lado né?! E você pode achar que tá ali, ela não te aceita não... Acho que não. Acho que ela não é pra todos da mesma maneira. Ela não é pra todas na mesma proporção. Entendeu? Você não tem os acessos... Acho que tem gente que tá aqui a cem anos e nunca vai fazer parte da cidade porque nada da cidade é pra ele. Ele pode usar alguma coisa, mas não foi feito pra ele. Então assim, até que ponto você aproveita algo que existe na cidade, mas que não foi feito pra você, que nem querem que você use, te faz né?! Que a cidade contribua com você. Eu acho que não é recíproco isso. Não, não concordo comisso nem geograficamente, nem politicamente, nem socialmente, nem nada. (Entrevista com Jane)

Desta forma, Jane ressalta que para ela a cidade trata e oferece oportunidades de forma desigual para aqueles que a habitam, variando de acordo com o local onde mora e com a classe social a que pertence. Neste sentido, para a jovem a cidade não é pensada ou construída para atender a demanda e o interesse de todos os seus moradores, mas apenas de uma classe privilegiada (*you can use some things, but it wasn't made for you*). Ou seja, ela não é construída a partir de um debate coletivo, pois se os moradores das favelas e bairros periféricos não conseguem exercer seus direitos (educação, habitação, saúde etc.), também não conseguem participar da discussão mais ampla do direito à cidade.

O processo histórico de segregação socioespacial em Campos dos Goytacazes descrito no segundo capítulo, que identificamos como a primeira fronteira para jovens de periferia na cidade, tem suas consequências expostas nos relatos dos jovens. João expõe que depois que conheceu melhor a cidade identificou as características físicas desta segregação, chegando a comparar Campos dos Goytacazes com a cidade do Rio de Janeiro, onde favelas e “bairros nobres” são próximos espacialmente apesar de haver um abismo social e econômico entre eles.

Depois da... da linha do trem tem uma diferença muito absurda ali. Não sei se você já reparou ali. Você já foi praquela lado do Parque Leopoldina? Já reparou que ali tem uma comunidade? Beleza, aí antes da linha do trem tem ali perto da... perto da Execess tal... “Cê” já reparou a quantidade de condomínio luxuoso que tem ali? Tem até uns restaurantes muito chiques ali. “Cê” já reparou que é praticamente um do lado do outro? Você repara ali a desigualdade social absurda. Uma comunidade do lado de uma porrada de... Isso no Rio tem bastante também né?! Em Ipanema, se eu não me engano.

Passou até naquele filme, no... Que a garota era riquinha e se apaixona pelo morador. Que no final eles morrem, não é?! É basicamente aquilo. Você já reparou a distância que tem daqueles casarões absurdamente chiques para a entrada da comunidade. É muito pouco. (...) Excluído pelo estado, né?! O estado não busca o... a totalidade do bem-estar da população. (Entrevista com João)

Porém, para além das consequências espaciais desta segregação, onde a estrutura física e a presença de equipamentos do estado são diferenciadas, há também os aspectos sociais onde o tratamento, o acesso aos serviços e a oferta de oportunidade também é negada ao jovem que mora na periferia, o que evidencia uma cidadania de geometria variável. Isto é evidente na descrição de Cauã sobre a vivência em seu bairro, já exposta neste trabalho, quando ele afirma que o primeiro preconceito é quando se questiona de onde você é, pois, sabe que dependendo da resposta será ofertado a ele um tratamento diferenciado ou não.

Neste sentido, Lua expõe que sempre sofreu preconceito por ser de Guarus, pois de acordo com a jovem, “as pessoas do lado de cá” sempre tecem comentários maliciosos e preconceituosos sobre as pessoas que moram no subdistrito e sobre o próprio lugar. “Sempre, sempre quando falo que moro em Guarus as pessoas soltam piadinhas de mal gosto: Ih, mora mal! Preconceito quanto ao local.” (Entrevista com Lua)

Desta forma, Laís afirma que o jovem não é levado a sério e caso ele seja de periferia a falta de credibilidade é ainda maior. E assim, ela afirma que aliando o lugar de origem, a cor da pele e a maneira como está vestido, o jovem pode se torna “invisível” aos olhos da sociedade. Assim, ele passa a ser ignorado em muitos sentidos o que nos remete a reflexão de Jane que o serviço está acessível, mas ele não foi feito para todos os jovens da mesma maneira.

Acho que talvez exista uma discriminação das pessoas com os jovens que são da periferia, da favela aí. Eu acho que realmente tenha um... Às vezes não um impedimento de entrar num lugar, mas um olhar diferenciado, um tratamento diferenciado. Tipo se chegar na loja do shopping, alguma coisa assim, de mochila, de tênis largado estranho... Ninguém quer saber que eu tava na faculdade, que eu tava cansada, que não sei o que?! Mas entendeu? Se você vai assim pode ter lugares que você receba um olhar meio coisa. Ou lugares que não vão te perguntar o que você quer. Não vai ser atendido. Aí você fica: gente! Ninguém vai me atender? E todo mundo: senhora, senhora... Pra outras pessoas e você invisível ali. Ninguém te vê. (Entrevista com Laís)

As características físicas, como a cor da pele, se tornam fatores ainda mais incisivos nas limitações de circulação do jovem, visto que o local onde reside pode ser ocultado ao

circular pela cidade, como Cauã relata no terceiro capítulo, mas a aparência não. O preconceito racial, que foi historicamente construído e culturalmente condicionado, transformou a cor da pele em uma marca negativa, onde aquele que é negro sofre estigmatizações, perseguições e até mesmo retaliações por isso. E neste sentido, sua circulação pela cidade, principalmente nas áreas centrais é comprometida, por essas perseguições da sociedade e também da polícia.

4.1.2 As circulações e práticas sociais dos jovens e os limites do preconceito racial: “um olhar diferenciado, um tratamento diferenciado”.

O preconceito racial⁷⁵ agrava o tratamento dos jovens de periferia, pois são associados a uma representação de que são pessoas perigosas e suspeitas, que estão fazendo algo errado, até mesmo criminoso. Isto se deve ao fato, de Campos dos Goytacazes ser historicamente marcada pelo trabalho escravo (africano), sendo a última cidade do país a acabar com o trabalho em condições escravas. E assim, como no Brasil de forma geral, o racismo é a consequência imediata desta tradição escravagista, que complexificou nas sociedades modernas e neste sentido desenvolveu uma variedade de novas características (GUIMARÃES, 2004), que tem sido amplamente discutida, mas que não é possível aprofundar neste trabalho.

Desta forma, ser negro é também uma característica marcante para composição do tipo social que recebe a representação de desviante e perigoso, como esclarecemos no primeiro capítulo, que tendem a ser incriminados preventivamente, como afirma Misse (2010). O relato de Juca exemplifica esta incriminação prévia a partir da reprodução da representação de desviante de seu amigo, um jovem negro.

Eu ‘tava’ no Jardim. Aí na saída, assim, veio abordando meu amigo. Falando que ele... que viu que ele ‘tava’ usando droga lá dentro e tal. E falou pra ele encostar. Ele encostou. Quando ele encostou, ficou dando socos nas costas dele e ficou... Sendo que ele não ‘tava’ com nada. Aí liberou ele depois. O meu amigo usava maconha, mas não conhecia o policial. (...) Afirmou que

⁷⁵ “Considera-se como preconceito racial uma disposição (ou atitude) desfavorável, culturalmente condicionada, em relação aos membros de uma população, aos quais se têm como estigmatizados, seja devido à aparência, seja devido a toda ou parte da ascendência étnica que se lhes atribui ou reconhece. Quando o preconceito de raça se exerce em relação à aparência, isto é, quando toma por pretexto para as suas manifestações os traços físicos do indivíduo, a fisionomia, os gestos, o sotaque, diz-se que é de marca; quando basta a suposição de que o indivíduo descende de certo grupo étnico, para que sofra as consequências do preconceito, diz-se que é de origem.” (Nogueira, 1985, *apud* GUIMARÃES, 2004, p.23)

ele estava usando maconha, mas não ‘tava’. Acho que foi implicância mesmo, pela aparência mesmo. Por ser negro. (Entrevista com Juca)

Cauã expõe que para além de negro, pobre e de periferia, a presença do tráfico de drogas e dos altos índices de violência, principalmente de homicídio, associado ao lugar onde reside e constantemente divulgado pelos sites, jornais locais e até mesmo pelas redes sociais, faz com que os jovens que ali residem sejam associados ao crime. Ele afirma que por mais de uma vez foi associado a representação de criminoso apenas pelo fato de ser negro e da favela, principalmente nos “bairros nobres”, ou seja, os bairros onde residem as pessoas de maior poder aquisitivo, como o Flamboyant, a Pelinca e o Parque Tamandaré. Assim como em shoppings, praças, espaços de lazer de maneira geral.

Uma coisa que sempre acontece... Você [se referindo a pesquisadora] pode andar no shopping, no centro a polícia não te para. Você pode chamar um grupo de amigas suas, parar na praça São Salvador e fazer o que quiser. Um grupo, um grupo de trinta pessoas... O que quiser... A polícia sequer chega perto de você. Agora vai eu... Trinta amigos negros. Prali. Pra ver se a polícia... O que que você tá fazendo aqui? Já tem pertencimento de que favelado preto aqui. Boa coisa não é? Ai tem gente que pensa: Ah! Porque você alimenta muito isso. Porque você é favelado, você acaba se vitimizando disso. Eu falo assim: Não, eu só mostro o que realmente fazem. É isso que fazem e isso você vê pela cidade. Foi a pergunta que eu fiz pro jovem assim: Quantos negros você vê no shopping Boule... no shopping 28? Tirando os seguranças? Você consegue ver alguns? Raro... Você pode garimpar, se você encontrar três é muito. Pelinca, mesma coisa. Vips Center aqui oh, mesma coisa. Vai no Boulevard, tirando o Beleza Natural, que só trabalha quem for preta. Quem não é preta não trabalha. É muito difícil então. Porque? Vai na favela, é favelado. É favelado, vai fazer barraco. Vai dar maior visibilidade. Porque eu acho preconceito também das lojas aqui de Campos. Preciso de meninas: brancas, loiras, de olhos azuis. O currículo dela tem que ser só isso. Pra trabalhar ela só precisa disso. ‘Cê’ acha que alguma negra vai se candidatar? E ainda fala o bairro: que more nas redondezas e tal. (Entrevista com Cauã)

Quando questionamos a Aline se havia algum lugar na cidade aonde ela não vai de forma alguma, ou seja, que é proibido para ela, a jovem expõe sem precisar pensar: a Pelinca. A jovem relata que sofreu um grande constrangimento no shopping. Ela fora com uma amiga pela primeira vez e enquanto aguardava a mesma que estava em uma loja, o segurança a seguia e observava como se ela fosse roubar alguma coisa. A jovem diz que não tem a menor intenção de voltar a este espaço, pois, ela nunca havia se sentido tão constrangida em um lugar como se sentiu ali.

Assim, a segregação socioespacial e o preconceito racial impõem fronteiras aos territórios de circulação a determinados jovens em Campos dos Goytacazes, seja porque ele

não consegue se inserir, pois, não é aceito em determinados ambientes, seja, por se sentir constrangido como um estranho, porque “é como se aquilo não te pertencesse” (Entrevista com Lais). Assim o jovem desiste de circular nos mesmos, como ocorreu com Aline. Desta forma, estas relações tendem a restringir os jovens que moram nas periferias a circular nos bairros e lugares periféricos. Para, além disso, Luiza assim como Maria afirma que o fato de muitos lugares, principalmente, de lazer ter que pagar um valor alto para entrar, já impossibilita muitos jovens de frequentar os mesmos, selecionando o público que pode acessar.

Por não ter condições né?! Financeiras, ou mesmo por se sentir coagido em algum local. Algumas pessoas não têm direito a tudo. Tipo ir em algum lugar bom assim, pra um restaurante. Algumas pessoas não vão. Por acharem caro e tal. Eu mesmo achando caro eu vou. Eu não tô nem aí se tá gastando dinheiro. Depois eu acho o seguinte: gasto dinheiro na hora que tem que gastar. Eu acho que tem que fazer tudo, depois você paga. Você tem que viver e fazer tudo com seus amigos. Mas isso é uma realidade minha né?! Agora, na realidade de outras pessoas não. Tudo que você faz aqui. Você tem que ter alguma ajuda financeira né?! Você vai fazer o que aqui? Tipo não tem dinheiro. Porque você tem que pegar um ônibus. Ônibus não vai até muito tarde da noite não. Você vai no cinema tem que gastar dinheiro. Tudo tem que gastar dinheiro quem não tem dinheiro faz o que? Fica em casa ou arranja dinheiro em alguma coisa. (Entrevista com Luiza)

A questão se torna ainda mais complexa e as barreiras de circulação se multiplicam quando, além de morar em bairros periféricos ou favelas, existe a presença do comércio ilegal de drogas que ao se territorializar nos espaços da cidade, utiliza a violência para proteger seus “domínios”, como acima exposto. Em Campos como explicitado no segundo capítulo há rivalidade entre as duas favelas principais na comercialização de drogas na cidade, Tira Gosto e Baleeira, e que hoje estão coligadas as facções T.C.P. e A.D.A., respectivamente e as demais que se coligam a elas. Os jovens entrevistados reconhecem esta rivalidade e expõem as diversas consequências em sua circulação.

4.2 O tráfico de drogas, as circulações e práticas sociais dos jovens na cidade.

4.2.1 Entre experiências e “bitolações”: as representações dos jovens sobre fronteiras, territórios e as circulações e práticas no distrito de Campos.

Cara, medo de... Ir pra um lugar que eu não conheço na cidade, tipo... Do centro pra lá pro lado da Pecuária, e tudo mais. Por quê? Esse daí foi no início que foi quando

eu fui descobri essa relação de facção, disso, daquilo. E ai, eu comecei a ter muito medo assim, tipo: “Ah, meu Deus, vou pra lá?”. (Entrevista com Jane)

Jane relata que um dos primeiros conselhos que recebeu quando chegou a Campos foi: “não fala que você mora na Universidade da Região Fluminense (URF), a única pessoa que você pode falar que mora perto da URF é o taxista que te levar até a sua casa quando você sair”. Assim seus novos amigos que também moravam na Tira Gosto e frequentavam a boca para comprar maconha, a aconselhava a dizer para outras pessoas que residia no centro. A jovem que acabava de chegar e não compreendia as representações que eram estabelecidas entre as facções e os territórios da cidade indagou: “Gente, por quê? – Porque essa região é de uma facção, a de lá é de outra. Por via das dúvidas, você não vai arrumar confusão com ninguém, porque o Centro é a única... O centrinho é a única área relativamente neutra da cidade.” Então a jovem relata que repetia por onde ia: “Ah! Moro no Centro, moro no Centro, moro no Centro...”. Independe de quem a questionasse.

Desta forma, quando estava cursando a graduação na URF, realizava uma pesquisa em uma instituição que se encontrava em uma área da cidade que pertencia a facção rival (ADA) – bem próximo a Baleeira – a da favela Tira Gosto (TCP) onde residia. Ela explica que jamais fazia o percurso direto em um único veículo de uma favela para outra. Diversas vezes quando ela conseguia carona para voltar para sua casa, ela pedia que a deixasse no Centro e posteriormente pegava um taxi ou retornava caminhando para a Tira Gosto. Desta forma ela explica:

Você nunca sabe também né?! Isso não tem cara sacou? E o próprio fato das pessoas me virem... Um carro saindo da Baleeira e tava indo pra TG. Isso até pra proteger as pessoas que são de lá, e se ouvem falar que o carro tá pra cá... E aí é muito engraçado assim... Quando você sente na pele que existe uma divisão espacial ou mesmo na cidade. Você não pode sair de um lugar pro outro. Pro Rodrigo me levar de carro pra lá eu sempre ficava super tensa. Eu acho que nem era um problema tão grande, era bitolação também. (Entrevista com Jane)

Jane expõe que esta foi a primeira vez que realmente compreendeu que existia uma “divisão clara”. Antes de ter que realizar a circulação tão próxima da favela rival, ela conta que a divisão de território, permanecia apenas no imaginário e nas discussões entre seu grupo e assim ela explica: “a gente imagina, ouve falar dessa divisão, o pessoal daqui não vai pra lá...” Mas vivenciar esta experiência colocou a questão em outra dimensão: a dimensão prática. Estas limitações de circulação são vivenciadas sempre pelos jovens que residem na

Tira Gosto, para ela este era apenas o começo, e assim ela exemplifica, que até para ir a festa da Pecuária é muito difícil, geralmente eles não vão.

Porém, de acordo com a jovem estas limitações de circulação não ocorrem só em relação direta, entre as duas favelas rivais principais, mas a todas aquelas que são ligadas a mesma facção ou ao mesmo grupo. Neste sentido, ela passou por um temor ainda maior quando foi realizar um trabalho de campo exigido em uma disciplina que ocorria na favela Margem da Linha. Pois, no primeiro caso a instituição se encontrava nos arredores da Baleeira, e nesta situação ela precisou circular dentro da favela. Desta forma, a jovem foi conversar com a professora para negociar a possibilidade de ir a campos poucas vezes, pois, sentia medo, porque na época acreditava que corria grande risco.

Apesar de eu não achar que possa ser um perigo porque a Margem da Linha pertence a Baleeira e eu não sabia disso também. Quando eu descobri isso que eu fiquei tensa... Eu: Joana, pra mim isso é muito ruim porque as pessoas podem me reconhecer. – E eu cheguei lá e descobri que metade dos garçons do Night Pub⁷⁶ moram na Margem da Linha, moravam na Margem da Linha, o gerente do Night Pub... (...) Mas ele morava lá, sacou?! E aí... O que que eu: Joana, eu não posso ficar vindo aqui... Eu vou vir poucas vezes, eu não vou poder fazer um trabalho de campo muito complexo, eu vou vir aqui umas duas... Eu vou vir quando a turma vier – que a gente foi umas duas vezes a turma inteira – e vou sozinha só pra pegar as últimas coisas, eu não vou ficar vindo... Eu não quero, eu não posso... Aí ela: Tudo bem. Aí foi outro momento que eu senti muito claramente como as coisas se dão assim, né?! É um outro espaço... E isso apesar de eu não ter envolvimento nenhum... Mas você também... Porque as pessoas te veem, é o simples fato de te verem, e tipo... Elas me viram ali na rua da minha casa que é a rua da TG, e se elas me virem lá? Isso é um problema por que eu faço parte, querendo ou não, do universo daqui. Tá, tudo bem... Beleza. Ótimo, tô aqui... Não posso estar aqui. (Entrevista com Jane)

O medo de ser vista e reconhecida por alguém da facção rival circulando no território da mesma é o que Jane mais demarca em sua fala e que ela aprendeu com os seus amigos da universidade e da Tira Gosto. Desta forma, apesar de hoje ela mobilizar um discurso que ela não acredita que realmente seja assim, que esta representação é uma “bitolação”, ou seja, uma alienação, um exagero quanto a esta demarcação de território, em seu relato ela sempre referia-se a essas fronteiras no tempo presente, mesmo que depois viesse a negar. Além disso, em nenhum momento ela referiu-se aquele espaço como um local de circulação atual.

João, que morou por longo período no Parque Califórnia vai com frequência a Tira Gosto, a boca de fumo para comprar drogas. Por grande período enquanto morou no bairro,

⁷⁶Boate que se localizava em uma área central da cidade, que ela costumava a frequentar com frequência.

não percebeu a proximidade da favela. Hoje circula no espaço, não sem algum receio, pois para ele não é um lugar tranquilo. E por isso muitas vezes pensou: “pra que me sujeitar a isso, entendeu?!” O medo para ele não consiste em ser visto nas favelas, bocas e circular, como descreve Jane, mas de não ser bem recebido pelos traficantes, pois, é “complicado, entendeu?! Querendo ou não, eu sei que tenho cara de playboy. Sou branquinho entendeu?! Tem todo esse detalhe. Eles quando o cara não é de lá vai que... É complicado essas coisas. O ser humano é imprevisível. Vai que não vai com a minha cara.”

Assim, o problema para o jovem consistia em não ser aceito por ter “cara de playboy”, além do receio de quebrar alguma regra instituída pelo tráfico e acabar sofrendo alguma sanção. O fato de ser branco para ele pesa negativamente sobre sua imagem na boca e para circular nas favelas sem ser notado. Desta forma, ele reproduz o preconceito racial de que todos os traficantes são negros, pois, realiza uma associação direta entre as duas características.

Ele reconhece com certa propriedade a existência de duas facções e afirma que já foi em bocas de facções rivais. Assim, o jovem aponta que por uma questão comercial eles não arranjam problemas com o fato do cliente ir a bocas de facções opostas. Neste sentido, ele afirma que o problema de ir a bocas rivais comprar só ocorre para aqueles que moram na favela, pois, seria visto como uma traição.

Eles não ligam não. Eles não ficam marcando a cara. Muita gente compra entendeu?! Eu acho que deve ter problema pra quem é morador da comunidade. Pô! Imagina... Você mora na T.G. aí “cê” vai comprar maconha na Baleeira. Num rola né?! Mas tipo, só se gravarem a cara. É complicado. Como é que vai ficar gravando a cara de todo mundo. Por exemplo, um soldado da TG comprando coisa na Baleeira. Não rola. Tirando isso consumidor não tem problema. Pelo menos em Campos. É... Nunca fiz esse teste. Tipo eu acho que a questão é a seguinte. Eu acho que é se eles souberem que você é... é consumidor... E tem relação com alguém de outra facção. Só isso. Tirando isso não tem como. Eles não vão perder consumidor assim. Burrice, entendeu?! Eles sabem que tem diferença de qualidade, eles sabem que tem diferença de quantidade que vende. Então depende muito do consumidor. Pelo o pouco que eu conheço o da Baleeira vem com uma qualidade melhor e uma quantidade menor do que a do padrão. E a da Tira Gosto vem com uma quantidade maior, mas a qualidade é menor. (Entrevista com João)

Desta forma, o fato de o jovem não residir dentro da favela, nas imediações da boca, o libera dos problemas de circulação apontados por Jane. Mesmo que ele seja um frequentador assíduo da boca de fumo. Em contrapartida ele descreve que o maior medo que já sentiu foi quando estava no baile funk da Portelinha. Ele explica que o fato de ser um lugar fechado,

onde as pessoas parecem alimentar uma desconfiança generalizada faz com que a sensação de perigo e insegurança seja ainda maior, visto que caso ocorra alguma confusão e deflagre um tiroteio fugir será extremamente difícil. Por ser um conjunto habitacional constituído de prédios que tem o seu entorno murado faz com que a livre circulação dentro deste espaço seja limitada.

Na Portelinha é complicado porque: pô! Você não é da comunidade. Então, a favela te estranha. Ali tem maior cara de que é mais factível de cê sofrer algum tipo de ataque, entendeu?! Seja de outra facção, seja da polícia. Então as pessoas, elas andam muito mostrando as pistolas, entendeu?! Quem é realmente ali parte do tráfico e quem não é, entendeu?! Ficam te olhando muito. Então, aquela coisa né?! Você imagina que nem eles mesmos estão tranquilos. Então qualquer coisinha eles perdem as estribeiras... Mas, tipo, por causa disso, entendeu?! Qualquer problema que aconteça ali, não tem pra onde correr. É um condominiozinho ali, entendeu?! (Entrevista com João)

Esta percepção de que a Portelinha é um lugar de grande perigo também é disseminada entre os profissionais das instituições de cumprimento de medida socioeducativa em meio aberto. Quando iniciei o trabalho no Profissionaliz-arte, o orientador social que há muito tempo trabalhava ali explicou que o único lugar que eles não faziam visita domiciliar para convocar os jovens evadidos para comparecer a instituição era a Portelinha. Pois, os profissionais afirmavam que neste condomínio não há como entrar, devido ao alto nível de periculosidade.

Neste sentido ao comparar as relações que ele estabeleceu com os traficantes da Portelinha e os da Tira Gosto, João expõe que a segunda possibilita o estabelecimento de maior proximidade, apesar de sempre haver um tom de ameaças nas conversas estabelecidas entre eles. O jovem explica que os olheiros que ficam sentados no muro da Tira Gosto regulam a entrada e saída dos “clientes” e pessoas desconhecidas de modo geral na favela. João nomeia o olheiro, termo que é utilizado por Jane e por outros entrevistados, por fogueteiro⁷⁷. Assim, ele afirma que não é possível adentrar no lugar, sem que antes estabeleça um diálogo com o olheiro e explicita o que veio fazer ali.

⁷⁷ João explica como ele compreende os cargos e o funcionamento do tráfico na Tira Gosto: Dentro da favela é... Pelo o que eu entendi, ela é algo bem simples na verdade. São escalas entendeu?! Tem o chefe da boca, o cara que na comunidade não tem ninguém acima. Tem o que cuida da boca entendeu?! Aí vai descendo até o aviãozinho é o que... O aviãozinho é o que leva se eu não me engano, entendeu?! É o que tipo faz algumas entregas. Aí tem o fogueteiro que é o que avisa. Que por sinal é bem interessante. Normalmente fogueteiro em favela, ele usa fogos entendeu?! Aqui não, na TG só funciona pelo que eu reparei no Baile. No baile eles ficam com os fogos por causa do barulho. É impossível o fogueteiro ficar gritando dentro do baile pra alguém ouvir alguma coisa, entendeu?! Mas tirando isso eles trabalham na base do grito. Aí tem o fogueteiro. Os vendedores devem estar nessa terceira escala. Deve ter quem cuida da parte da produção. Se existi a produção. Se já não

E naquele muro é onde fica o fogueteiro. Entendeu?! Fica sentado encima do muro ali porque ele tem uma visão muito boa dali. (...) Tem boa parte das coisas que se você não é morador... Você não entra quieto, você não sem falar com ninguém, por exemplo. Depende, se o fogueteiro for... Eles têm uma memória muito boa. Eles têm que ter na verdade. Se ele já te conhece, ele cumprimenta. Ou se ele não te conhece ele vai perguntar: Qual foi? Você vai ter que falar: Pô! Vim comprar maconha. Porque ele mesmo já te avisa entendeu?! (Entrevista com João)

No entanto, apesar de ser cliente assíduo da Tira Gosto, em outras ocasiões já foi a Tamarindo⁷⁸ comprar droga, que o jovem identifica como uma favela que é coligada a Baleeira, ou seja, pertence a facção rival. E foi recebido nesta favela com a mesma saudação: “Qual foi?”. Mas ele expõe que assim como a Portelinha, a favela é toda murada, além de ter ruas tão estreitas que não é possível passar carros. Relata que a sensação de temor era bem maior que na favela rival. Pois, não há possibilidade de fugir caso ocorra algo e também o próprio comportamento dos traficantes demonstra que não está disponível para aproximações, pois, assim que termina o diálogo sobre a droga e a possível venda e compra, o traficante trata logo de dispensar dizendo: “Valeu”.

Quando eu fui com eles na Tamarindo. Ali na Pelinca. É diferente. O clima ali é diferente por causa da estrutura da entrada da boca. É um corredor. “Cê” entra pra comprar maconha num corredor. Tipo que não passa carro. Tipo são passagens muito estreitas entendeu?! Aí “cê” já entra, nego já olha meio cabreiro. Já repara que você não é dali. Aí vai andando... Aí tinha 3muleques fumando, encostados no carro. Tipo assim que você chega nessa parte, você ou vira pra esquerda ou vira pra direita. Não tem mais frente aí... Eles estavam exatamente parados ali. Pra não te deixar tipo virar pra um lado ou pra outro. Aí foi que ele falou também. Tipo com uma tonalidade diferente. Tipo um tom é... Tranquilo mas tipo a barra era pesada ali realmente. Tamarindo por sinal era ADA também. É... Aí o cara perguntou: Qual foi? – Pô! Tem maconha aí? – Tem não playboy. – Valeu. Entendeu?!(Entrevista com João)

Assim, apesar de morarem próximos e no território da mesma facção (TCP), as circulações de João (bairro periférico) e Jane (favela Tira Gosto) são afetadas de formas distintas pelo tráfico de drogas. Para o primeiro, a circulação dentro das favelas onde compra drogas é regulada e restrita, se tornando para ele o local do perigo. Enquanto para ela, a favela em que reside representa um local de maior segurança e a circulação na cidade,

recebe prensado. É só... Deve ser isso. Mas entre os próprios vendedores não deve ter não. Não deve ter tipo o da maconha é mais importante que o da cocaína.

⁷⁸ A Vila Tamarindo é uma das únicas favelas que se encontra no que muitos entrevistados chamam de “zona nobre” ou “zona sul” de Campos, ou seja, na área central, onde existem residências de pessoas de maior poder aquisitivo. Se encontra na Rua Tenente Coronel Cardoso, mais conhecida pelos campistas como Rua Formosa, e sua frente se assemelha atualmente (pois foi reformada) a entrada de uma vila, um condomínio.

principalmente no território considerado do grupo de traficantes (facção ADA) da favela Baleeira, representa um grande risco devido os conflitos entre as facções.

Juca, que reside também na área de abrangência da facção TCP apesar de não relacionar diretamente o receio de circulação com o tráfico de drogas expõe, assim como Jane, que não anda com tranquilidade no Parque Leopoldina e outros de sua proximidade. Cabe ressaltar que apesar de Juca morar no Parque Califórnia, possui família no Parque Leopoldina, frequentando o mesmo com certa frequência. O jovem chegou a estudar em uma escola neste bairro. Mas apesar de conhecer bem o bairro, ele diz que há certos lugares que ele não entra, por ser muito perigoso. Ao especificar uma dessas barreiras de circulação, ele coloca que a favela da Linha é um lugar que tem medo de ir e não iria.

A percepção para aqueles que não nasceram e não moram em favela é de que este é o lugar onde o perigo se concentra. Laís expõe que as favelas e as “casinhas”⁷⁹ são os lugares “propícios” para que ocorra o desenvolvimento do tráfico de drogas. Ela a todo o momento tenta ponderar que não pode afirmar isto, porque ela não quer julgar. Porém ao fim de sua fala ela retoma a mesma representação de que as pessoas que ali residem é que são “capazes” de furtar, matar e traficar, pois, aqueles que moram em seu bairro e já possuem uma condição financeira não o fariam. Desta forma, ela associa a pobreza ao crime e como estes locais para a jovem são onde se concentram as pessoas pobres, são neles que se desenvolvem o tráfico.

Assim, quando a jovem elabora o mapa mental de Campos, sinaliza de vermelho, como código de lugar perigoso aonde ela evita ir, os bairros onde estão as favelas e as “casinhas”: Pecuária, onde para ela estaria localizada a Baleeira; Novo Jockey, aonde existe um conjunto habitacional; Guarus, Santa Rosa e Parque Prazeres, que possuem “casinhas” e favelas; e por fim a Avenida 28 de Março, a única apontada devido ao número de assaltos.

⁷⁹ “Casinhas” é o termo popularmente usado para chamar os conjuntos de habitação social em Campos dos Goytacazes. Esta expressão ganhou evidência principalmente depois do Programa “Morar Feliz”.

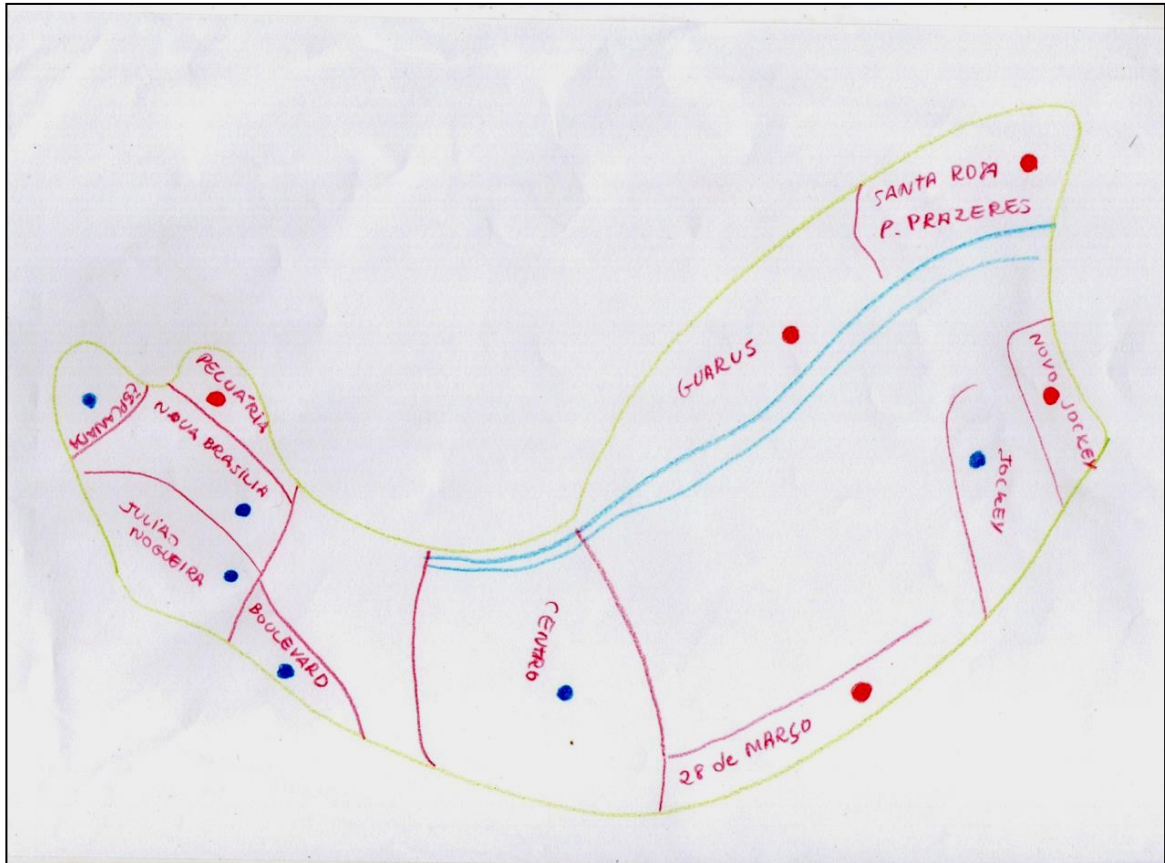


Figura 22: Mapa mental elaborado por Laís, jovem que reside no Parque Julião Nogueira

Laís representa alguns bairros de Campos a partir da sua vivência e experiência na cidade. Estes são lugares onde ela circula ou circulou pela cidade, os quais a marcaram de a jovem de alguma forma. Como expostos anteriormente os que estão de vermelho são os bairros que ela identifica como o lugar do perigo, seja pelas representações construídas através da mídia, seja pelas situações vivenciadas pela jovem naquele bairro. No que se refere ao código azul representa o lugar onde ela se sente protegida. Desta forma, ela aponta como lugar de segurança, os três bairros onde ela residiu: Julião Nogueira, Nova Brasília, Esplanada; o shopping Boulevard e suas redondezas, o Centro e o Jockey. E explicando mais profundamente o porquê de não circular nos espaços demarcados de vermelho, ela expõe

(...) lá (Pecúria) onde tem a comunidade tem mais perigo, mais roubo e essas coisas de tráfico. Se bem que o pessoal da comunidade foi todo pro Esplanada porque se mudou pras casinhas do Esplanada. No Novo Jockey também. Lá a situação é difícil. No Jockey não porque eu vou pra lá direto e não tem problema. Mas no Novo Jockey a coisa é crítica. (Entrevista com Laís)

Quando questionado sobre o porquê da jovem ter representado Guarus e Santa Rosa de vermelho, ela expõe que o tráfico é muito agressivo nestes bairros, assim como há muita

violência de modo geral e um alto índice de assassinato de jovens. Assim, a jovem explica que circularia por qualquer lugar principalmente junto com a igreja evangélica da qual faz parte e respalda sua circulação por lugares “perigosos”, mas mantém grande receio, por estes que acabamos de descrever a partir do seu desenho e sua fala.

Assim, Laís afirma que para ela não existem territórios proibidos e ela estende esta facilidade de circulação para aqueles que moram em seu bairro de um modo geral. Afinal, ela e seus vizinhos não serão reconhecidos porque não têm envolvimento com o tráfico de drogas. No entanto, ela expõe que o mesmo não ocorre com jovens que moram nas favelas e “casinhas” e que tem algum tipo de envolvimento com o tráfico. Ela acredita que para eles, não é possível circular em qualquer lugar e assim há territórios da cidade que se tornam inacessíveis. Neste sentido, Laís reconhece a rivalidade entre as facções.

Eu acho que são esses negócios de facção criminosa né?! Tem o das diferentes favelas né?! TCP é uma. ADA é outra. Aí fica pichado nos muros. Acho que é tipo marcando território. Eu acho que influencia no sentido de que as pessoas, tipo pessoas que não moram diretamente, moram num lugar que eles dizem que é dele... Na verdade eles não tem nada mas... Vamos supor: Ah! Eu moro ali na Julião Nogueira. Ah! Eles dizem que aquele espaço ali é deles, vamos supor. Mas eu não sou uma pessoa que é conhecida, não tô nesses meios. Então se eu for pro outro canto, que o povo fala que é de lá. Não vai fazer diferença. Porque ninguém conhece minha cara. Eu posso circular pra todo lugar porque: Ah! Eu não posso entrar lá... Passo sem ninguém saber, nem da onde eu vim. Agora tem gente que tá envolvido com o negócio. Então eu acho que a pessoa que tá envolvida com certeza tem um bloqueio tremendo. Então lá ela não pode entrar lá, porque se ela entrar lá ela vai morrer. Se ela entrar lá vão dar tiro nela, não sei o que. Assim, como se vier um envolvido com essas coisas de lá vier pra cá, vai acabar morrendo. E assim é né?! Tem essa rixinha. Muita gente que... jovens que ficam envolvidos ficam com bloqueio. Aí não pode. Tem que cortar rua. Ah! Não posso passar nessa rua não. Ah! Não posso não sei o que. Você imagina que vida dessa pessoa é muito infernal. Não pode fazer nada. Não pode ir a lugar nenhum. (Entrevista com Laís)

Desta forma, a jovem afirma que os traficantes e jovens que tem algum tipo de envolvimento com o tráfico demarcam os territórios da cidade e se apropriam deles. Mas, ela explica que essas apropriações não são legítimas, e por fim, além de não “possuírem” os mesmos, também não possuem possibilidade de circular na cidade como um todo, pois, se forem flagrados e reconhecidos circulando em área rival, podem até ser mortos.

As diversas territorialidades que as pessoas imprimem em um mesmo espaço, normalmente convivem e transformam a si, nesta convivência e utilização do espaço. Porém, quando se trata do tráfico, o aspecto da “guerra” exposto por Teixeira (2013) que faz uso da

força para regular o território e a circulação, assim sendo, as regras de conduta, acaba por se impor as demais representações e usos deste espaço. Pois, apesar do aspecto político, já exemplificado no terceiro capítulo na descrição de Cauã, quando a violência se sobrepõe e os traficantes não abrem mão de determinadas leis, as demais territorialidades ficam sujeitas a que eles impõem.

Assim, se para os jovens moradores a circulação se torna restrita e as práticas sociais se tornam comprometidas para os traficantes que estão envolvidos com a facção e com o mercado ilegal de drogas o impacto é ainda maior. Neste sentido, Maria aborda sua percepção sobre os traficantes e sua possibilidade de circulação e vivência na cidade.

Atrapalha muito [estar no tráfico]. Por exemplo, acho que ela, tipo assim, a vida dela é aquilo, vai morrer cedo, entendeu?! Eu acho que a pessoa fica marcada, entendeu?! Tipo, as pessoas que sabem, por exemplo, você trabalha no tráfico, tipo assim, as pessoas não conseguem se aproximar, tem medo, entendeu?! E você acaba discriminando entendeu?! Acho que é isso.(Entrevista com Maria)

Desta forma, ela afirma que o estabelecimento de relação e proximidade com pessoas que não participam do tráfico de drogas se torna difícil, visto que as pessoas nutrem medo e até mesmo desprezo. E para além da “discriminação” que Maria afirma que os mesmos sofrem, a jovem identifica, assim como os demais entrevistados, a existência de uma limitação na circulação dos mesmos por causa da rivalidade de facções que dividem os territórios. Desta maneira, ela relata que:

Eu já ouvi histórias, tipo assim... Lá na Pecuária, onde tem show, tem gente que não pode ir de um lugar, não pode ir pra lá. Porque é de uma facção diferente, entendeu?! Teve até a história de um cara aí, que é famoso, cantor de funk que ele pertencia uma facção e ele não poderia ir pra Pecuária fazer show lá porque ele era dessa facção. Pertencia a facção daquele lugar que pertencia, entendeu?! (Entrevista com Maria)

Esta dificuldade de circulação é identificada pelos entrevistados de maneira geral, muitas vezes não como o seu próprio limite, mas com certeza daqueles que fazem parte do “movimento” do tráfico de drogas. Desta forma, Roberto expõe que os traficantes possuem pelo menos dois inimigos que é a polícia e os traficantes da facção rival, corroborando com a análise de Teixeira (2013) exposta no primeiro capítulo. De acordo com o entrevistado, os traficantes constroem suas fronteiras e sustentam as barreiras de circulação por outros espaços

da cidade, para além, dos lugares onde se encontram as bocas das facções rivais, a partir da noção de medo.

O tráfico é uma ilha. O tráfico te deixa fechado. Porque se você sair, você tá indo além de suas barreiras aqui ó. Você sai desse espaço, dessas suas barreiras. A partir do momento que você sai desses espaços você não é ninguém. Você não é ninguém. Você é mais um na multidão o quê que vai acontecer com você? Você perdeu. Você está sujeito a ser espancado, roubado, preso. Você não é ninguém. Você não pode segurar... Você vai ficar andando com arma o tempo todo? Em algum momento você vai sofrer... Você olha pra pessoa, a pessoa sente medo, se olha pra sociedade. A pessoa que não tem o conhecimento real do local onde ele tá pisando. (Entrevista com Roberto)

Os diversos riscos que o envolvimento com o tráfico de drogas acarretam por ser um mercado ilegal (GRILLO, 2008), alimentam o medo de circular e de ter o território onde se encontram as “firmas”, invadido pela facção rival ou pela polícia e assim se institui uma “guerra” na defesa dos territórios e da própria vida. E apesar de algumas vezes este receio ser levado ao extremo, sendo apenas uma “bitolação”, muitas vezes o risco se confirma nas experiências relatadas pelos traficantes. Neste sentido, Rafael expõe que já quase morreu pelo menos umas três ocasiões, uma delas ele relata que ocorreu em uma perseguição. No que se refere a ameaça de morte, ele diz que já sofreu várias, principalmente por ter sido pego várias vezes o que faz com que fique marcado entre os policiais.

Rafael relata que última ameaça e risco de vida que sofreu foi dentro do território de sua facção e foi protagonizado por dois policiais. Ele relata que havia pegado a moto de um colega emprestado para dar uma volta, mas precisava abastecer. Assim, ele chama seu irmão para ir com ele em um posto na Avenida 28 de Março. Seu irmão, a princípio, ficou receoso, mas cedeu quando ele afirma que não poderia ir sozinho. Quando estão a caminho, os dois se deparam com uma blitz, e o jovem resolve fugir ao invés de encostar, pois caso ele fosse pego pelos os policiais, ele iria “rodar”, não só por ser “carta marcada”, mas por ser menor de idade.

Se eles me pegassem eles iam me prender, rapaz! Falei com meu irmão, ele pediu pra parar, mas se eu parasse eu ia rodar! Eu nem olhava pra trás! Pedia pra ele ir vigiando, me dizendo se eles ainda estavam atrás da gente e ele ia me dizendo. Eu quase consegui só que quando eu virei a esquina eles jogaram o carro e me tomaram. Eles entraram batendo muito. Batiam no meu irmão, chutavam! Aí eu falei. O rapaz, meu irmão não tem nada a ver com isso não cara. O negócio é comigo. Daí, largaram meu irmão e vieram pra cima de mim. Me deram um soco na cara, um socão e começaram a me bater muito. Eles cochicharam no meu ouvido: o seu santo é muito forte. Se

não tivesse chegado esse monte de gente aqui, eu tinha sumido com você. Levaram a gente na delegacia. O delegado xingou, não foi com minha cara. Falou que eu era um bicho ruim. Eles só me liberaram porque eu fui sincero, ele viu que eu fui sincero, eu não menti. A moto não era roubada. Se eu pegasse esses caras, se eu tivesse uma arma, eu tinha matado eles. (Entrevista com Rafael)

Os relatos de ameaças e perseguição por parte da polícia eram constante entre os “meninos” que cumpriam medida no Programa Profissionaliz-arte. Alguns relataram implantação de droga no local onde ocorreu a abordagem para que fossem pegos novamente e fossem condenados a cumprir outra medida socioeducativa. Outros não saiam de casa em dia de ronda de determinado policial, o qual eles já demarcavam a escala para não encontrar na rua e sofrer retaliações, o que se caracteriza como outra forma de limitar a circulação dos “meninos”.

Para além, da polícia e da “guerra” entre as favelas e facções, ainda há o riscos decorrentes das relações estabelecidas no próprio grupo, como por exemplo, o “menino” cometer algum ato que seja considerado uma “traição” (TEIXEIRA, 2013) e assim acaba ficando exposto a sanções que serão aplicadas pela própria facção. Neste sentido, Jane expõe que após ingressar no tráfico se torna muito difícil se desligar do “movimento” e assim retornar a um cotidiano de vida tranquilo, onde o jovem poderia voltar a circular normalmente pela cidade.

Não porque eu sou ex-trafficante, esse aqui é trafficante ainda, eu já falei pra ele que daqui há algum tempo é pra ele larga essa vida, que isso é muito ruim. - Eu fico olhando assim... Tipo uma profissão mesmo sabe. -Antes eu traficava, agora eu não trafico mais. Que a gente não tem essa percepção né?! Não tem ideia. Você entra no tráfico, você não pode mais sair. Só que porra. Pra ele ser ex-trafficante significa ter os livros da boca, ele ser o gerente. Só que quando você abandona esse cargo, você realmente não tem mais o cargo de gerente, mas pô você ainda controla toda a situação social, só que você acha que isso não é profissão porque não tem cara da profissão. Você não tem que exercer. E ele só diz ex-trafficante porque ele é um cara das altas né?! O cara anda com um carro de 100 mil reais. Aí vai ver o aviãozinho se ele pode ser ex-trafficante. Ele não pode se denominar ex-trafficante. Se ele virar ex-trafficante, ele vira pastor porque tem que ser uma mudança radical, ele não pode simplesmente virar e falar: Ah! Eu não quero mais ser avião não. Sei tudo que acontece aqui dentro, e decidi sair da profissão. Sabe? Mudar de profissão. Não. Senão... Só que com ele não porque porra. Porque ninguém vai matar ele. Porque ele que manda matar as pessoas, entendeu? Aí eu acho isso bizarro. (Entrevista com Jane)

Assim, a vida dos jovens traficantes em Campos é cercada do que os jovens das periferias entendem como impossibilidades: de abandonar o mercado da droga, de circular em

territórios de facção rival e com isso o acesso aos diversos âmbitos da cidade se torna comprometido. Afinal, apenas do “lado de cá não tem problema não”, “é tranquilo”, o que demonstra a delimitação da circulação apenas em uma área. Além disso, eles ainda têm que lidar com as abordagens policiais que ultimamente “o bagulho tá doido, tem feito um monte de busca e apreensão” (Entrevista com Rafael), que ocorrem dentro do próprio território, onde supostamente é considerado um lugar seguro.

E neste sentido, Cauã expõe que para os jovens da Baleeira, envolvidos ou não, o limite de circulação também é um problema real. Pois, são ensinados, desde pequenos por suas famílias, que não devem circular em bairros que fazem parte do território da facção rival, porque correriam perigo. O jovem, no entanto, diz que não há como afirmar se realmente existe este risco caso você não faça parte do tráfico. Assim ele explica que:

É assim: você pode chegar pra um jovem ele já é alimentado. Um garoto da Tira Gosto já é alimentado pela família, pelos amigos, pelas pessoas ao seu redor da Tira Gosto que ele não pode passar da Beira Valão sentido a Pecuária. Por quê? O povo da Baleeira pode pegar ele. Mas ele não envolve com o tráfico de drogas. Não envolve com nada. Pergunta a algum jovem da Tira Gosto se ele vai sozinho. - Cê tá doido rapa. Vou pra lá pra quê? Pra morrer? Num sei o que... Eu não. Ninguém sabe quem ele é. Ninguém sabe o que ele é. Mas ele é alimentado nisso. É uma lavagem cerebral muito grande, que ele acaba fazendo o quê? Não indo. É assim pro povo da Baleeira também. (...) Não tem aquela questão de ver pra crer? Você vai pagar ver? Eu não pago. Eu não pago pra ver. (Entrevista com Cauã)

Mas Cauã relata que nunca aceitou ou se conformou com as limitações que lhe eram impostas pelo tráfico e pelo próprio Estado (por ser morador de favela e sofrer diversos preconceitos, tendo seus direitos muitas vezes violados). Assim, enquanto trabalhava para um político em época de campanha com a distribuição de “santinhos” pelos bairros da cidade foi informado de que iriam distribuir os mesmos na favela Tira Gosto. A princípio o jovem pensou em não comparecer neste dia, mas resolveu romper a fronteira. “O que é que tem lá na Tira Gosto? Quê que tem lá que eu não posso ir? (...) Agora eu vou saber o que é que tem lá que eu não posso ir.” (Entrevista com Cauã)

Assim ele compareceu na Tira Gosto para realizar o trabalho junto com os outros e com o político em questão. Ele relata que conhecia algumas pessoas que residem na favela por frequentar a mesma escola, assim as encontrou e cumprimentou. Ficou receoso, mas continuou fazendo seu trabalho sem alarde e conversando com algumas pessoas. Em determinada ocasião o traficante que estava no local se aproxima e lhe diz: “Rapaz, bandido que é bandido reconhece bandido”. Cauã nada respondeu e compreendeu que não havia nada

de estranho ou diferente no local. Passou a ir a festas, jogos de futebol, entre outros eventos na Tira Gosto. “Gente, cadê o bicho de sete cabeças que eu não posso vir pra cá que o povo vai me matar que até agora não tô vendo?” (Entrevista com Cauã)

Jane também relatou com espanto o caso de um senhor com quem ela fez amizade, que morou por muitos anos na Tira Gosto e que depois por circunstâncias pessoais se mudou para uma casa muito próxima a Baleeira. E expõe que ele chegou a presenciar a época em que favelas eram coligadas e posteriormente a ruptura, mas que por nunca ser envolvido com tráfico, não sofreu nenhuma sanção por realizar esta circulação.

O Daniel morou 20 anos, eu acho, aqui na TG. Desde sempre na TG. Morou muito, muito tempo. Ele é super conhecido do meu senhorio, da mulher do meu senhorio. Conheceu o pai e a mãe do meu senhorio. Ele conhece todo mundo. Geral. D. Fulana, a mãe do senhorio. - Nossa! Adoro D. Fulana, você manda até um abraço pra ela meu quando cê encontrar com ela. - Tipo isso. E o cara saiu daqui e foi morar na Baleeira. O que é uma coisa muito louca. Não exatamente dentro da Baleeira, mas na área da Baleeira assim, muito próximo. Então só que aí que tá. O que ele fica falando... Só que ele foi muito mais velho pra lá. E ele nunca teve relação com nada assim, ligada ao tráfico. Nada disso. (...) Então, uma situação muito louca. Ele foi... Saiu de um lugar de uma facção pra outra. Só que ele sempre fala assim. Acho que assim, com muito orgulho: Que não, porque eu não tenho problema. Eu não tive problema. Porque eu nunca tive envolvimento com...(Entrevista com Jane)

Desta forma, ela busca justificar a possibilidade de circulação por dois motivos: o primeiro é a idade, pois como ele era bem mais velho, não seria suspeito, visto que a maioria dos traficantes são jovens; e o segundo é o fato de nunca ter se envolvido com o tráfico, justificativa que o próprio Daniel levanta, mas que Jane não tem certeza quanto a real possibilidade de circulação mediante a isto. Neste sentido, por ser jovem, Cauã ultrapassou fronteiras históricas e mostrou que existe flexibilidade quanto aos limites e barreiras de circulação entre os territórios da Baleeira e da Tira Gosto. Porém, o medo e a rivalidade continuam a ser alimentados entre os jovens das facções e favelas rivais, fazendo com que as fronteiras permaneçam reais para a maioria deles.

Porém, existe um lugar na cidade que é apontado pela maior parte dos entrevistados, até mesmo por Cauã, como lugar de extremo perigo no que diz respeito ao tráfico de drogas: o subdistrito de Guarus. Entre as representações expostas pelos jovens nas entrevistas, alguns apontam que todo o subdistrito, sem exceção de bairro é de extremo perigo, enquanto alguns direcionavam para determinados bairros o risco de circulação pela rivalidade de facções. De fato, como exposto no segundo capítulo deste trabalho, a proximidade entre os territórios de

facções distintas faz com que sejam maiores os enfrentamentos e acirramento da vigília nas fronteiras. Neste sentido, os jovens compartilham experiências e percepções a respeito do subdistrito.

4.2.2 As representações do tráfico de drogas e as possibilidades de circulação em Guarus: “é tipo Bope, bate pra depois perguntar”

As experiências violentas vividas pelos jovens em Guarus somadas as notícias publicadas nas diversas mídias sobre assassinatos, enfrentamentos de facções, tiroteios e roubos faz com que os jovens tenham grandes receios, para alguns restrições, de circular nos bairros do subdistrito. Neste sentido, Juca expõe que não iria para Guarus principalmente a noite, pois, “sempre noticiam que é um local perigoso”. Além disso, o jovem teme entrar em algum local onde não pode circular, por desconhecer os locais perigosos dos bairros.

Assim, a dificuldade dos jovens que não moram lá em reconhecer as fronteiras entre facções e saber os lugares permitidos para circulação se torna um problema real. Para eles a necessidade de reconhecer as fronteiras é crucial, corroborando a perspectiva de Farias (2008), visto que o tráfico que ocorre no subdistrito também possui divisões entre facções que estão ligadas a Baleeira e a Tira Gosto, reproduzindo naquele espaço a mesma rivalidade que existe entre estas favelas.

Desta forma, Laís afirma que caminhar por territórios que pertencem à facção rival a de seu bairro, ou simplesmente em bairros de Guarus onde não se é conhecido (que tenham uma grande movimentação do tráfico) sem ter uma boa justificativa e/ou algum morador do local que respalde a sua presença pode ser fatal. Pois caso não o tenha, a jovem explica que o risco é muito grande, afinal “eles matam muito jovem”. Mesmo em seu mapa mental exposto no item acima pudemos ver que a jovem sinaliza o perigo, que para ela esse local apresenta.

No entanto, é Raissa quem apresenta de forma assertiva a representação de Guarus quanto território proibido: “Mas o bairro que eu não ando nunca é Guarus. Imperial eu ando, todos os outros bairros, mas Guarus não. Deus me livre. Detesto Guarus” (Entrevista com Raissa). Em seu mapa mental, ela perguntou-me se poderia escrever legendas em seu mapa e recebendo a permissão expôs o seguinte desenho.

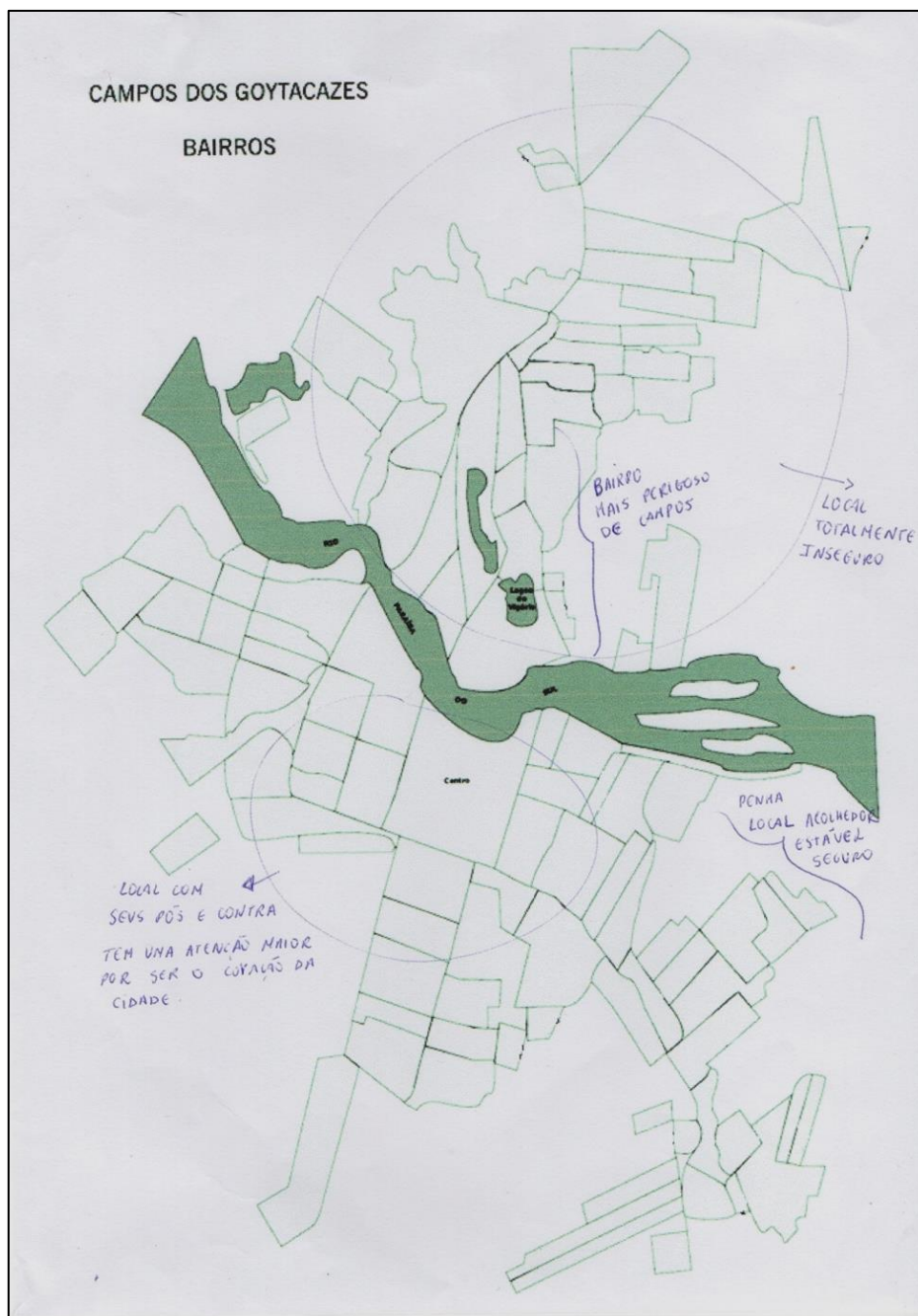


Figura 23: Mapa mental elaborado por Raissa durante sua entrevista.

A jovem assim aponta em seu desenho que Guarus é um local totalmente inseguro e o mais perigoso de Campos dos Goytacazes. E na cidade o único lugar em que ela se sente segura e protegida é em seu próprio bairro: a Penha. Os diversos noticiários sobre seu bairro, de acordo com a jovem, faz com que ele tenha uma representação de lugar perigoso, resumindo todo bairro por um único ponto, pois, ela defende que seu bairro é enorme e o tráfego se localiza em um local específico, sendo essa representação injusta. Mas quando se trata de Guarus, a mesma justificativa não se torna verdadeira. Assim, a jovem expõe que

todos os bairros são perigosos no subdistrito e que todo dia saem notícias a respeito da violência, tráfico, tiroteios e homicídios.

E quem mora em Guarus sempre quer defender Guarus. Aí fala: Não, porque Guarus tem o bairro específico. Não tem bairro específico. Ontem mesmo deu no jornal, que mataram um rapaz num bar do Eldorado. O senhor, ele era o dono do bar e chegou dois caras de moto pra matar dois rapazes que tavam no bar que parece que eram de facções rivais e acertaram o senhor, o dono do bar. O dono do bar, ele viu os caras chegando pra atirar, mas ele não conseguiu correr porque é deficiente. Levou quatro tiros. Tava vendo no jornal. E eu leio jornal todo dia. E todo dia tem coisa de Guarus. É roubo, é apreensão de drogas ou é assassinato ou é acidente. Guarus tem tudo. Pelo amor de Deus. Não da pra mim não. Você mora aonde? [questionou para a pesquisadora] Mas se morasse também eu ia continuar falando. Tá doido. (Entrevista com Raissa)

No entanto esta representação não se baseia apenas em reportagens de jornal ou boatos que chegam a ela. Quando tinha 17 anos, Raissa havia ido jogar no campo de futebol da União que fica no Subdistrito. E após o treino, suas colegas de time resolveram realizar um churrasco e ficariam até mais tarde. Porém, ela preferia ir embora cedo e resolveu pegar o ônibus sozinha de volta para casa. Ao chegar ao ponto não havia ninguém além da jovem, foi então que apareceram dois jovens de bicicleta que a assaltaram e assediaram.

Eu fiquei muito indignada com aquilo. Eu tava num ponto esperando um ônibus. Passou dois muleques de bicicleta. E roubaram meu cordão, roubaram minha aliança. Eu dei muita sorte que não roubaram meu celular. E eu tava sentada no ponto de ônibus, eles é... abriram minha bermuda, passaram a mão em mim. Eu tentei tirar a mão do rapaz, ele me deu um tapa. E aquilo a minha lágrima escorrendo. Eu fiquei com muita raiva então... Eu acho que Guarus é um lugar que você tem que saber o horário que você fica na rua. Você tem que saber o local que você anda, entendeu?! É um local que você tem que andar desconfiando de tudo e todos mesmo. Infelizmente é assim, então Guarus pra mim eu detesto Guarus. (...)Se você for lá você sabe que lá tem tráfico. Nos outros lugares você pode andar a vontade. Guarus não. Guarus vou atravessar a rua, qualquer lugar você pode ser assaltada. Como eu também falei eu tava no ponto de ônibus da BR então... Ah! Era cedinho. Era sete horas da noite. Era cedinho. Na época nem tava escuro nem nada. (...)Eles eram dois. Eles já tinham me roubado, já tinham passado a mão em mim, não tinha mais nada pra fazer. E na hora duas amigas minha apareceram no portão. Eu acho que elas foram ver se eu já tinha pego o ônibus. E foi a minha sorte porque senão eu acho que teria sido até estuprada. Então eu tenho horror a Guarus. Guarus só se for de carro com algum amigo, mas não pra andar, de moto. Pra andar a pé, nada disso. (Entrevista com Raissa)

Desta forma, a jovem possui pavor de circular em Guarus, mediante a situação vivenciada. A descrição dela quanto um local onde não é possível o diálogo e onde a violência constante e a impossibilidade de identificar os motivos e as regras que regem estes atos, faz com que quem circule no espaço nutra uma desconfiança constante por qualquer pessoa que se aproxime, se enquadra na descrição exposta por Machado da Silva (2008) do conceito de sociabilidade violenta⁸⁰. Assim através de alguns relatos de jovens que moram em Guarus e também daqueles que não moram como é o caso de Raissa, podemos identificar que a proximidade de facções e seus consequentes enfrentamentos sustentam uma sociabilidade violenta.

Cabe ressaltar que entre os jovens moradores de Guarus, isto não é identificado da mesma maneira por todos entrevistados, pois, Luiza não relata em sua vivência em Custodópolis, esta relação de submissão as regras do tráfico que acaba por reger as relações cotidianas da mesma maneira que Lua e Aline. E nesta proximidade com o “movimento” do tráfico e assim submissão a suas regras e sociabilidades, as jovens descrevem outras questões que regem a circulação dos jovens e códigos de conduta que até então não tínhamos identificado no que se refere às favelas e bairros de Campos.

Aline explica as circulações de Guarus com muita propriedade, e ao contrário do que acontece entre Tira Gosto e Baleeira e demais favelas e bairros periféricos do “lado de lá”, as fronteiras e divisões entre os territórios das facções não ocorrem nos limites dos bairros, ou seja, não se pode afirmar que o bairro de Santa Rosa, seja todo “dominado” pelo TCP. Até porque existem bairros que possuem bocas que pertencem a facções distintas. De acordo com José “só quem mora é que entende”, pois a divisão pode ocorrer “a cada três ruas, por exemplo, porque é muito curto os pedaços entre um lado e o outro. E pra dizer a verdade tem gente que nem sabe, que acaba dançando por que não sabe. E mora lá” (Entrevista com José). Assim, existem ruas e quarteirões dentro dos bairros onde o “movimento” funciona e onde a entrada e circulação é extremamente vigiada e controlada. Nesses lugares só se entra com permissão e justificativa.

Minha colega oh! Ela é daqui da São Silvestre, aí ela foi lá com a irmã dela. Aí quando chegou lá ele barrou ela. Ela não conseguiu entrar não. Ela teve

⁸⁰ “Na ‘sociabilidade violenta’, as ações são coordenadas quase exclusivamente por referência a escalas de força física (e a suas extensões: armas etc). Os atores não compartilham valores comuns que poderiam regular o uso de violência na realização de seus desejos, limitando-a, assim, à consideração dos atores da “sociabilidade violenta” é a capacidade de resistência do que (outros seres humanos ou coisas) estiver impedindo a realização de seus desejos imediatos. Na “sociabilidade violenta”, quem tem mais força usa os outros, assim como artefatos (armas etc.), para impor sua vontade, sem considerar princípios éticos, deveres morais, afetos etc.” (MACHADO DA SILVA, 2008, p. 21)

que ligar para um cara, um homem marido da ex-cunhada dela pra ele ir lá buscar ela. Não deixou ela entrar. Ela não tinha envolvimento. Mas o cara era dono da favela aqui oh, aquela favela que você tá vendo ali, da São Silvestre, e começou falar: ah deve ser mulher de bandido. Entendeu? (Entrevista com Aline)

Neste sentido, ela expõe que se algum estranho se aproxima da boca é inquirido a ele o que faz ali e se vai visitar alguém. Caso não haja uma resposta objetiva, ou não saiba o nome de algum morador do local para usar como referência, as consequências podem ser violentas. Além de ser ou pelo menos conhecer algum morador do local, outros fatores podem facilitar o recebimento da permissão para circulação nos territórios do tráfico em Guarus, diminuindo as barreiras entre as fronteiras de facções rivais. Durante as entrevistas três fatores sobressaíram: pertencer a igreja evangélica e ter por motivo a circulação para realização de trabalhos sociais e de evangelização; ser do sexo feminino; e por fim a idade, pois, quanto mais velho for o morador menor é a suspeita que incide sobre ele.

A livre circulação de evangélicos nos territórios do tráfico de drogas: a “boa justificativa” para estar “ali”.

Laís explica que por muitos anos pertenceu a Igreja Universal e desenvolveu junto a outros jovens de sua igreja um trabalho de evangelização de crianças em bairros pobres e favelas. Assim, ela expõe que os evangélicos sempre recebiam autorização para desenvolver os trabalhos nestes lugares, tendo livre acesso sem nenhum tipo de impedimento. No entanto, este livre acesso resguardavam a sua vida, mas não impediam que os mesmos presenciassem situações de violência. Certa vez, a jovem relata que estava no Parque Santa Rosa evangelizando crianças, quando se deparou com a apuração do assassinato de jovem rapaz.

Estou vendo esse lago aqui estou lembrando. Certa vez, eu era da Igreja Universal né?! Eu ia a muitos bairros evangelizar. Eu tinha ido evangelizar lá no Santa Rosa. Quando eu estava lá com as crianças. Vimos uma movimentação e o carro de polícia. A gente se aproximou e vimos que os mergulhadores iam ter que entrar naquele lago sujo porque tinham matado um homem e tinha jogado lá. Aí eles iam ter que entrar pra tirar o corpo de lá. Aí eu só falei: Vamos embora daqui, vamos! (Entrevista com Laís)

Após este episódio, a jovem desistiu de prosseguir com o trabalho de evangelização, apesar de nunca ter recebido nenhum tipo de ameaça direta. E de forma assertiva expõe que ela só circulava por estes bairros de Guarus porque estava no grupo de “evangelizadores” da

Igreja Universal, pois, normalmente não iria até estes lugares. Ela expõe que esta livre circulação de evangélicos, também ocorreu quando desenvolveram trabalhos na Tapera e em Ururáí.

Também já evangelizamos lá na Tapera e em Ururáí. Onde é a Tapera aqui no mapa, vou marcar de vermelho aqui. Lá as coisas são muito difíceis também. É barra pesada. Mas com a gente nunca aconteceu nada. Porque você sabe né?! Com o pessoal de Igreja eles não fazem nada, eles respeitam. Por isso nunca corremos risco. (Entrevista com Laís)

Mesquita e Bertoli (2014) apontam um aumento expressivo no número de igrejas evangélicas nas favelas e bairros periféricos em Campos dos Goytacazes. A autora, ao contrário do que expõe Laís, afirma que os jovens evangélicos sofrem com as limitações de circulação imposta pelo tráfico de drogas. No entanto, muitos autores apontam para o trabalho de evangelização realizado pelos evangélicos nas favelas, inclusive de conversão dos traficantes para a “vida evangélica” (TEIXEIRA, 2013), corroborando a experiência compartilhada pela jovem. Desta forma, após identificarem suas intenções religiosas no território onde o tráfico estabelece seu movimento, recebem permissão e passam a transitar com facilidade, circulando entre as diversas fronteiras.

As circulações femininas pelos territórios do tráfico: “mas sei lá, ninguém desconfia de mulher”.

Aline expõe que a abordagem dos traficantes nas fronteiras entre os territórios de facções vai variar de acordo com sexo daquele que pretende ultrapassar, pois, caso seja homem em muitos casos eles não chegam a perguntar e já partem para agressão ou até assassinato. Para as mulheres a abordagem é mais branda e a elas sim é inquirido os motivos que as levaram ao local. Esta reação se deve ao fato de os mesmos suspeitarem que estão sendo espionados. Desta forma ela explica que

Se fosse homem e novo não tava nem passando lá dentro. Até porque no Eldorado sempre tem um olheiro. Se você for olhar ali na linha sempre tem uma pessoa parada. Se você fosse homem e novo você ia morrer. Vamos dizer que você não fosse de nenhuma facção. Mas tivesse vestido que nem um menino deles. Eles iam te revistar, iam te bater, iam te fazer perguntas. Mesma coisa. (Entrevista com Aline)

No que se refere ao sexo e a idade como fator determinante na possibilidade de circulação, Lua expõe que seu irmão já passou por muitos problemas quando era mais jovem. Por ser do sexo masculino muitas vezes ele era abordado, por traficantes e mesmos por policiais. Ela observa que o mesmo não ocorria com ela, que nunca teve este problema de circulação nos locais onde a facção é oposta a da boca de fumo localizada em sua rua. E de acordo com a jovem, esta focalização se dá pelo fato do perfil dos traficantes de modo geral ser de homens jovens.

Nossa meu irmão sempre teve esse problema! Tipo ele não é associado ao tráfico né?! Mas por ele morar num bairro que o tráfico que é da facção tal, ele não podia ir no bairro que era a facção oposta. Porque poderiam bater nele, matar ele, alguma coisa assim. E lá no meu bairro também já aconteceu de menino de facção oposta estarem lá perto e os meninos do meu bairro quererem brigar, bater e matar. Bastava ele ser do bairro. É território mesmo, independente dele ser amigo ou de não ser. Bastava ele morar naquele lugar pra ser considerado inimigo. (...) Menina não tinha esse problema. Muito menos. Assim, até poderia ter, mas uma coisa extremamente rara. Com menino sempre foi muito mais pesado, muito mais explícito. Pra menino sim, pra menina não. Muito raro. A gente sabe que tem algumas meninas que são envolvidas, mas sei lá, ninguém desconfia de mulher. (Entrevista com Lua)

José também confirma esta limitação que ocorre com os homens. Ele relata que conhece muitos jovens que foram assassinados pelo tráfico de drogas por esta rivalidade de facção. E ainda explica que a família nada pode fazer mediante aos homicídios. “Tem que sentir a dor, se contentar com a dor e se calar.” Neste sentido, ele agradece a Deus por ter tido apenas uma filha, pois, conta que não suportaria passar pelo que muitas famílias passam em Guarus. “Por isso que eu digo, eu não me arrependo de não ter tido filho homem. É melhor não ter do que ter e ficar em má situação. Os pais que podem ter sua casa invadida, os pais que podem sair na rua e quando voltar chegar notícia em casa. Isso é vida? Não é.” (Entrevista com José)

No entanto, José relata que não sabe se ser mulher continua sendo garantia para circulação, pois, uma jovem de apenas 14 anos tinha sido assassinada naquela semana por envolvimento com o tráfico de drogas. Ela era traficante e estava sendo perseguida por traficantes da facção rival. Já havia sofrido um atentado na semana anterior, mas conseguiu escapar, porém, na segunda tentativa o ato foi concretizado. De acordo com a reportagem que noticiou o crime, a jovem foi assassinada às dez e meia da noite, no Parque Santa Clara em Guarus. O local onde o corpo foi encontrado foi identificado pelos policiais como uma área de

“limite” entre as facções criminosas Amigos dos Amigos (ADA) e Terceiro Comando Puro (TCP).⁸¹

E assim, mediante este e outros assassinatos ocorridos no subdistrito, ele continua explicando que: “hoje em dia se tiver que matar a pessoa duas horas da tarde, três horas da tarde, eles estão matando. Qualquer hora... A hora é a oportunidade. E tudo jovem. E não chega a 25 anos. Geralmente é 16, 17, 18 anos. Geralmente é abaixo de 20 anos”. (Entrevista com José)

A interferência do “movimento” na vida dos jovens e moradores em geral de Guarus é intensa. A ponto de fazer com que seus moradores não desejem ter filhos do sexo masculino, pois, “você perde pro tráfico fácil” (Entrevista com José). Assim, como faz com que uma família tenha que se mudar da casa onde morou uma vida inteira, para tentar resguardar o filho, que “está chegando na idade que se envolve com o tráfico”, como aconteceu com a família de Aline. As circulações e práticas sociais dos jovens em Guarus, principalmente em alguns bairros, são moldadas pelos códigos impostos pelos traficantes e pelo medo de sofrer uma retaliação ou ser assassinado.

Aline afirma que a forma de se vestir também influencia as circulações nos bairros. Ela explica que se um jovem estiver vestido como um traficante se veste e for para uma boca de fumo, onde ele não é conhecido, a abordagem será muito violenta, porque pode ser realmente confundido com um rival, um espião. A jovem expõe que é fácil de identificar pela roupa quando alguém está “envolvido”. As vestimentas comuns entre eles é o uso de um cordão grosso, camiseta, bermudas deixando a cueca a mostra, tatuagem e boné baixo, como quem quer esconder os olhos. No instante da descrição realizada por Aline, passa a nossa frente um jovem com estas características: “assim viu?! Esse com certeza é.”

Regras de circulação em Guarus: entre as proibições e as impossibilidades

José explica que muitos bairros possuem toque de recolher, devido a atividade do tráfico. Porém, ele afirma que não ocorre em todos os bairros de Guarus, como Santa Clara, por exemplo, que não sofre esta limitação. Mas no Sapo I, Sapo II e Eldorado ocorrem esta delimitação de horário para circulação à noite. Aline expõe que às oito horas da noite as

⁸¹A reportagem sobre o assassinato da jovem está disponível em: http://novosite.ururau.com.br/cidades/f2aa9eb8c549b2fda2d727a5c736e0090b682f12_menina_de_14_anos_assinada_por_tiros_na_cabeca_no_santa_clara__em_guarus

peessoas se recolhem para suas casas e não ficam na rua, a não ser que trabalhem ou estudem, pois, neste caso não há o que fazer. Ela não reconhece esta prática como um toque de recolher, apesar de explicar que é por causa do tráfico de drogas que isto ocorre.

Mas para José ter ou não ter toque de recolher em seu bairro não é determinante em sua circulação, visto que ele prefere não ir a nenhum lugar porque Guarus é um “bairro em geral muito violento”. Pois, se os traficantes estão na rua em “atividade” o risco passa a existir para aquele que “só é trabalhador”. Desta forma, ele explica:

Já ouviu aquele ditado de que os vagabundos se soltam e o trabalhador se prende?! Isso vale pra Guarus, pra quem tem juízo vale. O problema é que você andando você vê coisa que você não precisa ver. Que não tem necessidade de você vê. Porque você já pensou, você tá passando numa rua assim, muleque mata um do seu lado. Aí não falta um pra dizer: fulano viu... Aí acaba te intimando pra ir depor, uma coisa que você não tem nada a ver com isso. (...) Porque depois ninguém é de ninguém. Eles podem matar na frente de dez pessoas, ninguém abra a boca. Ninguém viu, ninguém sabe, ninguém quer saber. Morto num fala. Num vai salvar mais, falar pra quê? Pra ser o próximo morto. (Entrevista com José)

E se para os jovens que não tem envolvimento a circulação e práticas sociais pela cidade se tornam difíceis, para “os meninos” a questão se agrava. Neste sentido José expõe: “porque eles não têm direito de ir e vir. Eles não têm liberdade. Porque não pode passar ali, não pode passar aqui...”. Lua também observa que “os meninos” não costumam ir para o “lado de lá”, a não ser que seja para trabalhar, pois, alguns deles costumam trabalhar com ajudante de pedreiro. Assim, eles realizam sua circulação apenas dentro do território da facção. Certa vez, um dos jovens que atendíamos no Programa Profissionaliz-arte nos explicou que são poucos os ônibus que circulam por Guarus. Por isso aqueles que saem do centro da cidade em direção ao subdistrito (e vice e versa) fazem longos percursos para que possam atender diversos bairros, neste sentido ele percorre territórios de facções rivais até chegar ao destino. Para ele, esta circulação, mesmo dentro do transporte público, constituía um grande risco de sofrer um atentado.

Mas eu vejo que os meninos lá do meu bairro nunca vem pro lado de cá. Cara, só teve uma vez que eu vi esses meninos na festa São Salvador sempre de bicicleta. Eles estão sempre de bicicleta. É tão engraçado isso. (...) Cara eu acho que primeiro é um negocio muito bizarro. Parece que eles veem aquele lado lá como se não fosse uma coisa pra eles, assim. Como se não fosse uma possibilidade deles irem pra lá. É uma coisa que não existe pra eles. Eles estão sempre encafifados em Guarus. É tipo... Quando eles estudam, eles sempre estudam no lado de Guarus. É um negócio muito estranho. Você não vai no centro não? Há quanto tempo você não vai no

centro? Tipo eles nunca vão no Centro. Quando eles trabalham, que às vezes trabalham né?! Aí as vezes eles trabalham com obra, aí eles são obrigados a vim pro lado de cá. Mas eles não frequentam. Não frequentam. (Entrevista com Lua)

O espanto da jovem quanto ao fato deles não irem ao centro se dá também, porque para ela este é o lugar mais seguro da cidade, onde até mesmo os traficantes poderiam circular sem que sofressem retaliações. Ao contrário dos “meninos”, a jovem considera seu próprio bairro e a maioria do subdistrito de Guarus extremamente perigoso, como ela explicita no mapa mental que elaborou. Assim, ela sinalizou de vermelho os locais que ela acredita ser inseguro; de laranja os intermediários; de rosa os seguros e de verde a área central ou principal de Campos que em sua fala identificou como muito seguro.



Figura 24: Mapa mental elaborado por Lua durante a sua entrevista

Apesar de a jovem considerar o subdistrito de maneira geral muito perigoso, excluindo apenas o Parque Jardim Carioca da definição de bairro inseguro, durante a entrevista o bairro a que mais a jovem se refere, explicitando que era um território proibido para mesma era o Parque Santa Rosa. Ela expõe repetidamente que não circula neste bairro, pois, todos os dias morrem jovens e é onde sempre ocorrem tiroteios, como expomos no terceiro capítulo. Em alguns momentos da entrevista ela afirma que é um preconceito, um “mito”, uma “bitolação”. Ao mesmo tempo ela retoma que não vai ao bairro e que as pessoas são agressivas e violentas em seu cotidiano.

Tem lugares que tenho receio de entrar, mas entraria mesmo assim. Tipo Tira Gosto, Baleeira, as que são consideradas as favelas de Campos. Mas tendo que entrar, eu já algumas vezes na Tira Gosto, pra vir aqui mesmo pra URF por ali por trás de bicicleta. Já entrei na Baleeira de moto, assim também, porque eu tinha que ir pra outro lugar e passei por dentro. Na verdade eu tenho até curiosidade de passar nas outras, Matadouro, não sei o que. (...) Acho que só talvez Santa Rosa mesmo, a noite. Mas é porque também eu moro perto e se cria todo um mito em volta do lugar né?! O mito de que é muito perigoso, de que lá todo dia morre um. E realmente quase todo dia a gente tem notícia. De que lá tem muita boca e que todo mundo morre, que todo mundo é chefe de tráfico. Você já entra com medo assim. Você acha que todo lugar, todo mundo que vê na rua tá ligado com o tráfico. E a gente sabe que não é assim né?! E acaba se criando um mito, um senso comum em volta daquilo. Muitas pessoas lá são pessoas que trabalham, são trabalhadoras. Vivem suas vidas normalmente, não associadas a isso. (Entrevista com Lua)

Neste sentido, Lua acredita que os “mitos” quanto a determinados lugares surgem não apenas por serem bairros periféricos e favelas, mas pelo alto índice de criminalidade e de morte. E por isso, a população acaba reproduzindo a representação do lugar como área perigosa e ensina dentro de suas casas para seus filhos que não se deve passar ou entrar em determinado lugar, corroborando a percepção de Cauã quanto a reprodução do medo e criação de fronteiras. E assim a jovem finaliza dizendo: “Ah, passei na Tira gosto pra ir pra URF – falei com a minha mãe. Ah! Você passou lá por dentro, você é louca? Não passa lá não, não sei o que...” (Entrevista com Lua)

Para Luiza a experiência mais marcante no que se refere ao “movimento” do tráfico ocorreu perto do cemitério do Caju, onde se localiza a favela Baleeira. Ela afirma que teve “uma experiência horrível lá”. Relata que estava com uma amiga saindo de um enterro e a mesma necessitou ir até a casa, que era naqueles arredores. Em determinado momento do percurso, a sua amiga modificou completamente o comportamento e pediu que a mesma

parasse de falar e andasse de cabeça baixa, pois elas estavam passando por dentro da favela. Assim, ela afirma que sentiu muito medo.

Senti, porque ela morava lá e ela falava: Não faz isso, não faz aquilo, não fala nada, não fala de nenhum... Como é que fala? De nenhuma facção. Aí, eu: Mas eu não falo de nenhuma facção. Ela fica botando medo na pessoa, entendeu?! E aí você fica com medo. A gente foi no enterro do pai de outro amigo. E aí a gente teve que ir andando. Aí ela conhecia lá e ela ficava falando... Aí, eu: Meu Deus. Não faz nenhum movimento, tipo assim. (a entrevistada fez sinal da facção rival nas mãos). Meu Deus, como é que eu iria fazer isso? Por que eu iria fazer isso? Não fala nada. Não fala ADA, não fala TCP. Não fala nada, pelo amor de Deus. Passa quietinha, olhando pra baixo. Não mexe no celular aqui. Aí eu fui. Não aconteceu nada. Eu tinha uns 15, 14 anos. Loucura. (Entrevista com Luiza)

Até hoje Luiza tem grande receio de passar por aquele local. Assim como Juca, ela afirma que por não conhecer fica com medo de entrar em um lugar que não deve e assim sofrer as consequências disso. Desta forma, ela explica que independente do bairro, o território que para ela é proibido são as bocas das favelas, pois, reafirmando o que Aline descreveu em seu relato, ela acredita que pode ser confundida com alguém de outra facção.

Pra mim seria. É... Essas bocas de favela. Proibido pra mim. Eu tenho várias histórias. Meu amigo me contou uma que ele foi levar alguma coisa que a colega dele esqueceu. E a colega dele morava em alguma favela/comunidade que eu não sei qual. E ele chegou, ligou as luzes, abaixou o vidro do carro e veio um monte de cara armado pra cima dele. Era a noite isso. Aí, por sorte dele que a menina correu e falou: Não! Não! É meu amigo. Já queria fazer alguma coisa, achando que era de outra facção. Alguma coisa do tipo, entendeu?! Então tem alguns lugares que “cê” não deve ir né?! Não faz bem você ir... Pra mim são... Pra mim assim, só isso mesmo. (Entrevista com Luiza)

Desta forma, os jovens de Guarus não conseguem delimitar os “lugares que não se deve ir”. Pois, como anteriormente abordado o tráfico de drogas em Guarus apresenta uma configuração diversa da apresentada no distrito de Campos do outro lado do Rio Paraíba do Sul. A dificuldade de delimitar as fronteiras, além dos processos de retorialização do tráfico devido aos enfrentamentos que acabam por movimentar os limites entre as facções, faz com que o medo se torne ainda mais difuso e conseqüentemente as circulações são comprometidas. Além disso, os entrevistados descrevem as “asfixias” que sofrem pela impossibilidade de estabelecer negociações com os traficantes, outro ponto que diverge das descrições realizadas pelos jovens do “lado de lá” (Baleeira, Tira Gosto, etc).

Em ambos os “lados”, a interferência do tráfico é evidente independente da relação que se estabeleça com o tráfico. O que varia nas descrições realizadas pelos jovens é a intensidade e o tipo de interferência que ocorrerá de acordo com o “envolvimento” estabelecido. Quanto maior a proximidade espacial com a boca ou de relação com os traficantes, tendo acesso as diversas representações, códigos, experiências, “mitos” e “bitolações” maior será a influência na construção de territorialidades e no estabelecimento de fronteiras. O medo de sofrer retaliação ou uma sanção caso desrespeite alguma norma do tráfico ou ultrapasse alguma fronteira é reproduzido socialmente entre os jovens, de maneira que não é possível identificar se realmente determinadas práticas ou circulações são um risco. Mas a medida que os jovens seguem estas representações, elas se tornam reais, mesmo que não o risco não seja.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho se propôs analisar as representações, circulações e práticas sociais dos jovens da periferia de Campos dos Goytacazes e assim compreender quais os significados dos territórios e as percepções das fronteiras que os mesmos elaboram na cidade a partir da territorialização do tráfico de drogas nos bairros periféricos e favelas. A partir das possibilidades oferecidas pelo campo de pesquisa, que eram restritas devido a temática do trabalho causar medo de retaliações, entrevistamos jovens com diferentes proximidades com tráfico de drogas, tanto no que tange ao território como ao relacionamento com traficantes. Isto nos permitiu ter acesso a um vasto material empírico, com o qual pudemos descrever as implicações da territorialização do tráfico na vida dos jovens.

A percepção das fronteiras e da formação de territórios delimitados pelas facções rivais que instigou a realização desta pesquisa se confirma nos resultados obtidos. A divisão territorial decorre da rivalidade entre duas favelas que são centrais no mercado de drogas da cidade: Baleeira e Tira Gosto. As favelas eram coligadas e se tornam rivais a partir do assassinato do chefe da Baleeira, executado pelos traficantes da Tira Gosto. O crime teve por motivação uma sequência de “vacilos” cometidos pelos: chefe e gerentes na Baleeira. A partir do início dos anos 90 a divisão se estabelece e as demais bocas existentes na cidade passam a se coligar com uma dessas duas. (Entrevista com Roberto)

Devido as demais bocas de fumo terem se coligado com a favela de sua proximidade, a cidade se divide em dois polos, lado A e lado B, que posteriormente com a adesão das facções se tornaram ADA e TCP. Esta divisão territorial aparentemente tão bem delimitada

entre dois lados, fez com que surgisse o “mito” de que a fronteira entre os dois territórios era o Canal Campos-Macaé e que assim os jovens não ultrapassam esse limite por medo de sofrer um “atentado”.

No entanto, a mesma divisão não ocorre no subdistrito de Guarus, onde o tráfico de drogas se territorializou tardiamente. Neste sentido, ocorreu uma disputa territorial nos bairros de Guarus entre as favelas Baleeira e Tira Gosto, que de acordo com Cauã designou algum dos meninos para efetuar esta ocupação. Mediante a esta disputa territorial, os bairros se dividiram em pequenos territórios de facções rivais, que possuem uma proximidade espacial muito estreita, o que coloca as mesmas em constante enfrentamento.

Desta forma, a proximidade ou distanciamento entre os territórios de facções rivais irá influenciar no modo com que o tráfico se organiza e assim na intensidade com que interfere nas circulações e práticas dos jovens na cidade. Quanto maior for a proximidade entre as bocas rivais, mais o aspecto da “guerra” será utilizado pelos “meninos”, criando fronteiras rígidas e bem guardadas, para a defesa do território, resguardando a atividade do mercado na região de seu domínio. Neste sentido, o aspecto político que se propõe a manter a boa relação com os moradores do bairro ou favela, vai dando lugar ao medo e a violência como forma de controle. E assim, se estabelece a sociabilidade violenta, onde não há a perspectiva de negociação e “asfixia” de qualquer tipo de diálogo.

Em Campos dos Goytacazes a partir das descrições e representações expostas pelos jovens pode-se perceber que encontramos ambas as características no “movimento” do tráfico de drogas. No distrito de Campos, no que se refere a margem esquerda do Rio Paraíba, as favelas e bairros periféricos que possuem o “movimento” do tráfico, o aspecto político exposto por Teixeira (2013) que tem por objetivo manter uma relação mais amena com os moradores se torna claro nas descrições expostas por Cauã nas realizações dos eventos na Baleeira, a distribuição de presentes para as crianças e as leis de respeito aos moradores antigos. Assim também, nos relatos expostos por Jane quanto as relações amigáveis estabelecidas com os traficantes.

No que se refere ao subdistrito de Guarus, o aspecto político é reprimido pela intensificação dos recursos violentos, assim sendo, pelo aspecto da guerra. A impossibilidade descrita pelos entrevistados de negociação se materializa através da limitação da circulação devido a busca de defesa dos territórios das facções. A própria comparação estabelecida de que a relação entre os traficantes e os jovens é “tipo Bope, bate pra depois perguntar” ou mesmo, as diversas afirmações de que o jovem “dança” caso entre no lugar errado, demonstra

que o aspecto político desta relação foi suprimido pela violência e o estabelecimento da sociabilidade violenta que ocorre nestes territórios.

As circulações e práticas sociais dos jovens entre os territórios de facções rivais irão variar de acordo com as experiências e com as representações que o jovem elabora sobre o tráfico, a rivalidade, os territórios, as fronteiras e a possibilidade de ocorrer sanções. Estas representações são influenciadas pelo tipo de envolvimento que o jovem tem com o tráfico de drogas (trabalhador, usuário ou expectador). Quando o jovem não é traficante as representações são influenciadas pela proximidade com a boca ou com os próprios traficantes, pois, como vimos nos relatos de Jane, o acesso a determinadas informações a respeito dos códigos, das experiências, assim como a identificação de “mitos” e “bitolações” vai determinar o modo como o jovem estabelecerá sua territorialidade nos espaços da cidade. Desta forma, influenciado por suas próprias experiências e pela construção de suas representações a partir das informações que recebeu o jovem estabelece suas fronteiras, que também perpassa pelo medo que o mesmo desenvolve de ser alvo de um atentado dos traficantes rivais àqueles de seu território.

Cabe ressaltar, que a flexibilização das fronteiras que impedem a circulação ocorre de acordo com algumas características como, por exemplo, o sexo e a idade. Quando morador é do sexo feminino e aparenta ter uma idade mais avançada, a facilidade de romper a barreira estabelecida pelos traficantes é muito maior, principalmente em Guarus. Outro aspecto é o bairro, favela ou conjunto habitacional que se pretende frequentar, pois, como foi exposto pelos entrevistados, a Portelinha apresenta uma receptividade menor, assim, como todos os bairros de Guarus, ambos por motivos distintos como vimos.

Assim, a influência da territorialização do tráfico de drogas na circulação e práticas dos jovens da periferia se concretiza no cotidiano e possui muitas variações a partir da presença dos determinantes acima indicados. Esta interferência se aprofunda ainda mais quando somados a segregação socioespacial e o preconceito racial que muitos destes jovens sofrem na cidade. As diversas experiências descritas pelos jovens exemplificam esta interferência, como o exemplo de Jane que teve dificuldade de realizar os trabalhos de campo da faculdade ou Aline que se recolhe em sua casa a partir das oito da noite para se resguardar dos perigos do tráfico.

O direito de ir e vir, ao lazer, ao transporte, ao estudo e ao trabalho, assim como o acesso aos serviços que a cidade oferece são comprometidos por estas relações de proximidade com o tráfico de drogas e as divisões territoriais de facção, assim como pelos processos de segregação socioespacial. O direito a cidade como uma perspectiva de luta para

estes jovens se torna ainda mais distante, principalmente no que diz respeito a possibilidade de discutir e pensar a cidade, visto que ainda são impedidos de exercer direitos mais básicos como o de simplesmente circular em seus espaços.

No entanto, outro panorama se expõe à medida que Cauã quebra todas as barreiras quando, sendo uma “cria da Baleeira”, passa a frequentar a Tira Gosto, sem que com isso sofra qualquer tipo de retaliação. Este fato aponta que algumas destas fronteiras pode ser fruto da “bitolação”, dos “mitos”, ou seja, do medo. Porque “o que divide a área da Baleeira da Tira Gosto é o medo. O que divide a fronteira entre as duas favelas é o medo. Não existe uma linha. Uma fronteira demarcada. (...) O que existe é o medo. O limite das pessoas se dá através do medo”. (Entrevista com Roberto) Mas como Cauã afirma os jovens são ensinados a não ultrapassar as fronteiras que são socialmente estabelecidas na favela e por se tratar da preservação da própria vida, nenhum jovem ousa desobedecer. “Não tem aquela questão de ver pra crer? Você vai pagar ver? Eu não pago. Eu não pago pra ver.” (Entrevista com Cauã)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARENDDT, Hannah. **Da violência**. Ed. Universidade de Brasília, 1985.

ARRUDA, Ana Paula Serpa Nogueira de. Política habitacional e direito à cidade: a experiência do programa “Morar Feliz” em Campos dos Goytacazes – RJ. Tese de Doutorado. UENF. Campos dos Goytacazes, 2014.

BARBOSA, Antônio Carlos Rafael. O baile e a prisão: exame de dois espaços de sociabilidade que respondem pela dinâmica segmentar do tráfico de drogas no Rio de Janeiro. **26ª. Reunião Brasileira de Antropologia**. 01 a 04 de junho, Porto Seguro, Bahia, 2008.

BARCELLOS, Christovam; ZALUAR, Alba. Homicídios e disputas territoriais nas favelas do Rio de Janeiro. **Rev. Saúde Pública**, 2014, 48 (1): 94 – 102.

BECKER, Howard S. De que lado estamos. In: **Uma Teoria da Ação Coletiva**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1977.

BERTOLI, Naiana de Freitas. **Juventude e religiosidade evangélica na cidade de Campos dos Goytacazes**: singularidades em torno de jovens moradores de favelas. Dissertação de Mestrado em Políticas Sociais, UENF. Campos dos Goytacazes, 2013.

BORGES, F. T., LINHARES, R. N., Imagem e Narrativa: a construção dialógica da fotografia na pesquisa qualitativa em ciências humanas. **Revista Educação em Questão**, Natal, v. 33, n. 19, p. 128-149, set./dez. 2008.

BIRMAN, Patrícia. Favela é comunidade? In: MACHADO DA SILVA, L.A. (org) **Vida sob cerco: violências e rotinas nas favelas do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2008.

BRASIL. Estatuto da Juventude (2013): Lei nº 12.852, 5 de agosto de 2013. 2ª Ed. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmaras, 2015.

BRASIL. Lei 12.594, 18 de Janeiro de 2012. Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/112594.htm

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O Espaço Urbano: Novos Escritos sobre a Cidade**. São Paulo: FFLCH, 2007.

CARVALHO, Marcelo Barbosa. **Proximidade espacial e distanciamento social**: determinantes da segregação sócio-espacial, a percepção entre segregados e auto-segregados-um estudo sobre a favela do Matadouro e seu entorno. Dissertação de Mestrado em Políticas Sociais, UENF. Campos dos Goytacazes, 2004.

COELHO, Glauci. Cidade Emoção: o olhar e o viver urbano por um grupo de jovens da comunidade da Carobinha no Rio de Janeiro. In: **III Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo**. Arquitetura, cidade e projeto: uma construção coletiva. São Paulo, 2014.

COHEN, Regina. Cidade, corpo e deficiência: percursos e discursos possíveis na experiência urbana. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: UFRJ, 2006.

CICOUREL, Aaron. Teoria e método em pesquisa de campo. In: ZALUAR, A.M. (org) **Desvendando máscaras sociais**. Rio de Janeiro: Francisco Alves Editora, 1980.

DEWES, João Osvaldo. Amostragem em Bola de Neve e Respondent-Driven Sampling: uma descrição dos métodos. Monografia de Conclusão de Curso. Porto Alegre/ RS: UFRGS, 2013.

DI MÉO, Guy. Géographie stranquilles du quotidien. Une analyse de la contribution des sciences sociales et de la géographie à l'études pratiques spatiales. **Cahiers de Géographie du Québec**. v 43, n° 118, p. 75-93. avril de 1999.

_____. Une géographie sociale entre représentations et action. **Montagnes méditerranéennes et développement territorial**, 2008, pp.13-21.

DOWDNEY, Luke. **Crianças do Tráfico**: um estudo de caso de crianças em violência armada organizada no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Sete Letras, 2003.

DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa**: o sistema totêmico na Austrália. Edições Paulinas. São Paulo, 1989.

FARIA, T. J. P.. Justiça espacial como referência para análise de políticas públicas no Brasil?. In: II CONGRESSO INTERNACIONAL UFES, Université de Paris Est, Universidade do Minho e XVIII Simpósio de História, 2011, Vitória. **Anais eletrônicos do III Congresso Internacional UFES, Université de Paris Est, Universidade do Minho e XVIII Simpósio de História: Territórios, Poderes, Identidades**. Vitória: GM Editora, v. 1. p. 1-12, 2011.

_____. Configuração do espaço urbano da cidade de Campos dos Goytacazes após 1950. Novas centralidades velhas estruturas. In: **X Encontro de Geógrafos da América Latina**, 2005, São Paulo. X Encontro de Geógrafos da América Latina Por uma Geografia Latino-Americana: Do labirinto da solidão ao espaço da solidariedade. São Paulo: s/e, 2005. v. 1. p. 323-323.

_____. Campos dos Goytacazes nos anos 1870 – 1880: a modernização brasileira e o “mundo citadino”. **Agenda Social**. Campos dos Goytacazes, v. 2, n.2, mai – set/ 2008, p. 40 - 64

_____. Confronto de práticas e lutas de representações na constituição do urbano: Campos dos Goytacazes/RJ século XIX. In: **28º Encontro Nacional de Estudos Rurais e Urbanos – CERU**. São Paulo, USP. 2001.

_____. As reformas urbanas de Campos e suas contradições. O plano de 1944: uma nova ordem social e urbana Anais do **6º Seminário de História da Cidade e do Urbanismo**. Natal – RN. 2000.

_____. Análise do processo de favelização em Campos dos Goytacazes: permanência da dualidade centro-periferia na configuração do espaço urbano. XIII **ENANPUR**. 25 e 29 de Maio de 2009, Florianópolis.

FARIAS, J. Da asfixia: reflexões sobre a atuação do tráfico de drogas nas favela cariocas. In: MACHADO DA SILVA, L.A(org). **A Vida sob Cerco: Violência e Rotina nas Favelas no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro:** Nova Fronteira, 2008.

FELTRAN, Gabriel Santis. **Fronteiras da Tensão: Política e violência nas periferias de São Paulo.** São Paulo: Editora UNESP, 2011.

FILHO, Fernando Pinheiro. A noção de representação em Durkheim. **Lua Nova**, nº 61, 2004.

FRAGA, P. C. P., IULIANELLI, J. A. S.. Plantios ilícitos de ‘cannabis’ no Brasil: Desigualdades, alternativa de renda e cultivo de compensação. **DILEMAS: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social** - Vol. 4 - no 1 - JAN/FEV/MAR 2011 - pp. 11-39

FREIRE, Jussara. Violência urbana’ e ‘cidadania’ na cidade do Rio de Janeiro: Tensões e disputas em torno das ‘justas atribuições’ do Estado. **DILEMAS: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social**, vol. 7, no 1 - jan/fev/mar 2014 - p. 73-94.

GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. Preconceito de cor e Racismo no Brasil. **Revista de Antropologia, São Paulo, USP, 2004, V. 47 N° 1.**

GROPPO, Luís Antônio. Dialética das juventudes modernas e contemporâneas. **Revista de Educação do Cogeime.** ano 13, nº 25, dez. 2004.

_____. Teorias críticas da juventude: geração, moratória social e subculturas juvenis. **Em Tese**, Florianópolis, v. 12, n 1, jan/jul., 2015.

GRILLO, Carolina Cristoph. **Coisas da vida no crime:** tráfico e roubo em favelas cariocas. UFRJ. Tese de doutoramento. Rio de Janeiro, 2013.

_____. O “morro” e a “pista”: um estudo comparado do comércio ilegal de drogas. **Dilemas**, vol. 1, n. 1, Jul/Ago/Set., 2008.

HARVEY, David. O direito à cidade. **Lutas Sociais.** São Paulo, n.29, p.73-89, jul./dez. 2012.

_____. Ciudades rebeldes: del derecho de la ciudad a la revolución urbana. **Akal.** Madrid, Espanha, 2013.

HAESBAERT. Rogério. **O Mito da Desterritorialização: do fim dos territórios à multiterritorialidade.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

_____. Território e multiterritorialidade: um debate. **GEOgraphia**, Ano XV, n. 17, 2007.

LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade.** São Paulo: Editora Centauro, 2009.

LEFEBVRE, Henri. **Espacio y Política:** el Derecho a la Ciudad II. Barcelona: Península, 1976.

LOPES DE SOUZA, Marcelo José. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, I.E., GOMES, P.C.C., CORRÊA, R.L. (org.). **Geografia: conceitos e temas.** Rio de Janeiro: Bertrant Brasil, 1995.

MACHADO DA SILVA, L.A. (org) **Vida sob cerco: violência e rotinas nas favelas do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2008.

MACHADO DA SILVA, L. A., LEITE, M. P. Violência, crime e polícia: o que os favelados dizem quando falam desses temas? In: MACHADO DA SILVA, L.A. (org) **Vida sob cerco: violências e rotinas nas favelas do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2008.

MANNHEIM, K. **O problema da juventude na sociedade moderna**. Sociologia da Juventude. Rio de Janeiro: Zahar, 1968.

MARTINELLI, Maria Lúcia. Os métodos na pesquisa. A pesquisa qualitativa. **Temporalis: ABEPSS**. v. 5, n. 9, p. 20-28, jan./jun. 2005.

MARICATO, Ermínia. MetrÓpole, legislação e desigualdade. **Estudos Avançados**, nº 17 (48), 2003.

MATTOS, Carla dos Santos. **Viver nas margens: gênero, crime e regulação de conflitos**. Tese de doutorado, UERJ. Rio de Janeiro, 2014.

MENDES, J. T. N., NOGUEIRA, L. T., SANTOS, M. N. A., MARTINS, C. S. P. Jovem e Cidade: um estudo em Campos dos Goytacazes. **4º Seminário de Pesquisa**. UFF. Mar., 2011.

MESQUITA, W. A. B.; BERTOLI, N. F. Jovens evangélicos moradores de favelas: algumas expressões de sua sociabilidade na cidade de Campos dos Goytacazes – RJ. **[SYN]THESIS**, Rio de Janeiro, vol.7, nº 1, 2014, p. 63 - 74

MISSE, Michel. Crime, Sujeito e Sujeição Criminal: aspectos de uma contribuição analítica sobre a categoria bandido.. In: **Lua Nova**, São Paulo, 79, 15 – 38, 2010.

_____. Sobre a acumulação social da violência no Rio de Janeiro. In: **Civitas**, Porto Alegre, v. 8, n. 3, p. 371-385, set.- dez: 2008.

NOVAES, R. Os jovens de hoje: contextos, diferenças e trajetórias. In: ALMEIDA, Maria Isabel Mendes; EUGENIO, Fernanda (orgs.). **Culturas jovens: novos mapas do afeto**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006. p.105 – 120.

_____. Juventude e sociedade: jogos de espelhos. **Revista Ciência e Vida – Sociologia**, ano 1, n. 2, p 1-10. Edição Especial, 2007.

OLIVIERA, P. P. Sobre a adesão juvenil à redes de criminalidade em favela. In MACHADO DA SILVA, L. A. **Vida sob cerco: violência e rotinas nas favelas do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

PARK, Robert Ezra. A cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano. In: VELHO, Gilberto (org.). **O Fenômeno urbano**. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma Geografia do Poder**. São Paulo: Editora Ática, 1993

RONCAYOLO, Marcel. **La ville et ses territoires**. Paris, Gallimard, 1990

SANTOS, M. **A Natureza do Espaço. Técnica e Tempo. Razão e Emoção**. 2ª Edição. São Paulo: Hucitec, 1997.

SERRA, Rodrigo. O sequestro das rendas petrolíferas pelo poder local: a gênese das quase sortudas regiões produtoras. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais (ANPUR)**, v. 9, p. 101-114, 2007.

SOUZA, Suellen André de. **Existir no Tráfico: percepções e vivências dos jovens traficantes de drogas da favela Baleeira**. Dissertação de Mestrado em Políticas Sociais, UENF. Campos dos Goytacazes, 2010.

SILVA, A.; FONSECA, M.; BRUMES, K.. Mapas Mentais e Espaços Vividos: imigrantes brasileiros na cidade de Los Angeles. In: 'A Jangada de Pedra'. Geografias Ibero-Afro-Americanas. Atas do **XIV Colóquio Ibérico de Geografia**. Guimarães, 2014.

SPINELLI, Luciano. Pichação e comunicação: um código sem regra. Pichação e comunicação: um código sem regra. **LOGOS 26: comunicação e conflitos urbanos**. Ano 14, 1º semestre 2007.

TEIXEIRA, César Pinheiro. **A Teia do Bandido: um estudo sociológico sobre o bandido, policiais, evangélicos e agentes sociais**. UFRJ. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: 2013.

VALLADARES, Licia. A gênese da favela Carioca: a produção anterior às ciências sociais. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. Vol. 15 nº 44 outubro/2000

VIEIRA, S. P.; FARIA, T. P. Princípios de Legislação Urbanística, Planejamento Urbano e Divisão do Espaço: Um Estudo do Plano de Desenvolvimento Físico-Territorial Urbano de Campos dos Goytacazes/RJ. **XI Congresso Brasileiro de Sociologia**. 1 a 5 de Setembro e 2003. UNICAMP, Campinas.

VILLAÇA, F. J. M.. A segregação urbana e a justiça (ou A Justiça no Injusto Espaço Urbano). In: **Revista Brasileira de Ciências Criminais**. Ano 11, nº4, julho/setemb, São Paulo, 2003, p. 341 – 346.

VELHO, Gilberto. **Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas**. Editora Jorge Zahar. Rio de Janeiro, 1999.

VOCÊ MATOU MEU FILHO: homicídios cometidos pela polícia militar na cidade do Rio de Janeiro/ Anistia Internacional. Rio de Janeiro: Anistia Internacional, 2015.

ZALUAR, Alba Maria. Pesquisando no perigo: Etnografias voluntárias e não acidentais. **Mana (UFRJ. Impresso)**, v. 2, p. 75-98, 2009.

_____. Juventude violenta: Processos, Retrocessos e Novos Percursos. **Revista de Ciências Sociais**, Rio de Janeiro, vol. 55, nº 2, 2012, p. 327 a 365.

ZALUAR, Alba; BARCELLOS, Christovam. Mortes prematuras e conflito armado pelo domínio das favelas no Rio de Janeiro. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, vol. 28, nº 81. Fev/2013.

APÊNDICE I- PERFIL DOS ENTREVISTADOS

Cauã – Conhecemos a história de vida do jovem em uma atividade do Programa JPP, em que estava presente. E foi ouvindo seus relatos que nos interessamos por entrevistá-lo. Marcamos com o jovem em sua sala na instituição onde trabalha no dia 01 de Setembro 2015 às 17 horas, após o expediente de trabalho para não atrapalhar suas atividades. Ele tem muitas atividades, além de ter que dar suporte a própria família (filho e namorada), por isso, este foi o melhor horário e local para encontrá-lo. O jovem tem 22 anos e foi nascido e criado na comunidade da Baleeira, ou como ele gosta de afirmar: “sou cria da comunidade”. Há pouco tempo se mudou para o subdistrito de Guarus, apesar de grande parte de sua família morar ainda no mesmo local. O jovem tem o ensino médio completo e alguns cursos profissionalizantes. Atualmente trabalha em uma Organização não governamental em Campos. A vida de Cauã como “cria” da favela Baleeira é marcada pelo preconceito racial e de lugar, pela violência dos traficantes e da polícia e pela segregação socioespacial. A convivência com o tráfico de drogas era diária para o jovem, visto que comércio ocorria perto de sua casa. Além disso, os “meninos” eram conhecidos, pois, cresceram juntos brincando na rua e jogando futebol. Há poucos anos, descobriu que seu pai trabalhou para o tráfico guardando e escondendo armas e drogas, o que lhe causou estranheza visto que seus pais sempre exigiram que ele e seus quatro irmãos se mantivessem longe do tráfico drogas e do roubo. Neste sentido, quando era adolescente, sua mãe e seu pai resolveram se mudar da Baleeira com os filhos mais novos, para que eles não se envolvessem com tráfico. Cauã tinha entre 16 e 17 anos e foi morar em outro município com os pais e retornou para a cidade quando completou a maioridade.

Laís – A jovem foi apresentada a mim através de contato profissional com uma assistente social que conhecíamos e questionamos se a mesma conhecia um jovem que morasse próximo a Baleeira, ou em bairros que fossem nesta direção para participar da pesquisa. A assistente social conversou com ela sobre a possibilidade de participar e ela concordou. Assim, pegamos seu telefone e entramos em contato marcando no dia 19 de Janeiro de 2016 às 10 horas, na universidade onde estuda, local e horário de escolha da jovem. Encontrei com ela no pátio onde realizei sua entrevista, também por escolha da própria jovem. No caso de Laís, não percebi traços de medo (de forma contundente como os demais). A jovem mora no Parque Julião Nogueira há 10 anos. Anteriormente, ela explica que sua mãe não possuía casa própria, por isso, sua família estava sempre trocando de residência. No entanto, ela expõe que sempre

morou na redondeza revezando entre o seu bairro atual, o Parque Nova Brasília e o Parque Esplanada, que ela considera como um “complexo”, muitas vezes se referindo como um único bairro, apesar de posteriormente ressaltar a diferença entre ambos. Ela tem 19 anos e mora com sua mãe, irmã e padrasto. Possui ensino médio completo e atualmente está cursando o ensino superior com o objetivo de se tornar professora. Ela afirma gostar muito do bairro onde reside, mais que dos demais onde já morou, pois o mesmo é muito tranquilo. Além disso, a jovem e sua família são muito religiosos e frequentam a igreja evangélica há muitos anos. Láis trabalhou por alguns anos como evangelizadora da igreja em diversas periferias da cidade.

Maria – A jovem foi apresentada a mim por uma assistente social com quem trabalhamos em um projeto e a quem pedimos indicação de um jovem que morasse no Parque Aurora. Além de ser assistente social e ter trabalhado por um certo tempo com jovens, ela também reside no Parque Aurora e por isso fizemos contato com ela. Desta forma, ela indicou a jovem Maria e nos forneceu seu número de telefone. Entramos em contato com a mesma e marcamos o encontro no dia 20 de dezembro de 2015 (domingo) às 14 horas em sua casa. A jovem nos recebeu com receptividade. Ela mora em um terreno com muitas casas aonde moram seus familiares. Por isso, a jovem me levou para o quarto de sua prima e fechou todas as janelas e portas. De acordo, com a mesma era para evitar o barulho das crianças, mas também para que ninguém nos ouvisse. Assim antes de ligar o gravador, travamos uma pequena conversa para que a jovem pudesse se sentir mais segura. Ela relatou um pouco de sua família e assuntos do dia. Posteriormente questionei se podia começar a gravar e a jovem consentiu. A jovem reside no Parque Aurora desde que nasceu há 17 anos. Ela está cursando o ensino médio em Escola do próprio bairro e pretende fazer curso superior em história ou em serviço social. Maria divide sua vida entre a casa da avó onde seu pai mora e a casa de sua mãe, ambos no mesmo bairro. E quando questionado a ela se gosta de residir neste bairro, ela aponta que apesar de ter ótimas memórias sobre seu bairro, o mesmo apresenta muitos problemas. Ela ressaltou o problema da segurança e do aumento da violência, que transformou a convivência e a circulação no bairro. Existe uma favela, a qual ela não recordava o nome, atrás da casa de avó que ela identifica como o local onde ocorre o “movimento” mais intenso do tráfico em seu bairro. Mas quando fala de sua proximidade com este mercado ilegal, ela indica que foi em sua escola que pode observar o uso e a venda ocorrer com maior frequência, apesar de nunca ter usado ou vendido drogas ilícitas.

Rafael – O jovem também tem 17 anos e assim como Maria mora no Parque Aurora desde que nasceu. Ele é o único contato antigo do Profissionaliz-arte. Por ter realizado diversas visitas domiciliares em sua residência, busquei novamente o seu endereço no dia 14 de Agosto de 2014 e chamei por sua mãe. Ela atendeu e conversou longamente sobre seu filho como se eu ainda fosse a profissional que o acompanha. E assim que tive oportunidade, pedi que ela o chamasse, pois queria conversar com o mesmo. Após conversar com ele e rever toda a família, quando estava indo embora, Rafael resolveu me acompanhar e foi neste momento que realmente pudemos conversar sobre muitas questões. Atualmente ele reside com o pai, a mãe, uma irmã e um irmão, ambos mais novos do que ele. Estava cursando o ensino fundamental, mas precisou se afastar devido ao envolvimento com o tráfico de drogas. O trabalho do “movimento” geralmente ocorre de madrugada, o que impossibilita o jovem de acordar cedo para estudar. O jovem não tem boa relação com o pai, que se agravou ainda mais depois que ele ingressou no tráfico de drogas, ao ponto de ser expulso de casa. Pois, Rafael levava droga para usar em casa, ou chegava à casa de madrugada depois de ter feito uso e assim estava alterado, o que era presenciado por seus irmãos, e seu pai não admitia. Durante este período, ele residiu na casa de sua avó que se localiza no mesmo bairro. Ele explica que entrou no tráfico porque “é mais fácil de conseguir as coisas.” (Entrevista com Rafael). Assim, ele expõe sua vontade de sair do tráfico, constituir família e ter um emprego. No entanto, o jovem aponta que gostaria de ganhar a mesma quantia que ganha hoje no tráfico em um emprego que não exigisse tanto de seu tempo e esforço.

Jane – A jovem tomou conhecimento da pesquisa em uma apresentação que fiz na universidade e se interessando pelo tema, disse que poderia colaborar com a pesquisa visto que mora na Tira Gosto. Interessante ressaltar que meses se passaram até que conseguisse entrevistar Jane. E quando finalmente conseguimos marcar, ela demonstrou nervosismo ao iniciar o assunto. Falou sobre outros temas (cachorros e fatos do seu dia, sobre seu namorado), até que realmente entrasse no assunto em questão. A entrevista da jovem ocorreu em dois momentos. Visto que no primeiro encontro não conseguimos conversar sobre toda a temática. Demorou mais alguns meses para que conseguíssemos marcar novamente devido aos seus compromissos na universidade. Ambas as entrevistas ocorreram na Universidade em que ela estuda onde a jovem achava mais seguro para tratar sobre os temas, nos dias 05 de Fevereiro de 2015 e 17 de Agosto de 2015. E não apenas por isso, mas porque estava sempre muito ocupada, então as entrevistas ocorreram nos intervalos de seus compromissos. Jane relata que tem 23 anos e reside em Campos há seis anos. Ela é natural do Espírito Santo e veio

para a cidade para cursar a graduação, a qual já terminou. Atualmente ela mora sozinha nos arredores da Favela Tira Gosto. Quando a jovem chegou a cidade, não conhecia nada. E este olhar fez com que a mesma tivesse experiências diferenciadas dos demais entrevistados, o que enriqueceu e possibilitou uma análise mais minuciosa da influência do tráfico na vida e na circulação dos jovens. A princípio ela morou em uma república na avenida principal, que dá acesso a Universidade onde estudou, porém, logo se mudou para uma kitnet na Tira Gosto, onde ela reside até hoje. Quanto a proximidade com o tráfico a jovem faz uso de drogas, mas nunca havia ido a boca de fumo e nem na favela em sua cidade natal, pois, era sempre uma amiga sua que comprava a droga. Jane afirma que apesar de seus pais não serem ricos, foi criada a “leite com pêra”. Por isso, não sabia identificar a favela e os riscos que corria por morar ali e frequentar a boca de fumo. Ela foi alertada por seus amigos sobre as facções, o funcionamento da cidade e os possíveis riscos, assim também, como presenciou algumas situações de violência que a fizeram enxergar a favela “como ela é”, não apenas como um lugar muito tranquilo ou muito perigoso, mas que tem seus conflitos e que requer cuidado quanto sua circulação e sociabilidade.

Juca – O jovem foi apresentado a mim por uma assistente social. Neste caso, o jovem não era atendido pela profissional e sim seu vizinho há muitos anos. Ela intermediou nosso contato e pela manhã (10 horas) no dia 21 de Maio de 2015 e ela me levou até a casa do jovem, onde fui apresentada a ele. Juca nos recebeu muito bem, mas demonstrou ficar nervoso assim que expliquei a pesquisa que realizava de forma simples. Buscamos estabelecer outras conversas com o jovem antes de começar a entrevista, o que o acalmou, mas percebíamos ainda o incômodo. Por isso, em muitas respostas foi monossilábico e esta entrevista teve um grande nível de dificuldade. O que de certa forma apontou que abordagem tomar mediante as outras entrevistas. Percebi que deveria suavizar a fala inicial em determinados aspectos e que o termo de compromisso não funcionaria em pesquisas que envolvem a temática do tráfico, pois, cria uma barreira fatal entre o pesquisador e o jovem. Ainda assim ele relatou que tem dezenove anos e reside desde que nasceu no Parque Califórnia. Ele mora com seus pais e seu irmão e em outra residência no mesmo terreno que mora seus avós. Terminou o ensino médio e o técnico de mecânica no Instituto Técnico e de Formação Superior e pretende fazer graduação também nesta instituição. Ele afirma que seu bairro é muito tranquilo e por isso gosta muito de residir no mesmo. Mas que nos últimos quatro anos tem se tornado muito perigoso devido ao aumento do número de assaltos, principalmente a noite. E apesar de sua residência ser próxima de duas favelas, sendo uma delas a Tira Gosto, o jovem relata não

perceber movimento de venda de drogas naquela região, apenas de uso. Ele aponta que a Praça do Flamboyant é um local onde muitos jovens se encontram para usar drogas. O jovem expõe que nunca usou ou vendeu, porém, que alguns de seus amigos fazem uso e tem acesso a droga através do “contato”.

João – O jovem participa do movimento estudantil de uma universidade e por isso o conhecia e mediante ao perfil dele, percebi que seria interessante para a pesquisa, entramos em contato com ele e o convidamos a participar da pesquisa. A entrevista ocorreu no dia 28 de Maio de 2015 em sua casa. João expõe que considera o Turfe Clube um ótimo bairro. O jovem residiu por um pouco mais de quatro anos no local, desde que chegou a Campos dos Goytacazes para ingressar no curso de Economia da Universidade. Ele tem 23 anos e nasceu em Niterói e está na cidade há cinco anos. Assim que chegou a Campos, a primeira impressão que a mesma lhe causou foi de ser uma cidade parecida com a sua, pois, tinha os serviços básicos, apesar de ser considerada pelo jovem, uma cidade de médio porte. Após seis meses residindo em um pensionato, o jovem alugou uma casa para morar no bairro Turfe Clube, onde ele afirma ser um bairro que oferece praticamente todos os serviços para quem ali mora. Ele afirma que o bairro é um lugar tranquilo apesar de ter uma boca de fumo na rua paralela a de sua casa. João explica que não tinha dimensão da proximidade de sua casa com a favela Tira Gosto, a qual hoje frequenta para comprar drogas. Ele explica que nunca comprou pra revender apesar desta ser uma prática muito comum na Universidade.

Raissa – Ao questionar a uma assistente social e conselheira tutelar, de minha rede de contatos profissional, se ela conhecia algum jovem que gostaria de participar da pesquisa, ela entrou em contato com alguns jovens, entre usuários e amigos. Raíssa, uma das jovens com quem a profissional fez contato, concordou em participar. Marcamos a entrevista no dia 21 de Janeiro de 2016, no Instituto, local onde a jovem estuda e trabalha (bolsista). Por passar o dia inteiro no Instituto, a disponibilidade de horário de Raíssa era muito pequena. Mas a jovem foi muito solícita, pediu licença do setor em que trabalha e nos atendeu em uma sala que estava vazia no Instituto. A jovem a princípio estava nervosa, mas depois a conversa ocorreu tranquilamente. Raissa expõe quemora na Penha desde os oito anos de idade, mas sua história com o bairro começou desde que nasceu, pois este é o bairro onde sempre residiu sua avó com quem a jovem mora atualmente. Ela tem 25 anos e faz graduação e técnico. Apesar de ter viajado muito pelo Brasil, pois, a jovem era jogadora profissional de futebol, ela expõe que suas raízes e o local onde se sente pertencida é a Penha: bairro onde moram seus amigos e sua

família, no qual tem boas lembranças da infância. A jovem explica que ao contrário do que os jornais dizem sobre seu bairro, ele é um local seguro para circular e o tráfico de drogas se localiza em apenas em trecho pequeno do mesmo e seus membros respeitam os moradores. Por ser adepta aos esportes e ter quase seguido carreira como jogadora de futebol a jovem não usa nenhum tipo de drogas. Atualmente ela passou no concurso da polícia, e irá em breve tomar posse.

Aline – Conhecemos Aline através do Programa JPP. A jovem tem 16 anos, cursa o ensino médio. Ela foi uma das primeiras a aceitar participar da pesquisa. Trocamos telefones para entrar em contato e deixamos o dia e hora de nossa conversa previamente agendada. Marcamos no dia 26 de Agosto de 2015 as duas da tarde em frente a Escola Municipal Branca Peçanha Ferreira. Depois de nos encontrarmos, expliquei que era para mesma escolher um lugar onde se sentisse confortável para expor o tema. E ela resolveu conversar andando por seu bairro. E foi contando pelas ruas de seu bairro sua história, indicando lugares. Em determinado ponto ela resolveu parar e nós nos sentamos no degrau de uma loja fechada. Ali conversamos por longo tempo. Assim Aline expõe que reside no Parque Eldorado, mas nasceu e cresceu no Parque São Silvestre. Ela e sua mãe, irmão e padrasto se mudaram para o bairro vizinho, pois o bairro onde nasceu e cresceu estava ficando muito perigoso. A bisavó de Aline havia ficado doente, ela residia no Parque Eldorado, por isso, sua avó e sua mãe necessitaram se mudar temporariamente para cuidar da senhora. Porém, ao se deparar com o grande desenvolvimento do tráfico no Parque São Silvestre, decidiu se estabelecer de vez no Parque Eldorado com a família. A maior preocupação de sua mãe, de acordo com Aline, é seu irmão. Ele estava crescendo e atingiu uma idade em que os meninos são cooptados pelo tráfico de drogas. Ela temia que a aproximação com o “movimento” influenciasse seu filho a participar e com o tempo não houvesse mais o que fazer em relação a isso. Aline diz que sente falta de seu bairro, pois, seus amigos de infância e parte de sua família ainda reside lá. Mas ao mesmo tempo concorda que o bairro está ficando cada vez mais perigoso com o passar do tempo. Além disso, a jovem explica que muito dos seus amigos de infância já morreram, outros estão no tráfico. A sua relação com o tráfico se deu em contexto familiar, visto que a jovem é filha de um traficante e matador muito conhecido em Guarus. No entanto, ela não teve contato com o mesmo, pois ele foi assassinado quando a jovem era apenas um bebê. Até hoje as pessoas a reconhecem por ser filha dele e a jovem expõe que quer mostrar que é muito diferente de seu pai, por isso deseja se formar e se tornar delegada. Mas tem medo de sua família sofrer retaliações, neste sentido ela cogita seguir outra profissão.

Luiza – A jovem foi indicada por Maria que se ofereceu para apresentar outros jovens para participar da pesquisa. Luiza é cunhada de Maria e após contato concordou em participar e sua entrevista ocorreu no mesmo dia (20 de dezembro de 2015) e local da outra jovem. Ela estava muito nervosa. E assim antes de ligarmos o gravador, ela relata que a vida dela nem é tão interessante assim. Sentimos um receio da mesma em decepcionar a pesquisadora. Ela perguntou assustada se teria foto ou filmagem, e eu disse que não. Expliquei novamente que era apenas uma conversa, uma entrevista para a pesquisa do Mestrado. A jovem ficou mais tranquila e assim ela relata que tem suas origens divididas entre o Centro e Custodópolis. A família de seu pai sempre morou no centro enquanto a família de sua mãe é de Custodópolis. Ela já morou em alguns bairros, mas a maior parte de sua vida ela residiu no bairro onde nasceu sua mãe e assim ela compartilha suas impressões a respeito do lugar onde mora até hoje. Luiza possui 18 anos e atualmente faz graduação. Ela recorda que em sua infância tinha muitos amigos no bairro. Assim, como a maioria dos demais entrevistados, brincava na rua. Mas ela afirma que o bairro era muito perigoso e tem memória de alguns episódios violentos que presenciou. A jovem explica que o bairro é rodeado por favelas, bairros e conjuntos habitacionais onde o tráfico de drogas marcado pela rivalidade de facções e o homicídio ocorrem com frequência. Neste sentido, acaba por sofrer as consequências se tornando cada vez mais perigoso.

Lua – O contato com Lua ocorreu dentro da Universidade onde estuda e participa de um projeto de extensão. A jovem tomou conhecimento da pesquisa e se ofereceu para participar. Marcamos a entrevista no dia 19 de Maio de 2015 às cinco horas da tarde, em frente a sala do projeto em que participa. Ele inicia a entrevista relatando que tem 26 anos e que reside no Parque Santa Clara há mais de 20 anos. Nasceu no Rio de Janeiro, mas veio para Campos com sua família ainda muito pequena. Ela mora na mesma casa de sua infância apenas com sua mãe e irmão, visto que sua irmã mais velha se casou e seu pai divorciou-se de sua mãe há alguns anos. Possui curso superior completo. A sua residência foi vizinha de uma boca de fumo por anos, que fechou a pouco tempo quando o terreno onde funcionava foi arrendado e murado. Ela explica que antes disso, sua casa era rota de fuga, onde os traficantes pulavam para esconder armas e fugir, sua infância e parte de sua adolescência foi marcada por episódios de medo e de cautela. Esta entrevista foi realizada em Maio de 2015, em uma Universidade da cidade.

APÊNDICE II- ROTEIRO DE ENTREVISTA

Descrição da vida cotidiana

Identificação

Nome/ Idade/ Etnia/ Estado civil.

Cidade de origem e bairro onde reside.

Caso não seja Campos, há quanto tempo reside na cidade?

Há quanto tempo reside no mesmo bairro.

Lembranças de infância no bairro onde nasceu.

Identificar perigos e pertencimentos durante a infância.

Grau de escolaridade.

Como e onde foi a experiência escolar?

Caso estude ou trabalhe atualmente: Onde estuda? Onde trabalha?

Onde passa a maior parte do tempo do seu dia?

Nesta vivência cotidiana o que apresenta entraves? O que facilita o seu dia a dia?

Composição familiar

Como é a composição familiar. Mora com quantas pessoas.

Houve alguma modificação nas redes familiares que eram estabelecidas na infância? Caso sim, quais as motivações?

Como é a relação familiar?

Tem alguém na família que tem envolvimento com o crime?

Lazer

O que faz para se divertir?

O que faz no final de semana?

Se já frequentou os principais espaços de lazer e cultura, como cinema, Centro de Eventos Populares Osório Peixoto (CEPOP), ao desfile de escola de samba, Festa São Salvador, entre outros?

Representações sobre a cidade e suas fronteiras

Como percebe as mudanças no bairro onde reside e suas motivações.

Como é a circulação do jovem pela cidade. Compreender se ele circula por lugares diversos na cidade e o que influencia a sua circulação.

O que pensa sobre Campos dos Goytacazes e as possibilidades que oferece aos jovens.

Identificar os serviços públicos que o entrevistado fez uso.

Qual o tratamento recebido nos lugares públicos?

Se já sofreu racismo ou algum tipo de preconceito. E se isso influencia em sua circulação.

Do que você tem medo quando sai na rua? Por quê?

Se já sentiu medo de passar em algum lugar e por que.

Se já presenciaram algum tipo de violência.

Se o entrevistado identifica lugares onde não circularia, sendo proibidos para ele.

Quais os lugares em que se sente protegido e seguro? Por quê?

Percepções sobre tráfico e as facções

O entrevistado faz uso de drogas?

Se já precisou ir a boca de fumo ou se compra com o entregador.

Se já trabalhou ou trabalha com o tráfico.

Se conhece a existência de facções. Caso conheça, como tomou ciência, por experiência própria, por comentário, por jornal, entre outros.

Caso tenha trabalhado no tráfico, há quanto tempo pertence a atividade.

Como é a mobilidade antes e depois de começar exercer esta atividade.

Notou alguma diferença na rotina depois que começou a trabalhar?

Exercício do direito à cidade

Você acredita que a cidade é para todos da mesma maneira?

Você acredita que os jovens interferem na construção da cidade?

Se já vivenciou situações em que se sentiu um estrangeiro na própria cidade.

Você sabe o que é o direito a cidade? O que você pensa que seja?

Você acha que tem? Por quê?

ANEXO I

Operação Águas Claras prende 12 pessoas em Campos dos Goytacazes

Out 12, 2014



Foto: Divulgação / Polícia Militar

Uma grande operação conjunta prendeu 12 pessoas, na madrugada deste sábado (11), em Guarus, Campos dos Goytacazes, no Norte Fluminense. A ação tinha como objetivo reprimir duas facções criminosas em diversos bairros do município.

De acordo com a Polícia Militar, a “Operação Águas Claras” contou com apoio do 8ºBPM (Campos), do Batalhão de Ações com Cães (BAC), Polícia Civil, Ministério Público e o Grupamento de Apoio aos Promotores (GAP).

Além dos presos, seis menores foram apreendidos e quatro armas, 727 sacolés de maconha, 216 sacolés de cocaína, 80 pedras de crack, R\$ 5.069,00 em espécie, 167 munições de diversos calibres, duas balanças de precisão, duas toucas ninjas, anotações do tráfico de drogas e uma moto foram apreendidas.

Participaram da ação 34 viaturas da PM, com 80 agentes, 35 viaturas da Polícia Civil, com 80 policiais e uma viatura do GAP com dois homens.

25/08/2014 17h55 - Atualizado em 25/08/2014 17h55

Suposto chefe do tráfico é detido durante operação policial em Campos

Contra ele, há dois mandados de prisão por tráfico de drogas.

Barricadas foram retiradas da comunidade da Baleeira.

Do G1 Norte Fluminense



Ação policial contou com 110 agentes (Foto: Leticia Bucker/G1)

Um homem foi detido, na tarde desta segunda-feira (25), durante a operação da Polícia Militar (PM), na comunidade da Baleeira em Campos dos Goytacazes, no Norte Fluminense. De acordo com informações da PM, a suspeita é que Edealdo Prazeres seja um dos chefes do tráfico no local. Contra ele, há dois mandados de prisão por tráfico de drogas. 'Vadão', como é mais conhecido, foi encaminhado para a 134ª Delegacia de Polícia no Centro da cidade.

Durante a ação, que contou com o apoio das polícias federal, civil, rodoviária federal e Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), um local, denominado pela PM como 'Casa Muro', foi descoberto dentro do cemitério do Cajú. Lá, seria o ponto de encontro dos traficantes para preparar e endolar as drogas para a revenda. Logo à frente, haviam buracos em um muro, que de acordo com o comando da PM, serve para entregar e receber material e dinheiro.



Buracos no muro servem para passar a droga e receber o dinheiro, segundo PM (Foto: Letícia Bucker/G1)

Máquinas retroscavadeiras e caminhões retiraram diversas barricadas da Baleeira. Para a PM, elas são montadas por traficantes para impedir o acesso do poder público e da própria polícia à comunidade. De acordo com o comandante do 8º Batalhão da Polícia Militar, Ramiro Campos, policiais vão intensificar as rondas nos locais onde há barricadas na tentativa de impedir que elas sejam montadas novamente.



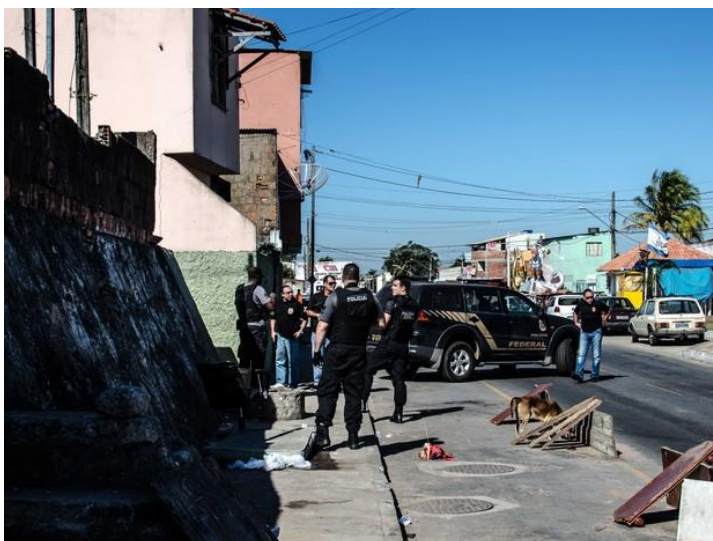
Máquinas retiraram barricadas da Baleeira
(Foto: Letícia Bucker/G1)

As polícias também estiveram na comunidade 'Tira Gosto', local onde há grande presença do tráfico. Os agentes estão revistando moradores e possíveis locais onde possa haver droga escondida. O comandante Ramiro Campos disse que o maior objetivo destas ações é levar a paz para as comunidades coagidas pelo tráfico.

“O maior resultado desta operação não é a quantidade de elementos presos, armas ou drogas. Nosso objetivo é manter essa força tarefa municipal, estadual e federal e libertar as comunidades da tirania dos traficantes”, disse, Ramiro.

Ainda segundo o comandante, uma outra ação será iniciada nos próximos dias. Ela vai compreender todas as áreas do 8º Batalhão, nas cidades de Campos, São João da Barra, São Francisco de Itabapoana e São

Fidélis. A PM pede à população que denuncie pelo disque denúncia, caso veja uma nova barricada sendo montada. O telefone é o: **(22) 2723-1177**.



Ação também aconteceu na comunidade Tira Gosto (Foto: Letícia Bucker/G1)

07/11/2014 10h11 - Atualizado em 07/11/2014 10h11

Operação policial em Campos, RJ, detém 10 e apreende 7kg de drogas

PM também encontrou mais de dois mil reais em espécie.

Ação aconteceu nos locais com maior número de prisões por tráfico.

Do G1 Norte Fluminense



Parte do material apreendido em Campos, RJ (Foto: Divulgação/PM)

A Polícia Militar (PM) divulgou o balanço de uma operação contra o tráfico de drogas em comunidades de Campos dos Goytacazes, no Norte Fluminense. Ao todo sete quilos de drogas

foram apreendidas, entre maconha, cocaína e crack. A PM também encontrou mais de dois mil reais em espécie, uma moto com chassi adulterado e um revólver calibre 38. Dez pessoas foram detidas.

Cerca de 120 policiais participaram da ação que foi realizada nos bairros da Penha e Jóquei, nas comunidades Tira Gosto e Baleeira, no subdistrito de Guarus e no distrito de Travessão. Locais que, segundo a PM, está o maior número de prisões por envolvimento com o tráfico.

Disponível em: <http://g1.globo.com/rj/norte-fluminense/noticia/2014/11/operacao-policia-em-campos-rj-detem-10-e-apreende-7kg-de-drogas.html>

ANEXO II

02 de Fevereiro de 2016 | 08h31 - Atualizado em 02/02/2016 21h21

Avó e neta de seis anos alvejadas no quintal de casa em Guarus

Criança foi atingida na cabeça e outra vítima no rosto, no Sapo I, em Guarus



Vítimas foram socorridas para o Hospital Ferreira Machado e estão em estado grave (foto: Campos 24 horas)

Uma mulher de 45 anos e sua neta, de apenas seis anos, foram baleadas na noite da última segunda-feira (1º), na Rua Um do conjunto habitacional popular do Novo Eldorado, local conhecido como “Sapo 1”, em Guarus, Campos. As vítimas estavam em casa, quando uma pessoa teria chamado a avó pelo nome, no portão. Assim que ela saiu para atender, com a menina, as duas foram atingidas: a criança por um tiro na cabeça e I.C.D.F com pelo menos dois tiros no rosto.

Populares informaram à Polícia Militar que o crime teria sido praticado por dois homens que chegaram ao local chamando a mulher pelo nome. Após o crime, os bandidos fugiram sem ser identificados.

Estado grave - Avó e neta foram socorridas pelo Corpo de Bombeiros para o Hospital Ferreira Machado (HFM). Segundo a assessoria da unidade hospitalar, I.C.D.F. está internada num leito da Unidade de Terapia Intensiva (UTI), em estado grave. A criança se encontra na Unidade de Terapia Intensiva Pediátrica (UTIP) também em estado grave.

Policiais militares chegaram a fazer buscas pela área e bairros próximos, na tentativa de encontrar os atiradores, mas até o fechamento desta edição os suspeitos não haviam sido localizados.

Hipótese — A motivação para o duplo atentado ainda é desconhecida pela polícia. Entretanto, segundo o titular da 146ª Delegacia Legal em Guarus, delegado Luis Maurício Armond, há possibilidade de que o crime tenha sido praticado por vingança, já que a mulher seria apontada pelo tráfico de drogas local, dominado por uma facção criminosa, como delatora.

No muro de uma casa em frente à residência das vítimas, a polícia encontrou uma pichação dizendo “X9, a casa caiu, achamos você”, seguida da sigla da facção. No local, moradores informaram aos militares que a inscrição teria sido feita há cerca de duas semanas. “Já temos uma linha de investigação e está bem adiantada”, disse Armond, sem revelar maiores detalhes para não comprometer o andamento do caso.



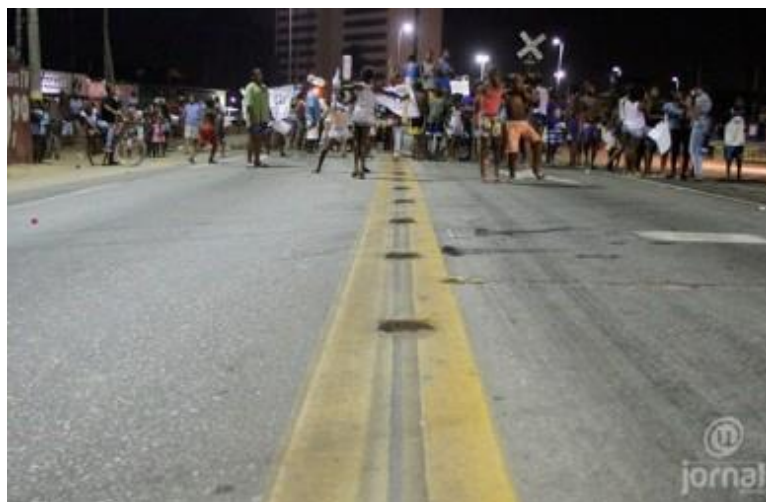
Disponível em: [http://diarionf.com/noticia-1135/avo-e-neta-de-seis-anos-alvejadas-no-quintal-de-casa-em-guarus#lightbox\[materia\]/2/](http://diarionf.com/noticia-1135/avo-e-neta-de-seis-anos-alvejadas-no-quintal-de-casa-em-guarus#lightbox[materia]/2/)

ANEXO III

24 de fevereiro de 2014 · 20:53

CIDADES E REGIÃO - PROTESTO

Moradores da comunidade da Margem da Linha fecham BR-101 em Campos



● Gerson Gonçalo

Eles protestaram contra a transferência de moradias para o distrito de Ururáí

Insatisfeitos com a transferência de moradias para o distrito de Ururáí e alegando richa entre facções naquela região, moradores da comunidade da Margem da Linha fecharam a BR-101, em Campos, na noite desta segunda-feira (24/02) como forma de protesto.

Segundo os manifestantes, representantes da Secretaria de Família e Assistência já teriam informado que a mudança deve acontecer até o final de março, mas eles se recusam por temer represália por parte de traficantes do distrito, já que os bairros seriam comandados por facções rivais. Em Ururáí seria o Terceiro Comando Puro (TCP) e na Margem da Linha, seria a Amigos dos Amigos (ADA).



“Não queremos ir pra lá, porque tememos pela segurança de famílias que não têm nada de errado, mas que podem sofrer represália dos moradores de lá. Nós até já recebemos um aviso que se formos para lá, seremos expulsos das casas”, diz a moradora Rosilane de Souza Ramos.

A reportagem do *Site Ururau* entrou em contato com o Comando da Polícia e o comandante do 8º Batalhão de Polícia Militar, tenente coronel Antônio Carlos Sabino, declarou que a PM desconhece a rivalidade entre as facções.

“Não temos registro dessa rivalidade. A Polícia Militar trabalha com fatos, os moradores dizem que existe disputa entre facções, mas palavras o vento leva. Se nós fomos acionados pelo poder público municipal ou estadual para agir, vamos agir”, afirmou Sabino.

Os moradores destacaram que por parte da Prefeitura há a alegação, conforme nota abaixo, de que o local onde moram atualmente é área de risco, e, portanto, o projeto 'Morar Feliz', prevê a doação de moradia para essas famílias. Ao todo são, segundo dados da Prefeitura de Campos, 760 moradias na Margem da Linha.



Para protestar, os moradores fizeram um cordão humano e colocaram um sofá e pneus no meio da pista, além de promoverem uma batucada no local. Com isso, o tráfego na rodovia ficou completamente parado, formando um grande congestionamento.



No ato havia cerca de 100 manifestantes, sendo a maioria crianças e adolescentes. A Polícia Rodoviária Federal (PRF) esteve no local para negociar a liberação da rodovia.

A equipe de reportagem do *Site Ururau* entrou em contato com a Secretaria de Comunicação da Prefeitura de Campos que emitiu uma nota:

"A Prefeitura de Campos desenvolve o programa habitacional Morar Feliz para beneficiar moradores de áreas de risco, assegurando moradias a famílias social e economicamente vulneráveis, que não têm condições financeiras de adquirir uma casa própria. A comunidade da Margem da Linha está localizada entre a Rodovia BR-101, conhecida como Rodovia da Morte, e a linha férrea - uma área que, pela legislação federal, não pode ser habitada. A Prefeitura oferta a casa, ou seja: nenhum morador é obrigado, pelo poder público municipal, a aceitar sair do local para uma casa do Morar Feliz. Porém, em se tratando de área federal, esses moradores correm o risco de serem dali removidos pela Justiça a qualquer tempo.

No entanto, a Secretaria da Família e Assistência Social estranha tal manifestação. Isso porque, no final do ano passado, em pesquisa realizada junto à comunidade, do universo de 760 moradores, somente 162 disseram inicialmente não ter interesse de sair do local. Levantamento posterior da Diretoria de Políticas Habitacionais da secretaria apontou o interesse de 500 famílias do local pelo benefício.

Nesta segunda-feira (24/02), foi iniciado o cadastro dessas 500 famílias interessadas em ganharem casas na segunda fase do Morar Feliz, que iniciará com entrega de unidades de Ururá, conjunto que está em obras. Para o primeiro dia de cadastramento, foi agendado o atendimento de 157 moradores da Margem da Linha, cada um deles responsável pelo imóvel em que residem atualmente. Deste total, 150 compareceram; 5 tiveram problemas com

documentação e 145 fizeram o cadastro, confirmando o interesse de ganharem uma casa da Prefeitura, conforme informou a diretora Roberta Moura".



ANEXO IV

18/08/2014 14h59 - Atualizado em 18/08/2014 17h57

PM de Campos faz operação para retirar barricadas feitas por traficantes

Cerca de 80 policiais participam da ação no Parque Santa Helena, no RJ.

Operação acontece após tiroteio que feriu uma criança na localidade.

Leticia Bucker do G1 Norte Fluminense



Operação da Polícia Militar de Campos visa destruir barricadas feitas por traficantes
(Foto: Leticia Bucker/G1)

Cerca de 80 homens da Polícia Militar de Campos dos Goytacazes, no Norte Fluminense, deram início, por volta das 14h desta segunda-feira (18), a uma operação para a retirada de barricadas que impedem o acesso do poder público e da própria PM à comunidade do Parque Santa Helena, no subdistrito de Guarus. Segundo a polícia, as barricadas foram construídas por traficantes.

A ação acontece na mesma localidade onde uma criança de 9 anos foi vítima de uma bala perdida na madrugada de sábado (16). Pelo menos oito barricadas impedem os acessos ao bairro.

"A operação visa trazer paz à comunidade, pois é inadmissível morar num lugar onde o tráfico furta do direito das pessoas e impede a ação do poder público", disse o cel. Ramiro Campos, comandante da Polícia Militar de Campos.

"Moro aqui há 56 anos. É a primeira vez que vejo a polícia agir assim. Eu quero levar meu marido no médico e não posso, por conta da barricada. Diante dessa guerra do tráfico eu entrego tudo na mão de Deus", desabafou uma aposentada que mora no bairro.



Moradores da comunidade estão passando por revista (Foto: Letícia Bucker/G1)

Em menos de uma hora de operação, a polícia encontrou 55 papелotes de cocaína. O material estava escondido dentro do forro da porta de um carro, que estava abandonado na rua. Motoristas, motociclistas e moradores da localidade estão passando por revista.

Ainda segundo o comandante da PM, essa ação será mantida durante toda a semana para acabar de vez com as barricadas. A PM pede à população que denuncie pelo disque denúncia, caso veja uma nova barricada sendo montada. O telefone é (22) 2723-1177.



PM de Campos pede aos moradores para denunciar a construção de barricadas (Foto: Letícia Bucker/G1)

<http://g1.globo.com/rj/norte-fluminense/noticia/2014/08/pm-de-campos-faz-operacao-para-retirar-barricadas-feitas-por-trafficantes.html>

ANEXO V

23 de janeiro de 2015 · 09:00

CIDADES E REGIÃO - GUARUS EM FOCO

Comandante do 8º BPM fala sobre desafios e estratégias para Guarus



Thiago Macedo/Carlos Grevi

Ainda sem definição de data, 2ª Cia será fixada na antiga sede da 6ª CPA, em Guarus

Os municípios de Campos, São Francisco de Itabapoana, São Fidélis e São João da Barra contam com um Batalhão de Polícia Militar, responsável pela segurança dentro de seus territórios. Cada um deles conta com uma companhia, fixada na sede de cada município.

Campos, como o maior em território e em índice populacional, detém duas destas companhias. Uma na área central da cidade, a 1ª Cia, que para a Polícia Militar compreende todo o território da margem direita do Rio, e outra responsável pela área de Guarus, a 2ª Cia, que de acordo com anúncio feito nesta semana, deverá ser fixada na área onde funcionava o 6º Comando de Policiamento de Área (CPA), ao qual todos os batalhões da Região Norte e Noroeste do Estado respondem.

Em entrevista ao *Site Ururau*, o comandante do 8º BPM, tenente coronel Marcelo Freiman, falou sobre os motivos do deslocamento da 2ª Cia para Guarus e dos desafios de atuação da Polícia Militar no subdistrito, explicando ainda que cada uma das cinco companhias tem um policial militar designado para seu comando.

Para Freiman, a peculiaridade com a qual os crimes acontecem e o volume com que, principalmente os crimes de homicídio se dão, exigem olhar e abordagem diferenciada.



“O comandante agora vai ficar dentro da área dele. Ele foi movimentado para dentro do terreno onde ele atua. Ele não está mais na área Central, dentro do Batalhão. Ele vai avaliar diariamente o que está acontecendo na área dele e me manter informado do que está acontecendo e das medidas que ele por ventura tenha tomado, ou que eu determine e que possa apoiar ele”, acrescentou Freiman, ressaltando que esse comandante de cada companhia tem autonomia pra tomar decisões, subordinadas a avaliação dele.

Freiman destacou que foram contabilizados 21 homicídios na área do 8º Batalhão, até a presente data (23/01). Um em São Fidélis, dois em São Francisco de Itabapoana e 18 em Campos, 12 deles, o equivalente a 67%, somente na área de Guarus.

O comandante revelou ainda que três dos casos de homicídios ocorridos em Guarus já foram solucionados, com os autores detidos pela Polícia Militar. Outros três casos foram dentro de residências, o que não permite eficácia em ações preventivas e citou o caso da [mulher baleada no dia 16](#), e que morreu nesta segunda feira (19/01), no Hospital Ferreira Machado(HFM) nesta segunda-feira (19/01) como exemplo.



“Aconteceu o homicídio, jogou-se na rede de rádio a moto e as características, eles [policiais de uma guarnição de São João da Barra] observaram uma motocicleta em deslocamento, acharam que poderia ter alguma coisa errada, inclusive de ser suspeito da situação [o homicídio], abordaram, encontraram a arma e o cara confessou o crime, com a maior naturalidade”, contou o comandante que ressaltou a rivalidade na disputa por ponto de drogas e a proximidade desses grupos que na maioria das vezes saem de suas casas armados e matam o indivíduo dentro da casa dele.

Dentro das peculiaridades e dificuldades notadas pelo comandante, ele citou ainda a “lei do silêncio” imposta pelo medo das testemunhas, que quando no crime ocorre em residências, são as únicas que podem auxiliar o trabalho da polícia.

“Por conta da lei do silêncio, do medo, da opressão, as pessoas não falam. Pode ter duas ou três pessoas dentro da casa e falam que não viu, ou falam que era uma pessoa de cor parda, negra ou branca, e não falam mais nada”, expôs Freiman, atentando para o disque denúncia como um canal sigiloso e seguro.

Para o comandante, além da proximidade com a população de Guarus, a fixação da 2ª Cia no subdistrito vai possibilitar uma melhor análise do serviço de inteligência quanto aos crimes de menor potencial ofensivo que não são registrados pelas vítimas e identificação de possíveis “lideranças” do tráfico nas comunidades que porventura ainda não tiverem antecedentes criminais.

Até esta quinta-feira (22/01), de acordo com informações do setor de comunicação do 8º BPM, foram contabilizados 21 homicídios na área de cobertura do Batalhão, três a menos que o mês de janeiro do ano passado. Não foi especificado quantos desses crimes ocorreram na área de Guarus.